

Os Filhos de
ANANSI



NEIL GAIMAN

 EDITORIAL PRESENÇA

VOCÊ SABE COMO É. VOCÊ PEGA UM LIVRO, VAI até a dedicatória e, mais uma vez, descobre que o autor dedicou o livro a outra pessoa.

Mas não desta vez.

Nós ainda não nos encontramos/temos uma relação distante/somos loucos um pelo outro/não nos vemos há muito tempo/nunca nos encontraremos, mas apesar disso, creio eu, sempre pensaremos com carinho um no outro...

Este livro é dedicado a você.

Você sabe com o quê, e provavelmente também sabe por quê.

NOTA: o autor gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer uma respeitosa reverência aos espíritos de Zora Neale Hurston, Thorne Smith, P. G. Wodehouse e Frederick "Tex" Avery.

CAPÍTULO UM

O QUAL BASICAMENTE DISCORRE A RESPEITO DE
NOMES E LAÇOS FAMILIARES

ESTA HISTÓRIA COMEÇA, ASSIM COMO A MAIORIA DAS COISAS,
com uma música.

Afinal de contas, no começo havia as palavras, e elas vinham acompanhadas de uma melodia. Foi assim que o mundo foi feito, que o vazio foi dividido e que a terra, as estrelas, os sonhos, os pequenos deuses e os animais vieram ao mundo.

Eles foram cantados.

Os grandes animais foram cantados para a existência depois que o Cantor já havia criado os planetas, as colinas, as árvores, os oceanos e os pequenos animais. Os penhascos que cercam a existência foram cantados, assim como os campos de caça e a escuridão.

As canções permanecem. Elas perduram. A canção certa pode fazer um imperador tornar-se motivo de chacota, pode arruinar toda uma dinastia. Uma canção pode permanecer depois de os acontecimentos e as pessoas nela descritos terem se transformado em pó, em sonhos e morrido. Esse é o seu poder.

Há outras coisas que podemos fazer com as músicas. Elas não apenas criam mundos ou recriam a existência. O pai de Fat Charlie Nancy, por exemplo, utilizou-as apenas para ter aquilo que esperava ser uma noite maravilhosa.

Antes de ele entrar no bar, o barman achava que aquela noite de karaokê seria um fracasso total. Mas então o velhinho entrou requebrando no recinto e passou pela mesa em que estavam sentadas várias loiras recém-bronzeadas com seus sorrisos de turistas, perto do pequeno palco improvisado num canto. Cumprimentou-as com a aba do chapéu — ele usava um chapéu, um impecável chapéu panamá verde, e luvas verde-limão — e caminhou até a mesa. Elas deram risadinha.

— As moças estão se divertindo? — perguntou.

Elas continuaram a rir e disseram que estavam se divertindo, “sim, obrigada”, e que estavam ali de férias. Ele disse a elas que ficaria ainda melhor, bastava esperar.

Era mais velho que elas, bem mais velho, mas era o charme em pessoa, alguém que vinha de uma era remota em que os bons modos e a cortesia ainda valiam alguma coisa. O barman tranquilizou-se. Com alguém assim no bar, aquela seria uma boa noite.

Teve karaokê. Teve gente dançando. O velho levantou-se para cantar no palco improvisado não apenas uma vez, mas duas. Tinha uma bela voz, um lindo sorriso e pés que produziam um som de sapateado enquanto ele dançava. Na primeira vez em que subiu ao palco, cantou "What' s New Pussycat?" Na segunda, arruinou a vida de Fat Charlie.

FAT CHARLIE SÓ TINHA SIDO GORDO DURANTE ALGUNS POUÇOS anos, desde pouco antes de completar 10 anos de idade — quando sua mãe anunciou ao mundo que, se havia uma coisa que ela não agüentava mais (e, se o cavalheiro em questão tivesse alguma objeção, poderia enfiá-la você sabe muito bem onde), era o seu casamento com aquele bode velho com o qual tinha cometido o infeliz erro de se casar, e o qual ela abandonaria na manhã seguinte para ir a algum lugar muito, muito distante, e era melhor ele não segui-la — até seus 14 anos, quando cresceu um pouco e começou a fazer mais exercícios físicos. Ele não era gordo. Para falar a verdade, não era nem mesmo gordinho. Apenas tinha aquela aparência de quem tem a barriga meio mole. Mas o nome Fat Charlie grudou nele como chiclete na sola do sapato. Ele se apresentava como Charles ou, na época em que tinha 20 e poucos anos, como Chaz ou, quando escrevia, como C. Nancy, mas não adiantava: o nome infiltrava-se insidiosamente nas novas fases de sua vida como as baratas invadem as reentrâncias atrás da geladeira numa nova cozinha. Gostasse ou não — e ele não gostava —, voltava a ser Fat Charlie.

Ele sabia, em seu inconsciente, que isso acontecia porque havia sido seu pai quem lhe dera o apelido e, quando seu pai dava um nome às coisas, esse nome colava.

Na Flórida havia um cachorro que vivia na casa em frente, do outro lado da rua onde Fat Charlie cresceu. Era um boxer castanho, de pernas compridas e orelhas pontudas. Tinha um focinho que fazia você pensar que o animal havia dado de cara com uma parede quando era filhote. A cabeça era altiva, o pequeno rabo, ereto. Sem dúvida, um aristocrata entre os cães. Participara de competições caninas. Tinha medalhas de Melhor da Raça e Melhor da Classe e até mesmo uma medalha de Melhor da Competição. O nome do cão era Campbell s Macinrory Arbuthnot VII, e seus donos, depois de ganhar mais intimidade com ele, o chamavam de Kai. Isso durou até o dia em que o pai de Fat Charlie, sentado na cadeira de balanço de sua varanda mal-cuidada, tomando goles de sua cerveja, notou o cão enquanto ele andava calmamente para lá e para cá no quintal do vizinho, preso a uma coleira que se estendia desde uma palmeira até a cerca.

— Que cachorro mais pateta — disse o pai de Fat Charlie. — Igual àquele amigo do Pato Donald. Ô Pateta.

E o que certa vez havia sido o Melhor da Competição perdeu de repente seu charme. Para Fat Charlie, era como se visse o cão através dos olhos de seu pai. E aquele era um cachorro bem pateta se você reparasse bem. Quase desastrado.

Não demorou muito para que o nome se espalhasse por toda a rua. Os donos de Campbell s Macinrory Arbuthnot VII lutaram contra o nome, mas era como discutir com um furacão em vez de correr. Estranhos acariciavam a antes orgulhosa cabeça do cão e diziam: "Oi, Pateta. Como vai esse garoto?". Os donos pararam de inscrevê-lo nas competições caninas logo depois. Não tinham coragem. "Ele tem um jeito meio abobalhado", comentavam os jurados.

Os nomes que o pai de Fat Charlie dava às coisas pegavam. Era assim e pronto.

Mas isso estava longe de ser a pior coisa a respeito dele.

Durante a infância de Fat Charlie, surgiram várias candidatas ao posto de pior coisa a respeito de seu pai: seus olhos estavam

sempre ávidos por outras mulheres, e o mesmo acontecia com seus dedos, pelo menos de acordo com as jovens do local, que reclamavam para a mãe de Fat Charlie — e aí ele ficava em maus lençóis; as cigarrilhas pretas que fumava, as quais ele chamava de charutos e deixavam um cheiro que se impregnava em tudo o que ele tocasse; seu apreço por um peculiar estilo de sapateado arrastado, que devia ter sido moda, pensava Fat Charlie, por no máximo meia hora no Harlem na década de 20; sua absoluta e imutável ignorância sobre os assuntos contemporâneos do mundo, aliada à sua aparente convicção de que os seriados de comédia da TV eram um jeito de vivenciar por meia hora a vida e os problemas de pessoas reais. De acordo com Fat Charlie, essas não eram, pelo menos isoladamente, as piores coisas a respeito de seu pai, embora cada uma delas contribuísse para a pior coisa.

A pior coisa a respeito do pai de Fat Charlie era simplesmente isso: ele era constrangedor.

Claro, todos os pais são constrangedores. Faz parte. A natureza deles é nos deixar constrangidos simplesmente por existirem, assim como é a natureza das crianças de certa idade se retorcerem de constrangimento, vergonha e mortificação caso seus pais simplesmente lhes dirijam a palavra na rua.

O pai de Fat Charlie, é claro, fazia disso uma arte, e se divertia com isso, assim como se divertia com suas “pegadinhas”, desde as mais simples — Fat Charlie jamais se esqueceria da primeira vez em que encontrara o lençol de sua cama dobrado de modo a não deixá-lo esticar as pernas — até as mais absurdamente complexas.

-Tipo o quê? — perguntou certa noite Rosie, a noiva de Fat Charlie, quando ele, que geralmente não falava sobre o pai, tentou de maneira desastrada explicar por que acreditava que o simples fato de convidar seu pai para o casamento seria uma péssima ideia. Estavam em um pequeno bar-adega no sul de Londres. Já fazia algum tempo que Charlie acreditava que 6 mil quilômetros e o Oceano Atlântico seriam excelentes obstáculos entre ele e seu pai.

— Bem — ele respondeu, lembrando-se das diversas situações constrangedoras por que passou, cada uma delas fazendo com que involuntariamente contraísse os dedos dos pés. Decidiu contar uma delas. — Bom, quando eu mudei de escola, ainda criança, meu pai fez questão de me dizer que sempre ficava ansioso pelo Dia do Presidente quando era menino, porque a lei dizia que no Dia do Presidente as crianças que iam à escola vestidas como seu presidente favorito ganhavam um saco cheio de doces.

— Ah. É uma lei bacana — opinou Rosie. — Seria bom ter algo assim aqui na Inglaterra.

Rosie nunca havia saído do Reino Unido, sem contar as pequenas férias passadas em uma ilha que — ela tinha quase certeza — ficava no Mediterrâneo. Tinha olhos de um castanho vivido e um bom coração, ainda que geografia não fosse seu forte.

— Não é uma lei bacana — discordou Fat Charlie. — Nem ao menos é uma lei. Ele inventou isso. Na maioria dos estados, não tem nem aula no Dia do Presidente. E, mesmo se tiver, não existe tradição nenhuma de ir para a escola fantasiado como seu presidente favorito. As crianças fantasiadas de presidente não ganham sacos de doces graças a uma lei do Congresso. E a popularidade dos alunos nos anos seguintes, do ginásio até o colegial, não é decidida com base na fantasia de presidente que escolheram. As crianças comuns não se vestem como os presidentes mais óbvios, e as que se tornam populares não se vestem como John Quincy Adams, Warren Gamali o ele dizia que dava.

— Os meninos e as meninas se fantasiam de presidente?

— Ah, sim. Os meninos e as meninas. Então eu passei a semana anterior ao Dia do Presidente lendo tudo sobre os presidentes na World Book Encyclopedia, tentando escolher o melhor deles.

— Você não desconfiou que ele estivesse de brincadeira?

Fat Charlie fez que não com a cabeça.

— Não é uma coisa que passa pela sua cabeça quando o meu pai começa a enganar você. Ele é o melhor mentiroso do mundo. E bastante convincente.

Rosie tomou um pequeno gole de seu Chardonnay.

— E você foi à escola vestido como qual presidente?

— Taft. Ele foi o 21º presidente. Eu usei um terno marrom que o meu pai encontrou sei lá onde, com as pernas das calças enroladas e um travesseiro enfiado na frente. Também tinha um bigode pintado na cara. O meu pai me levou à escola naquele dia. Eu entrei todo orgulhoso. As outras crianças ficaram gritando e apontando para mim, então eu me tranquei num cubículo no banheiro dos meninos e chorei. Não me deixaram ir para casa trocar de roupa. Passei o dia todo daquele jeito. Foi como estar no inferno.

— Você devia ter inventando alguma desculpa. Que você ia a uma festa à fantasia depois, algo do tipo. Ou então ter dito a verdade a eles.

— É — concordou Fat Charlie, de um jeito triste, lembrando o fato.

— O que o seu pai disse quando você voltou pra casa?

— Ah, ele caiu na gargalhada. Começou dando risadinhas, depois ficou rindo bem alto, ria, ria até engasgar. Então me disse que talvez as pessoas não estivessem mais fazendo essa coisa do Dia do Presidente. Por que, em vez de fazer isso, ele não me levou à praia para procurar sereias?

— Procurar sereias?

— A gente ia até a praia e ficava caminhando pela areia. Ele era mais constrangedor que qualquer ser humano sobre a face da Terra. Começava a cantar e fazer uma espécie de dança arrastada sobre a areia, e falava com as pessoas enquanto dançava. Pessoas que ele não conhecia, que nunca tinha visto na vida. Eu odiava aquilo, menos quando ele me dizia que havia sereias no Oceano Atlântico e, se eu olhasse bem rápido e para o lugar certo, conseguiria ver uma delas.

“Ali!”, ele dizia. “Você viu? Era uma ruiva bem grande, com uma cauda verde.” Eu olhava e olhava, mas nunca via uma sereia.

Fat Charlie balançou a cabeça. Então pegou um punhado de nozes sortidas da tigela sobre a mesa e começou a jogá-las na boca, triturando-as como se cada uma fosse uma vergonha passada 20 anos antes que jamais pudesse ser apagada.

— Bom — começou Rosie, de um jeito animado —, ele parece uma pessoa muito querida, uma figura! A gente precisa convidá-lo pro nosso casamento. Ele seria a alma da festa.

Fat Charlie enfim explicou, depois de engasgar por um instante com uma castanha-do-pará, que essa era exatamente a última coisa que ele queria em seu casamento. O pai aparecendo e sendo a alma da festa. Afirmou que seu pai era, sem sombra de dúvida, a pessoa mais constrangedora sobre a face da Terra. Acrescentou que se sentia muito feliz por não ver o velho havia anos e que deixar seu pai e vir morar na Inglaterra com a tia Alanna fora a melhor coisa que sua mãe fizera. Salientou o que dizia afirmando categoricamente que de jeito nenhum, nenhum mesmo, convidaria seu pai. Na verdade, disse por fim, a melhor coisa de se casar era que não convidaria o seu pai para o casamento.

Então Fat Charlie viu a expressão no rosto de Rosie e o ar gelado em seus olhos sempre gentis e corrigiu apressadamente o que disse, explicando que aquela seria a segunda melhor coisa de se casar, mas já era tarde.

— Você vai ter que se acostumar com a ideia — respondeu Rosie. — Afinal, um casamento é sempre uma excelente oportunidade para entrar em contato com as pessoas. É a sua oportunidade de mostrar que não guarda rancores.

— Mas eu guardo rancores — explicou Fat Charlie. — E muitos.

— Você tem o endereço dele? — perguntou Rosie. — Ou o telefone? Talvez você deva ligar. Uma carta é meio impessoal demais quando o único filho está se casando. Você é filho único, não é? Ele tem e-mail?

— Sim, sou filho único. Não tenho a mínima ideia se ele tem e-mail. Provavelmente não.

“Uma carta seria uma boa ideia”, pensou. “A carta poderia ser extraviada pelo correio.”

— Bom, você deve ter algum endereço ou telefone.

— Não tenho — respondeu com sinceridade. Talvez seu pai tivesse se mudado. Talvez tivesse saído da Flórida e ido a algum lugar onde não houvesse telefones. E endereços.

— Bom — disse Rosie, com certa rispidez. — Então quem tem?

— A Sra. Higler — respondeu Fat Charlie, perdendo completamente a vontade de lutar contra a noiva.

Rosie sorriu docemente.

— E quem é a Sra. Higglar?

— Uma amiga da família. Quando eu era criança, ela era nossa vizinha.

Ele falara com a Sra. Higglar muitos anos antes, quando sua mãe estava à beira da morte. A pedido dela, telefonara para a Sra. Higglar para dar o recado ao pai e pedir que entrasse em contato. Vários dias depois, lá estava uma mensagem na secretária eletrônica de Fat Charlie, deixada enquanto ele estava no trabalho, com uma voz que sem dúvida era de seu pai, mesmo que soasse bastante envelhecida e um pouco bêbada.

O pai dizia que não era uma boa hora, que não podia deixar os EUA porque tinha negócios a resolver. E disse que a mãe de Fat Charlie era uma mulher fantástica. Vários dias depois, um vaso de flores sortidas chegou à ala do hospital. A mãe de Fat Charlie deu uma risadinha de desprezo quando leu o cartão.

— Ele acha que consegue se livrar assim tão fácil? Está aprontando mais alguma coisa, garanto pra você.

Mas então ela pediu à enfermeira que pusesse as flores num bom lugar perto da cama dela e, depois disso, perguntou diversas vezes a Fat Charlie se ele sabia de alguma coisa, se por acaso sabia se seu pai viria visitá-la antes que ela morresse.

Fat Charlie respondeu que não sabia de nada. Passou a odiar a pergunta e a resposta que dava, e também a expressão no rosto da mãe quando ele dizia que não, o pai não viria.

O pior dia, na opinião de Fat Charlie, foi quando o médico, um homenzinho ríspido, o levou para fora do quarto e disse que a mãe

não duraria muito, que tudo se resumia a uma questão de confortá-la até o fim.

Fat Charlie assentiu com a cabeça e voltou ao quarto. Ela segurava sua mão e perguntava se ele se lembrara de pagar a conta do gás quando o barulho no corredor começou. Um barulho com sopro, percussão, cordas, pratos batendo e pés marchando, o tipo de barulho que não costuma ser ouvido em hospitais, onde há placas nas escadas pedindo silêncio e os olhares gelados das enfermeiras reforçam o pedido.

O barulho ficava cada vez mais alto.

Durante um segundo, Fat Charlie pensou que talvez fossem terroristas. Sua mãe no entanto abriu um débil sorriso ao ouvir aquela cacofonia.

— “Yellow Bird” — sussurrou.

— Quê? — perguntou Fat Charlie, com medo de que ela já estivesse delirando.

— “Yellow Bird” — ela disse mais alto. — E o que estão tocando.

Fat Charlie foi até a porta e olhou para fora do quarto.

Percorrendo o corredor do hospital, ignorando os protestos das enfermeiras e os olhares dos pacientes de pijama e de seus familiares, avançava o que parecia ser uma pequena banda de jazz estilo New Orleans. Tinha saxofone, tuba e trompete. Havia um homem enorme segurando o que parecia ser um baixo pendurado no pescoço. Outro tocava um tambor. E, liderando o grupo, vestindo um elegante terno xadrez, usando um chapéu panamá e luvas verde-limão, estava o pai de Fat Charlie. Ele não tocava nenhum instrumento, mas fazia uma dancinha suave e arrastada no lustroso chão de linóleo do hospital, tirando o chapéu e cumprimentando cada um dos membros da equipe médica, dando a mão e

cumprimentando qualquer um que chegasse perto o suficiente para falar com ele ou tentar reclamar.

Fat Charlie mordeu o lábio e rezou para quem quer que o ouvisse, pedindo para se esconder num buraco no chão ou, se isso não fosse possível, sofrer um misericordioso e fulminante ataque cardíaco. Mas não teve sorte. Ainda estava vivo, a banda de jazz continuava a seguir pelo corredor e seu pai continuava a dançar, cumprimentar e sorrir.

“Se houver justiça neste mundo”, pensou Fat Charlie, “meu pai vai continuar andando pelo corredor, vai passar direto por nós e vai para a ala de doenças do trato urinário.” Porém não havia justiça no mundo, e seu pai chegou até a porta da ala de oncologia e parou.

— Fat Charlie — exclamou alto o bastante para que todo mundo naquela ala, naquele andar, naquele hospital, pudesse compreender que ele era alguém que conhecia Fat Charlie. — Fat Charlie, abra caminho. Seu pai chegou.

Fat Charlie abriu caminho.

A banda se espremeu pela ala e chegou até a cama da mãe de Fat Charlie. Ela olhou para eles quando se aproximaram e sorriu.

— “Yellow Bird” — disse com voz fraca. — É minha música favorita.

— E que tipo de homem eu seria se me esquecesse de uma coisa dessas? — perguntou o pai de Fat Charlie.

Ela balançou a cabeça lentamente, esticou a mão e apertou a mão enluvada de verde-limão.

— Com licença — interrompeu uma pequena mulher branca, segurando uma prancheta —, essas pessoas estão com vocês?

— Não — respondeu Fat Charlie com o rosto ardendo. — Não estão, não. Não mesmo.

— Mas essa é a sua mãe, não? — perguntou a mulher com um olhar reptílico. — Devo pedir a essas pessoas que saiam da ala sem provocar maiores distúrbios.

Fat Charlie resmungou alguma coisa.

— Como é?

— Eu disse que tenho certeza de que não posso fazer nada a respeito — disse Fat Charlie.

Ele se consolava pensando que não havia maneira de as coisas piorarem. Foi então que seu pai pegou uma bolsa plástica com o sujeito que tocava tambor e começou a dar latas de cerveja escura para os membros da banda, para as enfermeiras, para os pacientes. Depois acendeu um charuto.

— Com licença, meu senhor — disse a mulher com a prancheta quando viu a fumaça, atravessando o quarto na direção do pai de Fat Charlie como se fosse um míssil.

Fat Charlie aproveitou a deixa para sair dali. Parecia a coisa mais certa a fazer.

Ficou em casa à noite, sentado, esperando o telefone tocar ou alguém bater à porta, com o ar de um homem ajoelhado numa guilhotina esperando a lâmina chegar ao seu pescoço. Mas a campainha não tocou.

Ele mal conseguiu dormir e chegou ao hospital na manhã seguinte preparado para o pior.

Sua mãe, na cama, parecia feliz e satisfeita de uma forma que não ficava havia meses.

— Ele já foi embora — disse a Fat Charlie quando ele entrou no quarto. — Não podia ficar. Olha, Charlie, eu queria que você não tivesse ido embora daquele jeito. Acabamos fazendo uma festinha aqui. Nos divertimos pra valer.

Fat Charlie não conseguia pensar em nada pior do que participar de uma festa comandada por seu pai e uma banda de jazz na ala de cancerosos de um hospital. Ele não disse nada.

— Ele não é má pessoa — observou a mãe de Fat Charlie com um brilho nos olhos. Então franziu a testa. — Bom, isso não é totalmente verdade. Ele certamente não é uma boa pessoa. Mas me fez um bem danado na noite passada — e abriu um sorriso de verdade. Por alguns instantes, parecia jovem novamente.

A mulher com a prancheta estava de pé à porta e chamou Fat Charlie com o dedo. Ele saiu pela ala às pressas, em direção a ela, pedindo desculpas antes mesmo que estivesse numa distância suficiente para ser ouvido. À medida que chegava mais perto, percebeu que o olhar dela não era mais o de uma serpente com dor de barriga. Agora tinha um ar definitivamente brincalhão.

— O seu pai — começou.

— Me desculpe — antecipou-se Fat Charlie. Era o que dizia desde criança sempre que seu pai era mencionado.

— Não, não, não. Não tem por que pedir desculpas. Eu só estava pensando... O seu pai. Se precisarmos entrar em contato com

ele... Não temos um telefone ou endereço nos nossos arquivos. Eu deveria ter perguntado a ele ontem à noite, mas me esqueci completamente.

— Eu acho que ele não tem telefone. A melhor maneira de encontrá-lo é ir até a Flórida e seguir pela rodovia Al A. É a rodovia perto da costa, que atravessa grande parte do leste do estado. A tarde, você o encontra pescando numa ponte. A noite, ele fica no bar.

— E um homem encantador — ela observou, pensativa. — O que ele faz da vida?

— Eu já disse. Ele diz que é o milagre dos pães e dos peixes. Ela o fitou sem dizer nada, e ele se sentiu idiota. Quando o pai dizia isso, as pessoas riam. Acrescentou:

— Ahm, como na Bíblia. O milagre dos pães e dos peixes. O meu pai costumava dizer que comia pão e pescava, e que era um milagre que tivesse dinheiro. Era tipo uma piada.

Um olhar sonhador por parte dela.

— Sim. Ele contou piadas engraçadíssimas. — Ela fez um “tsc” chateado com a língua, resignada, e depois voltou a falar de questões práticas. — Preciso que o senhor esteja de volta às 5h30.

— Por quê?

— Para buscar sua mãe. E as coisas dela. O dr. Johnson não lhe disse que ela recebeu alta?

— Ela vai voltar pra casa?

— Sim, senhor.

— Mas... e o câncer?

— Parece que foi um alarme falso.

Fat Charlie não conseguia entender como aquilo poderia ser um alarme falso. Na semana anterior, falavam sobre mandar sua mãe para um hospital para doentes terminais. O médico usava frases como “semanas, não meses” e “confortá-la ao máximo até que aconteça o inevitável”.

Mesmo assim, Fat Charlie voltou às 5h30 para pegar sua mãe, que não parecia surpresa por ter sido informada de que não estava mais morrendo. No caminho para casa, ela contou a Fat Charlie que iria usar suas economias para viajar pelo mundo.

— Os médicos diziam que eu tinha três meses de vida. E eu lembro que pensei: “Se eu sair dessa cama, vou visitar Paris, Roma, lugares assim. Vou de novo a Barbados, a Saint Andrews. Talvez eu vá à África. E à China. Eu gosto de comida chinesa”.

Fat Charlie não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas, o que quer que fosse, sabia que a culpa era de seu pai. Conduziu a mãe e sua mala pesada até o aeroporto de Heathrow e acenou para ela do portão de embarque internacional. Ela tinha um enorme sorriso no rosto quando passou pelo portão segurando o passaporte e a passagem. Parecia mais jovem do que ele se lembrava em muito tempo.

Enviou cartões-postais de Paris, Roma, Atenas, Lagos e Cidade de Cabo. O postal de Nanquim dizia que ela definitivamente não gostava daquilo que diziam ser comida chinesa na China e mal conseguia esperar para voltar a Londres e comer comida chinesa de verdade.

Morreu enquanto dormia num hotel em Williamstown, na ilha caribenha de Saint Andrews.

No funeral, num crematório no sul de Londres, Fat Charlie esperava ver o pai. Talvez o velho aparecesse liderando uma banda de jazz, ou seguido pelo corredor por uma trupe de palhaços ou meia dúzia de chimpanzés fumando charuto e andando de triciclo. Mesmo durante o cerimonial, Fat Charlie às vezes olhava para trás, sobre o ombro, para a porta da capela. Mas seu pai não estava lá — apenas os amigos de sua mãe e familiares mais distantes, a maioria mulheres gordas usando chapéus pretos, assoando o nariz, enxugando os olhos com um lenço e meneando a cabeça.

Durante o hino final, depois que o botão foi pressionado e a mãe de Fat Charlie descia pela esteira até sua recompensa final, Fat Charlie notou um homem que aparentava ter sua idade no fundo da capela. Não era seu pai, obviamente. Era alguém que ele não conhecia, alguém que talvez nem tivesse notado, ali no fundo, nas sombras, caso não estivesse procurando seu pai... Lá estava aquele estranho, usando um terno preto elegante, olhos baixos, uma mão sobre a outra.

Fat Charlie deixou seu olhar se demorar um pouco além do necessário, e o estranho o viu e sorriu para ele sem alegria. Era o

tipo de sorriso que sugeria que eles estavam passando por aquilo juntos. Não era o tipo de expressão que você vê no rosto de estranhos, mas ainda assim Fat Charlie não conseguia lembrar quem era. Voltou-se para a frente da capela. Cantaram “Swing Low, Sweet Chariot”, um hino religioso que Fat Charlie tinha certeza de que sua mãe sempre detestara, e o reverendo Wright os convidou para ir até a casa da tia-avó de Fat Charlie, Alanna, para comerem um pouco.

Não havia ninguém na casa da tia Alanna que ele já não conhecesse. Durante anos após a morte de sua mãe ele se perguntava quem era aquele estranho, por que ele estava ali. Às vezes Fat Charlie achava que havia sido apenas sua imaginação...

— Então — disse Rosie, bebendo seu Chardonnay. — Você liga para a Sra. Higler e dá a ela o número do meu celular. Diga a data do casamento— Acha que nós devemos convidá-la?

— Sim, se a gente quiser. Não acho que ela virá. Ela é uma velha amiga da família. Conhece o meu pai há muito tempo.

— Então dê uma sondada. Para ver se a gente deve mandar um convite.

Rosie era uma boa pessoa. Havia nela um pouco da essência de um Francisco de Assis, de um Robin Hood, de um Buda, da bruxa boa do Mágico de Oz e, na opinião dela, saber que reuniria seu verdadeiro amor e o pai que há muito não via dava ao casamento uma dimensão extra. Não era mais apenas um casamento: era praticamente uma missão humanitária. Fat Charlie conhecia Rosie havia tempo suficiente para saber que jamais deveria impedir sua noiva de exercitar sua necessidade de Fazer o Bem.

— Vou ligar para a Sra. Higglar amanhã — disse ele.

— Quer saber — começou Rosie, enrugando o nariz de um jeito adorável —, ligue para ela hoje à noite. Não é tão tarde lá nos Estados Unidos, afinal de contas.

Fat Charlie fez que sim com a cabeça. Saíram do bar-adeiga juntos, Rosie com passinhos leves, Fat Charlie com passos de

alguém prestes a ser enforcado. Ele dizia a si mesmo para que não se preocupasse à toa. A Sra. Higglar talvez tivesse se mudado ou estivesse com o telefone cortado. E possível. Tudo é possível.

Foram até o apartamento de Fat Charlie, no andar de cima de uma pequena casa em Maxwell Gardens, perto da Brixton Road.

— Que horas são agora na Flórida? — perguntou Rosie.

— Fim da tarde.

— Bom. Vamos lá então.

— Talvez devêssemos esperar um pouco. Caso ela esteja fora de casa.

— Ou talvez a gente deva ligar agora, antes de ela se ocupar com o jantar.

Fat Charlie achou seu velho caderninho de endereços e, na letra H, havia um pedaço de envelope, com a letra de sua mãe, com um número de telefone e, embaixo dele, o nome Callyanne Higglar.

O telefone tocou e tocou.

— Ela não está em casa — disse a Rosie. Porém, naquele exato momento, atenderam ao telefone do outro lado da linha, e uma voz feminina disse:

— Alô? Quem fala?

— Ahm, é a senhora Higglar?

— Quem está falando? Se for mais um daqueles vendedores de telemarketing, pode me tirar da tua lista agora ou eu processo você. Eu conheço os meus direitos.

— Não, sou eu. Charles Nancy. Eu era seu vizinho.

— Fat Charlie? Mas olha só que surpresa. Procurei o teu telefone a manhã inteira. Revirei a casa toda, e nada de achar! Acho que eu escrevi o número no meu livro de contabilidade velho. Revirei a casa. Aí eu pensei: "Callyanne, esta é uma ótima hora pra rezar e pedir ao Senhor que te ouça e te veja". Eu me ajoelhei, mas meus joelhos já não estão lá essas coisas, então só juntei as mãos, mas

mesmo assim não achei teu telefone. E olha só você me ligando. Isso é bem melhor, de certo ponto de vista, principalmente porque dinheiro não dá em árvore e eu não tenho como ficar ligando pro estrangeiro, mesmo numa situação dessas, mas eu ia te ligar, não se preocupe, por causa das circunstâncias..

E ela parou de repente, talvez para tomar fôlego ou para tomar um gole da enorme caneca de café fumegante que sempre carregava na mão esquerda. Durante aquela breve interrupção, Fat Charlie disse:

— Eu quero convidar o meu pai para vir ao meu casamento. Eu vou me casar. — Houve silêncio do outro lado da linha. — Mas vai ser só no fim do ano. O nome da minha noiva é Rosie — acrescentou, tentando manter a conversação. Começou a pensar se a linha não tinha caído. As conversas com a Sra. Higglar em geral eram unilaterais, e muitas vezes ela falava por você. E lá estava ela, deixando Fat Charlie dizer três frases inteiras sem interrupção. Decidiu arriscar uma quarta. — A senhora pode vir também se quiser.

— Ai, ai, ai, meu Deus do céu. Ninguém te contou?

— Contou o quê?

Então ela contou tudo, longamente, detalhadamente, enquanto ele permanecia parado e não dizia nada. Quando terminou, ele disse “Obrigado, Sra. Higgler”. Escreveu algo num pedaço de papel e depois disse: “Obrigado. Não, tudo bem, obrigado” mais uma vez. E desligou o telefone.

— E aí? — perguntou Rosie. — Conseguiu o número dele?

— O meu pai não vai poder comparecer ao casamento — respondeu. E acrescentou: — Eu preciso viajar para a Flórida.

Tinha um tom monocórdico na voz, sem emoção. Ele podia muito bem estar dizendo algo como “preciso pedir mais um talão de cheques”.

— Quando?

— Amanhã.

— Por quê?

— Um funeral. O do meu pai. Ele morreu.

— Ah... Eu sinto muito. Eu sinto muito...

Ela o abraçou. Ele ficou entre seus braços como um manequim de vitrine.

— Como foi que ele... ele estava doente?

Fat Charlie fez que não com a cabeça.

— Eu não quero falar sobre isso.

Rosie o abraçou bem forte, depois assentiu com a cabeça, condoída, e o soltou. Achava que ele estava muito abalado pela perda para falar a respeito.

Mas ele não estava. Não era isso. Na verdade, estava com muita vergonha.

DEVE HAVER UMAS 100 MIL MANEIRAS RESPEITÁVEIS DE MORRER. Por exemplo, saltar de uma ponte para dentro de um rio para salvar uma criança que está se afogando ou virar uma peneira ao tentar invadir sozinho o esconderijo de criminosos. Maneiras perfeitamente respeitáveis de morrer.

Na verdade, existem até mesmo algumas maneiras pouco respeitáveis de morrer que não seriam tão ruins. Por exemplo, combustão espontânea. Os médicos dizem que é uma farsa, os cientistas dizem que é improvável. Ainda assim as pessoas persistem em morrer em chamas, deixando para trás nada além de uma mão tostada ainda segurando um cigarro por terminar. Fat Charlie leu a respeito da combustão espontânea numa revista. Ele não teria se importado se seu pai tivesse morrido assim. Ou mesmo se tivesse sofrido um ataque cardíaco correndo pela rua, perseguindo os homens que roubaram o dinheiro da sua cerveja.

O pai de Fat Charlie morreu assim.

Ele chegou ao bar cedo e começou a noite de karaokê cantando “What s New Pussycat?”, canção cantada bem alto, de acordo com a Sra. Higgler, que não estava no local. Cantou de um jeito que, se fosse Tom Jones, já estaria coberto de calcinhas jogadas pela plateia. Isso rendeu a ele uma cerveja de agradecimento, cortesia das várias turistas loiras de Michigan que o acharam a Coisinha mais fofa que já haviam visto na vida.

— Foi culpa delas — observou a Sra. Higgler, numa voz amarga.

— Elas encorajaram ele!

Eram mulheres que usavam tops tomara-que-caia apertados. Estavam todas vermelhas do sol por tentarem se bronzear rápido

demais e tinham idade para ser filhas dele.

Não demorou para que ele se sentasse à mesa delas, fumando seus "charutos" e contando a lorota de que havia feito parte do Serviço de Inteligência do Exército durante a guerra, que ele tinha o cuidado de não dizer qual foi, e que podia matar um homem de várias maneiras diferentes com as próprias mãos, sem esforço nenhum.

Depois convidou a turista mais loira e mais peituda para dançar com ele enquanto uma das amigas dela cantava em falsete "Strangers in the Night" no palco. Ele parecia estar se divertindo muito, embora a turista fosse mais alta, fazendo com que seu sorriso ficasse na altura do busto dela.

Quando a dança terminou, ele anunciou que cantaria de novo. Aproveitando o fato de haver no mundo apenas uma coisa que você podia dizer com certeza a respeito dele — que ele não tinha nenhuma dúvida a respeito de sua heterossexualidade —, o pai de Fat Charlie cantou "I Am What I Am" para a plateia, especialmente para a turista mais loira na mesa, que estava logo abaixo dele. Deu tudo de si na música. Chegou ao ponto em que a letra explicava a todos os que ouviam que, pelo que ele sabia, sua vida não valia nada a não ser que pudesse dizer a todo mundo o que ele era. Foi

quando fez uma cara esquisita, pressionou uma das mãos contra o peito, esticou a outra e tropeçou tão lenta e graciosamente quanto possível, caindo do palco improvisado até a turista mais loira, e depois dela para o chão.

— Era assim que ele sempre quis morrer — suspirou a Sra. Higglar.

Então ela contou a Fat Charlie como seu pai, com um gesto final, enquanto caía, esticou a mão e agarrou uma determinada coisa, que acabou sendo o top tomara-que-caia da turista loira, de modo que a princípio as pessoas pensaram que ele, dominado pela luxúria, apenas saltara do palco com o único propósito de expor os seios em questão. Lá estava ela, gritando, com os seios encarando a plateia, enquanto a música "I Am What I Am" continuava tocando, mas sem ninguém cantando junto.

Quando as pessoas se deram conta do que realmente acontecera, ficaram todas em silêncio por uns dois minutos. O pai de Fat Charlie foi carregado e colocado numa ambulância enquanto a turista loira tinha um ataque histérico no banheiro feminino.

Os seios eram o que Fat Charlie não conseguia tirar da cabeça. Ele fazia essa imagem mental em que os seios o perseguiram de um jeito acusatório pela sala, como os olhos de uma pessoa numa pintura. Continuava com aquela vontade de pedir desculpas a várias pessoas que nunca vira na vida. Saber que seu pai teria se divertido muitíssimo com a cena só fazia piorar sua mortificação. E muito pior quando você fica constrangido com uma coisa que nem mesmo presenciou: sua mente fica remoendo os acontecimentos, revirando tudo diversas vezes, examinando a situação de todos os ângulos. Bom, talvez a sua mente não seja assim, mas certamente a de Fat Charlie era.

Via de regra, Fat Charlie sentia o embaraço nos dentes e na boca do estômago. Se algo remotamente embaraçoso ameaçava aparecer na tela da televisão, ele dava um pulo e desligava o aparelho. Se isso não fosse possível, se outras pessoas estivessem presentes por exemplo, dava algum pretexto para sair da sala e esperava até ter certeza de que a cena embaraçosa tinha chegado ao final.

Fat Charlie morava no sul de Londres. Tinha chegado aos 10 anos de idade com um sotaque americano que era motivo de chacota incessante por parte das outras crianças. Ele se esforçou muito para perdê-lo, finalmente eliminando até a última consoante leve e os "Rs" enrolados enquanto aprendia o uso e o contexto corretos para a palavra *innit* — 1 Isn't it contração usada

coloquialmente pelos britânicos para dar ênfase a frases ou perguntas. (N. E.).

Havia conseguido finalmente perder todo o seu sotaque americano quando completou 16 anos, na mesma época em que seus colegas descobriam que precisavam muito falar como se viessem do gueto. Logo todos eles (com exceção de Fat Charlie) falavam como pessoas que gostariam de imitar a maneira como Fat Charlie falava quando veio para a Inglaterra. Mas ele nunca poderia usar aquele linguajar em público sem que sua mãe lhe desse um tabefe na orelha.

Era tudo uma questão de como usar a voz.

Assim que a vergonha que sentia em relação à morte do pai começou a sumir, Fat Charlie sentiu-se apenas vazio.

— Eu não tenho família — disse a Rosie de um jeito quase orgulhoso.

— Você tem a mim — respondeu ela. Isso fez Fat Charlie sorrir.
— E também a minha mãe — acrescentou, fazendo o sorriso de Charlie ficar pela metade. Deu-lhe um beijo na bochecha.

— Você podia passar a noite aqui — sugeriu ele. — Para me consolar e tal.

— Eu poderia — concordou ela —, mas não vou.

Rosie só dormiria com Fat Charlie depois do casamento. Dizia que era uma decisão sua, que tomara quando tinha 15 anos de idade. Ela não conhecia Fat Charlie na época, mas era o que tinha decidido. Então o abraçou mais uma vez, um longo abraço, e disse:

— Sabe, você precisa fazer as pazes com o seu pai.

Depois foi para casa.

Ele teve uma noite inquieta, dormindo um pouco, acordando, pensando e depois dormindo novamente.

Acordou com o nascer do sol. Quando as pessoas estivessem a caminho do trabalho, ele ligaria para a agência de viagens e perguntaria a respeito de descontos na passagem para a Flórida em caso de morte de um membro da família. Depois ligaria para a Agência Grahame Coats e diria que, em virtude de uma morte na família, teria que tirar uns dias de licença e que, sim, sabia que isso seria descontado dos seus dias reservados para faltas por motivo de doença ou de seu período de férias. Mas por enquanto se sentia satisfeito porque o mundo estava calmo.

Seguiu o corredor até o pequeno quarto extra no fundo da casa e observou o jardim lá embaixo. A movimentação do amanhecer já havia começado, e ele podia ver pássaros: melros, pequenos pardais saltitando pela cerca viva e um único tordo, de peito pintado, nos

galhos de uma árvore próxima. Fat Charlie pensou que um mundo em que pássaros cantavam de manhã era um mundo normal, sensato, e não achava nada mau fazer parte desse mundo.

Tempos depois, quando pássaros seriam algo a temer, Fat Charlie ainda se lembraria daquela manhã como algo belo e agradável, mas também como o momento em que tudo começou. O momento antes da loucura, antes do medo.

CAPÍTULO DOIS

O QUAL BASICAMENTE DISCORRE SOBRE AS
COISAS QUE ACONTECEM APÓS OS FUNERAIS

FAT CHARLIE BUFAVA PELO JARDIM MEMORIAL DO REPOUSO, com os olhos meio fechados por causa do sol da Flórida. Marcas de suor se espalhavam pelo seu terno, começando nas axilas e no peito. O suor começou a pingar de seu rosto à medida que corria.

O Jardim Memorial do Repouso de fato parecia um jardim, mas um jardim bastante estranho, no qual as flores eram artificiais e cresciam em vasos metálicos que saíam de placas metálicas colocadas no chão. Fat Charlie passou correndo por uma placa: "Cova GRÁTIS para todos os veteranos de guerra com medalhas de honra!" Correu através da Terra dos Bebês, onde havia as covas infantis e onde cata-ventos multicoloridos e ursinhos de pelúcia encharcados nas cores rosa e azul faziam companhia às flores artificiais sobre a grama da Flórida. Um ursinho Pooh em decomposição lançava um olhar meio morto para o céu azul.

Fat Charlie já conseguia ver as pessoas do funeral. Ele mudou de direção, encontrando um caminho que permitia que fosse diretamente a elas. Havia 30 pessoas, talvez mais, de pé em torno da cova. As mulheres usavam vestidos pretos e grandes chapéus pretos circundados por renda preta, como se fossem flores exóticas. Os homens usavam ternos sem manchas de suor. As crianças tinham um ar solene. Fat Charlie diminuiu o passo até andar de um jeito mais

respeitoso, tentando se apressar sem se mover rápido demais para que ninguém notasse que estava com pressa. Ao alcançar o grupo de pessoas enlutadas, tentou assumir lugar mais à frente sem chamar muita atenção. Sua tentativa foi um fracasso, porque ele estava claramente arfando como uma morsa gorda que tentava subir uma escada. Pingava de suor e pisava em vários pés à medida que caminhava.

Sentiu olhares penetrantes sobre ele, mas fingiu não notar. Todos cantavam uma canção que Fat Charlie não conhecia. Ele mexia a cabeça no ritmo da música e fingia cantar, movendo os lábios de uma maneira que talvez pudesse dar a impressão de que participava ativamente da cantoria, *sotto voce*. Ele bem que poderia estar sussurrando uma prece ou fazendo movimentos labiais aleatórios. Aproveitou para dar uma olhada no caixão. Ficou satisfeito ao vê-lo fechado.

O caixão era uma coisa fantástica, feita de um material que parecia aço pesado, reforçado, de cor cinza-chumbo. “Quando houver a gloriosa ressurreição”, pensou Fat Charlie, “quando o anjo Gabriel tocar sua poderosa trombeta e os mortos saírem de seus caixões, o pai ficará preso em seu túmulo, batendo inutilmente na tampa, desejando que tivesse sido enterrado com um pé de cabra e talvez um maçarico.”

O “aleluia” final, profundamente melódico, começou a se dissipar. No silêncio que se seguiu, Fat Charlie pôde ouvir alguém gritando do outro lado dos jardins memoriais, perto do local por onde entrara.

O pastor perguntou:

— Alguém gostaria de dizer algo em memória?

Pelas expressões no rosto dos que estavam mais perto da cova, era óbvio que vários deles planejavam dizer alguma coisa. Mas Fat Charlie sabia que se tratava de um momento agora-ou-nunca. Sabe, você precisa fazer as pazes com o seu pai. Então tá.

Suspirou fundo e deu um passo à frente, até ficar bem na beirada da cova, e disse:

— Ahm. Com licença. Certo... Eu acho que tenho algo a dizer.

Os gritos lá longe ficavam cada vez mais altos. Muitos dos presentes lançavam olhares por sobre o ombro para ver de onde vinham. Os outros tinham os olhos fixos em Fat Charlie.

— Eu nunca fui o que se pode chamar de uma pessoa próxima do meu pai. Acho que nós dois não sabíamos como ficar próximos. Há 20 anos não faço parte da vida dele, e ele não fez parte da minha. Há muitas coisas difíceis de perdoar, mas aí um dia você percebe que não tem mais uma família. — Limpou o suor da testa com a mão e continuou: — Acho que eu nunca disse “eu te amo, pai” em toda a minha vida. Todos vocês talvez o conhecessem melhor do que eu. Alguns de vocês talvez o amassem. Vocês fizeram parte da vida dele, mas eu não. Então não tenho vergonha se vocês me ouvirem dizer isso. Pela primeira vez em 20 anos. — Ele olhou para baixo, para a impenetrável tampa de metal do caixão, e disse: — Eu te amo. E nunca vou te esquecer.

Os gritos ficaram ainda mais altos. Agora, no silêncio que se seguiu a declaração de Fat Charlie, altos e claros o suficiente para todos discernirem as palavras que vinham do outro lado dos jardins:

— Fat Charlie! Para de importunar essas pessoas e vem pra cá agora mesmo.

Fat Charlie olhou para o mar de rostos desconhecidos, uma mistura de expressões perplexas, chocadas, iradas e horrorizadas. Com as orelhas pegando fogo, ele se deu conta.

— Ahm. Desculpem. Funeral errado.

Um pequeno garoto de orelhas grandes com um enorme sorriso no rosto disse, orgulhoso:

— Essa era a minha avó.

Fat Charlie saiu da pequena multidão murmurando desculpas pouco coerentes. Ele queria que o mundo acabasse. Sabia que não era culpa de seu pai, mas também sabia que seu pai teria achado tudo aquilo hilário.

De pé na calçada, com as mãos nos quadris, havia uma mulher gorda com cabelo cinzento e expressão zangada. Fat Charlie andava em sua direção como se andasse por um campo minado, como se tivesse 9 anos de idade novamente e estivesse em apuros.

— Cê não me ouviu gritar? — perguntou ela, com seu inglês de sotaque caribenho. — Cê passou direto por mim. Passou a maior vergonha! Por aqui. Cê perdeu o funeral e tudo. Mas tem uma pá de terra te esperando.

A Sra. Higglar não tinha mudado quase nada naqueles últimos 20 anos: estava um pouco mais gorda, um pouco mais grisalha. Comprimiu os lábios e o conduziu por uma das muitas calçadas do

cemitério. Fat Charlie suspeitava que não havia deixado uma boa primeira impressão. Ela mostrava o caminho e, envergonhado, ele a seguia.

Um lagarto subiu rápido por um ferro da cerca de metal que circundava o jardim e depois ficou no topo de uma lança da cerca, experimentando o ar abafado da Flórida. O sol escondera-se por trás de uma nuvem, mas a tarde parecia na verdade ter ficado mais quente. O lagarto estufou o pescoço até formar um brilhante balão alaranjado.

Duas garças de pernas compridas, que Fat Charlie inicialmente tomara por ornamentos de jardim, olharam para ele quando passou por elas. Uma delas mergulhou a cabeça e depois ergueu novamente com uma grande rã pendurada no bico. Então começou, fazendo movimentos de deglutição, a tentar engolir a rã, que esperneava e se debatia no ar.

— Anda — disse a Sra. Higglar. — Deixa de enrolação. Já basta você não comparecer ao funeral do teu pai.

Fat Charlie suprimiu a vontade de contar que viajara 6.500 km naquele dia, alugara um carro e viera dirigindo desde Orlando, e pegara a estrada errada — afinal de contas, quem diabos teve a ideia de escolher um cemitério atrás de um Wal-Mart na saída da cidade? Eles continuaram a andar, passaram por um grande prédio de concreto que cheirava a formol e chegaram a uma cova aberta no ponto mais distante do cemitério. Não havia nada além dela, exceto uma cerca alta e, por trás dela, muitas árvores, palmeiras e mato. Na cova, jazia um modesto caixão de madeira. Já havia sobre ele montinhos de terra. Ao lado da cova, uma grande quantidade de terra e uma pá.

A Sra. Higglar pegou a pá e entregou-a a Fat Charlie.

— Foi uma cerimônia muito bonita. Alguns dos velhos amigos de bebedeira do teu pai vieram, e todas as senhoras da nossa rua. Apesar de ele ter ido pro andar de cima, a gente ainda vai se falar. Ele gostaria disso. E claro que teria gostado ainda mais se você tivesse aparecido.

Ela balançou a cabeça. Continuou:

— Agora vamos começar a enterrar. E, se você quiser se despedir dele, faça isso enquanto vai jogando a terra no caixão.

— Eu pensei que eu tivesse que jogar só uma ou duas pás de terra. Para mostrar boa vontade.

— Eu dei ao homem 30 pratas para ir embora — informou a Sra. Higglar. — Disse a ele que o filho do falecido vinha de avião lá da Inglaterra e que ia querer fazer tudo direitinho pro pai dele. Fazer tudo nos conformes. Não só “mostrar boa vontade”.

— Certo. Claro. Entendi.

Fat Charlie tirou paletó e o pendurou na cerca. Afrouxou a gravata, puxou-a pela cabeça e colocou-a no bolso do paletó. Pegou

a pá e começou a jogar a terra negra dentro da cova aberta, naquele ar da Flórida tão denso quanto uma sopa.

Depois de um tempo, começou a chover. Na verdade começou a cair o tipo de chuva que nunca se decide se é chuva ou não. Se você dirigisse nessa chuva, jamais saberia se deveria ligar o limpador de para-brisa. De pé na chuva, jogando terra na cova com uma pá, qualquer um se sentiria mais suado, mais úmido, mais desconfortável. Fat Charlie continuou a jogar terra na cova, e a Sra. Higglar ficava lá, de pé, com os braços cruzados por cima de seu peito gigantesco, com a chuva fininha umedecendo seu vestido preto e seu chapéu de palha com uma rosa preta de seda, observando-o enquanto enchia a cova de terra.

A terra virou lama e ficou mais pesada.

Depois do que pareceu uma eternidade, e uma eternidade muito incômoda, Fat Charlie deu uma batidinha com a pá no último montinho de terra.

A Sra. Higglar caminhou até ele. Pegou seu paletó da cerca e passou para ele.

— Cê tá ensopado até os ossos e coberto de terra e suor, mas cê amadureceu. Bem-vindo, Fat Charlie.

Ela sorriu e o abraçou contra seu peito largo.

— Eu não estou chorando — explicou Fat Charlie.

— Shhh, calma.

— São os pingos da chuva no meu rosto.

A Sra. Higglar não respondeu. Ela só o abraçava, balançando para lá e para cá, e depois de um tempo Fat Charlie disse:

— Tudo bem. Já estou me sentindo melhor.

— Tem comida lá em casa. Vamos lá pra você comer.

Ele limpou a lama dos sapatos no estacionamento, entrou no seu carro cinza alugado e seguiu a perua vermelho-escura da Sra. Higglar por ruas que 20 anos antes não existiam. Ela dirigia como uma mulher que acabara de descobrir uma caneca enorme de café, da qual precisava muitíssimo, e cuja única missão era beber o máximo que pudesse enquanto dirigia o mais rápido possível. Fat Charlie a seguia o mais de perto que podia, correndo de semáforo a semáforo enquanto tentava adivinhar onde estavam.

Viraram uma rua e, com um sentimento de apreensão cada vez maior, ele se deu conta de que reconhecia o lugar. Era a rua em que

havia morado na infância. Até as casas tinham mais ou menos a mesma aparência, embora a maioria delas agora tivesse enormes cercas de arame à frente dos jardins.

Havia vários carros estacionados na frente da casa da Sra. Higgle. Ele parou atrás de um velho Ford cinza. A Sra. Higgle caminhou até a porta e a abriu com a chave.

Fat Charlie olhou para suas roupas enlameadas e encharcadas de suor.

— Eu não posso entrar desse jeito — disse.

— Já vi coisa pior — respondeu a Sra. Higgle. Então ela suspirou. — Olha só: você entra, vai direto pro banheiro, lava as mãos e o rosto, limpa tudo, e quando você terminar nós estaremos na cozinha.

Ele foi até o banheiro. Tudo ali tinha cheiro de jasmim. Tirou sua camisa enlameada, lavou o rosto e as mãos com sabonete com cheiro de jasmim numa pia minúscula. Pegou uma esponja, limpou o peito, esfregou os pontos mais sujos das calças do terno. Olhou a camisa, que era branca quando a colocou pela manhã e agora exibia um marrom bastante encardido, e decidiu não vesti-la. Havia mais camisas em sua bolsa de viagem, no banco de trás do carro alugado. Decidiu sair discretamente da casa, colocar uma camisa limpa e depois encarar o pessoal da casa.

Destrancou a porta do banheiro e a abriu.

Quatro velhas senhoras estavam de pé no corredor, encarando-o. Ele as conhecia. Todas elas.

— Que cê tá fazendo? — perguntou a Sra. Higglar.

— Trocando de camisa — respondeu Fat Charlie. — Camisa no carro. Sim. Volto logo.

Ergueu o queixo, andou pelo corredor com passos largos e saiu pela porta da frente.

— Mas que jeito estranho de falar é esse? — perguntou a pequena Sra. Dunwiddy atrás dele, bem alto.

— Não é uma cena que a gente vê todo dia — comentou a Sra. Bustamonte, embora, por ser ali o litoral da Flórida, o que mais se visse todos os dias eram homens sem camisa, apesar de não usarem calças enlameadas.

Fat Charlie trocou de camisa perto do carro e entrou na casa. As quatro senhoras estavam na cozinha, ocupadas guardando em potinhos Tupperware o que parecia ter sido até então uma grande quantidade de comida.

A Sra. Higglar era mais velha que a Sra. Bustamonte, e ambas eram mais velhas que a Sra. Noles, mas nenhuma delas era tão velha quanto a Sra. Dunwiddy. A Sra. Dunwiddy era muito velha e aparentava isso. Provavelmente não havia eras geológicas tão antigas quanto a Sra. Dunwiddy.

Quando era criança, Fat Charlie imaginava a Sra. Dunwiddy na África Equatorial, olhando com ar de desaprovação, através de seus óculos de lentes grossas, os hominídeos que começavam a ficar eretos. "Fique bem longe do meu quintal", diria ela a um espécime recentemente desenvolvido (e um tanto nervoso) de Homo Habilis, "ou eu vou dar uma cintada na sua orelha, estou avisando". A Sra. Dunwiddy cheirava a água de violeta e, por baixo do cheiro de violetas, dava para sentir o cheiro de uma mulher bem velha. Era uma senhora miudinha, mas capaz de ofuscar uma tempestade. Fat Charlie, que havia mais de duas décadas seguido uma bolinha de tênis perdida que caíra no quintal dela e acidentalmente quebrara um dos enfeites de seu jardim, ainda morria de medo dela.

Naquele momento, a Sra. Dunwiddy estava comendo com os dedos pedaços de carneiro ao curry dentro de uma tigela Tupperware.

— Uma pena desperdiçar isso — disse, e deixou cair os pedacinhos de carneiro num pires de porcelana.

— Quer comer, Fat Charlie? — perguntou a Sra. Noles.

— Não estou com fome. De verdade.

Quatro pares de olhos o observaram com ar de reprovação através de quatro pares de óculos.

— Não faz bem ficar sem comer nessa tristeza — observou a Sra. Dunwiddy, lambendo a ponta dos dedos e pegando outro

pedaço de carneiro marrom e gorduroso.

— Não é isso. Eu só não estou com fome. Só isso.

— A tristeza vai te fazer ficar só pele e osso — sentenciou a Sra. Noles, com um misto de entusiasmo e tristeza.

— Acho que não.

— Vou fazer um prato procê e pôr naquela mesa ali — disse a Sra. Higler. — Vai lá, senta. Não quero ouvir mais nenhuma desculpa. Tem bastante comida, não precisa se preocupar.

Fat Charlie sentou-se onde ela indicou e, alguns segundos depois, colocaram diante dele um prato bem cheio: cozido de ervilha com arroz, torta de batata doce, carne de porco apimentada,

carneiro ao curry, frango ao curry, banana pacova frita e mocotó. Fat Charlie nem havia colocado nada na boca e já sentia a azia começar a arder.

— Onde estão as outras pessoas? — perguntou.

— Os amigos de bebedeira do teu pai saíram pra beber. Foram fazer uma sessão de pescaria em memória dele numa ponte — respondeu a Sra. Higglar. Ela derramou dentro da pia o restante do café de sua caneca de viagem, do tamanho de um balde, e substituiu pelo conteúdo recém-passado e fumegante de um bule de café.

A Sra. Dunwiddy lambeu os dedos com sua língua roxa até deixá-los limpos e mudou de cadeira até ficar perto de onde Fat Charlie estava sentado, com o prato ainda intocado. Quando pequeno, ele acreditava piamente que a Sra. Dunwiddy era uma bruxa. Não uma bruxa boa, mas o tipo de bruxa que as crianças tinham que empurrar para dentro do forno se quisessem escapar com vida. Era a primeira vez que ele a via em mais de 20 anos, e sentia que precisava conter a vontade de gritar e se esconder embaixo da mesa.

— Já vi muita gente morrer — começou a Sra. Dunwiddy. — Na minha época. Se você ficar bem velho, vai ver também. Todo mundo morre um dia, basta dar tempo ao tempo. — Ela fez uma pausa. — Mas eu nunca pensei que fosse acontecer com o teu pai.

E balançou a cabeça.

— Como ele era? — perguntou Fat Charlie. — Quando era jovem.

A Sra. Dunwiddy olhou para ele através de seus óculos extremamente grossos, contraiu os dedos e balançou a cabeça. — Isso era antes do meu tempo — foi tudo o que ela disse. — Coma o mocotó.

Fat Charlie suspirou e começou a comer.

ERA UM DE TARDE, E ELES ESTAVAM SOZINHOS NA CASA.

— Onde cê vai dormir hoje? — perguntou a Sra. Higglar.

— Pensei em ficar num quarto de hotel barato — respondeu Fat Charlie.

— Ora, cê tem um ótimo quarto aqui. E uma ótima casa, descendo a rua. Cê nem viu a casa ainda. Se quer saber, o teu pai ia querer que cê ficasse lá.

— Acho que prefiro ficar sozinho. Não me sinto muito bem com a ideia de dormir na casa do meu pai.

— Bom, não é o meu dinheiro que tá sendo jogado fora — respondeu a Sra. Higglar. — Cê vai ter que decidir o que fazer com a casa, de qualquer jeito. E com todas as coisas dele.

— Eu não estou nem aí pra isso. A gente pode fazer um bazar e vender tudo. Vender pelo eBay. Jogar tudo fora.

— Ora, mas que atitude é essa? — Ela vasculhou uma gaveta da cozinha e pegou uma chave presa a uma grande etiqueta de papel.

— Ele me deu a chave reserva quando se mudou. Caso perdesse a dele ou ficasse trancado do lado de fora, sei lá. Costumava dizer que, se a cabeça não estivesse pregada no pescoço, esqueceria em algum lugar. Quando vendeu a casa ao lado, ele me disse: “Não se preocupe, Callyanne, eu não vou pra muito longe”. Ele morou naquela casa desde sempre, pelo que me lembro, mas decidiu que era grande demais e que tinha que ir embora...

Ainda falando, ela o acompanhou até o lado de fora da casa e percorreu com ele várias ruas em sua perua vermelho-escura até chegarem a uma casa térrea de madeira.

Ela abriu a porta da frente e eles entraram.

O cheiro era familiar: levemente doce, como se biscoitos de chocolate tivessem acabado de sair do forno da última vez que usaram a cozinha, mas isso acontecera havia muito tempo. Fazia muito calor ali dentro. A Sra. Higglers o levou até a pequena sala de estar e ligou um aparelho de ar-condicionado acoplado a uma janela. O aparelho chacoalhava e fazia barulho, tinha cheiro de cachorro molhado e movimentou o ar quente.

Havia pilhas de livros em torno de um sofá muito velho, do qual Fat Charlie se lembrava, e havia fotografias em porta-retratos — em uma delas, em preto-e-branco, via-se a mãe de Fat Charlie quando jovem, com o cabelo preso no alto da cabeça, preto e brilhante, usando um vestido brilhoso. Ao lado dela, uma foto do próprio Fat Charlie, com uns 5 ou 6 anos de idade, de pé ao lado de uma porta com espelho, de modo que, à primeira vista, parecia que dois pequenos Fat Charlie, um do lado do outro, olhavam de um jeito sério para quem observava a fotografia.

Fat Charlie pegou o livro em cima da pilha. Era sobre arquitetura italiana.

— Ele se interessava por arquitetura?

— Era louco por arquitetura. Ah, se era.

— Eu não sabia.

A Sra. Higglar deu de ombros e tomou um gole do café. Fat Charlie abriu o livro e viu o nome do pai escrito com capricho na primeira página. Fechou o livro.

— Eu nunca soube quem ele era. Não de verdade.

— Ele não era um homem fácil de se conhecer. Eu o conhecia há, sei lá, uns 60 anos. E nunca soube quem ele era de verdade.

— A senhora devia saber como ele era quando criança.

A Sra. Higglar hesitou. Parecia tentar se lembrar. Então disse, de um jeito calmo:

— Eu conheci ele na época em que era moça.

Fat Charlie achou que deveria mudar de assunto, e então apontou a foto da mãe.

— Ele tem uma foto da minha mãe ali.

A Sra. Higglar tomou outro gole de café.

— Tiraram num barco. Antes de você nascer. Um daqueles barcos em que se podia jantar, navegar uns cinco quilômetros, para bem longe, e onde tinha muita jogatina. Depois voltavam. Não sei se ainda existe esse tipo de barco. Sua mãe dizia que foi a primeira vez que ela comeu carne. — Fat Charlie tentou imaginar como eram seus pais antes de ele nascer. — Ele sempre foi um homem bonito — observou a Sra. Higglar, pensativa, como se adivinhasse o que ele

pensava. — Até o fim. Tinha um sorriso capaz de fazer uma moça ficar sem graça. E sempre se vestia muito bem. Todas as moças gostavam dele.

Fat Charlie sabia a resposta antes mesmo de fazer a pergunta.

— A senhora e ele?

— Como é que cê faz uma pergunta dessas para uma viúva de respeito? — Ela deu um golinho no café. Fat Charlie esperou pela resposta. Então ela disse: — Eu beijei ele uma vez. Há muito, muito tempo, antes mesmo de ele conhecer a sua mãe. Ele beijava muito bem. Eu esperava que ele me ligasse, que me chamasse pra sair pra dançar de novo, mas ele desapareceu. Desapareceu por mais ou menos um ano. Dois anos, talvez. E quando voltou eu já estava casada com o meu marido, o sr. Higglér, e ele trouxe a sua mãe. Conheceu ela nas ilhas.

— A senhora ficou chateada?

— Eu era uma mulher casada. — Outro gole de café. — E não dava para odiar o teu pai. Ninguém ficava bravo de verdade com ele. E o jeito como olhava pra ela... Ah, se alguma vez olhasse assim pra mim, eu morreria feliz. Sabia que no casamento deles eu fui a madrinha da sua mãe?

— Eu não sabia.

O aparelho de ar-condicionado começava a expelir ar frio. Continuava com cheiro de cachorro molhado. Fat Charlie perguntou:

— A senhora acha que eles foram felizes?

— No começo. — Ela ergueu sua enorme caneca térmica e ia tomar um gole do café, mas mudou de ideia. — Só no começo. Nem mesmo ela conseguia prender a atenção dele por muito tempo. Ele

tinha muitas coisas pra fazer. Era um homem muito ocupado, o teu pai.

Fat Charlie tentou descobrir se a Sra. Higglar estava brincando ou não. Não saberia dizer. Mas ela não riu.

— Muitas coisas a fazer? Tipo o quê? Pescar numa ponte? Jogar dominó na varanda? Esperar a inevitável invenção do karaokê?

Ele não tinha nada pra fazer. Acho que nunca trabalhou um só dia na vida.

— Você não devia falar assim do teu pai!

— Mas é verdade. Ele não prestava. Era um péssimo marido e um péssimo pai.

— Claro que era! — concordou a Sra. Higglar, com raiva. — Mas não dá pra julgar ele como se julga um homem qualquer. Você tem que levar em conta que o seu pai era um deus, Fat Charlie.

— Um deus entre os homens?

— Não. Só um deus, só isso. — Ela disse a frase sem nenhuma ênfase, de um jeito tão trivial e normal como se tivesse dito que “ele era diabético” ou simplesmente que “ele era negro”.

Fat Charlie quis fazer uma piada, mas viu o olhar da Sra. Higglar. Subitamente não conseguia pensar em nada engraçado para dizer. Então disse delicadamente:

— Ele não era um deus. Deuses são especiais, míticos. Eles operam milagres e coisa do tipo.

— Isso mesmo. Ele não teria te contado enquanto estava vivo, mas agora que se foi não tem problema.

— Ele não era um deus. Era o meu pai.

— Dá para ser as duas coisas — argumentou a Sra. Higler. —
Acontece.

“É o mesmo que discutir com um louco” pensou Fat Charlie. Percebeu que o melhor a fazer era ficar calado, mas sua boca não obedecia. Naquele momento, dizia o seguinte:

— Olha, se o meu pai era um deus, ele devia ter poderes divinos.

— E tinha. Não fazia muita coisa com eles, é verdade. Mas era velho. De qualquer maneira, como cê acha que ele nunca precisava trabalhar? Sempre que precisava de dinheiro, ele jogava na loteria ou ia até Halendale para apostar nos cavalos ou nos cachorros. Nunca ganhava demais, para não chamar atenção. Só o suficiente para sobreviver.

Fat Charlie nunca ganhara nada em toda sua vida. Nada mesmo. Nas diversas vezes que participava de um “bolão” no trabalho, apostava que seu cavalo jamais passaria do portão de saída ou que seu time seria rebaixado para uma divisão da qual ninguém ouviu falar, uma espécie de limbo do mundo do esporte profissional. Era irritante.

— Se meu pai era um deus, algo em que aliás não acredito de jeito nenhum, então por que eu não sou um deus também? Afinal, você está dizendo que eu sou filho de um deus, não é?

— Claro.

— Bom, então por que eu não aposto no cavalo vencedor, não tenho poderes mágicos nem faço milagres ou coisa do tipo?

Ela deu uma fungada.

— O seu irmão foi quem herdou toda essa coisa de ser deus.

Fat Charlie percebeu que tinha um sorriso no rosto. Suspirou. Aquilo era só uma brincadeira, afinal de contas.

— Ah... Sabe, Sra. Higgler, na verdade eu não tenho um irmão.

— Mas é claro que tem. São você e ele naquela foto ali. Embora soubesse o que havia na foto, Fat Charlie olhou para o retrato. Ela definitivamente estava louca. De jogar pedra.

— Sra. Higglar — começou, do jeito mais gentil que podia. — Aquele sou eu. Só eu, quando era criança. É uma porta com espelho. Eu estou de pé perto dela. Só eu e o meu reflexo.

— É você, e é o seu irmão também.

— Eu nunca tive um irmão.

— Claro que teve. Não sinto falta dele. Você sempre foi bonzinho, sabe. Mas ele era impossível enquanto estava aqui. — Antes que Fat Charlie pudesse dizer alguma coisa, ela acrescentou: — Ele foi embora quando você era pequenininho.

Fat Charlie chegou mais perto dela. Colocou sua grande mão sobre a mão ossuda da Sra. Higglar, a mão que não segurava a caneca de café.

— Isso não é verdade.

— Foi a Louella Dunwiddy que fez ele ir embora. Ele tinha medo dela. Mas voltava de tempos em tempos. Ele sabia ser doce quando queria. — Ela terminou de tomar o café.

— Eu sempre quis ter um irmão — disse Fat Charlie. — Alguém com quem brincar.

A Sra. Higglar levantou-se e disse:

— Este lugar não vai se limpar sozinho. Eu tenho uns sacos de lixo no carro. Acho que a gente vai precisar de muitos sacos.

— Sim — concordou Fat Charlie.

Naquela noite, ele ficou num quarto de hotel barato. Pela manhã, encontrou a Sra. Higglar na casa do pai, e eles colocaram o lixo em grandes sacos pretos. Separaram os objetos que seriam doados à caridade. Encheram uma caixa com coisas que Fat Charlie queria guardar, que tinham valor sentimental, a maioria fotografias de sua infância ou de antes de ele nascer.

Havia um baú velho, parecido com um pequeno baú de tesouro de piratas, cheio de documentos e papéis antigos. Fat Charlie sentou-se no chão e examinou os papéis. A Sra. Higglar veio do quarto com outro enorme saco de lixo, cheio de roupas roídas pelas traças.

— Foi o teu irmão que deu esse baú pro teu pai — disse ela, do nada. Era a primeira vez que mencionava as maluquices da noite

anterior.

— Quem dera eu tivesse um irmão mesmo — comentou Fat Charlie. Ele não tinha se dado conta de que havia dito aquilo em voz alta até a sra. Higglar responder:

— Eu já te disse. Você tem um irmão.

— Certo. E onde eu encontro esse meu irmão mítico?

Mais tarde, ele se perguntaria por que havia feito essa pergunta. Será que pretendia diverti-la? Provocá-la? Será que apenas precisava dizer alguma coisa só para preencher o vazio? Qualquer que fosse a razão, ele fez a pergunta. E ela mordida seu lábio inferior e balançava a cabeça.

— Você precisa saber. É sua família. Seu sangue.

Foi até ele e o chamou para mais perto com o dedo. Fat Charlie curvou-se. Os lábios da velha roçavam sua orelha enquanto ela sussurrava: "...precisar dele... dizerpruma..."

— Como?

— Eu disse — repetiu ela, com voz normal — que, se você precisar dele, é só dizer pruma aranha. Ele vem rapidinho.

— Dizer para uma aranha?

— Foi o que eu disse. Acha que estou falando por falar? Pra exercitar meus pulmões? Nunca ouviu falar de gente que fala com as abelhas? Quando eu era menina, lá em Saint Andrews, antes da

minha família vir pra cá, eu contava pras abelhas todas as minhas boas-novas. E a mesma coisa. Fale com uma aranha. Era assim que eu costumava mandar mensagens pro teu pai quando ele desaparecia.

— Certo...

— Não fica dizendo "certo" desse jeito aí.

— Que jeito?

— Como se eu fosse uma velha doida que não sabe o que está falando. Você acha que eu sou maluca?

— Ahm, tenho quase certeza de que sim. De verdade.

A sra. Higglar não desistiu. Estava longe de ficar satisfeita. Pegou a caneca de café e a apoiou nas mãos, com ar de desaprovação. Fat Charlie já tinha passado dos limites, e a sra. Higglar estava determinada a fazer com que ele soubesse a verdade.

— Sabe, eu não preciso fazer isso. Não preciso te ajudar. Só estou fazendo isso por causa do teu pai, que era uma pessoa especial, e da tua mãe, que era uma ótima mulher. Estou contando coisas importantes pra você. Cê devia prestar atenção. Devia acreditar em mim.

— Eu acredito na senhora — disse Fat Charlie, do jeito mais convincente que conseguia.

— Que nada. Você só está tentando não deixar uma velha chateada.

— Não — mentiu. — Não estou. De verdade.

As palavras dele tinham um tom de honestidade, sinceridade, verdade. Estava a quilômetros de casa, na casa de seu pai recém-falecido, com uma velha louca prestes a ter um ataque. Se fosse para acalmá-la, diria até que a Lua é um tipo de fruta tropical, e o faria da maneira mais convincente que pudesse.

Ela fungou.

— Esse é o problema dos jovens. Como estão por aqui há tempo suficiente, acham que sabem tudo. Eu já me esqueci de coisas na minha vida que você nem imagina. Você não sabe nada sobre o teu pai, não sabe nada sobre a tua família. Eu te digo que o teu pai era um deus e você nem me pergunta de que tipo de deus estou falando.

Fat Charlie tentou se lembrar do nome de alguns deuses.

— Zeus?

A sra. Higglar soltou um som que parecia o de uma chaleira apitando. Fat Charlie teve certeza de que Zeus não era a melhor resposta.

— Cupido?

Ela fez outro barulho, que começou com um “pff” e terminou como uma risadinha.

— Eu até consigo imaginar o teu pai usando só uma daquelas fraldinhas cheias de penas, com um arco-e-flecha bem grande. — Ela riu mais um pouco. Depois tomou mais café. — Na época em que ele era um deus, era conhecido como Anansi.

PROVAVELMENTE VOCÊ JÁ GONHECE ALGUMAS HISTÓRIAS sobre Anansi. Talvez não exista uma única pessoa no mundo que não conheça histórias sobre Anansi.

Anansi era uma aranha quando o mundo ainda era jovem e se contavam histórias pela primeira vez. Ele costumava se meter em encrencas e sair delas. Sabe a história do boneco de piche, aquela que contam sobre o Coelho Quincas? Essa história foi primeiro sobre Anansi. Algumas pessoas acham que ele era um coelho. Mas isso é errado. Ele era uma aranha.

As histórias de Anansi são da época em que as pessoas contavam histórias umas às outras. Na África, onde tudo começou, mesmo antes de as pessoas pintarem leões e ursos nas paredes das cavernas, já contavam histórias sobre macacos, leões e búfalos: eram grandes histórias. As pessoas tinham essa tendência de contar histórias. Assim faziam o mundo ter sentido. Tudo o que corria, andava, balançava e se arrastava tinha que aparecer nessas histórias, e diferentes tribos veneravam diferentes criaturas.

O Leão era o rei dos animais, mesmo naquela época. A Gazela era a mais rápida, o Macaco era o mais bobo e o Tigre era o mais terrível, mas as pessoas não queriam ouvir histórias sobre eles.

Anansi deu seu nome às histórias. Toda história é de Anansi. Antigamente, antes de as histórias serem de Anansi, elas todas pertenciam ao Tigre (que é o nome que as pessoas das ilhas dão a todos os grandes felinos), e as histórias eram sombrias e macabras, cheias de dor. Nenhuma delas tinha final feliz. Mas isso foi há muito tempo. Hoje em dia, as histórias são de Anansi.

Já que a gente acabou de sair de um funeral, deixa eu te contar uma história sobre Anansi, da época em que a avó dele morreu. (Não, tudo bem: ela era uma mulher muito velha, e morreu enquanto dormia quanto. Acontece.) Ela morreu muito longe de

casa, então Anansi atravessa a ilha com o carrinho de mão, pega o corpo da avó, coloca no carrinho e carrega pra casa. É que ele queria enterrar ela perto da figueira que ficava atrás da cabana dele.

Então ele está lá, atravessando a cidade, depois de empurrar o cadáver da avó no carrinho a manhã toda, e aí pensa "Eu preciso beber uísque". Ele entra na loja — tinha uma loja na vila, uma loja que vendia de tudo, e o dono era um homem muito nervoso. Anansi entra e bebe um pouco de uísque. Bebe um pouco mais e então pensa "vou fazer uma brincadeira com esse sujeito", então ele diz pro dono da loja: "Leva um pouco de uísque pra minha avó, ela tá dormindo no carrinho lá fora. Talvez você precise acordar ela, porque ela dorme feito uma pedra".

Então o dono da loja vai até o carrinho com uma garrafa e diz pra velha: "Ei, toma o seu uísque", mas a velha não diz nada. E o dono da loja fica cada vez mais bravo, porque ele era um homem muito nervoso, e diz: "Levanta, velha, levanta e toma o seu uísque", mas a velha não diz nada. Aí ela faz uma coisa que os mortos às vezes fazem quando o dia está muito quente: ela solta gases bem alto. O dono da loja fica tão fulo com a velha por soltar gases na cara dele que ele bate nela, depois bate de novo e de novo, e aí ela cai do carrinho.

Anansi vai lá fora e começa a chorar, choramingar e falar sem parar, dizendo: "Minha avó está morta, olha só o que você fez! Seu assassino, seu malfeitor!" Então o dono da loja fala para Anansi "Não conta pra ninguém que eu fiz isso", e dá a ele cinco garrafas de uísque cheias, um saco de ouro e um saco cheio de banana pacova, abacaxi e manga para ele parar de fazer alarde e ir embora.

(É que ele acha que matou a avó de Anansi.)

Então Anansi leva o carrinho pra casa e enterra a avó debaixo da figueira.

No dia seguinte, o Tigre está passando pela casa de Anansi e sente cheiro de comida. Ele entra sem ser convidado, e lá está Anansi com um banquete. Anansi, sem alternativa, chama o Tigre pra se sentar e comer com ele.

O Tigre diz: "Irmão Anansi, onde você conseguiu toda essa comida? Não mente pra mim. E onde você conseguiu essas garrafas

de uísque e esse saco cheio de moedas de ouro? Se você mentir pra mim, vou rasgar a sua garganta’.

Então Anansi diz: “Não posso mentir pra você, Irmão Tigre. Consegui tudo isso porque levei minha avó morta até a vila num carrinho de mão. E o dono da loja me deu todas essas coisas porque eu levei minha avó morta”.

O Tigre não tinha uma avó viva, mas sua mulher tinha uma mãe. Então ele vai pra casa, chama a mãe da mulher e diz: “Vem aqui um pouco porque eu e você precisamos conversar”. Aí ela sai, olha em volta e diz: “O que foi?” Bom, o Tigre mata ela, apesar de a mulher dele amar a mãe, e coloca o corpo dela num carrinho de mão.

Então ele leva o carrinho até a vila, com a sogra morta dentro. Ele grita: “Quem quer um cadáver? Quem quer uma avó morta?” Mas todas as pessoas só caçoavam dele e riam dele. Quando viram que ele estava falando sério e não ia sair dali, jogaram um monte de frutas podres nele, até ele fugir.

Não era a primeira vez que Anansi fazia o Tigre de bobo, e não seria a última. A mulher do Tigre nunca deixou ele esquecer que tinha matado a mãe dela. Em alguns dias o Tigre até deseja nunca ter nascido.

Essa é uma história de Anansi.

Claro que todas as histórias são histórias de Anansi. Mesmo esta aqui.

Antigamente todos os animais queriam que as histórias tivessem o nome deles, na época em que as canções que criaram o mundo ainda estavam sendo cantadas, na época em que ainda estavam cantando o céu, o arco-íris e o oceano. Foi nessa época, quando os animais eram gente, mas também eram bicho, que Anansi, a aranha, fez todos de bobo, principalmente o Tigre, porque queria que as histórias tivessem o nome dele.

As histórias são como aranhas, com pernas compridas, e também são como teias de aranha, onde um homem pode ficar todo emaranhado, mas também são tão bonitas quando você vê elas embaixo de uma folha com orvalho, o jeito elegante que elas se ligam entre si, uma a uma.

Como? Você quer saber se Anansi parecia uma aranha? Claro, exceto quando tinha a aparência de homem.

Não, ele nunca mudava de forma. Tudo depende do jeito que você conta a história. Só isso.

CAPÍTULO TRÊS

NO QUAL HÁ UMA REUNIÃO DE FAMÍLIA

FAT CHARLITE VOLTOU DE AVIÃO PARA CASA, NA INGLATERRA. DE uma forma ou de outra, era o mais próximo de um “lar” que ele encontraria.

Rosie estava esperando por ele quando saiu da alfândega, carregando uma pequena mala e uma grande caixa de papelão selada com fita adesiva. Ela deu-lhe um grande abraço.

— E então? Como foi?

Ele deu de ombros.

— Poderia ter sido pior.

— Bom — respondeu ela —, pelo menos você não tem mais que se preocupar com ele aparecendo no seu casamento e fazendo você passar vergonha.

— Tem isso também.

— Minha mãe diz que a gente deveria adiar o casamento por alguns meses, em sinal de respeito.

— A sua mãe quer apenas cancelar o casamento e pronto.

— Besteira. Ela acha que você é um ótimo partido.

— Nem mesmo uma mistura de Brad Pitt, Bill Gates e príncipe William é um bom partido para a sua mãe. Ninguém sobre a face da Terra é bom o suficiente para ser o genro dela.

— Ela gosta de você — respondeu Rosie, moldando-se à situação, mas sem convicção na voz.

A mãe de Rosie não gostava de Fat Charlie, e todos sabiam disso. Ela era um amontoado de preconceitos arraigados, preocupações e rixas familiares. Morava num apartamento magnífico na Wimpole Street, com nada dentro da geladeira além de garrafas de água vitaminada e biscoitos de centeio. Havia frutas de cera nas tigelas sobre os aparadores de antiquário, que eram espanadas duas vezes por semana.

Em sua primeira visita à casa da mãe de Rosie, Fat Charlie deu uma mordida em uma das maçãs de cera. Ele estava muito nervoso, tão nervoso que pegou uma maçã — podemos dizer em sua defesa que era uma réplica perfeita de uma maçã de verdade — e deu uma mordida nela. Rosie havia sinalizado loucamente que não. Ele cuspiu o pedaço de cera na mão e pensou em fingir que gostava de fruta de cera ou que sabia o tempo todo que se tratava de uma maçã de

cera e fizera aquilo de propósito, só para ser engraçado. No entanto a mãe de Rosie ergueu uma sobrancelha, caminhou até ele, pegou o resto da maçã, explicou com poucas palavras que as boas frutas de cera custavam muito caro hoje em dia, se é que era possível encontrá-las, e jogou na lata de lixo. Ele permaneceu sentado no sofá durante todo o restante da tarde, com gosto de vela na boca, enquanto a mãe de Rosie o observava para se certificar de que ele não tentaria dar outra mordida em suas preciosas frutas de cera ou abocanhar a perna de uma cadeira Chippendale do século XVIII.

Havia grandes fotografias coloridas em porta-retratos prateados sobre o aparador: fotografias de Rosie quando era criança e de seus pais. Fat Charlie estudou-as com afinco, procurando pistas para solucionar o mistério que era Rosie. O pai dela, que morrera quando Rosie tinha 15 anos, era um homem enorme. Primeiro fora um cozinheiro, depois virara um chef e, por último, dono de restaurante. Em todas as fotos, aparecia totalmente arrumado e equipado, como se tivesse alguém contratado especialmente para vesti-lo, rotundo e sorridente, com o braço sempre posicionado para que a mãe de Rosie o segurasse.

— Era um cozinheiro sensacional — dissera Rosie.

Nas fotografias, sua mãe era uma mulher sorridente e cheia de curvas. Agora, 12 anos mais tarde, parecia uma Eartha Kitt esquelética, e Fat Charlie nunca a viu sorrir.

— A sua mãe cozinha de vez em quando? — perguntou Fat Charlie depois daquela primeira visita.

— Não sei. Eu nunca a vi cozinhar nada.

— O que ela come? Quer dizer, ela não pode sobreviver à base de água e biscoito.

— Acho que ela pede comida.

Fat Charlie pensou ser bastante provável que a mãe de Rosie saísse à noite, na forma de um morcego, para sugar o sangue de

inocentes que dormiam. Certa vez mencionou essa sua teoria a Rosie, mas ela não conseguiu ver graça naquilo.

A mãe dela havia dito que tinha certeza de que Fat Charlie queria se casar com ela por causa de seu dinheiro.

— Que dinheiro? — perguntara Rosie. Sua mãe fizera um gesto amplo na direção do apartamento, um gesto que englobava as frutas de cera, a mobília antiga, os quadros nas paredes, e então comprimiu os lábios. — Mas tudo isso é seu — dissera Rosie, que vivia à base de seu salário, trabalhando para um centro de caridade de Londres. E seu salário não era muito alto. Para complementá-lo, Rosie utilizava o dinheiro que seu pai lhe deixara no testamento. Ele serviu para comprar um pequeno apartamento, que ela dividia com uma sucessão de australianas e neozelandesas, e um carro usado, um Golf.

— Eu não vou viver para sempre — dizia a mãe de Rosie, fungando de um jeito que implicava que tinha toda a intenção de viver para sempre, ficando cada vez mais difícil, mais magra e mais pétrea à medida que o tempo passava, comendo cada vez menos até ser capaz de viver à base de nada além de ar, saliva e frutas de cera.

Rosie, ao sair do aeroporto de Heathrow para levar Fat Charlie para casa, decidiu que era melhor mudarem de assunto. Então disse:

— Não tem água lá no meu apartamento. O prédio todo está sem água.

— O que houve?

— A Sra. Klinger, no andar de baixo. Ela disse que tem alguma coisa vazando.

— Talvez a própria Sra. Klinger.

— Charlie!. Então... eu estava pensando. Será que eu poderia tomar banho na sua casa hoje?

— Quer que eu ensaboe você?

— Charlie.

— Claro que pode. Sem problemas.

Rosie ficou olhando para a traseira do carro da frente. Ela tirou a mão do câmbio e apertou a enorme mão de Fat Charlie.

— A gente vai se casar logo, logo.

— Eu sei.

— Bom, o que eu quero dizer é que... teremos bastante tempo pra isso, não é?

— Bastante tempo.

— Sabe o que minha mãe falou pra mim um dia?

— Humm— Ela fez uma defesa da morte por enforcamento?

— Não. Disse que, se um casal recém-casado colocar uma moeda dentro de um pote todas as vezes em que fizer amor no primeiro ano e tirar uma todas as vezes que fizer amor nos anos seguintes, o pote nunca ficará vazio.

— E isso quer dizer que...?

— Bom. É interessante, não acha? Vou chegar à sua casa às oito, acompanhada do meu patinho de borracha. Como estão as suas toalhas?

— Ahm...

— Eu levo minha toalha então.

Fat Charlie não acreditava que seria o fim do mundo se eles, uma vez ou outra, colocassem uma moeda no pote antes de trocar as alianças e cortar o bolo de casamento, mas Rosie tinha suas próprias opiniões a respeito, e o assunto estava encerrado. O pote permanecia totalmente vazio.

“O PROBLEMA”, PENSOU FAT CHARLIE ASSIM QUE ENTROU EM casa, “de chegar a Londres após uma breve viagem a outro país é que, se você chegar pela manhã, não há muita coisa para fazer no resto do dia.”

Fat Charlie era um homem que preferia sempre trabalhar. Ele considerava o ato de deitar-se num sofá e assistir a Countdown (Tradicional game show da TV britânica, é uma espécie de instituição local. Exibido desde 1982, vai ao ar diariamente à tarde e já ultrapassou a marca de 4 mil programas) uma lembrança da época

em que fizera parte do grupo dos desempregados. Decidiu que a coisa mais sensata a fazer seria ir um dia mais cedo para o trabalho. Nos escritórios da Agência Grahame Coats, em Aldwych, no quinto e último andar, ele se sentia parte do fluxo do mundo. Teria conversas interessantes com os colegas na sala de chá. Todo o espetáculo da vida se desdobraria perante seus olhos, majestoso em sua complexidade, implacável e inflexível em seu funcionamento. As pessoas iam gostar de vê-lo.

— Você só volta ao trabalho amanhã — disse Annie, a recepcionista, quando Fat Charlie entrou. — Eu disse às pessoas que você só voltaria amanhã. Quando elas ligaram.

Ela não parecia feliz com a situação.

— Não consegui ficar longe — observou Fat Charlie.

— Claro que não — respondeu ela com certo desdém. — Você precisa retornar a ligação de Maeve Livingstone. Ela liga todos os dias.

— Pensei que ela fosse assunto do Grahame Coats.

— Bom, ele quer que você fale com ela. Só um instante.

Ela atendeu ao telefone.

Era sempre assim que se referiam ao chefe, com os dois nomes: "Grahame Coats". Não "senhor Coats". Nunca apenas Grahame. Afinal de contas, era a agência dele, e representava as pessoas. Ficava com uma porcentagem do que elas ganhavam por ter exercido o direito de representá-las.

Fat Charlie foi até seu escritório, uma salinha minúscula que partilhava com um armário de arquivo. Havia um post-it amarelo na tela de seu computador com a mensagem: "Venha até minha sala. GC". Ele atravessou o corredor até o escritório enorme de Grahame

Coats. A porta estava fechada. Ele bateu e, sem saber ao certo se ouviu alguma resposta ou não, abriu a porta e enfiou a cabeça.

A sala estava vazia. Não havia ninguém lá.

— Ahm... oi? — arriscou Fat Charlie, não muito alto. Ninguém respondeu. Havia, no entanto, uma certa desordem na sala: a estante de livros estava perto da parede formando um ângulo e, do espaço por trás dela, podia-se ouvir o som de batidas, como se fossem de um martelo.

Ele fechou a porta do jeito mais suave possível e voltou para sua mesa.

O telefone tocou. Ele atendeu.

— Aqui é Grahame Coats. Venha me ver.

Dessa vez, Grahame Coats estava sentado à mesa, e a estante de livros, alinhada à parede. Ele não convidou Fat Charlie para se sentar. Era um homem branco de meia-idade, com cabelo bem claro, já ficando careca. Se você visse Grahame Coats e imediatamente pensasse num furão albino vestindo um terno caro, não seria a primeira pessoa a ter essa impressão.

— Vejo que está de volta — disse Grahame Coats. — Por assim dizer.

— Sim — respondeu Fat Charlie. Como Grahame Coats não parecia particularmente feliz com a volta antecipada de Fat Charlie, acrescentou: — Me desculpe.

Grahame Coats pressionou os dois lábios com os dedos, olhou para um papel sobre a mesa e voltou os olhos novamente para Fat Charlie.

— Deram a entender que você não estaria de volta até amanhã. Meio cedo para voltar, não?

— Nós., quer dizer, eu cheguei esta manhã. Da Flórida. Achei que fosse bom vir para cá. Muita coisa a ser feita. Para mostrar boa vontade. Se estiver tudo bem.

— Absolutotalmente — concordou Grahame Coats. A palavra, praticamente um acidente automobilístico entre “absolutamente” e “totalmente”, sempre fazia Fat Charlie se contorcer. — Como quiser.

— Foi o funeral do meu pai.

Grahame mexeu o pescoço feito um furão.

— Ainda assim, isso será descontado de um dos seus dias de licença.

— Certo.

— Maeve Livingstone. Viúva desconsolada de Morris. Precisa ser consolada. Palavras bonitas, promessas gentis. Roma não foi construída num só dia. Todo o processo de fazer o inventário dos bens de Morris Livingstone e passar o dinheiro para ela continua a todo vapor. Ela me liga praticamente todo dia só para ser consolada. Então eu passo a tarefa a você.

— Certo. Então... ahm. Os que trabalham nunca descansam.

— Quem trabalha sempre colhe — respondeu Grahame Coats, mexendo o dedo.

— Mãos à obra? — sugeriu Fat Charlie.

— Arregaçar as mangas — disse Grahame Coats. — Bom, foi ótimo conversar com você. Mas ambos temos muito trabalho a fazer.

Havia alguma coisa na presença de Grahame Coats que sempre fazia Fat Charlie: a) falar usando clichês e b) ter devaneios imaginando enormes helicópteros negros primeiro atirando e depois despejando baldes de napalm nos escritórios da Agência Grahame Coats. Fat Charlie não se encontrava na agência quando imaginava a cena. Estaria sentado numa cadeira do lado de fora de um pequeno café, no outro lado de Aldwych, tomando um café cremoso e de vez em quando vibrando de alegria ao ver a precisão com que um helicóptero jogava o balde de napalm.

Com isso você pode supor que não há nada para saber quanto ao trabalho de Fat Charlie, com exceção de que se sentia infeliz — e com razão. Fat Charlie tinha facilidade com números, o que o mantinha em seu emprego, e uma falta de jeito e uma timidez que o

impediam de dizer às pessoas o que fazia de fato, e o quanto fazia. Ao seu redor, Fat Charlie via pessoas ascendendo implacavelmente aos níveis da incompetência, enquanto ele permanecia com o nível de aplicação com que havia entrado, desempenhando tarefas essenciais até o dia em que voltava ao grupo dos desempregados e começava a ver televisão novamente. Nunca ficou sem trabalho durante muito tempo, mas isso tinha acontecido vezes demais na última década para que Fat Charlie se sentisse totalmente seguro em qualquer emprego. Mas ele não levava as coisas para o lado pessoal.

Telefonou para Maeve Livingstone, mulher de Morris Livingstone, que fora o mais famoso comediante baixinho oriundo de Yorkshire em toda a Inglaterra e que era cliente da Agência Grahame Coats havia muito tempo.

— Alô? Aqui é Charles Nancy, do departamento de contabilidade da Agência Grahame Coats.

Ah — disse a mulher do outro lado da linha. — Pensei que o próprio Grahame ligaria para mim.

— Ele está um pouco ocupado. Então ele., ahm — delegou a

tarefa. A mim. Então — Posso ajudar?

— Não sei ao certo. Eu queria saber... bom, o gerente do banco é que queria saber... quando o resto do dinheiro dos bens do Morris vai aparecer. O Grahame Coats explicou para mim da última vez... bom, eu acho que foi da última vez em que nos falamos... que o dinheiro foi investido... quer dizer, eu entendo que essas coisas levam tempo... ele disse que caso contrário eu perderia muito dinheiro...

— Bom, eu sei que ele está cuidando do problema. Mas essas coisas realmente levam tempo.

— Sim — disse ela. — Suponho que levam tempo mesmo. Liguei para a BBC e eles disseram que realizaram vários pagamentos desde a morte de Morris. Sabia que lançaram toda a série Morris

Livingstone, I Presume em DVD? E vão lançar as duas séries de Short Baek and Sides no Natal.

— Eu não sabia — admitiu Fat Charlie. — Mas tenho certeza de que Grahame Coats sabe. Ele sempre está a par dessas coisas.

— Eu tive que comprar meu próprio DVD — disse, melancólica. — Mesmo assim, tudo voltou. O pessoal se maquiando nos bastidores, aquela atmosfera do clube da BBC. E eu vou te contar uma coisa, me fez sentir falta de estar sob um holofote. Foi assim que eu conheci o Morris. Eu era dançarina. Tinha minha própria carreira.

Fat Charlie disse a ela que informaria Grahame Coats de que o gerente do banco da sra. Livingstone estava um pouco preocupado e depois desligou.

Ficou se perguntando como alguém pode sentir falta de estar sob os holofotes.

Nos piores pesadelos de Fat Charlie, um holofote brilhava sobre ele, proveniente de um céu escuro, sobre um grande palco, e figuras ocultas tentavam forçá-lo a ficar sob a luz do holofote e cantar. Por mais rápido que ele corresse, ou para mais longe, por melhor que se escondesse, sempre o encontravam e o arrastavam de volta para o palco, diante de dezenas de pessoas ansiosas por um espetáculo. Ele sempre acordava antes de reamente cantar, suando e tremendo, com o coração batendo feito um tambor no peito.

O dia de trabalho passou. Fat Charlie trabalhava ali havia quase dois anos. Estava na empresa havia mais tempo que todo mundo, com exceção do próprio Grahame Coats. A rotatividade na agencia era grande. Mesmo assim, ninguém gostava muito de vê-lo por ali.

Fat Charlie às vezes sentava-se à sua mesa e ficava olhando através da janela enquanto a chuva cinzenta e insensível lá fora batia contra o vidro. Então se imaginava numa praia tropical, com as ondas de um mar impossivelmente azul arrebatando sobre a areia impossivelmente dourada. Muitas vezes se perguntava se as pessoas na praia, na sua imaginação, observando os dedos brancos das ondas acariciando a areia, ouvindo os pássaros tropicais assobiando nas palmeiras, não sonhavam estar na Inglaterra, na chuva, numa sala do tamanho de um caixote, no quinto andar de um escritório, a

uma distância segura do tédio que representava areia a dourada e da chatice infernal de um dia tão perfeito que nem mesmo um drink cremoso com excesso de rum e um guarda-chuvinha de papel vermelho poderia fazer alguma coisa para melhorar os ânimos. E isso o consolava.

No caminho para casa, parou na loja de bebidas e comprou uma garrafa de vinho branco alemão, uma vela com cheiro de patchouli no pequeno supermercado ao lado e pegou uma pizza na pizzaria ali perto.

Rosie ligou durante sua aula de ioga, às 7h30, para avisar que se atrasaria um pouco, depois de seu carro, às 8h, para avisar que estava presa no trânsito, e finalmente às 9h15, para avisar que estava virando a esquina, mas aí Fat Charlie já tinha bebido quase toda a garrafa de vinho sozinho e consumido apenas um solitário pedaço de pizza.

Mais tarde, ele se perguntaria se tinha sido o vinho que o fizera dizer aquilo.

Rosie chegou às 9h20, com toalhas, um saco de supermercado cheio de xampus, sabonetes e um grande pote de creme para o cabelo. Ela recusou, de modo vigoroso mas bem-humorado, a taça de vinho e o pedaço de pizza oferecidos por Fat Charlie. Explicou que tinha comido enquanto estava presa no tráfego. Tinha pedido pelo telefone. Fat Charlie sentou-se na cozinha, serviu-se da última taça de vinho branco e catou o queijo e o pepperoni da cobertura da pizza fria enquanto Rosie foi até o banheiro e começou, de repente, a gritar muito alto.

Fat Charlie chegou ao banheiro antes que o primeiro grito morresse no ar, no exato momento em que Rosie enchia os pulmões para soltar outro grito. Estava convencido de que a encontraria ensopada em sangue. Para sua surpresa e alívio, ela não estava sangrando. De calcinha e sutiã azuis, apontava para a banheira, no centro da qual havia uma aranha de jardim grande e marrom.

— Desculpe — choramingou. — Me pegou de surpresa.

— Acontece — disse Fat Charlie. — Vou abrir a torneira e deixar a água levá-la embora.

— Não ouse fazer uma coisa dessas! — ameaçou Rosie com firmeza. — É um ser vivo. Leve para fora.

— Certo.

— Vou esperar na cozinha. Me avise quando terminar.

Quando você bebe um garrafa inteira de vinho branco, fazer uma aranha de jardim bastante tímida entrar num copo de plástico transparente usando apenas um cartão de aniversário velho torna-se uma tarefa mais difícil para a coordenação entre os olhos e a mente do que de costume. E uma tarefa em nada auxiliada por uma noiva parcialmente nua, à beira de um ataque histérico, e que, apesar de anunciar que esperaria na cozinha, está debruçada sobre o seu ombro, dando palpites.

Apesar da ajuda, ele logo conseguiu colocar a aranha dentro do copo, cuja boca permanecia firmemente coberta por um cartão de aniversário enviado por um velho amigo dos tempos de escola que dizia: VOCÊ TEM A IDADE QUE SENTE TER (e que, do lado de dentro, acrescentava jocosamente à mensagem ENTÃO PARA DE FICAR SENTINDO O QUE VOCÊ TEM NO BOLSO, SEU TARADO! — FELIZ ANIVERSÁRIO).

Ele levou a aranha escada abaixo, saiu pela porta da frente e foi para o pequeno jardim frontal, que consistia numa cerca viva utilizada pelos transeuntes para vomitar e diversas pedras com grama entre elas. Ergueu o copo. Sob a luz de sódio amarelada, a aranha ficava negra. Imaginou que ela o estivesse encarando.

— Desculpe o que aconteceu — disse em alto e bom som à aranha, com o vinho branco percorrendo seu corpo.

Colocou o cartão e o copo numa pedra rachada, ergueu o copo e esperou a aranha sair correndo dali. Em vez disso, ela ficou

simplesmente parada, imóvel, sobre a face do feliz ursinho de pelúcia desenhado no cartão. Homem e aranha ficaram se observando.

Lembrou-se de algo que a Sra. Higgler havia lhe dito, e as palavras saíram de sua boca antes que pensasse nelas. Talvez fosse alguma influência demoníaca. Talvez fosse o álcool.

— Se você vir o meu irmão — disse Fat Charlie para a aranha —, diga para me fazer uma visitinha.

A aranha ficou parada no mesmo lugar. Ergueu uma perna, quase como se estivesse pensando no que lhe foi dito, e depois saiu correndo pela pedra na direção da cerca viva. Então desapareceu.

ROSIE TOMOU SEU BANHO, DEU UM BEIJO ESTALADO DEMORADO na bochecha de Fat Charlie e foi para casa.

Fat Charlie ligou a TV, mas logo começou a cochilar. Desligou o aparelho e foi para a cama, onde teve um sonho tão vivido e peculiar que se lembraria dele pelo resto da vida.

Uma maneira de saber se o que você vê é um sonho é tentar perceber se está em algum lugar em que nunca esteve na vida real. Fat Charlie nunca fora à Califórnia. Nunca estivera em Beverly Hills. Mas já a vira em filmes e na televisão o suficiente para sentir que reconhecia o lugar. Havia uma festa ali.

As luzes de Los Angeles brilhavam e piscavam lá embaixo.

As pessoas na festa pareciam se dividir entre aqueles que carregavam bandejas prateadas cobertas com canapés perfeitos e aqueles que pegavam ou recusavam o que havia nas bandejas prateadas. Os que estavam sendo alimentados andavam pela enorme casa fofocando, sorrindo, conversando, cada um certo de sua relativa importância no mundo hollywoodiano, como se fossem cortesãos da corte do Japão antigo — exatamente como na corte do Japão antigo, cada um deles tinha certeza de que, se subisse mais um degrau na escala, estaria salvo. Havia atores que desejavam ser astros, astros que queriam ser produtores independentes, produtores independentes que queriam ter a segurança de um trabalho em estúdio, diretores que queriam ser astros, chefões de estúdio que queriam ser chefes de outros estúdios não tão precários, advogados de estúdios que desejavam que os outros gostassem deles por seus próprios méritos ou, se isso não fosse possível, simplesmente ser admirados.

No sonho de Fat Charlie, ele se via do lado de dentro e do lado de fora ao mesmo tempo, e não era ele mesmo. Em seus sonhos ele geralmente só ficava sentado fazendo uma prova de Escrituração Contábil de Partidas Dobradas para a qual esquecera de estudar, em circunstâncias que lhe davam certeza absoluta de que, quando finalmente se levantasse da cadeira, descobriria que de alguma maneira havia se esquecido, quando se vestira pela manhã, de colocar qualquer roupa para cobrir a parte de baixo do corpo. Em seus sonhos, Fat Charlie era ele mesmo, só que mais atrapalhado.

Mas não nesse sonho.

Nesse sonho, Fat Charlie era uma pessoa ousada. Mais que ousada. Uma pessoa descolada, bacana, esperta, a única pessoa na festa sem bandeja prateada que não havia sido convidada. E (isso era uma fonte de espanto para o Fat Charlie que dormia, o qual não podia pensar em nada mais embaraçoso do que estar em algum lugar sem ser convidado) estava se divertindo muitíssimo.

A cada pessoa que perguntava, contava uma história diferente sobre quem era e por que estava ali. Depois de meia hora, metade da festa estava convencida de que ele era o representante de uma empresa de capital estrangeiro que tinha interesse em adquirir em breve um dos estúdios. Depois de mais meia hora, todos na festa sabiam que ele pensava em fazer uma oferta pelo estúdio Paramount.

Sua risada era rouca e contagiosa, e ele sem dúvida parecia se divertir mais do que as outras pessoas. Instruiu o barman a preparar um coquetel que batizou de "Double Entendre", o qual, embora

parecesse ter uma base de champanhe, na verdade era cientificamente não-alcoólico, de acordo com sua explicação. Continha um pouco disso e um pouco daquilo, até ficar com uma cor roxa vivida. Ele distribuiu seu coquetel às pessoas da festa, insistindo com alegria e entusiasmo que bebessem. Até mesmo as pessoas que estavam tomando água com gás ficariam satisfeitas engolindo aquela bebida arroxeadada de uma só tragada.

Então, com a lógica dos sonhos, ele as levou até a piscina e propôs ensiná-las o truque de Caminhar sobre as Águas. Era tudo questão de fé, de atitude, de agressividade, de saber como se fazia a coisa. Para as pessoas da festa, pareceu que Caminhar sobre as Águas era um truque excelente para se aprender, algo que sempre souberam como fazer, bem no fundo da alma, mas haviam esquecido. Esse homem as fazia se lembrar da técnica.

“Tirem os sapatos”, disse a todos. Eles obedeceram, deixando Sergios Rossis, Christians Louboutins e Renès Caovillas alinhados lado a lado com Nikes, Doe Martens e sapatos pretos de couro anônimos. Então os levou, numa fila de gente dançando conga, até a borda da piscina e, depois, sobre a superfície. A água estava fria ao toque e tremia como gelatina espessa sob seus pés. Algumas mulheres e muitos homens riram de nervosismo ao perceber aquilo, e dois agentes de relações públicas mais novinhos começaram a pular sobre a superfície da piscina como crianças num pula-pula. Lá longe, abaixo deles, as luzes de Los Angeles brilhavam através da névoa como se fossem galáxias distantes.

Logo cada centímetro da piscina foi tomado pelas pessoas da festa — de pé, dançando, tremendo ou pulando sobre a água. Havia uma multidão tão grande ali que o sujeito descolado, o Charlie-do-sonho, saiu da piscina e foi até a parte sólida de concreto pegar um sashimi numa bandeja de prata.

Uma aranha caiu de uma árvore de jasmim sobre o ombro do sujeito descolado. Ela desceu pelo seu braço e foi para a palma de sua mão. Ele a cumprimentou com um alegre “Oooooi!”

Houve um silêncio, como se ele estivesse ouvindo o que a aranha dizia, algo que só ele era capaz de escutar. A aranha disse “Peça e ser-lhe-á concedido. Não é verdade?”

Ele colocou a aranha com cuidado sobre uma folha de jasmim.

Naquele exato momento, cada uma das pessoas descalças sobre a piscina lembrou-se de que a água era líquida, não sólida, e de que havia um motivo para geralmente não caminharem, muito menos dançarem ou pularem, sobre a água. O motivo é o fato de isso ser impossível.

Essas pessoas faziam e aconteciam na máquina dos sonhos, e de repente caíam, completamente vestidas, na água com 1 a 3 metros de profundidade. Todas ficaram molhadas, aterrorizadas, balançando os braços.

Casualmente, como quem não quer nada, o sujeito descolado atravessou a piscina, pisando sobre a cabeça e as mãos das pessoas sem jamais perder o equilíbrio. Quando alcançou o outro lado da piscina, onde havia uma ladeira íngreme, deu um grande salto e mergulhou nas luzes noturnas e brilhantes de Los Angeles, que o engoliram como se fossem um oceano.

As pessoas na piscina debatiam-se para sair dali, furiosas, revoltadas, confusas, molhadas e, em alguns casos, quase afogadas.

Era início de manhã no sul de Londres. A luz tinha um tom azul-acinzentado.

Fat Charlie saiu da cama, perturbado por seu sonho, e foi até a janela. As cortinas estavam abertas. Podia ver o sol nascendo, uma grande laranja avermelhada cercada de nuvens cinzentas tingidas de vermelho. O tipo de céu que faz com que até a pessoa mais prosaica do mundo descubra uma imensa vontade de começar a fazer pinturas a óleo.

Fat Charlie olhou para o sol nascente. "Vermelho ao nascente, chuva de repente", pensou.

Tivera um sonho tão estranho. Uma festa em Hollywood. O segredo de Caminhar sobre as Águas. F aquele homem, que era ele e não era ao mesmo tempo...

Fat Charlie deu-se conta de que conhecia o homem do sonho de algum lugar e também de que, se permitisse, isso o deixaria irritado pelo resto do dia, como um pedacinho de fio dental preso entre dois dentes ou como a diferença exata entre as palavras lúbrico e lascivo — a dúvida permaneceria ali e o deixaria irritado.

Olhou pela janela.

Não eram nem seis da manhã, e o mundo estava em silêncio. Um passeador de cachorro no fim da rua encorajava um lulu da Pomerânia a defecar. Um carteiro ia lentamente de casa em casa e voltava à sua van vermelha. Então algo se moveu na calçada sob sua casa, e Fat Charlie olhou.

Um homem estava parado perto da cerca viva. Quando viu que Fat Charlie, de pijama, olhava para ele, sorriu e acenou com a mão. Houve um momento de reconhecimento que abalou profundamente Fat Charlie: o homem tinha um rosto familiar, tanto o sorriso como o gesto, embora não conseguisse descobrir exatamente como. Alguns elementos do sonho permaneceram na cabeça de Fat Charlie, fazendo o mundo parecer irreal, o que era desconfortável para ele. Esfregou os olhos e, quando os abriu, a pessoa perto da cerca viva havia desaparecido. Fat Charlie imaginava que o homem tinha saído dali e descido a rua até desaparecer no restinho da névoa da manhã,

levando consigo qualquer elemento de esquisitice, irritação ou loucura que trazia.

E então a campainha tocou.

Fat Charlie colocou seu robe e desceu as escadas.

Nunca havia usado a corrente de segurança antes de abrir a porta, jamais em toda a vida, mas antes de girar a maçaneta colocou a corrente no lugar e só abriu uma fresta de uns 15 centímetros.

— Bom dia — cumprimentou, inseguro.

O sorriso que aparecia na fresta da porta seria capaz de iluminar uma cidade inteira.

— Você me chamou e eu vim — disse o estranho. — E então? Não vai abrir a porta para mim, Fat Charlie?

— Quem é você?

Enquanto dizia a frase, se deu conta de onde vira aquele homem antes: no funeral de sua mãe, na pequena capela do crematório. Foi a última vez que vira aquele sorriso. E sabia qual era a resposta para sua pergunta mesmo antes de obter uma resposta.

— Sou o seu irmão — informou o homem.

Fat Charlie fechou a porta. Tirou a corrente e escancarou a porta. O homem ainda estava ali.

Fat Charlie não tinha muita certeza sobre como cumprimentar um irmão potencialmente imaginário, em cuja existência tinha se recusado a acreditar. Eles ficaram ali, de pé, um de um lado da porta, o outro do outro, até que seu irmão disse:

— Você pode me chamar de Spider. Não vai me convidar para entrar?

— Sim. Vou. Claro. Por favor. Entre.

Fat Charlie levou o homem para o andar de cima.

Coisas impossíveis acontecem. Quando acontecem, a maioria das pessoas simplesmente dá um jeito de lidar com elas. Hoje, como em todos os outros dias, mais ou menos 5 mil pessoas sobre a face da Terra experimentarão uma dessas coisas que têm uma chance

em um milhão de acontecer. Nenhuma delas se recusará a acreditar no que seus sentidos lhes dizem. A maioria dirá o equivalente à frase (em sua própria língua): “Que mundo estranho, não é?”; e seguirá adiante. Embora uma parte de Fat Charlie tentasse imaginar uma explicação lógica, sensata e racional para o que estava acontecendo, a maior parte dele simplesmente se acostumava com a ideia de que um irmão que ele não conhecia estava atrás dele subindo a escada para o andar de cima. Chegaram à cozinha e lá ficaram.

— Aceita um chá?

— Você tem café?

— Só instantâneo, infelizmente.

— Tudo bem.

Fat Charlie pôs a chaleira no fogo.

— Você vem de longe então? — perguntou.

— De Los Angeles.

— Como foi o voo?

O homem sentou-se à mesa da cozinha. Deu de ombros. Era o tipo de dar de ombros que poderia significar qualquer coisa.

— Ahm. Você planeja ficar muito tempo?

— Não pensei muito nisso ainda.

O homem — Spider — examinava a cozinha de Fat Charlie como se nunca tivesse visto uma cozinha na vida.

— Como você toma o seu café?

— Negro como a noite, doce como o pecado.

Fat Charlie colocou a caneca diante do homem e ofereceu-lhe o açucareiro.

— Sirva-se à vontade.

Enquanto Spider colocava colher após colher de açúcar em seu café, Fat Charlie ficou sentado do lado oposto da mesa, observando-o.

Havia certa semelhança entre os dois homens. Isso era indiscutível, embora não explicasse a intensa sensação de familiaridade que Fat Charlie sentia ao ver Spider. Seu irmão tinha a aparência que ele gostava de imaginar que teria, se não visse no espelho do banheiro com monótona regularidade um sujeito com uma aparência que deixava um tanto a desejar. Spider era mais alto, mais magro, mais interessante. Usava uma jaqueta de couro preta e vermelha e calças de couro pretas, e parecia sentir-se confortável nelas. Fat Charlie tentou se lembrar se o sujeito descolado estava vestido assim no sonho. Havia algo sobrenatural nele: simplesmente estar do outro lado da mesa, diante desse homem, fazia Fat Charlie se sentir esquisito, desajeitado e um tanto tolo. Não eram as roupas que Spider usava, e sim saber que se ele, Fat Charlie, as vestisse, pareceria alguém usando um disfarce não convincente. Não era o sorriso de Spider — um sorriso casual, alegre —, e sim a fria e incontornável certeza de que ele, Fat Charlie, poderia treinar sorrir na frente do espelho até o fim dos tempos que nunca conseguiria sorrir de um jeito tão encantador, tão confiante, tão espetacularmente afável.

— Você foi à cremação da mamãe — disse Fat Charlie.

— Eu pensei em falar com você depois do velório. Mas não sabia se era uma boa ideia.

— Teria sido uma boa ideia. — Fat Charlie se lembrou de alguma coisa. — Achei que você iria também ao funeral do nosso pai.

— Quê?

— O funeral dele. Na Flórida. Uns dois dias atrás.

Spider balançou a cabeça.

— Ele não está morto. Tenho certeza de que eu saberia caso ele estivesse.

— Ele morreu. Eu o enterrei. Quer dizer, enchi a cova de terra. Pergunte à Sra. Higglar.

— Como ele morreu?

— Ataque do coração.

— Isso não quer dizer nada. Só significa que ele morreu.

— Bom, pois é isso. Ele morreu.

Spider parou de sorrir. Agora olhava fixamente para seu café, como se pensasse que poderia achar uma resposta ali.

— Vou precisar verificar isso. Não é que eu não acredite em você. Mas quando se trata do próprio pai... Mesmo quando o seu pai é o meu pai. — Ele fez uma careta. Fat Charlie sabia o que aquela careta significava. Ele mesmo a fazia, internamente, diversas vezes, quando alguém falava sobre seu pai.

— Ela ainda mora no mesmo lugar? Na casa ao lado da nossa casa antiga? — perguntou Spider.

— A Sra. Higglar? Sim. Ainda está lá.

— Você por acaso teria alguma foto de lá? Um retrato?

— Eu trouxe uma caixa cheia.

Fat Charlie ainda não havia aberto a enorme caixa de papelão. Estava no hall de entrada. Levou a caixa para a cozinha e a colocou sobre a mesa. Pegou uma faca de cozinha e cortou a fita adesiva. Spider colocou as mãos de dedos finos dentro da caixa, mexendo nas fotografias como se fossem cartas de baralho, até que puxou uma foto de sua mãe e da Sra. Higglers sentadas na varanda da casa da antiga vizinha. Uma foto de 25 anos antes.

— Essa varanda ainda existe?

Fat Charlie tentou se lembrar.

— Acho que sim.

Mais tarde, ele não conseguia lembrar se a foto cresceu ou se Spider diminuiu. Poderia jurar que nenhuma dessas coisas aconteceu realmente. Apesar disso, era um fato indiscutível que Spider entrou na fotografia, cuja superfície brilhava e fazia ondas como se fosse líquida e acabou por engoli-lo.

Fat Charlie esfregou os olhos. Estava sozinho em sua cozinha, às seis da manhã. Havia uma caixa cheia de fotografias e papéis sobre a mesa, e uma caneca vazia, que ele colocou dentro da pia.

Caminhou pelo corredor até seu quarto, deitou-se em sua cama e dormiu até o despertador acordá-lo, às 7h15.

CAPÍTULO QUATRO

**CUJO DESFECHO É UMA NOITE COM VINHO,
MULHERES E MÚSICA**

FAT CHARLIE ACORDOU. Memórias de um sonho em que encontrava um irmão que era astro de cinema se misturavam com as de um sonho em que o presidente Taft fazia uma visita e virava seu hóspede, trazendo com ele todos os personagens do desenho animado do Tom e Jerry. Tomou uma chuva e pegou o metrô para o trabalho.

Durante todo o expediente, algo em sua mente o incomodava, mas ele não sabia o que era. Colocava coisas em lugares errados, esquecia de outras. Em certo ponto, começou a cantar em sua mesa, não porque estivesse feliz, mas porque se esquecera de não cantar. Só se deu conta do que fazia quando o próprio Grahame Coats colocou a cabeça dentro do escritório para repreendê-lo.

— Nada de rádios, walkmans, MP3 players ou objetos musicais desse tipo aqui no escritório — disse Grahame Coats, com seu olhar fixo e raivoso de furão. — Eles remetem a uma atitude preguiçosa, considerada abominável no mundo dos negócios.

— Não era o rádio — admitiu Fat Charlie, com as orelhas ardendo.

— Não? Então poderia me fazer o obséquio de dizer o que era?

— Era eu.

— Você?

— Sim, eu estava cantando. Desculpe..

— Eu poderia jurar que era um rádio. Mas estava errado. Deus do céu. Bom, com uma gama de talentos tão grande à sua disposição, com habilidades tão fantásticas, talvez você deva nos deixar para subir no palco, entreter as multidões, talvez fazer um show mambembe, em vez de entulhar de coisas uma mesa num escritório onde outras pessoas estão tentando trabalhar. Certo? Aqui é um lugar que administra a carreira de outras pessoas.

— Não. Eu não quero ir embora. Fiz isso sem pensar.

— Então — começou Grahame Coats — você deve aprender a conter a sua vontade de cantar. Deixe para cantar na banheira, no chuveiro ou talvez na arquibancada, quando estiver torcendo pro seu time. Eu mesmo torço pelo Crystal Palace. Ou então você vai ter que procurar emprego em outro lugar.

Fat Charlie sorriu, e então percebeu que sorrir não era, de forma nenhuma, o que queria fazer. Ele fez uma cara séria, mas Grahame Coats já tinha saído do escritório. Fat Charlie soltou um xingamento inaudível, cruzou os braços sobre a mesa e abaixou a cabeça.

— Era você quem estava cantando?

A pergunta vinha de uma das novas funcionárias do Departamento de Relações Artísticas. Fat Charlie nunca conseguia decorar o nome delas. Quando ele finalmente aprendia, elas já tinham ido embora.

— Receio que sim.

— O que você estava cantando? Era uma música bonita.

Fat Charlie deu-se conta de que não sabia. Disse:

— Não sei ao certo. Não estava prestando atenção.

Ela riu com a resposta, mas de jeito tímido. E acrescentou:

— Sabe, ele tem razão. Você devia gravar um disco, e não perder seu tempo aqui.

Fat Charlie não sabia o que dizer. Com as bochechas ardendo, começou a riscar números, escrever notas e pegar post-its já escritos e colocá-los na tela até ter certeza de que a moça tinha ido embora.

Maeve Livingstone telefonou: será que Fat Charlie poderia encarecidamente pedir a Grahame Coats para telefonar para seu gerente do banco? Ele disse que faria o possível. Ela disse com firmeza que ele deveria fazer o possível para fazer o possível.

Rosie ligou para ele de seu celular, às quatro da tarde, para avisá-lo de que a água em seu prédio havia voltado e para dizer que, olha só que boa novidade, sua mãe decidira interessar-se pelo iminente casamento e convidara Rosie para ir até lá à noite discutir o assunto.

— Bom — disse Fat Charlie —, se for ela quem vai preparar o jantar, vai economizar uma fortuna em comida.

— Isso não é uma coisa legal de dizer. Ligo pra você à noite para falar como foi.

Fat Charlie disse a ela que a amava e desligou o telefone. Alguém o observava. Ele se virou. Era Grahame Coats.

— Aquele que plantar chamadas telefônicas pessoais durante o período de trabalho colherá tempestades. Sabe quem disse isso?

— Você?

— Certamente fui eu — respondeu Grahame Coats. — Sim, de fato fui eu. E ninguém jamais disse algo tão verdadeiro. Considere essa a sua primeira advertência.

E então sorriu o tipo de sorriso satisfeito que fazia Fat Charlie ponderar os possíveis resultados de enfiar um murro na barriga de Grahame Coats. Decidiu que seria uma difícil decisão entre ser despedido e ser processado por agressão. “De qualquer modo”, pensou, “seria algo bonito de ver...”

Fat Charlie não era, por natureza, um homem violento. Ainda assim, podia sonhar. Seus devaneios costumavam ser modestos, mas davam uma sensação de conforto. Imaginava ter bastante dinheiro para comer em bons restaurantes sempre que quisesse.

Ter um emprego em que ninguém lhe diria o que fazer. Poder cantar sem se sentir embaraçado, em um lugar em que nunca haveria ninguém por perto para ouvi-lo.

Naquela tarde no entanto seus devaneios assumiam uma forma diferente: ele podia voar, balas ricocheteavam em seu tórax forte enquanto descia pelo céu e resgatava Rosie de bandidos que a seqüestravam. Ela o abraçava bem forte enquanto voavam na direção do pôr do sol, na direção de sua Fortaleza Fantástica, onde ela ficaria tão grata que tomaria entusiasticamente a decisão de não ligar mais para essa coisa do vamos-esperar-até-depois-do-casamento e veria se eles conseguiriam encher o pote de moedas o mais rápido possível.

O devaneio aliviava todo o estresse que havia na Agência Grahame Coats, a exigência de ter que avisar às pessoas que seus cheques já foram enviados, de exigir o dinheiro que deviam à agência.

Às seis da tarde, Fat Charlie desligou seu computador e desceu os cinco andares do prédio de escada até chegar a rua. Não havia chovido. Lá em cima, as estrelas pairavam e piscavam: eram como o coro da noite na cidade. Todos na calçada andavam rápido. A maioria deles, como Fat Charlie, subia a Kingsway para pegar o metrô na estação Holborn. Andavam cabisbaixos e pareciam querer muito chegar em casa.

No entanto havia uma pessoa na calçada que não estava indo a lugar nenhum. Ele estava ali, de pé, encarando Fat Charlie e os outros transeuntes, e o colarinho de sua jaqueta de couro balançava ao vento. Não estava sorrindo.

Fat Charlie o viu já do final da rua. À medida que caminhava na direção do homem, tudo se tornava irreal. O dia se desfez em sua mente, e ele se deu conta do que esteve tentando se lembrar durante todo aquele tempo.

— Oi, Spider — cumprimentou Fat Charlie ao se aproximar dele.

Spider parecia ter uma tempestade dentro de si. Talvez estivesse prestes a chorar. Fat Charlie não saberia dizer. Havia emoção demais em seu rosto, tanto que as pessoas na rua evitavam olhar para ele, envergonhadas.

— Eu fui até lá — disse. Sua voz não tinha força. — Eu vi a Sra. Higler. Ela me levou até o túmulo. Meu pai morreu, e eu não sabia.

— Ele era meu pai também, Spider. — Ele ficou se perguntando como fora capaz de esquecer Spider, como pudera achar que era apenas um sonho.

— É verdade.

O céu do fim do dia estava cheio de pequenas estrelas. Elas deslizavam e saltavam de telhado em telhado. Spider estremeceu e ficou mais ereto, como se tivesse tomado uma decisão.

— Você tem toda a razão. Nós temos que fazer isso juntos.

— Exatamente — concordou Fat Charlie. Depois perguntou: — Fazer o quê?

Mas Spider já tinha chamado um táxi.

— Somos homens com problemas — disse Spider para o mundo.
— Nosso pai morreu. Nosso coração está pesado. A tristeza pesa sobre nós como o pólen pesa numa epidemia de alergia. A escuridão é o nosso fardo, e a infelicidade, nossa única companhia.

— Certo, senhores — interrompeu o motorista de táxi, animado.
— Para onde vão?

— Para um lugar onde possamos encontrar os três remédios para a cura da alma — respondeu Spider.

— Talvez a gente devesse ligar para o restaurante indiano e pedir algo com curry— sugeriu Fat Charlie.

— Existem três coisas, e três coisas apenas, que podem tirar a dor da mortalidade e suavizar as tragédias da vida. E essas coisas são vinho, mulheres e música.

— Curry também é legal — acrescentou Fat Charlie, mas ninguém prestava atenção nele.

— Em que ordem? — perguntou o motorista.

— Vinho primeiro — anunciou Spider. — Um rio, um lago, um oceano de vinho.

— Eu tenho uma sensação bem ruim quanto a isso — comentou Fat Charlie, prestativo.

Spider assentiu com a cabeça.

— Sensação ruim. Sim. Ambos estamos nos sentindo mal. Esta noite partilharemos nossas sensações ruins e encararemos nossos problemas. Ficaremos de luto. Secaremos o poço amargo da mortalidade. A dor, quando partilhada, meu irmão, não é dobrada, e sim dividida. Nenhum homem é uma ilha.

— Nunca pergunte por quem os sinos dobram — citou o motorista. — Pois eles dobram por ti.

— Opa! — disse Spider — Você arranhou um koan matador, amigo.

— Obrigado — disse o motorista.

— E é assim que tudo termina mesmo. O senhor tem um ar de filósofo. Meu nome é Spider. Este é o meu irmão, Fat Charlie.

— Charles — corrigiu Fat Charlie.

— Steve — apresentou-se o motorista. — Steve Burrridge.

— Senhor Burrridge, o senhor gostaria de ser nosso motorista particular por esta noite?

Steve Burrridge explicou que estava no fim do expediente e levaria o táxi para casa. A Sra. Burrridge e os pequenos Burridges o esperavam para o jantar.

— Você ouviu isso? — comentou Spider. — Um homem de família. Olha, o meu irmão e eu somos tudo o que restou da família. E essa é a primeira vez que nos encontramos.

— Parece uma história e tanto. Vocês brigaram?

— Não, nada disso. Ele simplesmente não sabia que tinha um irmão — respondeu Spider.

— E você sabia? — perguntou Fat Charlie.

— Talvez eu soubesse — respondeu Spider. — Mas às vezes a gente esquece essas coisas.

O motorista encostou o táxi na calçada.

— Onde estamos? — perguntou Fat Charlie. Eles não tinham ido muito longe. Fat Charlie achou que estivessem só um pouco além da Fleet Street.

— Onde ele pode conseguir o que queria — respondeu o motorista. — Vinho.

Spider saiu do táxi e observou a fachada de um velho bar, feita de carvalho sujo e vidros embaçados.

— Perfeito. Pague o homem, irmão.

Fat Charlie pagou o táxi. Eles entraram. Desceram uma escada de madeira até chegar a um porão onde advogados rubicundos bebiam lado a lado com pálidos administradores de fundos do mercado financeiro. Havia serragem no chão e uma lista de vinhos escrita com giz, de modo ilegível, num quadro negro atrás do balcão.

— O que você vai beber? — perguntou Spider.

— Só uma taça de vinho tinto da casa, por favor — respondeu Fat Charlie.

Spider olhou para ele com ar sério e disse:

— Nós somos os últimos herdeiros da linhagem Anansi. Não vamos beber à memória de nosso pai com vinho tinto da casa.

— Ahm. Certo. Bom, então vou tomar o que você tomar.

Spider foi até o bar, passando pelo monte de pessoas como se elas não estivessem lá. Depois de vários minutos, voltou carregando duas taças, um saca-rolhas e uma garrafa de vinho extremamente empoeirada. Abriu a garrafa com uma facilidade que impressionou profundamente Fat Charlie, que sempre deixava cair fragmentos de cortiça dentro da garrafa. Spider serviu o vinho, tão escuro que quase chegava a ser negro. Encheu as duas taças e colocou uma delas diante de Fat Charlie.

— Um brinde. À memória do nosso pai.

— Ao nosso pai — respondeu Fat Charlie. Ele tocou sua taça na taça de Spider (milagrosamente sem derramar nenhuma gota) e provou do seu vinho. Era bastante amargo, com um toque de ervas, salgado.

— O que é isso?

— Vinho funerário, o tipo que se bebe em homenagem aos deuses. Não o produzem mais há muito tempo. E temperado com aloés e alecrim, e com as lágrimas de virgens infelizes no amor.

— E eles vendem isso num bar na Fleet Street?

Fat Charlie pegou a garrafa, mas o rótulo estava muito apagado e empoeirado para ler.

— Nunca ouvi falar.

— São esses lugares mais antigos que têm coisas boas se você pedir — respondeu Spider. — Ou pelo menos eu acho que têm.

Fat Charlie tomou outro gole de seu vinho. Era forte e tinha um gosto acre.

— Não é um vinho de degustação — disse Spider. — É um vinho para lamentar a morte de alguém. Você bebe de uma vez. Assim. — Tomou um gole grande e fez uma careta. — Assim ele fica com gosto melhor também.

Fat Charlie hesitou um instante, e então deu um grande gole naquele vinho estranho. Conseguia imaginar que podia sentir o gosto de aloés e alecrim. Ficou pensando se o gosto salgado vinha mesmo de lágrimas.

— Eles põem alecrim para a auxiliar a memória — observou Spider, e começou a encher as taças até a borda. Fat Charlie tentou explicar que não estava com muita vontade de tomar vinho naquela noite e que tinha que trabalhar no dia seguinte, mas Spider o interrompeu. — É a sua vez de fazer um brinde.

— Ahm. Certo. À nossa mãe.

Beberam à memória da mãe. Fat Charlie percebeu que começava a apreciar o gosto amargo do vinho. Sentia os olhos ardendo, e uma sensação de perda, profunda e dolorosa, apoderou-se dele. Sentiu falta de sua mãe. Sentiu saudades da infância. Até sentiu saudades do pai. Do outro lado da mesa, Spider balançava a cabeça. Uma lágrima correu por seu rosto e caiu no vinho. Ele pegou a garrafa e serviu mais vinho para ambos.

Fat Charlie bebeu.

A tristeza apoderou-se dele enquanto bebia, enchendo sua cabeça e seu corpo com o sentimento de perda e com a dor da ausência, engolfando-o como ondas no oceano.

Suas próprias lágrimas corriam pela face, caindo no vinho. Procurou um lenço nos bolsos. Spider serviu o restante do vinho para ambos.

— Eles vendem mesmo esse vinho aqui?

— Eles tinham uma garrafa, mas não sabiam que tinham. Eles só precisavam de alguém que os lembrasse.

Fat Charlie assoou o nariz.

— Eu nunca soube que tinha um irmão.

— Eu sabia — respondeu Spider. — Eu sempre quis procurar você, mas me distraí com outras coisas. Sabe como é.

— Acho que não sei.

— As coisas me impediam.

— Que tipo de coisas?

— Coisas. Elas surgiam. E o que as coisas fazem. Elas surgem. Não é justo que eu seja obrigado a ter o controle de todas elas.

— Ora, me dê um exemplo.

Spider bebeu um pouco mais.

— Está bem. Da última vez que decidi que a gente devia se encontrar, passei dias planejando. Queria que tudo saísse perfeito. Escolhi as roupas que usaria. Depois tive que decidir o que dizer a você quando nos encontrássemos. O encontro de dois irmãos costuma ser assunto de histórias épicas, certo? Decidi que a única maneira de tratar o assunto com a seriedade que ele exigia seria com versos. Mas que tipo de versos? Devo cantar como um rap? Devo declamá-los? Quer dizer, claro que não ia cumprimentar você com uma rminha boba. Então. Precisava ser algo sombrio, poderoso, ritmado, épico. E então consegui pensar numa coisa. O primeiro verso, perfeito: O sangue clama pelo sangue como sereias clamam no escuro. Ele diz muita coisa. Eu sabia que conseguiria colocar tudo em versos. As pessoas morrendo em velas, o suor, os pesadelos, o poder invencível dos espíritos livres. Tudo caberia ali. Então eu tinha que inventar um segundo verso, e a coisa toda ruiu. O melhor que eu consegui foi Pã-parã-papã-parã-papã quase caiu duro.

Fat Charlie piscou.

— Mas quem é Pá-parã-papã-parã-papã?

— Não é ninguém. Só está aí para mostrar aonde vão as palavras. Mas eu nunca fui além disso, e não podia aparecer apenas com um único verso inicial, uns parã-pãs e três palavras de um poema épico, certo? Seria um acinte.

— É...

— Pois é. Então eu tirei uma semana de folga e fui pro Havaí.

Como eu disse, as coisas apareciam.

Fat Charlie bebeu mais vinho. Estava começando a gostar. Às vezes os gostos mais fortes caem bem com emoções fortes, e essa era uma dessas ocasiões.

— Mas nem sempre havia um segundo verso de poema épico para impedir você — observou Fat Charlie.

Spider colocou sua mão delgada sobre a grande mão de Fat Charlie.

— Chega de falar sobre mim. Vamos falar de você.

— Não há muito o que dizer. — Contou ao irmão sobre sua vida. Sobre Rosie e a mãe dela, sobre Grahame Coats e a Agência Grahame Coats, e seu irmão assentia com a cabeça. Agora que Fat Charlie colocava tudo em palavras, não parecia uma vida muito excitante. — Mesmo assim — complementou com ar filosófico —, existem aquelas pessoas que aparecem nas páginas de fofocas dos jornais. E elas sempre dizem o quanto sua vida é chata, vazia e sem sentido.

Segurou a garrafa de vinho sobre sua taça, na esperança de que houvesse pelo menos o suficiente para mais um gole, mas não havia nem uma gota. A garrafa estava vazia. Havia durado mais do que se poderia esperar de uma garrafa, mas agora não havia mais nada.

Spider levantou-se e disse:

— Eu conheci essas pessoas. Essas das revistas. Já convivi com elas. Eu vi, em primeira mão, sua vida vazia, imatura. Eu as observei, escondido nas sombras, quando pensavam estar sozinhas. E digo uma coisa pra você: acho que não existe uma única dessas pessoas capaz de trocar de vida com você, mesmo sob a mira de um revólver, meu irmão. Vamos.

— Hã? Aonde você vai?

— Nós vamos. Já cumprimos a primeira parte da nossa missão trina da noite. Bebemos vinho. Existem duas tarefas a cumprir.

— Ahm — Fat Charlie seguiu Spider até saírem do bar, esperando que o ar fresco da noite clareasse seus pensamentos. Mas não funcionou. Parecia que sua cabeça sairia flutuando por aí, como se não estivesse presa ao corpo.

— Agora, as mulheres. E depois música.

TALVEZ SEJA BOM DEIXAR CLARO QUE AS MULHERES SIMPLESmente não apareciam no mundo de Fat Charlie. Seria preciso que alguém o apresentasse a elas. Você tinha que tomar coragem para falar com elas. Era preciso encontrar um assunto para conversar com elas. E, assim que você conseguisse passar por tudo isso, havia desafios ainda maiores. Você tinha que ousar perguntar a elas se tinham planos para o sábado à noite e, quando perguntava, a maioria precisava lavar o cabelo, atualizar o diário, cuidar do papagaio ou simplesmente esperar em vão, perto do telefone, a ligação de outro homem.

Mas o mundo de Spider era diferente.

Andaram na direção do West End e pararam quando chegaram a um pub cheio de gente. Os clientes se derramavam pela calçada. Spider parou e cumprimentou o que parecia ser um grupo festejando o aniversário de uma moça chamada Sybilla, a qual ficou muito lisonjeada quando ele insistiu em pagar uma rodada de bebidas para ela e seus amigos, em comemoração à data. Ele contou piadas ("então o bêbado parou no velório e ouviu alguém dizer 'coitado, morreu feito um passarinho! e, quando perguntaram para o bêbado do que o sujeito tinha morrido, ele respondeu: 'ah, pelo que eu ouvi, foi de pedrada'") e ria das próprias piadas, uma risada alta, alegre. Conseguia lembrar o nome de todas as pessoas ao seu redor. Falava com elas e ouvia o que tinham a dizer. Quando anunciou que era hora de ir para outro pub, todo o grupo que celebrava o aniversário decidiu, como se fosse uma única mulher, que iria com ele.

Quando chegaram ao terceiro pub, Spider parecia um desses astros em videoclipes de rock. Estava rodeado de garotas. Elas o abraçavam. Muitas o beijavam, meio de brincadeira, meio a sério. Fat Charlie observava com um misto de horror e inveja.

— Você é o guarda-costas dele? — perguntou uma das moças.

— Como?

— O guarda-costas dele. Você é ou não é?

— Não. Sou o irmão dele.

— Nossa. Não sabia que ele tinha um irmão. Eu acho ele fantástico.

— E, eu também — concordou outra moça, que passara algum tempo agarrada a Spider até ser forçada a sair dali pela pressão exercida por outros corpos com a mesma intenção. Ela notou a presença de Fat Charlie pela primeira vez.

— Você é o empresário dele?

— Não. É irmão dele — respondeu a primeira moça. — Ele acabou de me dizer — acrescentou, enfática.

A segunda moça a ignorou. — Você também é americano? — perguntou. — Tem um pouco de sotaque.

— Quando eu era mais jovem — respondeu Fat Charlie —, a gente morava na Flórida. Meu pai era americano, minha mãe era... Bom, originalmente ela veio de Saint Andrews, mas ela foi criada-

Ninguém mais ouvia o que ele dizia.

Quando saíram dali, o que restava da comemoração de aniversário os acompanhou. As mulheres cercavam Spider, perguntando para onde estavam indo. Sugeriram restaurantes e casas noturnas. Spider simplesmente sorria e continuava a andar.

Fat Charlie os seguia, lá atrás, sentindo-se mais desprezado do que nunca.

Andaram por um mundo cheio de luzes de néon. Spider tinha os braços em volta de muitas mulheres. Ele as beijava enquanto caminhava, sem distinção, como um homem que dá uma mordida numa fruta tropical e depois experimenta outra. Nenhuma delas parecia se importar.

“Isso não é normal”, pensou Fat Charlie. “Não mesmo.” Ele nem tentava alcançá-los, apenas fazia o máximo para não ficar totalmente para trás.

Ainda sentia o gosto amargo do vinho na boca.

Deu-se conta de que havia uma moça caminhando ao seu lado. Era pequena, bonitinha, de um jeito delicado. Puxou a manga dele.

— O que nós vamos fazer agora? — perguntou. — Para onde estamos indo?

— Estamos de luto pelo meu pai. Eu acho.

— Isso é uma daquelas pegadinhas da TV?

— Espero que não.

Spider parou e virou-se. O brilho em seus olhos era perturbador.

— Chegamos — anunciou. — Chegamos. É o que ele gostaria que a gente fizesse.

Havia uma mensagem escrita à mão, numa folha de papel de um laranja bem gritante, sobre a porta do pub que dizia: “Hoje à noite, KARAOKÊ no andar de cima”.

— Música — disse Spider. E gritou: — Está na hora do show!

— Não — interrompeu Fat Charlie. Ele parou e ficou onde estava.

— É o que ele adoraria.

— Eu não canto. Não em público. E estou bêbado. E realmente acho que isso não é uma boa ideia.

— E uma excelente ideia! — Spider tinha um sorriso perfeitamente convincente. Se utilizado de maneira adequada, um sorriso daqueles poderia dar início a uma guerra santa. Fat Charlie no entanto não se convenceu.

— Olha... — começou, tentando esconder o pânico em sua voz. — Existem coisas que as pessoas não fazem. Certo? Algumas pessoas não conseguem voar. Outras não fazem sexo em público. Outras não se transformam em fumaça e saem por aí. Eu não consigo fazer nada disso, e também não consigo cantar.

— Nem mesmo pelo nosso pai?

— Especialmente nesse caso. Ele não vai conseguir me fazer passar vergonha depois de morto. Bem, pelo menos não mais do que já fez.

— Licença — disse uma das moças. — Com licença, a gente vai entrar? Porque eu estou ficando com frio, e a Sybilla precisa fazer xixi.

— A gente vai entrar — assentiu Spider, e sorriu para ela.

Fat Charlie quis protestar, fazer valer sua opinião, mas percebeu que o arrastaram para dentro, e se odiou por isso. Alcançou Spider nas escadas.

— Está bem, eu vou entrar. Mas não vou cantar.

— Você já entrou.

— Eu sei. Mas não vou cantar.

— Não faz muito sentido dizer que você não vai entrar se você já entrou.

— Eu não sei cantar.

— Então você está me dizendo que eu herdei também todo o talento musical?

— Eu estou dizendo que, se eu tiver que abrir a boca para cantar em público, eu vomito.

Spider apertou o braço dele para passar confiança.

— É só ver como eu faço.

A aniversariante e duas de suas amigas subiram, trôpegas, no palco e cantaram, entre risadinhas, "Dancing Queen". Fat Charlie ficou tomando uma tônica com gim que alguém colocou na mão dele e fazia uma leve careta a cada nota desafinada que cantavam, a cada mudança de tom errada. Houve uma salva de palmas do restante do grupo da aniversariante.

Outra mulher foi para o palco. Era a mocinha pequenina que havia perguntado a Fat Charlie para onde iriam. A música começou — "Stand By Me" —, e ela foi atrás, pronunciando a letra da melhor maneira que conseguia para acompanhar a música. Não acertava uma nota, começava cada estrofe muito antes ou muito depois, e alterou grande parte da música. Fat Charlie ficou condoído.

Ela desceu do palco e foi até o bar. Fat Charlie planejava dizer algo para demonstrar empatia, mas ela vibrava de alegria.

— Foi o máximo! Sério, foi fantástico. — Fat Charlie pagou uma bebida para ela, um drink de vodca com laranja. — Foi tão divertido. Você vai cantar também? Vai lá. Você tem que cantar. Aposto que não é tão ruim quanto eu.

Fat Charlie deu de ombros de uma maneira, assim esperava, capaz de indicar que dentro dele havia um nível de ruindade bastante alto, ainda não descoberto.

Spider caminhou até o palco como se um holofote o seguisse.

— Aposto que ele vai cantar bem — disse a vodca-com-laranja.
— Disseram que você é irmão dele, é verdade?

— Não — murmurou Fat Charlie, de um jeito meio rude. — Eu disse que ele era meu irmão.

Spider começou a cantar. A música era “Under the Boardwalk”.

Não teria acontecido se Fat Charlie não gostasse tanto da música. Quando tinha 13 anos, ele acreditava que “Under the Boardwalk” era a melhor música do mundo (na época em que tinha 14 anos e já sabia mais do mundo, a melhor música passou a ser “No Woman No Cry”, do Bob Marley). Agora Spider cantava a sua música, e cantava muito bem. No tom certo, como se as palavras fizessem sentido para ele. As pessoas pararam de beber, pararam de conversar e ficaram olhando para ele, ouvindo.

Ao final da apresentação, as pessoas vibraram. Se estivessem usando chapéus, teriam jogado para cima.

— Agora entendo por que você não quer cantar também — observou a vodca-com-laranja para Fat Charlie. — Quer dizer, não dá pra competir, né?

— Bom... — começou Fat Charlie.

— Quer dizer — emendou ela com um sorriso —, dá para ver quem herdou todo o talento da família.

E inclinou a cabeça enquanto dizia isso. Depois mexeu o queixo, fazendo uma cara piedosa. Foi essa mexida no queixo que pôs tudo a perder.

Fat Charlie caminhou até o palco, colocando um pé na frente do outro numa impressionante demonstração de destreza física. Ele suava.

Os minutos seguintes passaram como uma névoa. Ele falou com o DJ, escolheu uma música da lista — “Unforgettable” —, esperou o

que pareceu ser uma pequena eternidade, e finalmente puseram um microfone em suas mãos.

Sua boca estava seca. Seu coração batia forte.

Na tela, apareceu a primeira palavra: Unforgettable...

Na verdade, Fat Charlie sabia cantar. Sua voz tinha alcance, força, expressão. Quando cantava, todo o seu corpo virava um instrumento.

A música começou.

Em sua cabeça, Fat Charlie estava pronto para abrir a boca e cantar "Unforgettable". Cantaria para seu pai morto, para seu irmão, para a noite, para dizer-lhes que eram inesquecíveis.

Só que não conseguia. Havia pessoas olhando para ele. Mais ou menos umas 20 pessoas no andar de cima de um pub. Muitas eram mulheres. Diante de uma plateia, Fat Charlie não conseguia sequer abrir a boca.

Ele podia ouvir a música, mas ficou parado. Sentiu-se gelado. Seus pés pareciam muito distantes de seu corpo.

Forçou-se a abrir a boca.

— Eu acho — começou a dizer claramente ao microfone, por sobre a música, com sua voz ecoando de todas as paredes — que vou passar mal.

Não foi bonita sua saída do palco.

Depois disso, tudo ficou girando.

HÁ LUGARES MÍTICOS. ELES EXISTEM, CADA UM À SUA MANEIRA. Alguns pairam sobre o mundo. Outros existem sob o mundo, como o esboço de uma pintura.

Há montanhas. Um lugar rochoso que fica antes dos penhascos que delimitam o fim do mundo. Nessas montanhas há cavernas, cavernas profundas que já eram habitadas bem antes de o primeiro homem caminhar sobre a Terra.

E ainda são habitadas.

CAPÍTULO CINCO

NO QUAL EXAMINAMOS AS DIVERSAS
CONSEQUÊNCIAS DA MANHÃ SEGUINTE

FAT CHARLIE ESTAVA COM SEDE.

Fat Charlie estava com sede, e sua cabeça doía.

Fat Charlie estava com sede, sua cabeça latejava, tinha um gosto horrível na boca, seus olhos eram comprimidos pela cabeça, seus dentes pareciam ter os nervos expostos, seu estômago queimava, suas costas doíam de um jeito que começava nos joelhos e terminava na testa, seu cérebro parecia ter sido substituído por bolas de algodão, alfinetes e agulhas, por isso doía tanto pensar, e seus olhos não eram só comprimidos pela cabeça — ele tinha a impressão de que tinham caído durante a noite e sido recolocados no lugar com pregos. Agora percebia que qualquer coisa que fizesse mais barulho que o movimento das partículas de ar passando suavemente umas sobre as outras estava acima de seu limite de dor. Além disso, queria morrer.

Fat Charlie abriu os olhos, o que foi um erro, porque deixou a luz do dia entrar, e isso doía. Abrir os olhos informou-lhe sobre seu paradeiro (estava em sua cama, em seu quarto) e, porque olhava o relógio sobre o criado-mudo, viu que eram 1 lh30 da manhã.

“Isso”, pensou, uma palavra de cada vez, “é a pior coisa que poderia acontecer.” Estava com uma ressaca que o Deus do Velho Testamento teria mandado como praga sobre os infiéis, e tinha certeza de que da próxima vez que visse Grahame Coats seria informado de que estava demitido.

Ficou pensando se soaria convincentemente doente pelo telefone, mas percebeu que o desafio seria parecer normal.

Não conseguia lembrar como havia chegado em casa na noite anterior.

Ele ligaria para o escritório assim que conseguisse lembrar o número. Pediria desculpas — uma gripe o pegou de jeito, o deixou de cama, não havia nada que pudesse fazer...

— Olha — disse alguém na cama, ao lado dele —, acho que tem uma garrafa de água aí do lado. Pode passar pra mim?

Fat Charlie quis explicar que não havia água do lado da cama e que a água mais a mão ficava na pia do banheiro, se limpasse antes a caneca da escova de dentes. Então se deu conta de que havia diversas garrafas de água sobre o criado-mudo. Ele esticou a mão, fechou os dedos (que pareciam pertencer a outra pessoa) em volta de uma delas e, fazendo uma força que em geral as pessoas reservam para se erguer quando faltam alguns centímetros para alcançar o topo de uma montanha íngreme, rolou na cama.

Era a vodca-com-laranja.

Além disso, estava nua. Ao menos as partes do corpo dela que ele podia ver estavam nuas.

Ela pegou a água e puxou o lençol para cobrir o peito.

— Brigada. Ele pediu pra avisar, quando você acordasse, que não precisa se preocupar em ligar pro trabalho e dizer a eles que está doente. Ele já resolveu tudo.

Mas Fat Charlie não se tranquilizou. Seus temores e preocupações não foram embora. Também, na condição em que se encontrava, só havia espaço em sua cabeça para se preocupar com uma coisa de cada vez. Nesse momento, estava preocupado em saber se conseguiria chegar ao banheiro a tempo.

— Você precisa tomar mais líquido — sugeriu a moça. — Repor os eletrólitos.

Fat Charlie conseguiu chegar ao banheiro a tempo. Depois, vendo que já estava por ali, ficou embaixo do chuveiro até o banheiro parar de girar. Escovou os dentes sem vomitar.

Quando voltou ao quarto, a vodca-com-laranja não estava mais lá. Isso foi um alívio para Fat Charlie, que começava a rezar para que ela fosse uma ilusão induzida pelo álcool, como elefantes cor-

de-rosa ou a ideia pavorosa de que ele tinha resolvido cantar num palco, na noite anterior.

Não conseguia achar seu robe, por isso pôs um moletom, de modo a estar minimamente vestido para ir até a cozinha, no fim do corredor.

Seu celular tocou. Ele procurou pelo paletó, que estava no chão ao lado da cama, até achá-lo, e o abriu. Grunhiu um alô do modo mais anônimo que podia, caso fosse alguém da Agência Grahame Coats querendo saber onde estava.

— Sou eu — disse a voz de Spider. — Está tudo bem.

— Você falou para eles que eu morri?

— Melhor que isso. Falei que eu sou você.

— Mas... — Fat Charlie tentou pensar com clareza. — Mas você não é eu.

— Ora, eu sei disso. Mas disse a eles que sou.

— Você nem se parece comigo.

— Meu irmão, você está quase me tirando do sério. Eu já resolvi o problema. Opa. Tenho que ir. O chefe precisa falar comigo.

— Grahame Coats? Escuta, Spider...

Mas Spider já tinha desligado o telefone, e o visor ficou normal.

O robe de Fat Charlie entrou no quarto. Havia uma moça dentro dele. Ficava infinitamente melhor nela do que nele. Ela carregava uma bandeja, sobre a qual havia um copo com Alka-Seltzer e uma caneca com alguma bebida.

— Beba os dois. Beba o que tem na caneca primeiro. De uma vez.

— O que é isso?

— Gema de ovo, molho inglês, tabaco, sal, um pouco de vodca e por aí vai — respondeu ela. — Se você não morrer, vai ficar ótimo. Então — disse num tom contra o qual era impossível contra-argumentar — beba.

Fat Charlie bebeu.

— Deus do céu.

— É — concordou a moça. — Mas você ainda está vivo.

Ele não tinha muita certeza disso. Mesmo assim, bebeu o Alka-Seltzer. Um pensamento ocorreu-lhe.

— Ahm. Ahm. Olha. Na noite passada, a gente-? Ahm.

Nenhuma expressão no rosto dela.

— A gente o quê?

— A gente— você sabe. Fez— aquilo?

— Quer dizer que você não se lembra? — Ela parecia desapontada. — Você disse que nunca foi tão bom. Que era como se nunca tivesse feito amor com uma mulher antes. Você era um mistura de um deus e animal, uma máquina de fazer sexo insaciável.

Fat Charlie não sabia para onde olhar. Ela deu uma risadinha.

— Eu estou brincando. Ajudei o seu irmão a chegar em casa, nós limpamos você, e depois você sabe.

— Não — respondeu. — Não sei.

— Bom, você estava completamente desmaiado, e a sua cama é grande. Não sei ao certo onde o seu irmão dormiu. Ele deve ser forte como um touro. Já estava de pé assim que amanheceu, todo alegre e sorridente.

— Ele foi para o meu trabalho — explicou Fat Charlie. — Disse a eles que era eu.

— Mas eles não notariam a diferença? Quer dizer, vocês não são exatamente gêmeos.

— Receio que não — concordou, balançando a cabeça. E olhou para ela. Ela mostrou-lhe uma língua pequena e extremamente rosa.
— Como você se chama?

— Você esqueceu? Eu me lembro do seu nome. E Fat Charlie.

— Charles — corrigiu. — Só Charles está ótimo.

— Eu sou Daisy — disse ela, e estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo.

Cumprimentaram-se de um jeito solene.

— Estou me sentindo um pouco melhor — informou Fat Charlie.

— Como eu disse, se você não morrer, vai ficar ótimo.

SPIDER ESTAVA TENDO UM ÓTIMO DIA NO ESCRITÓRIO. Quase nunca trabalhava em escritórios. Quase nunca trabalhava, na verdade. Tudo era novo, estranho e maravilhoso, desde o pequeno elevador que o levou até o quinto andar até os escritórios apertados da Agência Grahame Coats. Ele observava, fascinado, o armário de vidro na sala de espera, cheio de troféus empoeirados. Andou a esmo pelos escritórios e, sempre que alguém perguntava quem era, dizia "Eu sou Fat Charlie Nancy". Dizia isso na sua voz de deus, que fazia com que tudo o que dissesse fosse praticamente verdade.

Achou a salinha em que tomavam chá e preparou várias xícaras. Levou-as para a mesa de Charlie e as organizou de um jeito artístico. Começou a brincar no computador, que pediu uma senha.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — disse ao computador, mas ainda assim havia locais em que a rede não permitia que ele entrasse. Então ele disse: — Eu sou Grahame Coats.

A rede abriu-se para ele como uma flor.

Olhou as coisas no computador até sentir-se entediado.

Depois cuidou do que Fat Charlie tinha para fazer. Então atacou a pilha de coisas atrasadas.

Ocorreu-lhe que Fat Charlie poderia estar acordando mais ou menos àquela hora. Ligou para sua casa, para deixá-lo mais tranquilo. Sentia que estava fazendo algum avanço quando a cabeça de Grahame Coats apareceu na porta. Grahame Coats correu os dedos pelos lábios de arminho e fez um sinal para ele.

— Tenho que ir — avisou Spider ao irmão. — O chefe precisa falar comigo. — E desligou o telefone.

— Fazendo ligações pessoais durante o período de trabalho, Nancy — observou Grahame Coats.

— De jeito nenhum.

— Foi a mim que você se referiu como “chefe”? — perguntou Grahame Coats. Eles caminharam pelo corredor até o escritório dele.

— Você é o maioral — disse Spider. — E o chefe mais “chéfico” de todos os chefes.

Grahame Coats pareceu confuso. Suspeitou que Fat Charlie estivesse caçoando dele, mas não tinha certeza, e isso o perturbou.

— Bom, sentai-vos, sentai-vos.

Spider sentou-se.

Grahame Coats tinha o costume de manter uma rotatividade de empregados. Algumas pessoas apareciam e logo iam embora. Outras vinham e ficavam até pouco antes de seus cargos receberem algum tipo de proteção trabalhista. Fat Charlie trabalhava ali havia mais tempo que todos os outros: um ano e 11 meses. Faltava um mês para que a indenização por demissão e os tribunais trabalhistas fizessem parte de sua vida.

Grahame Coats sempre fazia um pequeno discurso antes de despedir alguém.

— Na vida de todos nós — começou — há sempre alguma nuvem negra. Quando alguém fecha uma porta, Deus sempre abre uma janela.

— Quem semeia vento colhe tempestade — emendou Spider.

— Ah, sim. Sim. De fato. Bom. Quando atravessamos esse vale de lágrimas, devemos parar para refletir que...

— O primeiro golpe — continuou Spider — é sempre o mais profundo.

— O quê? Ah. — Grahame Coats tentou lembrar o que vinha depois. — A felicidade — anunciou — é frágil como uma borboleta.

— Ou um pássaro — concordou Spider.

— Certamente. Posso continuar?

— Claro. A vontade — disse Spider, alegremente.

— E a felicidade de cada pessoa dentro da Agência Grahame Coats é tão importante para mim quanto a minha própria.

— Não consigo dizer pro senhor o quanto isso me deixa feliz.

— Sim — respondeu Grahame Coats.

— Bom, é melhor eu voltar ao trabalho. Mas foi ótimo. Da próxima vez que quiser conversar mais, pode me chamar. O senhor sabe onde eu estou.

— A felicidade — continuou Grahame Coats. Sua voz começava a parecer esganiçada. — E nisso que eu fico pensando, Nancy. Charles. Você está feliz aqui? Não concorda que ficaria mais feliz trabalhando em outro lugar?

— Não é bem nisso que eu fico pensando — respondeu Spider. — O senhor quer saber no que eu fico pensando? — Grahame Coats ficou calado. Nunca as coisas haviam acontecido desse jeito. Em geral, nesse ponto os funcionários ficavam arrasados, chocados. Às vezes começavam a chorar. Grahame Coats não dava a mínima se eles choravam. — O que eu fico pensando é para que servem as contas nas Ilhas Cayman. E que, sabe, parece que o dinheiro que deveria ir para a conta dos nossos clientes às vezes vai para as contas das Ilhas Cayman. Parece um jeito meio estranho de organizar as finanças, com o dinheiro ficando naquelas contas.

Nunca vi nada como aquilo na minha vida. Eu esperava que você pudesse explicar para mim.

Grahame Coats ficou branco, num daqueles tons que aparecem nos catálogos de tinta com o nome "pergaminho" ou "magnólia". Perguntou:

— Como você conseguiu acesso a essas contas?

— Pelo computador. Os computadores me deixam doido. O que fazer com eles?

Grahame Coats pensou por longos momentos. Sempre gostou de imaginar que seus assuntos financeiros estavam tão profundamente emaranhados que, mesmo que o Batalhão da Fraude concluísse que houve um crime financeiro envolvido, teriam grande dificuldade de explicar a um júri que tipo de crime havia ali.

— Não há nada ilegal em ter contas no exterior — disse sem pensar direito.

— Ilegal? — perguntou Spider. — Espero que não. Quer dizer, se eu visse algo ilegal, seria obrigado a comunicar às autoridades.

Grahame Coats pegou uma caneta da mesa, mas colocou-a de volta no lugar.

— Ah. Bom, por mais que seja ótimo bater papo, conversar, passar o tempo e fraternizar com você, Charles, suspeito que ambos temos muito trabalho a fazer. O tempo, afinal, não espera por ninguém. Mente vazia, oficina do diabo.

— A vida é dura — sugeriu Spider —, mas também é doce.

— Que seja.

FAT CHARLIE COMEÇAVA A SE SENTIR HUMANO DE NOVO. NÃO SENTIA mais dor. Não sentia mais ondas lentas de náusea tomando conta dele. Embora ainda não estivesse convencido de que o mundo era um lugar bom e alegre, não se sentia mais no nono círculo do inferno da ressaca, e isso era bom.

Daisy tinha ido ao banheiro. Ele ouviu as torneiras abertas e barulho de água espirrando.

Bateu na porta do banheiro.

— Eu estou aqui — respondeu Daisy. — Estou tomando banho.

— Eu sei. Quer dizer, não sabia, mas pensei que você provavelmente estava aí.

— Pode falar.

— Eu estava pensando.. — começou, do outro lado da porta. — Por que você voltou com a gente? Na noite passada.

— Bom. Você estava meio mal. E o seu irmão parecia precisar de ajuda. Hoje de manhã eu não trabalho. Então, voilà.

— Voilà — repetiu Fat Charlie. Por um lado, ela sentia pena dele. Por outro, realmente gostava de Spider.

Sim. Fat Charlie tinha um irmão havia apenas pouco mais de um dia e já achava que sua nova relação familiar lhe traria muitas surpresas. Spider era o sujeito descolado. Ele era o outro.

Então ela disse:

— Você tem uma voz fantástica.

— Quê?

— Você cantou no táxi, no caminho pra casa. “Unforgettable”. Foi lindo.

De algum modo, tinha colocado de lado o incidente do karaokê em sua mente, deixando-o encostado num lugar bem escuro, onde estão as coisas inconvenientes de que nos desfazemos. Agora o incidente tinha voltado, e ele não queria pensar naquilo.

— Você foi ótimo. Você canta pra mim mais tarde?

Fat Charlie tentou pensar desesperadamente em algo, mas foi salvo pela campainha.

— Vou ver quem está na porta.

Ele desceu as escadas e abriu a porta, e as coisas pioraram. A mãe de Rosie olhou para ele com um olhar capaz de azedar leite. Não disse nada. Segurava um grande envelope branco.

— Olá — disse Fat Charlie. — Sra. Noah. Bom vê-la. Ahm.

Ela fungou e segurou o envelope.

— Ah. Você está em casa. Então. Você não vai me convidar para entrar?

“Certo”, pensou Fat Charlie. “Gente do seu tipo sempre precisa ser convidada. Basta dizer não, e ela vai embora.”

— Claro, Sra. Noah. Por favor, entre. — “Então é assim que fazem os vampiros.” — Gostaria de uma xícara de chá?

— Não pense que pode me adular desse jeito. Porque você não pode.

— Ahm. Certo.

Subiram as escadas estreitas e entraram na cozinha. A mãe de Rosie olhava em volta e fazia uma cara que indicava que o lugar não se encaixava em seu padrão de higiene, já que continha comida.

— Café? Água? — “Não diga fruta de cera.” — Fruta de cera? — “Droga.”

— Rosie me disse que seu pai faleceu recentemente.

— Sim, é verdade.

— Quando o pai de Rosie faleceu, fizeram um obituário de quatro páginas na Cooks and'Cookery. Disseram que ele foi o único responsável pela chegada da comida caribenha neste país.

— Ah.

— Ele não me deixou em má situação. Tinha seguro de vida e era sócio de dois restaurantes famosos. Sou uma mulher rica. Quando eu morrer, irá tudo para Rosie.

— Quando a gente se casar, eu cuidarei dela. Não se preocupe.

— Eu não estou dizendo que você quer se casar com ela pelo dinheiro — observou a mãe de Rosie num tom de voz que deixava claro que isso era exatamente o que pensava.

A dor de cabeça de Fat Charlie ameaçava voltar.

— Sra. Noah, como posso ajudá-la?

— Eu conversei com a Rosie, e nós decidimos que vou ajudar vocês com o planejamento do casamento — explicou de um jeito afetado. — Preciso da sua lista de convidados. Aqueles que você planeja convidar. Nome, endereço, e-mail, telefone. Fiz um formulário para você preencher. Pensei que seria bom economizar o dinheiro dos correios e entregar pessoalmente, já que eu ia até Maxwell Gardens de qualquer jeito. Não esperava encontrá-lo em casa. — Ela deu o grande envelope branco para ele. — Haverá um total de 90 pessoas no casamento. Você tem permissão para convidar oito parentes e seis amigos próximos. Os amigos e quatro parentes ficarão na mesa H. O resto do grupo ficará na mesa C. O

seu pai se sentaria conosco na mesa principal, mas, já que ele faleceu, nós cedemos o lugar para a tia Winifred, tia de Rosie. Você já decidiu quem será seu padrinho?

Fat Charlie fez que não com a cabeça.

— Bom, quando decidir, certifique-se de que ele não diga nada obsceno em seu discurso. Não quero ouvir nada no discurso do padrinho que não possa ser dito numa igreja. Você entendeu?

Fat Charlie imaginou o que a mãe de Rosie costumava ouvir na igreja. Talvez somente gritos de “Para trás! Criatura horrível dos infernos!”, seguidos de exclamações como “Está viva ou morta?” e de certo nervosismo por não saberem se alguém se lembrara de trazer uma estaca e um martelo.

— Acho que tenho mais de dez parentes. Quer dizer, tem os primos, as tias-avós, coisas assim.

— O que você obviamente é incapaz de compreender — começou a mãe de Rosie — é que um casamento custa dinheiro. Eu reservei 175 libras por pessoa, das mesas A a D, sendo que a mesa A é a principal, na qual ficam os parentes mais próximos de Rosie e minhas colegas do clube, e 125 libras para as mesas E até G, que acomodarão, você sabe, conhecidos, crianças e assim por diante.

— A senhora disse que meus amigos ficariam na mesa H.

— É a escala seguinte. Eles não terão petiscos de camarão com abacate ou a sobremesa.

— Quando a Rosie e eu falamos sobre isso da última vez, pensamos em fazer algo como um bufê com comida indiana.

A mãe de Rosie fungou.

— Ela às vezes não sabe o que pensa, aquela menina. Mas agora nós estamos de pleno acordo.

— Escuta. Talvez eu devesse falar com ela e depois voltar a falar com a senhora.

— Só preencha o formulário — disse a mãe de Rosie. Então ela perguntou, desconfiada: — Por que você não foi trabalhar?

— Eu. Ahm. Eu não estou. Digo, não estou trabalhando esta manhã. Não vou hoje. Não. É.

— Espero que você tenha avisado a Rosie. Ela planejava vê-lo na hora do almoço, foi o que me disse. Por isso não pôde almoçar comigo.

Fat Charlie processou a informação.

— Certo. Bom, obrigado pela visita, Sra. Noah. Vou conversar com a Rosie e...

Daisy entrou na cozinha. Usava uma toalha na cabeça e o robe de Fat Charlie grudado em seu corpo úmido. E perguntou:

— Você tem suco de laranja aí, né? Eu acho que vi suco quando estava procurando as outras coisas. Como está a sua cabeça? Melhorou?

Ela abriu a porta da geladeira e pegou um grande copo de suco de laranja.

A mãe de Rosie limpou a garganta. Não era o barulho de alguém limpando a garganta. Era mais o som de alguém pisando em cascalho.

— Oi — cumprimentou Daisy. — Eu sou Daisy.

A temperatura na cozinha começou a cair.

— Ah, é? — respondeu a mãe de Rosie. Havia pingentes de gelo pendurados no “é”.

— Imagino que nome teriam dado às laranjas — interrompeu Fat Charlie para quebrar o silêncio — se não fossem laranjas. Quer dizer, se fossem alguma fruta azul desconhecida, será que teriam sido chamadas de azuis? Será que a gente beberia suco de azul?

— Quê? — perguntou a mãe de Rosie.

— Caramba. Você diz cada maluquice — comentou Daisy, alegre.
— Certo. Vou ver se acho as minhas roupas. Foi ótimo ver você.

Ela saiu. Fat Charlie continuava a prender a respiração.

— Quem. É. Ela — perguntou a mãe de Rosie, perfeitamente calma.

— Minha irm.... prima. Minha prima — respondeu Fat Charlie. — E que eu a considero uma irmã. A gente era muito próximo na infância. Ela decidiu vir para cá na noite passada. É meio maluquinha. Bom. Sim. Ela vai aparecer no casamento.

— Eu a colocarei na mesa H — observou a mãe de Rosie. — Ela se sentirá mais confortável lá.

Ela falou a última frase da mesma maneira como alguém diria algo como “Você quer uma morte rápida e piedosa ou prefere que o meu capanga se divirta um pouco antes?”

— Certo. Bom, foi ótimo revê-la. A senhora deve ter muito o que fazer. E eu preciso ir trabalhar.

— Pensei que você tivesse tirado o dia de folga.

— A manhã. Tirei a manhã de folga. E já está quase no fim. Preciso voltar ao trabalho, então tchau.

Ela segurou a bolsa perto do corpo com ambas as mãos e levantou-se. Fat Charlie a seguiu pelo corredor.

— Foi ótimo rever a senhora.

Ela piscou como piscaria uma cobra capaz de piscar antes de atacar.

— Tchau, Daisy — gritou. — Vejo você no casamento.

Daisy, agora de calcinha e sutiã, colocando uma camiseta, debruçou-se até aparecer no corredor.

— Tchau! — respondeu, e voltou para o quarto de Fat Charlie.

A mãe de Rosie não dizia mais nada enquanto Fat Charlie a conduzia escada abaixo. Ele abriu a porta para ela e, quando passou, ele viu em seu rosto algo terrível, algo que fazia seu estômago gelar ainda mais. Era o que a mãe de Rosie fazia com a boca, que estava repuxada nos cantos num sorriso horrível. Como uma caveira com lábios, a mãe de Rosie estava sorrindo.

Ele fechou a porta por trás dela e ficou de pé, tremendo, no corredor. Então, como um homem prestes a ir para a cadeira elétrica, subiu as escadas.

— Quem era ela? — perguntou Daisy, agora quase vestida.

— A mãe da minha noiva.

— Ela é uma simpatia, não é?

Ela vestiu as mesmas roupas que usara na noite passada.

— Você vai trabalhar vestida assim?

— Ah, não. Vou pra casa me trocar. Nunca vou pro trabalho assim. Será que você pode chamar um táxi?

— Para onde você vai?

— Hendon.

Ele chamou o táxi. Sentou-se no chão do corredor e ficou a contemplar os diversos prováveis acontecimentos futuros, todos não contempláveis.

Alguém estava de pé perto dele.

— Eu tenho umas vitaminas B na minha bolsa. Ou você podia tomar uma colher de mel. Nunca fez efeito em mim, mas a menina que mora comigo jura que é um santo remédio para ressaca.

— Não é isso. Eu disse a ela que você é minha prima. Para que não pensasse que você era minha... que a gente— Você sabe, uma moça estranha no apartamento, essas coisas.

— Prima, é? Bom, não se preocupe. Ela certamente vai se esquecer completamente de mim e, se não esquecer, você pode

dizer que eu desapareci misteriosamente do país. Você nunca vai me ver de novo.

— Sério? Promete?

— Ei, também não precisa ficar tão contente. — Uma buzina soou na rua, lá fora. — Acho que é o meu táxi. Levante-se para a gente se despedir.

Ele se levantou.

— Não se preocupe — disse ela. E o abraçou.

— Acho que a minha vida acabou.

— Que nada.

— Estou arruinado.

— Obrigada por tudo. — Então ela inclinou-se e o beijou nos lábios, um beijo mais forte e mais longo do que seria apropriado para pessoas que mal se conheciam. Depois sorriu, desceu as escadas alegremente e saiu da casa.

— Isso — começou Fat Charlie, alto, quando a porta fechou — provavelmente não está acontecendo.

Ele ainda sentia o gosto dela nos lábios, um gosto de suco de laranja e framboesa. Aquilo é que era um beijo. Um beijo de verdade. Havia um desejo por trás desse beijo que ele nunca sentira antes, nem mesmo com..

— Rosie — disse.

Abriu o celular e pressionou a tecla de discagem rápida.

— Você ligou para o celular da Rosie — disse a voz da própria.
— Estou ocupada ou perdi o telefone de novo. Ligue para minha casa ou deixe uma mensagem.

Fat Charlie fechou o telefone. Colocou o casaco por cima de seu moletom e, piscando só um pouco por causa da luz forte do dia, saiu para a rua.

ROSIE NOAH SENTIA-SE PREOCUPADA, FATO QUE POR SI SÓ JÁ A deixava preocupada. Tudo era, como muitas coisas no mundo de Rosie, quer admitisse ou não, culpa de sua mãe.

Já estava acostumada a viver num mundo em que sua mãe odiava a ideia de que a filha se casasse com Fat Charlie Nancy. Via a oposição da mãe ao casamento como um sinal dos céus de que provavelmente estava fazendo a coisa certa, mesmo que não tivesse muita certeza, lá no fundo, de que era mesmo esse o caso.

Ela o amava, é claro. Ele era uma boa pessoa, alguém normal, que passava confiança...

A mudança da mãe de Rosie a preocupava, e o entusiasmo repentino da mãe pela organização do casamento a deixava perturbada.

Tinha telefonado para Fat Charlie na noite anterior para discutir o assunto, mas ele não atendia. Rosie achou que ele talvez tivesse ido dormir mais cedo.

Por isso resolveu almoçar com ele para conversarem.

A Agência Grahame Coats ocupava o último andar de um edifício vitoriano em Aldwych. Para chegar lá, era necessário subir cinco andares. Mas havia um elevador, um elevador antigo que fora instalado 100 anos antes pelo agente teatral Rupert "Binky" Butterworth. Um elevador extremamente pequeno, lento e sacolejante, cujas peculiaridades de projeto e função ficavam claras somente quando se descobria que Binky Butterworth tinha o tamanho, o formato e a habilidade para se espremer em locais onde caberia apenas um filhote de hipopótamo barrigudinho. Ele concebera o elevador para comportar, sem espaço extra, o próprio Binky Butterworth e outra pessoa bem mais magra: uma corista, por exemplo, ou um corista — Binky não fazia distinção. A única coisa de que precisava para ser feliz era alguém em busca de representação no mundo do teatro apertando-se contra ele dentro do elevador

numa jornada bem lenta e sacolejante pelos seis andares até o topo. Muitas vezes, quando chegavam ao último andar, Binky estava tão transtornado pelas pressões da jornada que precisava se deitar um pouco, deixando à corista ou ao corista a tarefa de ficar abanando-o na sala de espera, preocupado, imaginando se a horrível falta de ar e a resfolegante vermelhidão no rosto de Binky, que o acometiam nos andares finais, não era sinal de que sofria algum tipo de embolia pré-eduardiana.

As pessoas usavam o elevador com Binky Butterworth apenas uma vez. Depois disso, subiam pelas escadas.

Grahame Coats, que comprara o restante da Agência Butterworth da neta de Binky havia mais de 20 anos, manteve o elevador, dizendo que fazia parte da história do lugar.

Rosie fechou a porta interna sanfonada, fechou a porta externa, entrou na recepção e disse à recepcionista que queria falar com Charles Nancy. Sentou-se debaixo das fotos de Grahame Coats com as pessoas que havia representado. Reconheceu nas fotos Morris Livingstone, o comediante, algumas dessas bandas só de garotos, de sucesso relâmpago, e um bando de estrelas do esporte que nos últimos anos haviam se tornado “celebridades”. Do tipo que aproveitava a vida ao máximo até conseguir um fígado novo.

Um homem entrou na recepção. Não se parecia muito com Fat Charlie. Tinha a pele mais escura e sorria como se se divertisse com tudo. De um jeito excessivo e perigoso.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — disse o homem.

Rosie caminhou até Fat Charlie e deu-lhe um beijo na bochecha. Ele perguntou:

— Eu conheço você? — Isso era uma coisa muito estranha de se dizer, e ele emendou: — Claro que conheço. Você é Rosie. E está cada dia mais linda.

Ele devolveu o beijo, tocando os lábios dela com os seus. Seus lábios só roçaram os dela de leve, mas o coração de Rosie começou a bater como o coração de Binky Butterworth após uma subida de

elevador particularmente tumultuada, pressionado contra uma corista.

— Almoço — disse Rosie com uma voz desafinada. — Eu estava passando e pensei que talvez a gente pudesse almoçar. Conversar.

— Sim — concordou o homem que Rosie acreditava ser Fat Charlie. — Almoço.

Ele colocou o braço de um jeito macio em torno dela.

— Quer almoçar em algum lugar específico?

— Ah. Em— qualquer lugar. Você escolhe.

“O cheiro dele”, pensou. “Por que nunca notara antes o quanto adorava o cheiro dele?”

— A gente decide. Vamos pela escada?

— Se você não se importa, eu gostaria de ir pelo elevador.

Ela bateu a porta sanfonada, e eles desceram até o térreo chacoalhando lentamente, pressionados um contra o outro.

Rosie não conseguia lembrar-se da última vez em que se sentira tão feliz.

Quando chegaram à rua, o celular dela sinalizou que tinha uma nova mensagem. Ela ignorou.

Entraram no primeiro restaurante que encontraram. Até um mês antes, aquele era um moderno restaurante de sushi, com uma esteira rolante que percorria a sala carregando pequenos pedaços de peixe cru, cujo preço era determinado pela cor do prato. O restaurante japonês fechou e imediatamente surgiu outro, como era o costume dos restaurantes de Londres. Dessa vez um restaurante húngaro, que manteve a esteira rolante como um toque moderno adicional à culinária típica. Isso significava que tigelas de goulash, esfriando rapidamente, bolinhos temperados com páprica e vasilhas com sour cream desfilavam de modo majestoso pelo recinto.

Rosie não achou que o restaurante fosse fazer muito sucesso.

— Onde você estava ontem à noite? — perguntou.

— Eu saí. Com o meu irmão.

— Você é filho único.

— Não, não sou. Parece que tenho um irmão.

— Sério? Mais uma surpresa do legado do seu pai?

— Querida — começou o homem que ela acreditava ser Fat Charlie —, você não sabe da missa a metade.

— Bom, espero que ele compareça ao casamento.

— Acho que não perderia nosso casamento por nada no mundo.
— Ele fechou a mão sobre a dela, e ela quase derrubou a colher com goulash. — O que você precisa fazer hoje à tarde?

— Não muita coisa. Está tudo praticamente morto lá no escritório. Algumas ligações para angariar fundos, mas podem esperar. E... ahm... você... ahm... Por quê?

— Está um dia tão lindo. Você quer passear um pouco?

— Seria ótimo.

Andaram pela área do dique do rio e começaram a seguir a parte norte do rio Tamisa, um passeio lento, de mãos dadas, conversando, sem falar sobre nada muito sério.

— E o seu trabalho? — perguntou Rosie quando pararam para tomar sorvete.

— Ah. Eles não vão se importar. Talvez nem percebam que não estou lá.

FAT CHARLIE SUBIU CORRENDO AS ESCADAS ATÉ A AGÊNCIA Grahame Coats. Sempre subia pelas escadas. Para início de conversa, era um jeito de fazer exercício. E nunca precisaria se preocupar em ter que ficar espremido num elevador com outra pessoa, perto demais para fingir que o outro não estava lá. Entrou na recepção arfando um pouco.

— A Rosie apareceu, Annie?

— Você se perdeu dela? — perguntou a recepcionista.

Ele foi até o escritório. A mesa estava muito organizada, de um jeito peculiar. A pilha de correspondência por enviar tinha desaparecido. Havia um post-it sobre a tela de seu computador: “Venha até a minha sala. GC”.

Ele bateu na porta do escritório de Grahame Coats. Uma voz respondeu:

— Sim?

— Sou eu.

— Sim. Entrai, senhor Nancy. Puxe uma cadeira. Eu pensei bastante na conversa que tivemos hoje de manhã. Parece que eu tinha uma imagem errada de você. Trabalha aqui há quanto tempo?

— Quase dois anos.

— Você trabalha muito, há muito tempo. Agora, com o triste falecimento do seu pai..

— Eu não o conhecia direito.

— Ah. Você é um homem de coragem, Nancy. Já que é a época de descanso da aragem, o que você diria se eu lhe oferecesse algumas semanas de folga? Com, nem é preciso dizer, salário integral?

— Salário integral?

— Sim, salário integral, mas, sim, eu entendo o seu lado. Gastar dinheiro. Estou certo de que gostaria de gastar um dinheirinho, não?

Fat Charlie tentou descobrir em que universo estava.

— Você está me despedindo?

Grahame Coats riu como uma doninha engasgada com um osso.

— De jeito nenhum. Exatamente o contrário. Na verdade, acho que agora é que nos entendemos perfeitamente. O seu emprego está são e salvo. Como uma criancinha dentro de casa. Contanto que você continue a ser esse modelo exemplar de circunspeção e discrição que tem sido até o momento.

— Uma criança dentro de casa está a salvo? — perguntou Fat Charlie.

— Totalmente a salvo.

— E que eu li em algum lugar que a maioria dos acidentes com crianças ocorre dentro de casa.

— Então imagino que seja de vital importância que você retorne a sua casa imediatamente. — Ele entregou a Fat Charlie um papel de formato retangular. — Aqui está. Um pequeno gesto de agradecimento por dois anos de devoção ao trabalho na Agência Grahame Coats. — Então, porque era sempre o que dizia quando dava dinheiro a alguém, falou: — Não gaste tudo de uma vez.

Fat Charlie olhou para o papel. Era um cheque.

— Duas mil libras. Nossa! Não, não vou gastar de uma vez.

Grahame Coats sorriu para ele. Se havia um tom de triunfo naquele sorriso, Fat Charlie estava perplexo, abalado e confuso demais para perceber.

— Passar bem.

Fat Charlie voltou ao escritório.

Grahame Coats encostou-se sobre a porta do escritório de Fat Charlie de um jeito casual, como um mangusto debruçado como quem não quer nada sobre a toca de uma cobra. E disse:

— Uma perguntinha. Se, durante o tempo em que você estiver de licença se divertindo e relaxando, algo que recomendo veementemente-. Se durante esse tempo eu precisar acessar os seus arquivos, você poderia me dar a sua senha?

— Acho que a sua senha dá acesso a todo o sistema — respondeu Fat Charlie.

— Sem dúvida nenhuma — concordou Grahame Coats com voz alegre. — Mas só por precaução. Você sabe como são os computadores.

— Sereia— respondeu Fat Charlie. — S-E-R-E-I-A.

— Excelente. Excelente — repetiu. Ele não fez o gesto de esfregar as mãos, mas bem que poderia.

Fat Charlie desceu as escadas com um cheque no valor de 2 mil libras no bolso, tentando imaginar como pôde ter uma imagem tão errada de Grahame Coats durante dois anos.

Virou a esquina, foi até seu banco e depositou o cheque.

Depois desceu a área do dique para tomar um ar e pensar.

Estava 2 mil libras mais rico. A dor de cabeça que o acometia de manhã desaparecera. Sentia-se bem, próspero. Pensou se não poderia convidar Rosie para viajar alguns dias com ele. Era meio de repente, mas mesmo assim...

Então ele viu Spider e Rosie andando de mãos dadas do outro lado da rua. Rosie estava terminando de tomar seu sorvete. Ela parou, jogou o resto numa lata de lixo e puxou Spider para si. Com uma boca de sorvete, começou a beijá-lo com vontade e entusiasmo.

Fat Charlie sentiu a dor de cabeça voltar. Ficou paralisado.

Observou enquanto se beijavam. Achava que, mais cedo ou mais tarde, teriam que parar para respirar, mas não pararam. Caminhou para outra direção, sentindo-se péssimo, até chegar ao metrô.

E foi para casa.

Quando chegou em casa, sentia-se um trapo. Foi para a cama, que ainda tinha um cheiro leve de Daisy, e fechou os olhos.

O tempo passou, e agora Fat Charlie caminhava por uma praia com seu pai. Estavam descalços. Ele era criança de novo, e seu pai não tinha idade definida.

“Então”, disse seu pai, “você e Spider estão se dando bem?”

“Isto é um sonho”, pensou Fat Charlie, “e eu não quero falar sobre isso.”

“Vocês, meninos...”, começou o pai, balançando a cabeça. “Escute. Vou dizer uma coisa importante pra você.”

“O quê?”

Mas seu pai não respondeu. Algo que pairava sobre as ondas chamou sua atenção, e ele se abaixou e pegou alguma coisa. Cinco protuberâncias pontudas moveram-se languidamente.

“Uma estrela-do-mar”, disse seu pai, com ar alegre. “Quando você corta uma pela metade, ela cresce de novo até formar uma nova estrela.”

“Pensei que você fosse me dizer uma coisa importante.”

Seu pai agarrou o próprio peito, caiu na areia e parou de se mover. Vermes saíram da areia e o devoraram em poucos segundos, sem deixar nada além dos ossos. Pai?

Fat Charlie acordou em seu quarto com o rosto molhado de lágrimas. E então parou de chorar. Não tinha por que ficar triste. Seu

pai não morrera. Era só um sonho ruim.

Decidiu que convidaria Rosie para jantar na noite seguinte. Comeriam filé. Ele cozinhará. Ficaria tudo bem.

Levantou-se e vestiu-se.

Vinte minutos depois, estava na cozinha comendo um Cup Noodles quando lhe ocorreu que, embora o que acontecera na praia tivesse sido um sonho ruim, seu pai ainda estava morto.

ROSIE DEU UMA PASSADA NO APARTAMENTO DE SUA MÁE, NA Wimpole Street, no fim da tarde.

— Vi o seu namorado hoje — disse a Sra. Noah. Seu primeiro nome era Eutheria, mas nas últimas três décadas ninguém usara esse nome na sua frente, com exceção de seu falecido marido. Depois da morte dele, o nome atrofiou até nunca mais ser usado uma vez sequer enquanto vivesse.

— Eu também. Deus do céu, como eu amo aquele homem.

— Mas é claro que sim. Você vai se casar com ele, não é?

— Sim, sim. Quer dizer, eu sempre soube que o amava, mas hoje realmente percebi o quanto o amo. Adoro tudo nele.

— Descobriu onde ele estava na noite passada?

— Sim. Ele explicou tudo. Saiu com o irmão.

— Não sabia que ele tinha um irmão.

— Ele não tinha falado do irmão para mim. Não eram muito próximos.

A mãe de Rosie estalou a língua.

— Deve ter sido uma bela reunião de família então. Ele falou da prima também?

— Prima?

— Ou irmã talvez. Ele não parecia ter muita certeza. Bonitinha, de um jeito meio vulgar. Parecia meio chinesa. Mas nada fantástico, se você quer saber. Como o resto da família dele.

— Mãe. Você não conhece a família dele.

— Conheci a moça. Estava na cozinha dele hoje de manhã, andando praticamente nua. Uma pouca-vergonha. Se é que era prima dele.

— O Fat Charlie não mentiria.

— Mas ele é homem, não é?

— Mãe!

— E por que ele não foi trabalhar hoje?

— Ele foi. Estava lá. Nós almoçamos juntos. — A mãe de Rosie examinou o batom num espelhinho de bolso e, com o dedo indicador, limpou as manchas vermelhas nos dentes. — Que mais você falou com ele?

— Nós conversamos sobre o casamento. Eu disse que não queria que o padrinho fizesse um desses discursos indecentes. Parecia que ele tinha bebido. Você sabe que eu lhe disse para não se casar com um homem que bebe.

— Bom, ele pareceu perfeitamente normal quando o vi — observou Rosie com um ar afetado. E acrescentou: — Ah, mãe, hoje foi um dia tão bom. Nós passeamos e conversamos. Eu já contei que o cheiro dele é maravilhoso? E as mãos dele são tão macias.

— Se quer saber, acho que ele tem um cheiro esquisito. Olha só, da próxima que vez que encontrá-lo, pergunte sobre essa prima dele. Não estou dizendo que ela é prima dele nem que não é. Só estou dizendo que, se ela é, então há prostitutas e mulheres da vida na família, e não é o tipo de pessoa com quem você deve se envolver.

Rosie sentiu-se melhor agora que a mãe voltava a criticar Fat Charlie.

— Mãe. Eu não quero ouvir mais nem uma palavra.

— Certo. Vou fechar a boca. Não sou eu quem vai se casar com ele, afinal de contas. Não sou eu quem vai jogar a vida fora. Não sou eu quem vai ficar chorando com a cara no travesseiro enquanto ele fica bebendo por aí com outras mulheres. Não sou eu quem vai ficar esperando, dia após dia, noite após noite, até ele sair da prisão.

— Mãe! — Rosie tentou soar indignada, mas o pensamento de Fat Charlie na prisão era muito engraçado, muito absurdo, e ela teve que tentar não rir.

O celular de Rosie tocou. Ela respondeu:

— Claro. Eu adoraria. Parece ótimo — e desligou. — Era ele. Vou lá na casa dele amanhã à noite. Ele vai cozinhar pra mim. Não é um fofo? — E acrescentou: — É, uma baita duma prisão.

— Eu sou sua mãe — começou a mãe de Rosie, em seu apartamento sem comida, onde a poeira nunca assentava —, e eu

sei das coisas.

GRAHAME COATS ESTAVA SENTADO EM SEU ESCRITÓRIO OLHANDO para a tela do computador enquanto lá fora o dia dava lugar à noite. Abria documento após documento, planilha após planilha. Algumas ele modificava. A maioria, ele apagava.

Precisava viajar naquela noite a Birmingham, onde um ex-jogador de futebol, cliente dele, inauguraria uma casa noturna. Em vez disso, ligou e desculpou-se: não podia adiar certas pendências.

Logo a luz do lado de fora da janela desapareceu por completo. Grahame Coats ficou sentado à frente da luz fria do monitor do computador modificando, reescrevendo, apagando.

EIS OUTRA HISTÓRIA SOBRE ANANSI.

Certa vez, há muito, muito tempo, a mulher de Anansi plantou um canteiro de ervilhas. Eram as maiores, mais verdes e mais bonitas ervilhas já vistas. Você ficaria com água na boca só de olhar para elas.

Desde o momento em que Anansi viu a plantação de ervilhas, ele as quis para si. E não queria apenas algumas ervilhas, porque Anansi era um homem que tinha um apetite enorme. Não queria partilhá-las com ninguém. Queria todas as ervilhas.

Então Anansi deitou-se na cama e ficou suspirando, gemendo longamente, bem alto, e sua mulher e seus filhos vieram correndo.

— Estou morrendo — disse com uma voz pequena e fraca. — Minha vida está chegando ao fim.

Ao ouvir isso, sua mulher e seus filhos começaram a chorar. Com sua voz pequena e fraquinha, Anansi disse:

— Vocês têm que prometer duas coisas pra mim aqui no meu leito de morte.

— O que você quiser, o que você quiser — responderam a mulher e os filhos.

— Primeiro precisam prometer que vão me enterrar debaixo daquele pé de fruta-pão.

— O pé grande de fruta-pão perto da plantação de ervilhas? — perguntaram.

— Claro que é desse que estou falando — respondeu Anansi. Então, com a voz pequena e fraquinha, disse: — E vocês precisam prometer mais uma coisa. Prometam que, em minha memória, vão fazer uma fogueira perto da minha cova. Para mostrar que vocês não me esqueceram, vão deixar o fogo queimando, sem nunca deixar que se apague.

— Sim, sim! Prometemos! — concordaram a esposa e os filhos de Anansi, chorando e gemendo.

— Sobre o fogo, como símbolo de respeito e amor, quero ver uma panela pequena, cheia de água salgada, para me lembrar das lágrimas quentes e salgadas que vocês derramaram por mim no meu leito de morte.

— Prometemos, prometemos! — choraram eles, e Anansi fechou os olhos e não respirou mais.

Bom, eles carregaram Anansi até o grande pé de fruta-pão que crescia perto da plantação de ervilha e o enterraram a sete palmos do chão. Aos pés da cova, fizeram uma pequena fogueira e colocaram um pote com água salgada ao lado.

Anansi espera embaixo da terra o dia inteiro, mas, quando a noite cai, sai da cova, vai até a plantação de ervilha e pega as ervilhas mais redondas, mais saborosas e mais maduras. Ferve todas

na panela e come tudo, até sua barriga ficar estufada e esticada como um tambor.

E então, antes do amanhecer, volta para a cova e dorme. Dorme enquanto a esposa e os filhos descobrem que as ervilhas sumiram. Dorme enquanto eles veem que a panela de água estava vazia e a enchem de novo. Dorme enquanto eles se sentem tristes.

Toda noite, Anansi sai da cova, dançando, maravilhado com a própria esperteza, enche a panela de ervilhas e come as ervilhas, come até não conseguir comer mais nada.

Os dias passam, e a família de Anansi fica cada vez mais magra, porque tudo o que amadurece é colhido por Anansi durante a noite, e eles não têm nada para comer.

A mulher de Anansi olha os pratos vazios e diz aos filhos:

— O que o seu pai faria?

Os filhos pensam e pensam, e aí se lembram de todas as histórias que Anansi lhes contou. Eles vão até a loja de piche e compram umas seis moedas só em piche, o suficiente para encher quatro baldes grandes, e levam o piche até a plantação de ervilha. No meio da plantação, fazem um boneco de piche: cara de piche, olhos de piche, braços de piche, dedos de piche, tórax de piche. Fica bom, parece um homem tão negro e tão orgulhoso quanto o próprio Anansi.

Naquela noite, o velho Anansi, mais gordo do que jamais esteve em toda a vida, sai da terra e, redondo e feliz, o estômago esticado feito um tambor, arrasta-se até a plantação de ervilha.

— Quem é você? — pergunta ao boneco de piche.

O boneco de piche não diz uma só palavra.

— Este lugar é meu — diz Anansi ao homem de piche. — É a minha plantação. E melhor você ir andando se não quiser apanhar.

O boneco de piche não diz nada e não move um músculo.

— Eu sou o sujeito mais forte e mais poderoso que já existiu — avisa Anansi ao boneco de piche. — Sou mais feroz que o Leão, mais rápido que o Guepardo, mais forte que o Elefante, mais terrível que o Tigre. — Ele enche o peito de orgulho por sua força, seu poder e sua ferocidade, esquecendo-se de que era apenas uma pequena aranha. — Tenha medo — ameaça. — Tenha muito medo.

Pode sair correndo.

O boneco de piche não tem medo e nem corre. Para falar a verdade, fica lá parado. Então Anansi bate nele. A mão de Anansi

fica grudada.

— Solta a minha mão — diz ao homem de piche. — Solta senão eu te bato na cara.

O homem de piche não diz nada, não mexe um dedinho sequer, e Anansi bate nele, um soco bem dado na cara.

— Certo. Brincadeira tem limite. Você pode segurar as minhas duas mãos se quiser, mas eu tenho mais quatro e duas ótimas pernas. Você não consegue segurar tudo isso, então me solta que eu pego leve com você.

O boneco de piche não solta as mãos de Anansi e não diz uma palavra, então Anansi bate nele com todas as mãos e o chuta com os pés, um de cada vez.

— Certo, então. Me solta senão eu te mordo. — E então o piche enche sua boca e cobre seu nariz e seu rosto.

Assim encontraram Anansi na manhã seguinte, quando a mulher e os filhos saíram pela plantação de ervilha para ir até o pé de frutapão: todo grudado no boneco de piche, e morto de verdade.

Não ficaram surpresos ao ver que ele estava ali morto.

Naquela época, era assim que as pessoas costumavam encontrar Anansi.

CAPÍTULO SEIS

**NO QUAL FAT CHARLIE NÃO CONSEGUE CHEGAR EM
CASA, NEM MESMO DE TÁXI**

DAISY ACORDOU COM o DESPERTADOR. ESPREGUIÇOU-SE NA Cama feito um gatinho. Podia ouvir o barulho do chuveiro, o que significava que a moça que morava com ela já tinha acordado. Colocou um robe felpudo cor-de-rosa e foi até o corredor.

— Você quer mingau? — perguntou através da porta.

— Não estou muito a fim. Mas, se você fizer, eu como.

— Sem dúvida você sabe como fazer uma mulher se sentir desejada — disse. Foi para a cozinha americana e colocou o mingau para cozinhar.

Voltou para o quarto, colocou as roupas de trabalho e se olhou no espelho. Fez uma careta. Prendeu o cabelo num coque apertado, atrás da cabeça.

Sua colega de apartamento, Carol — uma mulher branca, nascida em Preston, de rosto fino —, pôs a cabeça para fora do quarto. Enxugava vigorosamente os cabelos com uma toalha.

— O banheiro é todo seu. Como está o mingau?

— Acho que precisa dar uma mexidinha.

— Onde você esteve noite passada? Disse que ia sair pra beber e comemorar o aniversário da Sybilla, mas não voltou mais.

— Não é da sua conta, ok? — Daisy foi até a cozinha e mexeu o mingau. Colocou um pouco de sal e mexeu um pouco mais. Pôs o mingau em duas tigelas e acomodou-as sobre o balcão. — Carol? O mingau vai esfriar.

Carol apareceu, sentou-se e ficou olhando para o mingau. Não estava completamente vestida.

— Isso não é um café-da-manhã de verdade, né? Se você quer saber, um café-da-manhã de verdade tem que ter frios, ovos fritos, salsichão e tomate grelhado — disse ela com seu forte sotaque do norte da Inglaterra.

— Se você fizer, eu como.

Carol salpicou uma colher de sobremesa cheia de açúcar no mingau. Olhou para ele. Colocou mais uma colher de açúcar. E disse:

— Não, não come. Você diz que come. Mas aí começa a falar em colesterol, que comida frita faz mal prós rins. — Daisy passou para ela uma xícara de chá. — Você e os seus rins. Na verdade, rim seria uma boa pedida. Já comeu rim, Daisy?

Uma vez. Se quer saber, dá pra obter o mesmo gosto grelhando um pouco de fígado e mijando em cima.

Carol fungou.

— Não precisa exagerar.

— Coma o seu mingau.

Terminaram de comer o mingau e tomar o chá. Colocaram as tigelas na máquina de lavar louça, que não foi ligada porque não estava cheia. Foram de carro para o trabalho. Carol, agora completamente vestida com seu uniforme, era quem dirigia.

Daisy foi até sua mesa, que ficava numa sala cheia de outras mesas vazias.

O telefone tocou, e ela se sentou.

— Daisy? Você está atrasada.

Ela olhou para o relógio de pulso.

— Não, não estou, não... senhor. Como posso ajudá-lo?

— Você pode ligar para um homem chamado Coats. Ele é amigo do chefe. Torce pro Crystal Palace. Só hoje de manhã, ele já me escreveu duas vezes falando sobre isso. Quem será que ensinou o chefe a escrever?

Daisy anotou os detalhes e fez a ligação. Adotou o tom de voz mais sério e eficiente que podia e disse:

— Aqui é a detetive Day. Como posso ajudá-lo?

— Ah — respondeu uma voz de homem. — Bom, eu contei umas coisas pro superintendente ontem à noite, um homem fantástico, velho amigo meu. Ótima pessoa. Ele sugeriu que eu falasse com alguém aí no escritório. Gostaria de fazer um relato. Bom, não tenho certeza de que houve um crime. Provavelmente há uma explicação para isso. Aconteceram certas irregularidades e, bom, para ser bem franco com você, dei ao meu contador umas duas semanas de folga até saber se é verdade que ele está envolvido com certas, humm... irregularidades financeiras.

— Eu preciso de detalhes. — disse Daisy. — Qual o nome completo do senhor? E do contador?

— Meu nome é Grahame Coats — respondeu o homem do outro lado da linha. — Da Agência Grahame Coats. O nome do meu contador é Nancy. Charles Nancy.

Ela anotou os dois nomes. Não lhe pareceram familiares.

FAT CHARLIE PLANEJAVA TER UMA BRIGA COM SPIDER ASSIM QUE ele voltasse para casa. Ensaiou a briga em sua cabeça várias e várias vezes, e sempre ganhava a discussão de modo justo e decisivo.

No entanto Spider não voltou para casa na noite anterior. Fat Charlie acabou dormindo na frente da TV, meio que assistindo a um game show vulgar para tarados que sofriam de insônia chamado Mostra o Bumbum! ou coisa do tipo.

Acordou no sofá quando Spider puxou as cortinas.

Está um lindo dia — disse ele.

Você! — acusou Fat Charlie. — Você beijou a Rosie! Não tente negar.

— Eu tive que beijar.

— Como assim, teve? Você não tinha que beijar.

— Ela pensou que eu era você.

— Ora, você sabia que não era eu. Não podia ter beijado a Rosie.

— Mas, se eu me recusasse a beijá-la, ela teria pensado que você não queria beijá-la.

— Mas não era eu.

— Mas ela não sabia disso. Eu só estava tentando ajudar.

— Tentando ajudar! — repetiu Fat Charlie, sentado no sofá. — Me ajudar geralmente inclui não beijar a minha noiva. Você podia ter dito que estava com dor de dente.

— Mas isso — começou Spider com um ar de santo — seria mentir.

— Mas você já estava mentindo! Estava fingindo que era eu!

— Bom, então seria aumentar a mentira, de qualquer maneira — explicou Spider. — Eu fiz isso apenas porque você não podia ir ao trabalho. Não. Eu não poderia mentir mais. Me sentiria péssimo.

— Bom, eu realmente me senti péssimo. Tive que ver vocês dois se beijando.

— Ah. Mas ela achou que estava beijando você.

— Para de repetir isso!

— Você deveria se sentir lisonjeado. Quer almoçar?

— Claro que não. Que horas são?

— Hora do almoço. E você está atrasado de novo. Foi até bom eu não livrar a sua cara desta vez, já que é assim que você me agradece.

— Não, tudo bem. Eu tenho duas semanas de licença. E ganhei um bônus.

Spider ergueu uma sobrancelha.

— Olha — começou Fat Charlie, sentindo que era hora de ir para o segundo round da discussão. — Não é que eu queira me livrar de você, mas andei pensando.— Você pretende ir embora quando?

— Bom, quando eu cheguei, planejava ficar um dia. Talvez dois. O suficiente para conhecer meu irmãozinho e depois ir embora. Sou um homem muito ocupado.

— Então você vai embora hoje?

— Esse era o meu plano. Mas eu encontrei você. Não consigo acreditar que passamos quase a vida toda sem a companhia um do outro, meu irmão.

— Eu consigo.

— Os laços de sangue são mais fortes que a água.

— Água não é forte.

— Mais fortes que a vodca então. Ou que os vulcões. Ou amônia. Olha, o que quero dizer é que encontrar você é... bem, é um grande privilégio. Nunca fizemos parte da vida um do outro, mas isso é passado. Vamos começar uma nova vida hoje. Vamos deixar o passado para trás e fazer um novo pacto, o pacto da irmandade.

— Você está a fim da Rosie.

— Com certeza — concordou Spider. — O que você pretende fazer a respeito?

— Fazer a respeito? Ora, ela é minha noiva.

— Não se preocupe. Ela pensa que eu sou você.

— Quer parar de repetir isso?

Spider abriu os braços num gesto angelical, mas arruinou o efeito lambendo os lábios.

— O que você pretende fazer? — perguntou Fat Charlie. — Casar com ela fingindo que sou eu?

— Casar? — Spider parou e ficou pensando por um momento. — Mas. Que. Ideia. Horrível.

— Bom, eu estava bem disposto a casar, na verdade.

— Spider não se casa. Não sou do tipo que se casa.

— Então a minha Rosie não é boa o suficiente para você? É isso o que você está dizendo?

Spider não respondeu. Saiu da sala.

Fat Charlie achou que tinha se saído bem, de alguma maneira, na discussão. Levantou-se do sofá, pegou as embalagens de alumínio que na noite anterior continham um chow mein de frango e bolinhos de carne de porco, e jogou-as no lixo. Foi para o quarto, onde tirou as roupas com as quais dormira e colocaria roupas limpas. Porém descobriu que, como não havia posto a roupa suja para lavar, não tinha roupas limpas. Então escovou vigorosamente as roupas do dia anterior, tirando vários pedacinhos de macarrão grudados, e colocou-as de volta.

Foi para a cozinha.

Spider estava sentado à mesa, comendo um filé grande o suficiente para duas pessoas.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Fat Charlie, embora já conhecesse a resposta.

— Eu perguntei se você queria almoçar — observou Spider gentilmente.

— Onde você conseguiu esse filé?

— Estava na geladeira.

— Este... — gritou Fat Charlie, apontando o dedo como um advogado de acusação prestes a dar o bote — este filé é o que eu comprei para o jantar de hoje. Para o meu jantar com a Rosie. Para o jantar que eu ia fazer para ela! Agora você está sentado aí como... como uma... uma... pessoa comendo um filé! E... e comendo... e...

— Não tem problema.

— Como assim, não tem problema?

— Bom, eu já liguei para a Rosie de manhã, e vou levá-la para jantar hoje à noite. Então você não precisaria do filé, de qualquer maneira.

Fat Charlie abriu a boca. E depois fechou.

— Quero que você saia daqui.

— Uma coisa boa para o desejo de um homem é superar-se em algum aspecto, alcançar alguma coisa, sei lá. Do contrário, de que serve o Paraíso? — perguntou Spider entre garfadas do filé de Fat Charlie.

— Mas que diabos você está falando?

— Estou dizendo que não vou a lugar nenhum. Gosto daqui. — Ele espetou outro pedaço de filé, pôs na boca e engoliu.

— Fora! — exclamou Fat Charlie. O telefone tocou. Ele suspirou, foi até o corredor e atendeu, irritado:

— Sim?

— Ah, Charles. Que bom ouvir sua voz. Sei que no momento você está desfrutando o seu honrado dinheiro, mas será que você poderia, dentro das suas possibilidades, aparecer aqui por— humm. meia hora, mais ou menos, amanhã de manhã? Digamos, por volta das dez?

— Sim. Claro. Sem problema.

— Que bom. Preciso que você assine alguns papéis. Bom, então até lá.

— Quem era? — perguntou Spider. Ele já havia limpado o prato e agora enxugava a boca com uma toalha de papel.

— Grahame Coats. Ele quer que eu apareça lá amanhã.

— Ele é um safado.

— E daí? Você também é.

— Um safado de outro tipo. Não é boa gente. Você devia arrumar outro emprego.

— Eu adoro o meu emprego!

Fat Charlie dizia a verdade. Conseguira esquecer por completo o quanto detestava seu trabalho, a Agência Grahame Coats e a presença desagradável de Grahame Coats, que sempre aparecia furtivamente atrás da porta.

Spider levantou-se e disse:

— Excelente filé. Eu coloquei as minhas coisas no seu quarto extra.

— Você o quê?

Fat Charlie correu até o fim do corredor, onde havia um quarto que tecnicamente caracterizava sua residência como um apartamento de dois quartos. O quarto continha diversas caixas de livros, um velho jogo de autorama, uma caixa de metal cheia de carrinhos Hot Wheels (a maioria sem rodas) e diversos outros restos destruídos da infância de Fat Charlie. Talvez fosse um quarto de bom

tamanho para um gnomo ou um anão diminuto, mas para qualquer outra pessoa aquilo era um armário com janela.

Ou então era assim que o quarto costumava ser.

Fat Charlie abriu a porta e ficou parado no corredor, piscando.

Havia um quarto, é claro. Isso ainda era verdade. Mas um quarto enorme. Um quarto magnífico. Havia janelas na parede do fundo, enormes janelas que davam para o que parecia uma cachoeira. Por trás dela, o sol tropical estava baixo no horizonte e queimava tudo com sua luz dourada. Havia uma lareira grande o suficiente para assar uns dois bois, na qual a madeira crepitava. Havia uma rede de dormir, de um lado do quarto, ao lado de um sofá absurdamente branco e de uma cama com quatro colunas. Perto da lareira, havia algo que Fat Charlie, que só vira aquilo nas revistas, suspeitava ser um tipo de banheira de hidromassagem. Havia um tapete de zebra e uma pele de urso pendurada numa parede, e também um equipamento moderno de áudio que basicamente consistia num pedaço negro de plástico polido. Numa parede havia uma daquelas TVs de plasma do tamanho do quarto que deveria estar ali. E muito mais.

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie. Ele não entrou no quarto.

— Bom, já que eu vou ficar uns dias aqui, pensei em trazer as minhas coisas.

— Suas coisas? “Trazer suas coisas” é trazer umas duas malas de roupa, uns jogos de Play Station e uma planta. Mas isso... isso é...

Ele não tinha palavras.

Spider deu um tapinha no ombro de Charlie enquanto entrava no quarto.

— Se você precisar de mim, estou aqui no meu quarto. — E fechou a porta.

Fat Charlie tentou abrir. Estava trancada.

Foi para a sala da TV, pegou o telefone do corredor e ligou para a Sra.Higgler.

— Quem é que esta ligando a essa hora da manhã? — perguntou ela.

— Sou eu. Fat Charlie. Me desculpe.

— Ce tá ligando por quê?

— Bom, estou ligando para pedir um conselho. É que o meu irmão apareceu.

— O teu irmão?

— Spider. A senhora me falou dele. Você disse para pedir a uma aranha se eu quisesse vê-lo. Eu fiz isso, e ele está aqui.

— Bom — começou ela num tom despreocupado —, isso é ótimo.

— Não, não é.

— Por que não? Ele é da sua família, não é?

— Olha, não posso contar com detalhes agora. Eu só quero que ele vá embora.

— Já tentou falar com ele educadamente?

— Já falamos sobre isso. Ele diz que não vai embora. Montou um quarto que mais parece a arena dos prazeres de Kublai Khan ali no quartinho de despensa, sendo que aqui é preciso permissão até mesmo para colocar vidros antirruído na janela. Ele tem uma cachoeira lá. Não lá dentro, do outro lado da janela. E está dando em cima da minha noiva.

— Como você sabe?

— Ele mesmo disse.

— Eu não consigo pensar direito sem tomar café antes.

— Eu só preciso saber como eu faço para ele ir embora.

— Eu não sei — respondeu a Sra. Higglar. — Vou conversar com a Sra. Dunwiddy a respeito.

E desligou.

Fat Charlie foi de novo até o fim do corredor e bateu na porta.

— Que foi dessa vez?

— Quero falar com você.

A porta fez um clique e ficou totalmente aberta. Fat Charlie entrou. Spider estava deitado, nu, dentro da banheira de água quente. Bebia algo que tinha mais ou menos a cor de eletricidade, num copo comprido e gelado. As enormes janelas estavam totalmente abertas, e o barulho da cachoeira contrastava com o jazz lento e líquido que saía das caixas de som ocultas em algum lugar do quarto.

— Olha, você precisa entender que este lugar é a minha casa.

Spider piscou.

— Este lugar? Este lugar aqui é a sua casa?

— Bom, não exatamente. Mas o princípio é o mesmo. Quer dizer, você está no meu quarto extra e você é um hóspede.

Spider tomou um golinho de seu drink e afundou-se confortavelmente na água quente.

— Dizem que hóspedes são como peixes. Começam a feder depois de três dias.

— É um bom argumento.

— Mas é difícil. E difícil quando você passou a vida toda sem ver o seu irmão. Difícil quando ele nem mesmo sabia que você existia. Ainda mais difícil quando você finalmente o encontra e percebe que, para ele, você não vale mais que um peixe morto.

— Mas...

Spider esticou-se na banheira.

— Vou dizer uma coisa: eu não posso ficar aqui pra sempre. Então não esquentá. Vou embora e você nem vai perceber. Da minha parte, jamais pensaria em você como um peixe morto. Entendo que nós estamos passando por uma fase muito estressante. Então não vamos mais falar do assunto. Por que você não sai para almoçar, não vai ao cinema? Não esqueça de deixar a chave de casa.

Fat Charlie pôs o paletó e resolveu sair. Colocou a chave de casa ao lado da pia. O ar fresco estava maravilhoso, embora o dia

estivesse cinzento e cuspiendo uma garoa fina. Comprou um jornal Parou numa barraquinha e comprou um saco grande de batatas fritas e um salsichão saveloy para o almoço. A chuvinha fina parou. Ele sentou-se num banco em frente a uma igreja, leu o jornal e comeu as fritas e o salsichão.

Estava com muita vontade de ver um filme.

Andou até o Odeon e comprou uma entrada para a primeira sessão que houvesse. Era um filme de ação e aventura, e já tinha começado quando ele entrou. Coisas explodiam. Foi ótimo.

Na metade do filme, ocorreu-lhe que havia algo de que ele não conseguia se lembrar. Estava ali na sua cabeça, em algum lugar, cocando, uns dois centímetros atrás dos olhos, e aquilo distraía sua atenção.

O filme terminou.

Fat Charlie percebeu que, embora tivesse gostado, não conseguia se lembrar muito bem do filme que acabara de ver. Então comprou um saco grande de pipoca e viu tudo de novo. Foi até melhor da segunda vez.

E da terceira.

Depois disso, achou que talvez devesse ir para casa, mas havia uma sessão dupla no fim da noite, em que passariam *Eraserhead: Histórias Reais*. Ele não vira nenhum dos dois, então assistiu a ambos, embora já sentisse, àquela altura, muita fome. Isso fez com que, no fim da sessão, não entendesse o propósito de *Eraserhead* ou o que a mulher fazia dentro do aquecedor. Ficou pensando se não o deixariam assistir de novo, mas explicaram a ele pacientemente, e diversas vezes, que precisavam fechar o cinema durante a noite, e perguntaram se ele não tinha para onde ir. Será que já não era hora de ir para casa e dormir?

Claro, ele precisava dormir, e já era hora de dormir, embora ele tivesse esquecido do fato por alguns instantes. Voltou a pé para Maxwell Gardens e ficou um pouco surpreso ao ver que a luz do seu quarto estava acesa.

Ao se aproximar da casa, viu as cortinas fechadas. Havia duas silhuetas à janela, movimentando-se. Pensou ser capaz de reconhecer ambas.

Elas se aproximaram e se fundiram numa única sombra.

Fat Charlie deu um grito alto e terrível.

NA CASA DA SRA. DUNWIDDY HAVIA UM MONTE DE ANIMAIS de plástico. A poeira movia-se lentamente pelo ar, como se estivesse acostumada com os raios de sol de uma era mais preguiçosa e não conseguisse se adaptar a essa luz rápida dos dias de hoje. Havia um plástico transparente cobrindo o sofá e cadeiras que faziam barulho quando a gente se sentava nelas.

Na casa da Sra. Dunwiddy havia papel higiênico áspero com cheiro de pinho — rolos de papel não-absorvente, brilhoso, desconfortável ao toque. A Sra. Dunwiddy acreditava que era bom economizar, e papel higiênico áspero com cheiro de pinho era o máximo que ela se permitia gastar. Ainda é possível encontrar papel higiênico áspero se você procurar bastante e estiver preparado para pagar pelas consequências.

A casa dela tinha cheiro de água de violeta. Era uma casa velha. As pessoas esquecem que os filhos dos colonos da Flórida já eram velhos e velhas quando os austeros puritanos chegaram a Plymouth Rock. A casa não era tão velha assim. Fora construída na década de 20, durante um plano de desenvolvimento da Flórida, para ser uma casa-modelo, representar as casas hipotéticas que outros compradores descobririam ser incapazes de construir nos terrenos

cheios de pântanos com crocodilos que lhes vendiam. A casa da Sra. Dunwiddy sobrevivera a furacões sem perder uma única telha.

Quando a campainha tocou, a Sra. Dunwiddy estava recheando um pequeno peru. Fez "tsc" com a língua, chateada, lavou as mãos e andou pelo corredor até a porta da frente, olhando o mundo com seus óculos de lentes bem grossas, com a mão esquerda passando pelo papel de parede.

Ela abriu uma fresta da porta e olhou para fora.

— Louella? Sou eu — disse Callyanne Higglar.

— Entra.

A Sra. Higglar seguiu a Sra. Dunwiddy de volta à cozinha. A Sra. Dunwiddy abriu a torneira, pôs as mãos embaixo d'água e continuou a pegar montes de recheio úmido de farinha de milho e enfiar bem fundo dentro do peru.

— Está esperando visita?

A Sra. Dunwiddy fez um ruído evasivo.

— É sempre bom a gente ficar preparada. Que tal me dizer o que tá acontecendo?

— O filho do Nancy. Charlie.

— O que tem ele?

— Bom, eu falei pra ele do irmão quando veio aqui na semana passada.

A Sra. Dunwiddy tirou a mão de dentro do peru.

— Não é o fim do mundo.

— Eu contei pra ele como entrar em contato com o irmão.

— Aaaaah — exclamou a Sra. Dunwiddy. Ela mostrava reprovação com uma única sílaba. — E?

— E ele apareceu lá na Inglaterra. O menino tá ficando maluco.

A Sra. Dunwiddy pegou um bocado de farinha de milho úmida e meteu dentro do peru com tamanha força que teria feito a ave lacrimejar se ainda tivesse olhos.

— Não consegue fazer ele ir embora?

— Não.

Olhos astutos a observaram através de lentes bem grossas. E então a Sra. Dunwiddy disse:

— Eu fiz isso uma vez. Não posso fazer de novo. Não daquele jeito.

— Eu sei. Mas a gente precisa fazer alguma coisa.

A Sra. Dunwiddy suspirou.

— É verdade essa coisa que dizem. Se a pessoa vive o bastante, vai colher tudo o que plantou.

— Não tem outro jeito?

A Sra. Dunwiddy terminou de rechear o peru. Pegou um palito e fechou a pele do bicho. Cobriu tudo com papel alumínio.

— Acho que, se eu puser pra assar amanhã perto da hora do almoço, vai ficar pronto à tarde. Aí eu posso colocar de volta no forno quente no começo da noite, pra ficar pronto pro jantar.

— Quem vem pro jantar? — perguntou a Sra. Higglar.

— Você — respondeu a Sra. Dunwiddy. — Zorah Bustamonte. Bella Noles. E Fat Charlie Nancy. Quando aquele menino chegar aqui, vai estar morrendo de fome.

— Ele vai vir aqui?

— Você não tá escutando, menina? — perguntou a Sra. Dunwiddy. Só a Sra. Dunwiddy poderia chamar a Sra. Higglar de “menina” sem soar como algo absurdo. — Agora me ajuda a pôr esse peru na geladeira.

SERIA CORRETO DIZER QUE ROSIE TIVERA A NOITE MAIS MARAVILHOSA de toda a sua vida: mágica, perfeita, excelente. Ela não conseguia parar de sorrir, mesmo se quisesse. A comida estava sensacional e, quando terminaram de comer, Fat Charlie levou-a para dançar. Era um salão de dança de verdade, com uma pequena orquestra e pessoas com roupas de tons claros que pairavam sobre a pista de dança. Ela se sentia como se tivesse viajado pelo tempo até uma época mais bonita. Rosie fizera aulas de dança desde os 5 anos de idade, mas nunca teve ninguém para dançar com ela.

— Eu não sabia que você sabia dançar — disse ela. — Há tantas coisas sobre mim que você não sabe.

Aquilo a deixou feliz. Logo, logo se casaria com aquele homem. Havia coisas sobre ele que ela desconhecia? Que ótimo. Teria uma vida inteira para descobri-las. Todo tipo de coisas.

Ela percebeu o modo como outras mulheres, e outros homens, olhavam para Fat Charlie enquanto andava ao seu lado, e ficou feliz por ser a mulher que o acompanhava.

Caminharam pela Leicester Square, e Rosie podia ver as estrelas sobre eles, a luz delas brilhando, apesar da luz forte da rua.

Por um breve momento, ficou pensando por que nunca tinha se sentido daquele jeito com Fat Charlie. Às vezes, lá no fundo, Rosie suspeitava que talvez só continuava a namorar Fat Charlie porque sua mãe não gostava nem um pouco dele. Que somente havia dito sim quando ele a pediu em casamento porque a mãe teria preferido que dissesse não...

Fat Charlie certa vez a levava ao West End. Foram ao teatro. Era uma surpresa de aniversário, mas houve confusão na bilheteria — na verdade, os bilhetes tinham sido emitidos para a apresentação do dia anterior. A gerência foi compreensiva e bastante Prestativa, e conseguiu achar para Fat Charlie um assento atrás de uma pilastra,

lá na frente, enquanto Rosie ficou lá em cima, atrás de um grupo de mulheres de Norwich que não paravam de rir. Não foi o que se pode chamar de um sucesso se você considerar esses detalhes.

Mas esta noite tinha sido mágica. Rosie não tivera muitos momentos perfeitos em sua vida, mas, qualquer que fosse o número total deles, tinha acabado de subir mais um.

Adorava o modo como se sentia quando estava com ele.

Quando acabaram de dançar, depois que saíram pela noite, embriagados pelo movimento e pelo champanhe, Fat Charlie — e por que ela pensava nele como Fat Charlie? Afinal, não era nem um pouquinho gordo — colocou o braço em volta dela e disse:

— Agora vamos voltar para a minha casa.

Falou isso numa voz tão profunda e real que fez o estômago dela tremer. Ela não comentou nada sobre ter que trabalhar no dia seguinte nem sobre ter tempo suficiente para aquele tipo de coisa quando se casassem. Não disse absolutamente nada, na verdade. O tempo todo, pensava no quanto não queria que aquela noite acabasse, no quanto queria— Não, no quanto precisava beijar aquele homem na boca e abraçá-lo.

Então, lembrando-se de que deveria dizer alguma coisa em resposta, disse sim.

No caminho, dentro do táxi, ficaram de mãos dadas, e ela se debruçou sobre ele quando a luz dos carros e dos postes iluminou seu rosto.

— Você tem uma orelha furada. Como eu não notei antes que você tem uma orelha furada?

— Ei — disse ele, sorrindo, com sua voz sonora e profunda como um baixo —, como você acha que eu me sinto se você nunca notou

algo assim, mesmo a gente estando junto por— quanto tempo mesmo?

— Um ano e seis meses.

— Um ano e seis meses.

Ela se debruçou sobre ele e aspirou seu cheiro.

— Eu adoro o seu cheiro. Você está usando algum perfume?

— É só o meu cheiro.

— Ah, então você devia engarrafar e vender.

Ela pagou o táxi enquanto ele abria a porta da frente. Subiram as escadas juntos. Quando chegaram ao topo, ele parecia se dirigir para o fim do corredor, na direção do quarto dos fundos.

— Ei, o quarto é aqui, seu bobo. Aonde você vai?

— Lugar nenhum. Eu sei que o quarto é aí.

Entraram no quarto de Fat Charlie. Ela fechou as cortinas. Ficou olhando para ele, feliz.

— E então? — perguntou ela, após alguns instantes. — Não vai tentar me beijar?

— Acho que vou — respondeu ele, e a beijou. A dimensão do tempo derreteu, esticou, curvou-se. Ela poderia tê-lo beijado por alguns instantes, por uma hora ou por uma vida inteira. Não saberia dizer. E então...

— Que barulho foi esse?

— Eu não ouvi nada — disse ele.

— Parecia alguém gritando de dor.

— Gatos brigando, talvez.

— Parecia uma pessoa.

— Pode ser uma dessas raposas que vêm pra cidade. Elas fazem um barulho bem parecido com o de gente.

Ela ficou lá, parada, com a cabeça inclinada para um lado, ouvindo atentamente.

— Já parou — disse. — Humm. Quer saber uma coisa estranha?

— Arrã — respondeu ele, com os lábios agora roçando pelo pescoço dela. — Claro, pode me falar a coisa estranha. Mas eu já fiz ela ir embora. Não vai mais perturbar você.

— A coisa estranha é que parecia você.

FAT CHARLIE VAGUEOU PELAS RUAS, TENTANDO PÔR A CABEÇA no lugar. O curso de ação mais óbvio seria bater em sua própria porta até Spider descer e deixá-lo entrar e depois falar para os dois tudo o que ele pensava. Isso era óbvio. Perfeita e completamente óbvio.

Só precisava voltar a sua casa, explicar tudo para Rosie e humilhar Spider até fazê-lo ir embora. Só precisava fazer isso. Não era muito difícil, certo?

Mais difícil do que deveria, com certeza. Não sabia ao certo por que fora embora dali. E tinha menos certeza ainda sobre qual o caminho de volta. As ruas que conhecia, ou achava que conhecia, pareciam estar dispostas de uma nova maneira. Ficou dando de cara com becos sem saída, explorando infinitas ruas particulares e tropeçando pelo emaranhado de vias residenciais de Londres.

Às vezes via a avenida principal. Havia semáforos nela, e os luminosos das cadeias de fastfood. Sabia que, se chegasse à avenida principal, conseguiria achar o caminho de volta até sua casa.

No entanto, sempre que caminhava em direção à avenida, acabava em outro lugar.

Seus pés começaram a doer. Seu estômago roncava violentamente. Sentia raiva e, à medida que caminhava, ela aumentava.

A raiva clareou seus pensamentos. As teias de aranha em sua mente começaram a desaparecer. A teia de ruas na qual caminhava

começou a ficar menos intrincada. Virou uma esquina e percebeu que estava na avenida principal, perto da New Jersey Fried Chicken. Comprou uma embalagem tamanho família de frango frito, sentou-se e comeu tudo sem a ajuda de parente nenhum. Quando terminou, ficou de pé na calçada esperando que um táxi com a luz de “desocupado” passasse por ali. Fez sinal para um grande carro preto, que parou perto dele. A janela desceu.

— Para onde?

— Maxwell Gardens — respondeu Fat Charlie.

— Tá de brincadeira, né? — perguntou o motorista. — Fica logo ali na esquina.

— Pode me levar até lá? Dou cinco libras a mais. De verdade.

O motorista suspirou alto por entre os dentes. Um som parecido com o que um mecânico faria antes de perguntar a você se tinha um apego muito grande ao motor do carro.

— Cê que sabe. Entra aí.

Fat Charlie entrou. O táxi arrancou, esperou a luz do semáforo ficar verde e fez a curva.

— Aonde mesmo você queria ir? — perguntou o motorista.

— Maxwell Gardens — respondeu Fat Charlie. — Número 34.

Logo depois da loja de bebidas.

Fat Charlie estava usando as roupas do dia anterior, mas preferia que não fosse assim. Sua mãe sempre lhe dissera para usar roupa de baixo limpa, caso tivesse um acidente de carro, e para escovar os dentes, caso alguém precisasse identificá-lo pela arcada dentária.

— Eu sei onde fica — comentou o motorista. — E logo antes de Park Crescent.

— Isso mesmo — concordou Fat Charlie. Ele estava adormecendo no banco de trás.

— Acho que peguei a rua errada — disse o motorista. Parecia irritado. — Vou desligar o taxímetro, ok? Vamos deixar por cinco.

— Claro — assentiu Fat Charlie, aconchegando-se no banco de trás do táxi. Adormeceu. O táxi rodava pela noite tentando

simplesmente virar a esquina.

A DETETIVE DAY, ATUALMENTE ENCARREGADA DE UMA MISSÃO com duração de um ano pelo Batalhão da Fraude, chegou ao escritório da Agência Grahame Coats às 9h30 da manhã. Grahame Coats a esperava na recepção e a acompanhou até seu escritório.

— Gostaria de tomar um café? Chá?

— Não, obrigada.

Ela pegou um caderninho de anotações e sentou-se, olhando para ele, esperando.

— Bom, não sei como deixar ainda mais claro que a discrição deve ser a essência da sua investigação. A Agência Grahame Coats tem uma reputação de integridade e justiça. Aqui o dinheiro de um cliente é sacrossanto. Devo dizer a você que, quando comecei a suspeitar de Charles Nancy, logo tirei aqueles pensamentos da cabeça. Não iria desconfiar de um homem decente e trabalhador dessa maneira. Se você me perguntasse há uma semana o que eu achava de Charles Nancy, eu lhe diria que ele é uma pessoa de caráter admirável.

— Estou certa disso. Então... Quando o senhor se deu conta de que havia dinheiro sendo desviado das contas dos clientes?

— Bom. Não tenho muita certeza ainda. Hesito em lançar uma suposição assim ao léu. Ou jogar a primeira pedra. Não julgueis, para que não sejais julgados.

“Na televisão”, pensou Daisy, “eles sempre dizem algo como ‘limite-se aos fatos’.” Ela queria dizer isso, mas não conseguia. Não gostava daquele homem.

— Eu imprimi todas as transações anômalas aqui — disse ele. — Como você pode ver, todas foram feitas do computador de Nancy. Devo ressaltar mais uma vez que a discrição é fundamental: entre os clientes da Grahame Coats, estão vários figurões públicos e, como informei ao seu superior, considero um favor pessoal se esse assunto for tratado da maneira mais discreta possível. A discrição deve ser sua palavra de ordem. Se por acaso pudermos persuadir o sr. Nancy a simplesmente devolver o dinheiro roubado, ficarei perfeitamente satisfeito em fazer o assunto morrer aí. Não tenho nenhum interesse em processá-lo.

— Farei o possível, mas, no final de tudo, nós recolhemos toda a informação e a repassamos ao Serviço Jurídico da Coroa. — Ela ficou imaginando quanta influência ele tinha sobre o chefe. — O que levou o senhor a suspeitar dele?

— Ah, sim. Francamente, com toda a honestidade, foram certas peculiaridades no comportamento. Coisinhas. O cachorro que deixou de latir à noite, o quanto a salsa afundava na manteiga do prato. Nós, detetives, encontramos sentido nas menores coisas, não é, senhorita Day?

— Ahm, o nome é detetive Day, na verdade. Bom, se o senhor puder me passar os arquivos impressos e outros documentos, como extratos bancários e coisas assim.... Talvez nós precisemos pegar o computador dele para ver o disco rígido.

— Absolutamente — concordou ele. O telefone na mesa tocou. — Com licença. — Atendeu e ouviu. — Ah, é? Nossa, diga a ele para me esperar na recepção. Irei vê-lo num instante.

Grahame desligou o telefone e disse a Daisy:

— Isso é o que se poderia chamar, no âmbito policial, de entregar-se de bandeja.

Daisy ergueu uma sobrancelha.

— E o próprio Charles que está aí para me ver. Vamos lá encontrá-lo? Se você precisar, pode usar meu escritório como sala de interrogatório. Acho que até tenho um gravador aí que você pode usar.

Daisy respondeu:

— Não será necessário. A primeira coisa a fazer é examinar a documentação.

— Certo, certo. Que tolo eu sou. Ahm.. você., gostaria de conhecê-lo?

— Não sei no que isso ajudaria.

— Ah, mas eu não diria que você o estaria investigando — assegurou Grahame Coats. — Do contrário, ele já estaria longe da costa-del-crime antes de termos tempo de pronunciar as palavras “provaprimafacie”. Para ser sincero, gosto de acreditar que sou uma pessoa que compreende perfeitamente os problemas da investigação policial hoje em dia.

Daisy pegou-se pensando que qualquer pessoa que roubasse dinheiro desse homem não poderia ser de todo má, o que, ela sabia, não era o jeito certo de um policial pensar.

— Eu a acompanho até a porta.

Na sala de espera, havia um homem sentado. Tinha a aparência de alguém que dormira com as roupas que estava usando. Não tinha feito a barba e parecia meio confuso. Grahame Coats deu uma cutucadinha em Daisy e inclinou a cabeça na direção do homem. Bem alto, disse:

— Charles! Deus do céu, homem, olha só o seu estado. Você está horrível.

Fat Charlie olhou para ele com olhos embaçados.

— Não consegui chegar em casa ontem à noite. Um problema com o táxi.

— Charles, essa é a detetive Day, da Polícia Metropolitana. Ela está aqui fazendo uma investigação de rotina.

Fat Charlie percebeu que havia mais uma pessoa ali. Tentou focalizar o olhar e viu roupas austeras, que mais pareciam um uniforme. Então viu o rosto. E murmurou:

— Ahm...

— Bom dia — cumprimentou Daisy. Isso foi o que a boca dela disse. Mas, em sua mente, só dizia drogadrogadrogadrogadrogadropa repetidas vezes.

— Prazer em conhecê-la — respondeu Fat Charlie. Confuso, fez algo que nunca fizera antes: imaginou a policial sem roupa e percebeu que sua imaginação lhe dera uma imagem precisa da jovem com a qual acordou na manhã antes do sonho com o pai. As roupas sérias a tornavam um pouco mais velha, mais séria e muito mais assustadora. Mas era ela, sem dúvida nenhuma.

Como todos os seres conscientes, Fat Charlie tinha um limite para a esquisitice. Nos últimos dias, o esquisitômetro estava batendo no vermelho, às vezes quase no limite. Agora havia explodido. A

partir desse momento, ele suspeitou, nada o deixaria surpreso. Não haveria mais nenhuma maneira de fazê-lo achar algo esquisito. Era o limite.

Ele estava errado, é claro.

Fat Charlie observou enquanto Daisy ia embora e seguiu Grahame Coats até o escritório dele.

Grahame Coats fechou a porta. Apoiou o traseiro na mesa e sorriu como uma doninha que acabava de descobrir que ficaria acidentalmente presa a noite toda dentro de um galinheiro.

— Vamos logo ao assunto. Vamos pôr as cartas na mesa. Nada de enrolação. Vamos pôr tudo em pratos limpos.

— Tudo bem — disse Fat Charlie. — Vamos lá. Você disse que tinha uns papéis para eu assinar?

— Não é mais isso. Esqueça isso. Vamos discutir algo que você falou comigo alguns dias atrás. Você me alertou a respeito de algumas transações suspeitas que estavam acontecendo aqui.

— Alertei?

— Quando um não quer, Charles, dois não brigam. Naturalmente o meu primeiro impulso foi investigar. Por isso tivemos a visita da detetive Day hoje de manhã. E o que eu descobri, imagino, não o deixará nem um pouco surpreso.

— Não?

— Certamente não. Existem, como você mesmo disse, indicadores de que definitivamente houve alguma irregularidade nas finanças. Mas, o que é uma pena, o caprichoso dedo da suspeita aponta sem dúvida para apenas uma direção.

— Uma direção?

— Uma direção.

Fat Charlie estava completamente perdido.

— Para onde?

Grahame Coats tentou parecer preocupado, ou pelo menos parecer que tentava parecer preocupado. Ele fez uma cara que, nos bebês, sempre indica que precisam arrotar.

— Para você, Charles. A polícia considera você o principal suspeito.

— Sim. Mas é claro. Combina com o resto do dia.

E Fat Charlie foi para casa.

SPIDER ABRIU A PORTA DA FRENTE. FAT CHARLIE ESTAVA ALI, na chuva, de pé, amarrotado e molhado.

— Então, não tenho permissão para entrar na minha casa, é isso?

— Eu não faria nada para impedi-lo — respondeu Spider — É a sua casa, afinal de contas. Onde você esteve a noite toda?

— Você sabe perfeitamente onde eu estive. Estava tentando chegar em casa, mas não conseguia. Não sei que tipo de magia você usou comigo.

— Não foi magia — observou Spider, ofendido. — Foi um milagre.

Fat Charlie passou por ele e subiu a escada com passos barulhentos. Entrou no chuveiro, tapou o ralo da banheira e abriu as torneiras. Debruçou-se na parede do corredor.

— Não interessa o nome. Você está lançando essa coisa sobre a minha casa e me impediu de vir para cá ontem à noite. — Ele tirou as roupas de anteontem. Colocou a cabeça do lado de fora da porta. — E a polícia está atrás de mim no trabalho. Você falou para o Grahame Coats que havia irregularidades financeiras?

— Claro que falei — respondeu Spider.

— Ha! Bom, agora ele suspeita que eu sou o culpado, só isso.

— Ah, eu acho que não.

— Você não sabe de nada. Eu conversei com ele. Até a polícia está envolvida. E tem a Rosie. Você e eu vamos ter uma longa conversa sobre a Rosie quando eu terminar o meu banho. Mas primeiro vou entrar na banheira. Passei a noite toda perdido por aí. Foi a primeira vez que dormi no banco de trás de um táxi. Quando acordei, eram cinco da manhã e o motorista estava virando o Travis Bickle de Táxi Driver. Ele falava sozinho. Disse a ele que era melhor a gente desistir de encontrar Maxwell Gardens e que obviamente não era uma boa noite para ir até lá. Ele acabou concordando. Nós fomos tomar café-da-manhã num desses lugares em que os taxistas comem pela manhã. Ovos, feijão, salsicha, torrada e um chá tão forte que dava para equilibrar a colher lá dentro. Quando ele disse prós outros motoristas que dirigiu a noite inteira tentando achar Maxwell Gardens, pensei que iam matá-lo. Não aconteceu, mas foi quase.

Fat Charlie parou para tomar ar. Spider fez uma cara de culpado.

— Depois— disse Fat Charlie. — Depois do meu banho. E fechou a porta do banheiro.

Entrou na banheira.

Fez um barulho de “uuuf”.

Saiu da banheira.

Desligou as torneiras.

Enrolou-se numa toalha e a abriu a porta do banheiro.

— Não tem água quente — disse de um jeito excessivamente calmo. — Você por acaso sabe por que não tem água quente?

Spider ainda estava no corredor. Não tinha se movido.

— É a minha banheira de água quente. Me desculpe.

Fat Charlie respondeu:

— Bom, pelo menos Rosie não... Quer dizer, ela não teria...

Então ele viu a expressão no rosto de Spider.

— Quero que você saia daqui. Quero que saia da minha vida. Da vida de Rosie. Para sempre.

— Eu gosto daqui.

— Você está acabando com a minha vida.

— Dureza, né?

Spider andou pelo corredor e abriu a porta que dava para o quarto extra de Fat Charlie. A luz tropical do sol inundou o corredor por um instante, e então a porta se fechou.

Fat Charlie lavou os cabelos com água fria. Escovou os dentes. Vasculhou o cesto de roupas sujas até encontrar uma calça jeans e uma camiseta que, por estarem no fundo, estavam quase limpas de novo. Colocou a roupa e um suéter roxo com um ursinho de pelúcia que sua mãe lhe dera e ele nunca usara, mas também não tivera a oportunidade de doar.

Caminhou até o fim do corredor.

Podia-se ouvir o bum-tchá-bum do som do baixo e da bateria através da porta.

Fat Charlie chacoalhou a maçaneta. A porta não cedeu.

— Se você não abrir essa porta, eu vou arrombá-la.

A porta abriu sem aviso, e Fat Charlie entrou correndo no quarto de despensa no fim do corredor. A vista na janela era a parte de trás da casa que havia nos fundos — o pouco que se podia ver dela através da chuva que castigava a vidraça.

Mesmo assim, de algum lugar, a somente uma parede de distância, havia um aparelho de som tocando música bem alto: tudo no quarto de despensa vibrava com um distante bum-tchá-bum.

— Certo — começou Fat Charlie, em tom casual. — Obviamente você tem consciência de que isso é uma declaração de guerra.

Era o grito tradicional de guerra do coelho, quando provocado. Há lugares em que as pessoas acreditam que Anansi foi um coelho que pregava peças. Elas estão erradas, é claro. Anansi era uma aranha. Talvez você pense que as duas criaturas não poderiam ser confundidas, mas isso acontece com mais frequência do que você imagina.

Fat Charlie foi para seu quarto. Pegou o passaporte em uma gaveta perto da cama. Encontrou sua carteira onde a tinha deixado, no banheiro.

Desceu a avenida principal e, na chuva, fez sinal para um táxi.

— Para onde?

— Aeroporto de Heathrow — disse Fat Charlie.

— Certo. Qual terminal?

— Não faço a menor ideia — respondeu Fat Charlie, consciente de que deveria saber uma coisa dessas. Afinal de contas, fazia poucos dias. Perguntou ao motorista:

— De que terminal sai avião para a Flórida?

GRAHAME COATS COMEÇOU A PLANEJAR SUA SAÍDA DA AGÊNCIA Grahame Coats na época em que John Major era primeiro-ministro (Sucessor de Margaret Thatcher, foi chefe do governo britânico entre 1990 e 1997). Afinal, nada que é bom dura para sempre. Mais cedo ou mais tarde, como o próprio Grahame Coats tinha o prazer de assegurar, mesmo se você tem um pato que bota ovos dourados, ele irá para a panela. Embora seu plano fosse bom — nunca se sabe quando é preciso ir embora de uma hora para outra, e ele estava ciente de que os acontecimentos formavam uma nuvem negra no horizonte —, resolveu adiar sua partida para o momento em que não pudesse mais adiá-la.

O mais importante, decidira havia muito tempo, não era ir embora, e sim desaparecer, evaporar, escafeder-se sem deixar rastro.

Num cofre oculto em seu escritório — um escritório espaçoso do qual se sentia bastante orgulhoso —, sobre uma prateleira que ele mesmo instalara e recentemente precisou ser recolocada no lugar depois que caiu, havia uma maletinha de couro com dois

passaportes: um em nome de Basil Finnegan e outro em nome de Roger Bronstein. Cada um desses homens nascera havia 50 anos, assim como Grahame Coats, mas tinham morrido em seu primeiro ano de vida. Ambas as fotografias nos passaportes eram de Grahame Coats. A maletinha também continha duas carteiras, cada uma com um conjunto de cartões de crédito e documentos com fotos no nome do titular de cada um dos dois passaportes. Cada nome era signatário das contas nas Ilhas Cayman, as quais por sua vez desviavam dinheiro para outras contas nas Ilhas Virgens Britânicas, na Suíça e em Liechtenstein.

Grahame Coats planejava ir embora de vez no seu aniversário de 50 anos, que aconteceria dali a pouco mais de um ano. No momento, pensava sobre o problema de Fat Charlie.

Ele na verdade não esperava que Fat Charlie fosse para a prisão, embora não fizesse objeção a essa possibilidade, caso ocorresse. Queria que ele ficasse com medo, perdesse sua reputação, sumisse.

Grahame Coats sentia grande alegria em ludibriar os clientes da Agência Grahame Coats, e era bom nisso. Ficou bastante surpreso ao descobrir que, contanto que escolhesse sua clientela com cuidado, as celebridades e artistas que representava sabiam muito pouco sobre finanças e ficavam aliviadas ao descobrir que alguém os

representaria, administraria seu dinheiro e as certificaria de que não havia com o que se preocuparem. Se às vezes havia cheques que demoravam a chegar em suas contas, ou se havia débitos diretos não-identificados nas contas dos clientes, Grahame Coats tinha uma grande rotatividade com seus funcionários, especialmente no departamento de contabilidade, e nada era mais fácil do que pôr a culpa na incompetência de um ex-funcionário ou fazer quem desconfiava mudar de ideia com uma caixa de champanhe e um cheque gordo como pedido de desculpas.

Não que gostassem de Grahame Coats ou que confiassem nele. Até mesmo os que eram representados por ele o consideravam um sujeito não confiável, uma doninha esperta. Mas acreditavam que conseguiam domar aquela doninha, fazê-la trabalhar para eles, e era aí que se enganavam.

Grahame Coats só trabalhava para si mesmo.

O telefone em sua mesa tocou, e ele atendeu.

— Sim?

— Senhor Coats? Maeve Livingstone está na linha. Eu sei que o senhor disse para transferi-la para o Fat Charlie, mas ele está de folga, e eu não sabia o que dizer. Digo que o senhor não está?

Grahame Coats pensou por alguns instantes. Antes que um ataque repentino do coração o levasse embora, Morris Livingstone, que fora certa vez o mais adorado comediante baixinho de Yorkshire do país, era a estrela de séries famosas da TV, como *Short Back and Slidese* seu programa de variedades do sábado, *Morris Livingstone, I Presume*. Até havia emplacado uma música entre “dez mais” na década de 80: “It s Nice Out (But Put It Away)”. Pessoa amigável e pacífica, não apenas deixara seus assuntos financeiros aos encargos da Agência Grahame Coats como também estabelecera, por sugestão de Grahame Coats, que o próprio Coats fosse fiduciário de seus bens.

Seria um crime não ceder a uma tentação dessas.

E havia também Maeve Livingstone. Seria justo dizer que ela havia aparecido por muitos anos, sem saber, em papéis principais e secundários nas mais diversas fantasias ocultas de Grahame Coats.

Grahame Coats disse à secretária:

— Sim, pode transferi-la. — E então, com voz solícita: — Maeve, como é bom falar com você. Como vai?

— Não muito bem.

Maeve Livingstone era dançarina quando conheceu Morris, e sempre foi mais alta que seu marido baixinho. Eles se adoravam.

— Bom, por que não me conta?

— Eu falei com Charles alguns dias atrás. Eu andei pensando. Bem, o gerente do meu banco andou pensando... O dinheiro de Morris. Você disse que nós receberíamos uma parte dele mais ou menos nesta época.

— Maeve — respondeu Grahame Coats com o que ele imaginava ser sua voz mais aveludada e profunda, a voz que acreditava atrair as mulheres —, o problema não é que o dinheiro não está na sua conta. E apenas uma questão de liquidez. Como eu já disse, Morris fez vários investimentos imprudentes no fim da vida e, embora ele também tenha feito alguns bons investimentos, seguindo meus conselhos, precisamos deixar que esses bons investimentos tenham tempo para amadurecer. Não podemos tirar o dinheiro agora sem perder tudo. Mas não vos preocupais, não vos preocupais. Faço qualquer coisa por uma boa cliente. Eu farei um cheque da minha própria conta bancária para deixá-la com saldo. Quanto é que o gerente quer?

— Ele diz que vai ter que começar a devolver cheques e a BBC me disse que vai enviar o dinheiro correspondente aos lançamentos dos shows antigos em DVD. Esse dinheiro não foi investido, né?

— Foi o que a BBC disse? Para falar a verdade, nós estamos atrás deles para que nos paguem. Mas eu não quero colocar toda a culpa na BBC. A nossa contadora está grávida, e as coisas por aqui estão bem confusas. E Charles Nancy, com quem você conversou, está um tanto abalado. O pai dele morreu, ele tem viajado muito para fora do país...

— Da última vez que nos falamos — interrompeu ela —, você disse que tinha problemas porque estava instalando computadores novos aí.

— E de fato estávamos. Por favor, nem me faça falar nesses malditos programas de contabilidade. Como é mesmo que dizem? Errar é humano, mas... ahm... para atrapalhar tudo mesmo, você só precisa de um computador. Algo do tipo. Vou investigar o caso a fundo, à mão se necessário, do jeito mais tradicional, e o seu dinheiro voltará para você. E o desejo de Morris.

— O meu gerente diz que eu preciso de 10 mil libras imediatamente só para os cheques pararem de voltar.

— E você terá 10 mil libras. Estou fazendo um cheque para você neste exato momento. — Ele desenhou um círculo em seu bloco de anotações, com uma linha saindo do topo. Parecia mais ou menos uma maçã.

— Fico muito grata — respondeu Maeve, e Grahame ficou todo orgulhoso. — Espero não estar atrapalhando você.

— Imagina, você nunca atrapalha — disse Grahame Coats. — De forma nenhuma.

Desligou o telefone. “A parte mais engraçada”, pensou Grahame Coats, “é que os personagens cômicos de Morris sempre foram uma paródia do típico homem teimoso de Yorkshire, orgulhoso por saber o paradeiro de cada centavo que tinha.”

“Foi uma bela jogada”, pensou Grahame Coats, e acrescentou dois olhos e duas orelhas à maçã. Agora o desenho se parecia, ele decidiu, mais ou menos com um gato. Logo seria a época de trocar toda uma vida dedicada ao roubo de celebridades mimadas por uma vida com muito sol, piscinas, excelentes refeições, bons vinhos e, se possível, muito sexo oral. Grahame Coats estava convencido de que as melhores coisas da vida poderiam sempre ser trocadas por dinheiro.

Desenhou uma boca no gato e a encheu de dentes afiados, de modo que agora o desenho parecia um pequeno leão da montanha. Enquanto desenhava, começou a cantar numa voz sibilante de tenor.

When I were a young man my father would say

It's lovely outside, you should go out and play

But now that I m older, the ladies all say

It's nice out, but put it away. .

“Quando eu era mais jovem, meu pai me dizia

Está um dia tão lindo, vá brincar lá fora

Mas, agora que estou mais velho,

todas as moças dizem

É legal pra fora, mas ponha já pra dentro.” (N. T.)

Morris Livingstone, já morto, pagara pelo duplex em Copacabana e pela instalação da piscina na ilha de Saint Andrews, e ninguém deveria pensar que Grahame Coats não se sentia grato a ele.

It's nice out, but put it awaaaaaay

SPIDER SENTIA-SE ESTRANHO.

Alguma coisa estava acontecendo: uma sensação esquisita alastrava-se como uma névoa, e aquilo arruinava o seu dia. Ele não conseguia identificar o que era e não gostava nada daquilo.

Se havia uma coisa que ele definitivamente não sentia, essa coisa era culpa. Simplesmente não era o tipo de sentimento que ele costumava ter. Sempre se sentiu o máximo. Sempre se sentiu no controle. Não se sentia culpado. Não se sentiria culpado nem se fosse pego em flagrante roubando um banco.

E lá estava, pairando sobre ele, uma nuvem de desconforto.

Até aquele momento, Spider acreditara que deuses eram diferentes: eles não tinham consciência, nem precisavam ter. A relação de um deus com o mundo, mesmo um mundo no qual vivia, tinha tanta ligação emocional quanto a ligação emocional existente no caso de alguém que conhece a estrutura geral de jogo de computador e se arma com vários códigos para burlar o jogo.

Spider sempre se divertia. Era o que sabia fazer. Essa era a parte importante. Não reconheceria o que é a culpa nem se alguém desse a ele um guia ilustrado com todas as partes explicadas num diagrama. Não que fosse irresponsável. Ele não estava presente no dia em que distribuíram o tal sentido de responsabilidade. Mas algo havia mudado dentro ou fora dele, não sabia ao certo, e isso o perturbava. Serviu-se de mais um drink. Fez um gesto com a mão, e a música ficou mais alta. Mudou o CD, de Miles Davis para James Brown. Ainda assim, não adiantou.

Deitou-se na rede, sob o sol tropical, ouvindo a música, divertindo-se com o fato de que era maravilhoso ser ele mesmo. Pela primeira vez, aquilo de alguma maneira não lhe bastava.

Levantou-se da rede e foi até a porta.

— Fat Charlie?

Não houve resposta. O apartamento parecia vazio. Do lado de fora havia um dia cinzento acompanhado de chuva. Spider gostava da chuva. Parecia adequada à situação.

Com um trinado suave, o telefone tocou. Spider atendeu.

Era a voz de Rosie.

— É você?

— Oi, Rosie.

— Ontem à noite — começou ela. E depois não disse nada. Mas retomou: — Foi tão maravilhoso para você como foi para mim?

— Eu não sei. Para mim foi maravilhoso. Então imagino que a resposta seja “sim”.

— Humm. — Ficaram calados. — Charlie?

— Humm?

— Eu até gosto de ficar calada, sem falar nada. Só de saber que você está aí do outro lado da linha.

— Eu também.

Saborearam a sensação de não falar nada por mais alguns instantes, fazendo-a durar mais.

— Você quer vir me visitar hoje à noite aqui em casa? — perguntou Rosie. — Minhas colegas foram para as montanhas Cairngorms.

— Essa — começou Spider — talvez seja a frase mais bela jamais dita. Minhas colegas foram para as montanhas Cairngorms. Pura poesia. Ela riu.

— Seu bobo. Você traz... sua escova de dentes?

— Ah. Aaaah. Claro.

Depois de vários minutos de “você desliga o telefone” e “não, você desliga primeiro”, dignos da conversa de um casal de 15 anos de idade cheio de hormônios, o telefone finalmente foi desligado.

Spider sorriu como um santo. O mundo, desde que Rosie estivesse nele, era o melhor mundo que qualquer mundo poderia ser. A névoa passou, e o mundo voltou a ser alegre.

Nem mesmo ocorreu a Spider imaginar onde estaria Fat Charlie. Por que deveria se preocupar com coisinhas insignificantes? As moças que moravam com Rosie foram para as montanhas Cairngorms, e esta noite... Bem, esta noite ele levaria sua escova de dentes.

O CORPO DE FAT CHARLIE ESTAVA NUM AVIÃO A CAMINHO DA Flórida, dormindo espremido num assento no meio de uma fileira de cinco pessoas. Isso era bom — os banheiros do fim do corredor apresentaram um problema no funcionamento assim que o avião decolou. Embora os atendentes tivessem colocado avisos dizendo “enguiçado” nas portas, isso de nada adiantou para melhorar o cheiro, que se espalhava lentamente pelo fundo do avião como uma névoa química. Havia bebês berrando, adultos resmungando e crianças choramingando. Um grupo de passageiros a caminho do Walt Disney World, achando que o passeio já começava no avião, começou a cantar. Cantaram “Bibbidi-Bobbidi-Boo”, “The Wonderful Thing About Tigers”, “Under the Sea” e “Heigh, Ho, Heigh Ho, It’s Off To Work We Go” e até, pensando que também era uma canção da Disney, “Were Off to See the Wizard”.

Logo que o avião decolou, descobriu-se que, devido a uma confusão com o pessoal que cuidava da comida, nenhuma refeição para a classe econômica fora colocada a bordo. Em vez disso, só

havia embalagens de café-da-manhã, o que significava que haveria pacotes individuais de cereal e banana para todos os passageiros, e eles teriam que comer com garfos e facas de plástico, porque infelizmente não havia colheres. Isso, por sua vez, até que era bom, já que logo não haveria leite para colocar no cereal.

Era um voo infernal, e Fat Charlie dormia durante todo o tempo.

No sonho de Fat Charlie, ele estava num grande salão, usando fraque. Rosie estava perto dele, usando um vestido branco de noiva.

Do outro lado do galpão perto de Rosie, estava a mãe dela, absurdamente também vestida de noiva, embora seu vestido estivesse coberto de poeira e teias de aranha. Bem longe, no horizonte, que era o fim do salão, havia pessoas atirando para o alto e balançando bandeiras brancas.

— São as pessoas da mesa H — disse a mãe de Rosie. — Não dê atenção a elas.

Fat Charlie virou-se para Rosie. Ela sorriu para ele com seu sorriso doce e delicado e então lambeu os lábios.

— Bolo — disse Rosie em seu sonho.

Este era o sinal para que a orquestra começasse a tocar. Era uma banda de jazz estilo New Orleans, e eles tocavam uma marcha fúnebre.

A assistente do chef era uma policial. Ela segurava um par de algemas. O chef trouxe o bolo até o galpão numa mesa com rodinhas.

— Agora — disse Rosie para Fat Charlie, em seu sonho — corte o bolo.

As pessoas na mesa B — que não eram pessoas, e sim camundongos, ratos, jumentos e cavalos de desenho animado do tamanho de seres humanos — começaram a cantar músicas dos desenhos da Disney. Fat Charlie sabia que queriam que ele cantasse também. Mesmo dormindo, sentia o pânico tomar conta dele com a simples ideia de ter que cantar em público. Não conseguia sentir seus membros direito, os lábios formigavam.

— Eu não posso cantar com vocês — disse Fat Charlie aos bichos da mesa H, desesperado, tentando desculpar-se. — Eu preciso cortar o bolo.

Com isso, todo o salão ficou em silêncio. E, no silêncio, um chef entrou, carregando um carrinho com rodas que tinha alguma coisa em cima. O chef tinha a cara de Grahame Coats, e no carrinho havia um bolo de casamento branco, enorme, todo cheio de ornamentos, com muitos andares. Uma pequena noiva e um pequeno noivo estavam empoleirados, quase caindo, sobre o último andar do bolo, como duas pessoas tentando se equilibrar sobre um edifício Chrysler confeitado.

A mãe de Rosie colocou a mão embaixo da mesa e de lá tirou uma faca comprida, com cabo de madeira — quase um facão — e lamina enferrujada. Passou a faca para Rosie, que pegou a mão direita de Fat Charlie e colocou sobre a dela. Juntos, eles pressionaram a faca enferrujada sobre a espessa camada de confeito branco do andar superior do bolo, e a empurraram para dentro, entre o noivo e a noiva. O bolo ofereceu certa resistência de início, e Fat Charlie fez mais força, colocando todo o seu peso sobre a faca. Sentiu que o bolo começava a ceder. Empurrou a faca com mais força ainda.

A lamina cortou a camada mais alta do bolo de casamento. Ela escorregava e cortava todo o bolo, de cima a baixo, através de todos os andares e camadas, e, a medida que cortava, o bolo se abria...

Em seu sonho, Fat Charlie pensou que o bolo estivesse cheio de contas negras, bolinhas de vidro negro ou carvão mineral polido. À medida que elas calam, ele se dava conta de que as contas tinham pernas, cada uma com oito perninhas ágeis, e saíam de dentro do bolo formando uma onda negra. As aranhas avançaram e cobriram a toalha de mesa branca. Cobriram a mãe de Rosie e a própria Rosie, fazendo com que seus vestidos brancos ficassem tão negros quanto o ébano. Então, como se fossem controladas por alguma inteligência poderosa e maligna, vieram, centenas delas, para cima de Fat Charlie.

Ele tentou correr, mas suas pernas estavam presas a algum tipo de planta elástica, e ele caiu no chão.

Agora estavam sobre ele, suas perninhas andando sobre sua pele. Ele tentou se levantar, mas estava afundado em aranhas.

Fat Charlie queria gritar, mas sua boca estava cheia de aranhas. Cobriram seus olhos, e seu mundo ficou completamente escuro...

Fat Charlie abriu os olhos e não viu nada além de escuridão. Ele gritou, gritou, gritou e gritou mais ainda. Então se deu conta de que as luzes estavam apagadas, e as janelas, fechadas, porque as pessoas assistiam a um filme.

Já era um voo infernal. Fat Charlie só deixou um pouco pior para todo mundo.

Ele se levantou e tentou sair de sua fileira, tropeçando nas pessoas enquanto passava. Depois, quando estava quase chegando ao corredor, ficou ereto e bateu a testa no armário sobre a cabeça dos passageiros, o que fez com que a porta abrisse e deixasse cair a bagagem de mão de alguém sobre a cabeça dele.

As pessoas ali perto, as que viam a cena, riram. Aquilo era uma excelente cena de comédia, no estilo pastelão, e elas se divertiram muitíssimo.

CAPÍTULO SETE

**NO QUAL FAT CHARLIE PERCORRE UM LONGO
CAMINHO**

A FUNCIONÁRIA DA IMIGRAÇÃO APERTO U OS OLHOS observando o passaporte de Fat Charlie, como se estivesse desapontada por ele não ser um estrangeiro que ela poderia simplesmente impedir de entrar no país. Com um suspiro, fez sinal com a mão para que ele passasse.

Ele ficou pensando no que faria assim que passasse pela alfândega. "Alugar um carro", pensou. "E comer."

Saiu da van e atravessou a barreira de segurança, na direção da grande ala de lojas do aeroporto de Orlando. Não ficou nem um pouco surpreso ao ver a Sra. Higgle r ali de pé, examinando o rosto dos que chegavam com uma enorme caneca de café na mão. Os dois se viram mais ou menos no mesmo instante, e ela foi até ele.

— Tá com fome? — perguntou.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Bom. Então tomara que goste de peru.

FAT CHARLIE FICOU PENSANDO SE O CARRO DA SRA. HIGGLER, A perua vermelho-escuro, era o mesmo de que ele se lembrava quando menino. Suspeitou que sim. Devia ter sido novo em alguma época, sem dúvida. Tudo no mundo foi novo em algum momento,

afinal. O revestimento dos assentos era um couro rachado que estava se desfazendo. O painel era de madeira envernizada, coberta de pó.

Havia um saco de supermercado marrom entre eles, no assento.

Não havia suporte para copo no milenar carro da Sra. Higglar. Ela segurava a enorme caneca de café entre suas coxas enquanto dirigia. O carro parecia de uma época anterior ao ar-condicionado, e ela dirigia com as janelas abertas. Fat Charlie não se importava. Depois do friozinho úmido da Inglaterra, o calor da Flórida era bem-vindo. A Sra. Higglar dirigia para o sul, em direção à autoestrada com pedágio. Ela falava sobre várias coisas enquanto dirigia: o último furacão, como ela levou o sobrinho Benjamim para o Sea World e o Walt Disney World e que todos os lugares turísticos haviam mudado para pior, o preço da gasolina, o que disse para o médico que sugeriu uma cirurgia para colocar uma prótese no osso do quadril, por que os turistas insistiam em alimentar os crocodilos e por que as pessoas recém-chegadas construía casas perto da praia e sempre ficavam surpresas quando a praia ou a casa iam embora, ou quando os crocodilos comiam seus cães. Fat Charlie deixou-a falar. Só estava jogando conversa fora.

A Sra. Higglar diminuiu a velocidade e pegou o tíquete que a deixaria passar pelo pedágio. Parou de falar. Parecia estar pensando.

— Então cê conheceu o seu irmão.

— Sabe, a senhora poderia ter me avisado.

— Eu avisei que ele era um deus.

— Mas esqueceu de dizer que ele é simplesmente insuportável, intragável.

A Sra. Higglar fungou. Tomou um gole de café.

— Será que tem algum lugar onde a gente possa parar pra comer? — perguntou Fat Charlie. — Só serviram cereal com banana no avião. Sem colher. E o leite acabou antes de chegar à minha fileira. Aí se desculparam e nos deram uns vales-refeições para compensar. — A Sra. Higglar fez que não com a cabeça. — Eu podia ter usado o vale para comer um hambúrguer no aeroporto.

— Olha só — começou ela. — A Louella Dunwiddy fez um peru. Como você acha que ela vai ficar se a gente chegar lá e cê tiver enchido a barriga no McDonalds e estiver sem fome? Hein?

— Mas eu estou morrendo de fome. E a gente só vai chegar lá daqui a mais de duas horas.

— Não — discordou ela com firmeza. — Não comigo dirigindo.

Então ela acelerou. De vez em quando, quando a perua vermelho-escuro estremecia na estrada, Fat Charlie fechava bem os

olhos e ao mesmo tempo apertava com o pé esquerdo um freio imaginário. Era exaustivo.

Em muito menos de duas horas chegaram à última saída da estrada de pedágio e passaram para a estrada local. Dirigiram-se à cidade. Passaram pela Barnes and Noble e pelo Office Depot. Olharam de passagem casas que valiam milhões de dólares, com seguranças na frente. Percorreram as ruas residenciais mais antigas, que Fat Charlie lembrava estarem mais bem cuidadas quando era pequeno. Viram a vendinha de comida indiana e o restaurante com bandeira jamaicana na janela, com cartazes escritos à mão fazendo propaganda dos pratos especiais do dia: arroz com rabada, cerveja caseira e frango ao curry.

Fat Charlie ficou com água na boca. Seu estômago roncou.

O carro deu uma guinada e balançou. Agora as casas eram mais velhas, e dessa vez tudo parecia familiar.

Os flamingos cor-de-rosa de plástico ainda faziam pose no jardim da frente da casa da Sra. Dunwiddy, embora o sol os tivesse deixado desbotados com o passar dos anos. Havia também uma bola de cristal espelhada e, quando Fat Charlie passou por ela e a viu, ficou com muito medo por um instante.

— As coisas estão muito ruins lá com o Spider? — perguntou a Sra. Higglar enquanto caminhavam para a porta de entrada.

— Vamos dizer assim: eu acho que ele está dormindo com a minha noiva. Algo que eu mesmo nunca fiz.

— Ah. Xiiii — fez a senhora Higglar. E tocou a campainha.

“É MAIS OU MENOS COMO MACBETH” , PENSOU FAT CHARLIE uma hora depois. Na verdade, se as bruxas em Macbeth fossem quatro velhinhas e se, em vez de remexerem um caldeirão e realizarem encantamentos, elas convidassem Macbeth e oferecessem a ele peru, arroz e ervilhas em pratos de porcelana branca, sobre uma toalha de mesa xadrez de plástico vermelho — para não mencionar também a torta de batata-doce e o repolho apimentado —, e o encorajassem a se servir uma segunda vez, e uma terceira, e, quando Macbeth declarasse que não, que já estava bem cheio, a ponto de explodir, e não poderia comer mais, e as bruxas insistissem para que ele provasse a receita especial de arroz-doce típico e uma grande fatia da famosa torta de abacaxi da Sra. Bustamonte, teria sido exatamente como Macbeth.

— Pois então — começou a Sra. Dunwiddy, limpando uma migalha de bolo de abacaxi do canto da boca. — Eu soube que o seu irmão foi ver você.

— Sim. Eu falei com uma aranha. Acho que foi culpa minha. Nunca achei que fosse acontecer alguma coisa.

Um coro de “xiii” e “tsc, tsc” percorreu a mesa enquanto a Sra. Higglar, a Sra. Dunwiddy, a Sra. Bustamonte e a Sra. Noles estalavam a língua e balançavam a cabeça.

— Ele sempre dizia que você era o filho mais bobo — observou a Sra. Noles. — O seu pai. Mas eu nunca acreditei nele.

— Ora, como eu ia saber? — protestou Fat Charlie. — Os meus pais nunca me disseram algo como: “Ah, filho, a propósito, você tem um irmão que você não conhece. Se convidá-lo para aparecer na sua vida, ele vai fazer a polícia ir atrás de você, dormir com a sua noiva e não vai apenas se mudar para sua casa como também vai criar uma casa nova para ele no quarto extra. E vai lhe fazer uma lavagem cerebral, obrigando você a ir ao cinema e passar a noite inteira tentando chegar em casa e...”

Ele parou de falar. Era o modo como elas olhavam para ele.

Todas suspiraram. O suspiro passou da Sra. Higglar para a Sra. Noles, e da Sra. Noles para a Sra. Bustamonte, e da Sra. Bustamonte para a Sra. Dunwiddy. Era um efeito um tanto perturbador, meio assustador, mas a Sra. Bustamonte arrotou e quebrou o clima.

— Então o que você deseja? — perguntou a Sra. Dunwiddy. — Diga o que quer.

Fat Charlie pensou sobre o que queria, ali, na pequena sala de jantar da Sra. Dunwiddy. Lá fora a luz do dia gentilmente cedia lugar à noite.

— Ele está tornando a minha vida um inferno — respondeu Fat Charlie. — Eu só quero que vocês façam com que ele vá embora. Mais nada. Vocês podem fazer isso?

As três senhoras mais jovens não disseram nada, apenas olharam para a Sra. Dunwiddy.

— A gente na verdade não pode fazê-lo ir embora — disse ela.
— A gente já— — e então se calou. — Bom, a gente fez tudo o que podia.

Devemos dar crédito a Fat Charlie por ele não ter, por mais que quisesse, começado a chorar ou se desmanchar como um suflê que não assou direito. Ele simplesmente assentiu com a cabeça. E disse:

— Bom... Desculpem a chateação. Obrigado pelo jantar.

— A gente não pode mandá-lo embora — repetiu a sra Dunwiddy, com os olhos castanhos parecendo quase pretos por trás de seus óculos de lentes muito grossas. — Mas a gente pode indicar alguém que pode fazer isso.

ERA INÍCIO DE NOITE NA FLÓRIDA, O QUE SIGNIFICAVA QUE ERA tarde da noite na Inglaterra. Na grande cama de Rosie, onde Fat Charlie nunca estivera, Spider estremeceu.

Rosie apertou-o contra si, sua pele contra a dele.

— Charles, você está bem? — Ela podia sentir a pele dos braços dele arrepiada.

— Estou. Só uma sensação esquisita, de repente.

— Algum espírito deve ter passado por aqui — brincou ela.

Ele a puxou para si e a beijou.

Daisy estava sentada na pequena sala de sua casa em Hendon, usando uma camisola verde-claro e chinelos felpudos cor-de-rosa. Estava na frente do computador, balançando a cabeça e clicando o mouse.

— Você ainda vai demorar muito? — perguntou Carol. — Sabe, se você deixar, um computador pode fazer esse seu serviço aí, não precisa ser você.

Daisy fez um muxoxo. Não era um ruído que queria dizer sim, muito menos não. Era do tipo eu-sei-que-alguém-acabou-de-falar-comigo-e-se-eu-responder-qualquer-coisa-talvez-a-pessoa-pare-de-me-encher.

Carol já ouvira aquele muxoxo antes. Disse:

— Ei, bunda grande. Você vai demorar muito ainda? Eu preciso postar no meu blog.

Daisy processou as palavras. Duas delas tinham mais peso.

— Você disse que a minha bunda é grande?

— Não — respondeu Carol com seu forte sotaque. — Estou dizendo que está ficando tarde e eu tenho que atualizar o blog. Vou

fazer ele transar com uma dessas supermodelos num banheiro de alguma boate de Londres.

Daisy suspirou:

— Tá. E que isso aqui é muito suspeito.

— O quê?

— Um caso de fraude. Eu acho. Pronto, já saí. E todo seu. Mas você sabe que pode se dar mal por se fazer passar por um membro da família real.

— Não enche.

Carol tinha um blog no qual se fazia passar por um membro da família real britânica, um jovem descontrolado. Já havia gente na imprensa discutindo se aquilo era ou não verdade, muitos salientando que a pessoa que escrevia só poderia saber daquelas coisas se fosse mesmo um membro da família real britânica, ou então alguém que tivesse o costume de ler revistas de fofoca.

Daisy saiu da frente do computador pensando nos assuntos financeiros da Agência Grahame Coats.

Grahame Coats dormia profundamente em seu quarto, numa casa grande mas não muito chamativa em Purley. Se houvesse alguma justiça no mundo, estaria gemendo e suando, tendo pesadelos, com a consciência lhe dando ferroadas furiosamente como um escorpião. Portanto é doloroso admitir que Grahame Coats dormia como um bebê cheirando a leite que acabou de mamar muito e não sonhava nada.

Em algum lugar na casa de Grahame Coats, um daqueles relógios grandes, com pêndulo e coluna de madeira, indicou as horas educadamente, 12 vezes. Era meia-noite em Londres. Na Flórida, eram sete da noite.

Seja como for, era a hora em que as bruxas saem de suas tocas.

A SRA. DUNWIDDY TIROU E GUARDOU A TOALHA DE MESA XAdrez de plástico vermelho. Disse:

— Quem trouxe as velas pretas?

— Fui eu — respondeu a Sra. Noles. Ela tinha uma sacola de supermercado aos pés, da qual, depois de vasculhar um pouco, retirou quatro velas. Eram pretas quase que por inteiro. Uma era alta e decorada. As outras três tinham o formato de um pinguim de desenho animado, preto e amarelo, com o pavio saindo da cabeça. — Só achei essas — disse, desculpando-se. — E eu tive que ir a três lojas até achar.

A Sra. Dunwiddy não disse nada, só balançou a cabeça. Arrumou as quatro velas nos quatro cantos da mesa, usando a única vela preta que não tinha formato de pinguim para colocar na ponta da mesa onde estava sentada. Ela pegou uma grande caixa de sal grosso, abriu o lacre e derramou algumas pedrinhas em cima da mesa, formando um montinho. Depois ficou olhando intensamente pro sal e empurrando as pedrinhas com um dedo indicador murcho e enrugado, formando montinhos menores e espirais.

A Sra. Noles voltou da cozinha com uma grande tigela de vidro, que colocou no centro da mesa. Destampou uma garrafa de xerez e derramou uma quantidade generosa da bebida dentro da tigela.

— E agora — começou a Sra. Dunwiddy —, a grama das Bermudas, o jalapão e o amaranto.

A Sra. Bustamonte vasculhou a sacola de supermercado e tirou de lá um pequeno pote de vidro.

— São ervas mistas — explicou. — Achei que não teria problema.

— Ervas mistas! Ervas mistas!— exclamou a Sra. Dunwiddy.

— Tem problema? — perguntou a Sra. Bustamonte. — É o que eu sempre uso quando a receita diz manjericão, orégano, essas coisas, e eu não consigo achar as ervas. Pra mim, é tudo ervas mistas. A Sra. Dunwiddy suspirou.

— Põe aí.

Ela derramou metade do frasco de ervas mistas dentro do xerez. As folhinhas secas flutuavam sobre a superfície.

— Agora — continuou a Sra. Dunwiddy —, os quatro punhados de terra. Espero — ela escolheu as palavras com cuidado — que ninguém vá me dizer que não conseguiu achar a terra e que a gente vai ter que se transformar em uma pedrinha, uma água-viva, um ímã de geladeira e uma barra de sabão.

— Eu consegui a terra — disse a Sra. Higglar. Pegou seu saco de papelão e tirou dele quatro saquinhos Ziploc contendo o que parecia ser areia ou argila seca de diferentes cores. Esvaziou cada um em um dos quatro cantos da mesa.

— Ainda bem que pelo menos uma pessoa está fazendo direito — observou a Sra. Dunwiddy.

A Sra. Noles acendeu as velas e, enquanto o fazia, comentava o quanto as velinhas de pinguim acendiam facilmente e como eram bonitinhas e engraçadinhas.

A Sra. Bustamonte serviu um copo do restante do xerez para cada uma das quatro mulheres.

— Não vou beber também? — perguntou Fat Charlie, mas na verdade não queria beber. Não gostava de xerez.

— Não — respondeu a Sra. Dunwiddy com firmeza. — Não vai. Você precisa ficar alerta.

Ela pegou a bolsa e tirou de lá uma pequena caixinha dourada para guardar comprimidos. A Sra. Higglar apagou a luz. Os cinco sentaram-se à mesa, à luz das velas.

— E agora? — perguntou Fat Charlie. — A gente dá as mãos e entra em contato com os mortos?

— Não — sussurrou a Sra. Dunwiddy. — E não quero ouvir mais nenhuma palavra.

— Desculpe — respondeu Fat Charlie, e depois desejou que não tivesse falado nada.

— Escuta — começou a Sra. Dunwiddy —, você vai prum lugar onde podem te ajudar. Mesmo assim, nunca dê a eles nada que você possua, e não faça nenhuma promessa. Entendeu? Se tiver que dar alguma coisa pra alguém, então veja se vai receber algo do mesmo valor em troca. Certo?

Fat Charlie quase respondeu “sim”, mas parou a tempo e apenas assentiu com a cabeça.

— Ótimo.

Com isso, a Sra. Dunwiddy começou a cantarolar com os lábios fechados, pelo nariz, de um jeito desafinado, com sua voz de velha, tremida e fraca.

A Sra. Noles começou a fazer o mesmo, mas de um jeito um pouco mais melódico. A voz dela era mais alta, mais forte.

A Sra. Bustamonte não fez o mesmo. Ela fazia um “shhhh” parecido com o de uma cobra, ininterrupto, que parecia encorpar-se ao ritmo do “hum-hum” das outras e fluir acima e abaixo daquele som.

A Sra. Higglar também começou a fazer um ruído, e o dela não era nem um “hum-hum” nem um “shhh”. Ela fazia um zumbido, como o de uma mosca batendo numa janela, criando um som vibrante com a língua e os dentes, de um jeito tão estranho que era como se tivesse um monte de abelhas zangadas dentro da boca, zumbindo, tentando sair de lá.

Fat Charlie se perguntou se deveria acompanhá-las, mas não tinha a menor ideia do que teria que fazer. Então se concentrou apenas em ficar sentado e não se irritar com aquela barulheira toda.

A Sra. Higglar jogou uma pitada de terra vermelha dentro da tigela com xerez e ervas. A Sra. Bustamonte jogou uma pitada de terra amarela. A Sra. Noles jogou terra marrom, e a Sra. Dunwiddy inclinou-se lentamente, com dificuldade, e jogou um pedaço de lama preta.

Depois tomou um pequeno gole do xerez. Então, com dedos cheios de artrite remexendo na caixinha de comprimidos, tirou algo de lá e jogou na chama da vela. Por um instante, a sala ficou com cheiro de limão, mas logo ficou apenas com cheiro de algo queimado.

A Sra. Noles começou a batucar na mesa. Não tinha parado de fazer o "hum-hum". As chamas das velas estremeceram, lançando grandes sombras sobre as paredes. A Sra. Higgler começou a batucar na mesa também, criando com os dedos um ritmo diferente daquele da Sra. Noles, mais rápido, mais percussivo, e as duas batidas formavam um ritmo só.

Na mente de Fat Charlie, tudo aquilo começou a se fundir e formar um único som estranho. O hum-hum, o shhhh, o zumbido as batidas. Começou a se sentir meio zozzo. Nos barulhos que mulheres faziam, começava a ouvir os sons de uma floresta, o crepitar de enormes fogueiras. Sentia seus dedos esticados, moles, e os pés como se estivessem muito longe do resto do corpo.

Parecia pairar sobre elas, sobre tudo, e que abaixo dele havia cinco pessoas em volta de uma mesa. Uma das mulheres à mesa fez um gesto e derramou algo na tigela que havia no centro da mesa. Aquilo ficou com uma luz tão forte que cegou Fat Charlie por alguns instantes. Ele fechou os olhos e percebeu que de nada adiantava. Mesmo com os olhos fechados, a luz continuava muito forte.

Esfregou os olhos, à luz do dia. Olhou em volta.

Uma parede rochosa se estendia até o céu, por trás dele: era uma montanha. À sua frente havia um fosso profundo: um penhasco íngreme. Foi até a beira do penhasco e olhou com cuidado. Viu algumas coisinhas brancas que pensou serem ovelhas até se dar conta de que eram nuvens: grandes, brancas, fofas, bem distantes dele. Por trás das nuvens, não havia mais nada. Ele podia ver o céu azul. Parecia que, se continuasse olhando, veria o espaço e, além dele, nada além do brilho frio das estrelas.

Deu um passo para trás.

Virou-se e caminhou em direção às montanhas, tão altas que ele não conseguia ver o topo, tão altas que teve a impressão de que cairiam sobre ele, que o soterrariam para sempre. Forçou-se a olhar novamente para baixo, a manter os olhos no chão e, ao fazer isso, notou buracos na rocha que pareciam cavernas naturais.

O lugar entre as montanhas e o penhasco, onde ele estava, deveria ter, em sua avaliação, menos de 400 metros de largura. Era uma estrada de areia cheia de seixos grandes, com plantinhas e árvores marrons aqui e ali. A estrada parecia circundar as montanhas até desaparecer numa névoa distante.

“Tem alguém me observando”, pensou Fat Charlie.

— Olá — gritou, virando a cabeça. — Tem alguém aí?

O homem que saiu da caverna mais próxima tinha a pele bem mais escura que a de Fat Charlie, mais escura até que a de Spider. Seu cabelo comprido era de um tom amarelo alaranjado e circundava o seu rosto como se fosse uma crina. Usava uma pele amarelada e esfarrapada de leão em volta da cintura, com a cauda para trás. O rabo espantou uma mosca que havia em seus ombros.

O homem piscou os olhos dourados.

— Quem é você? — perguntou com uma voz poderosa. — E quem lhe deu autoridade para andar neste lugar?

— Meu nome é Fat Charlie Nancy. Meu pai era Anansi, a Aranha.

O homem assentiu com sua enorme cabeça.

— E o que faz aqui, ó filho de Compé Anansi?

Eles estavam sozinhos ali, Fat Charlie imaginava. Ainda assim, tinha a sensação de que havia muitas pessoas ouvindo, muitas vozes que nada diziam, muitos ouvidos atentos. Fat Charlie falou alto para que todos pudessem escutar:

— É o meu irmão. Ele está tornando a minha vida um inferno. Não tenho o poder de mandá-lo embora.

— Então você quer a nossa ajuda? — perguntou o leão.

— Sim.

— Este seu irmão. Ele é como você, tem sangue de Anansi?

— Ele não se parece em nada comigo — respondeu Fat Charlie.
— Ele é um de vocês.

Um movimento fluido, dourado: o homem-leão saiu de um jeito leve, preguiçoso, da boca da caverna, percorreu as pedrinhas cinzentas e cobriu uns 50 metros em alguns segundos. Agora estava ao lado de Fat Charlie. Sua cauda fazia um movimento impaciente.

Com os braços cruzados, olhou para baixo, para Fat Charlie, e disse:

— Por que você mesmo não resolve o assunto?

Fat Charlie sentia a boca seca, como se a garganta estivesse cheia de poeira. A criatura que o encarava, muito mais alta que qualquer homem, não tinha cheiro de gente. As pontas de seus dentes caninos pressionavam seu lábio inferior.

— Não consigo — respondeu Fat Charlie com a voz esganiçada.

De uma caverna ao lado, surgiu um homem imenso. Sua pele era de um tom cinza, meio marrom, suas pernas eram gordas, muito gordas, e sua pele, enrugada.

— Se você e o seu irmão brigam, então você deve pedir ao seu pai que julgue a situação. Submeta-se à vontade do chefe da família. Essa é a lei.

Depois ele jogou a cabeça para trás e fez um barulho, pelo nariz e pela garganta, um barulho poderoso. Fat Charlie soube então que olhava para o Elefante.

Engoliu em seco.

— Meu pai morreu — disse, e agora sua voz estava novamente audível, muito mais do que esperava. Ela ecoava da parede do penhasco, voltava para ele após ecoar em centenas de cavernas, centenas de formações rochosas. Morreu morreu morreu morreu morreu, dizia o eco. — Por isso eu vim para cá.

O Leão disse:

— Não gosto nem um pouco de Anansi, a Aranha. Certa vez, há muito tempo, ele me amarrou num tronco e fez um jumento me arrastar pelo chão até o trono de Mawu, que fez todas as coisas. — Então rosnou de raiva, lembrando-se do fato, o que fez Fat Charlie querer sumir dali. — Continue andando. Deve haver alguém aqui que queira ajudá-lo, mas essa pessoa não sou eu.

E o Elefante:

— Eu também não. O seu pai me enganou e comeu a gordura da minha barriga. Ele me disse que estava fazendo alguns sapatos para mim, mas me cozinhou e ficou rindo enquanto se empanturrava. Não me esquecerei disso.

Fat Charlie caminhou.

Na caverna seguinte havia um homem usando um terno verde de bom caimento e um chapéu elegante, com uma faixa de pele de cobra ao redor. Usava botas de pele de cobra e um cinto do mesmo material. Fez um barulho sibilante quando Fat Charlie passou por ele.

— Continue andando, ó filho de Anansi — disse a Cobra, e sua voz ressoava de maneira seca e áspera. — A sua família só traz problemas. Não vou me meter nos seus problemas.

A mulher na caverna seguinte era muito bonita, e seus olhos pareciam gotas negras de petróleo. Seus bigodes de gato eram muito brancos em comparação a sua pele. Tinha quatro seios.

— Eu conheci o seu pai. Há muito tempo. Siiim. — Ela balançou a cabeça, lembrando-se, e Fat Charlie teve a sensação de estar lendo a correspondência de alguém. Assoprou um beijo na direção

de Fat Charlie, mas balançou a cabeça quando ele tentou se aproximar.

Ele continuou a andar. Uma árvore morta surgiu do chão à sua frente como um monte de velhos ossos cinzentos. As sombras ficavam mais compridas à medida que o Sol descia lentamente pelo céu infinito, por trás do penhasco, até o fim do mundo. O Sol era uma gigantesca bola laranja e dourada, e todas as nuvenzinhas por trás dele se tingiram de dourado e púrpura.

“O assírio sucumbiu como um lobo num aprisco”, pensou Fat Charlie, o verso do poema surgindo em sua mente de alguma lição de inglês havia muito esquecida. “E suas coortes brilhavam em púrpura e dourado.” Tentou lembrar o que era “coorte”, mas não conseguiu. Provavelmente, decidiu, algum tipo de carruagem.

Algo se mexeu ao seu lado, e ele se deu conta de que o que antes tomara por uma pedra marrom, debaixo da árvore morta, era um homem cor de areia, com as costas cheias de pintas, como se fosse um leopardo. Seu cabelo era muito longo, muito negro. Quando sorria, seus dentes se mostravam enormes como os de um felino. Ele sorriu apenas por um instante. Era um sorriso pouco amigável, que não indicava amizade ou alegria. Disse:

— Eu sou o Tigre. O seu pai me prejudicou centenas de vezes e me insultou outras milhares. O Tigre não se esquece.

— Sinto muito — desculpou-se Fat Charlie.

— Acompanharei você em seu passeio. Por alguns instantes. Você disse que Anansi morreu?

— Sim.

— Ora, ora, ora. Ele me fez de bobo tantas vezes. Certa vez, tudo pertenceu a mim. As histórias, as estrelas, tudo. Ele roubou tudo de mim. Talvez agora, depois de morto, as pessoas parem de contar essas histórias dele. As que riem de mim.

— Estou certo disso. Eu nunca ri do senhor.

Os olhos cor de esmeralda do Tigre brilharam, e ele disse:

— Sangue é sangue. Os herdeiros de Anansi têm o sangue de Anansi.

— Eu não sou o meu pai — discordou Fat Charlie.

O Tigre arreganhou os dentes. Dentes bem pontudos. Explicou:

— Você não sai por aí fazendo as pessoas rirem de tudo. O mundo lá fora é grande, muito sério. Não é para rir dele. Nunca. Você deve ensinar as crianças a sentir medo, a sentir muito medo. Ensiná-las a ser cruéis. Ensiná-las a ser um perigo oculto nas sombras. A esconder-se nas sombras e então pular, arranhar, atacar, sempre matar. Você sabe qual o verdadeiro sentido da vida?

— Ahm. Seria o amor ou outra coisa?

— O sentido da vida é o sangue quente da sua presa sobre a sua língua, a carne que cede aos seus dentes, o cadáver de seu inimigo abandonado ao sol para que os animais carniceiros terminem o serviço. Isso é a vida. Eu sou o Tigre, e sou mais forte do que Anansi jamais será. Sou maior, mais perigoso, mais poderoso, mais cruel, mais sábio...

Fat Charlie não queria estar ali, conversando com o Tigre. Não que o Tigre fosse louco. Era apenas bastante convicto de suas crenças, e suas crenças eram todas desagradáveis. Além disso, ele lembrava alguém e, embora Fat Charlie não conseguisse descobrir quem, sabia que era alguém de quem não gostava.

— O senhor me ajuda a me livrar do meu irmão?

O Tigre tossiu como se tivesse uma pena, ou um pássaro inteiro, arranhando sua garganta.

— Quer que eu pegue um pouco d'água?

O Tigre olhou para Fat Charlie desconfiado.

— Da última vez que Anansi me ofereceu água, acabei tentando comer a Lua refletida num pequeno lago e me afoguei.

— Eu só queria ajudar.

— Foi o que ele disse.

O Tigre inclinou-se na direção de Fat Charlie, olhou-o bem dentro dos olhos. Bem de perto, não parecia nada humano. Seu nariz era muito achatado, seus olhos dispunham-se na cabeça de um jeito diferente. Tinha cheiro de jaula de zoológico. A voz era um grunhido retumbante.

— Você pode me ajudar de uma maneira, filho de Anansi. Você e toda a sua família. Ficando bem longe de mim. Entendeu? Se quiser ter carne nos seus ossos.

Ele lambeu os lábios com uma língua vermelha, da cor de carne recém-abatida e muito mais comprida do qualquer língua humana.

Fat Charlie afastou-se certo de que, caso se virasse e corresse, sentiria os dentes do Tigre em seu pescoço. Não havia nada remotamente humano no Tigre agora. Era do tamanho de um tigre de verdade. Era todos os grandes felinos que comeram gente, todos os tigres que quebraram o pescoço de um ser humano como um gato doméstico se livra de um rato. Ele ficou olhando para o Tigre enquanto se afastava. Logo a criatura voltou para sua árvore morta, deitou-se sobre as rochas e desapareceu nas sombras. Apenas o movimento nervoso de sua cauda traía o disfarce.

— Não ligue para ele — disse uma mulher de dentro de uma caverna. — Venha aqui.

Fat Charlie não conseguia decidir se ela era atraente ou monstruosamente feia. Caminhou em sua direção.

— Ele faz essa pose de poderosão, mas tem medo da própria sombra. E tem mais medo ainda da sombra do seu pai. Não tem força nenhuma nas mandíbulas.

Havia algo canino em seu rosto. Não, não canino..

— Já eu — continuou, quando ele chegou perto — gosto de triturar os ossos. Ali é que está a coisa boa. É onde fica a parte mais gostosa, e ninguém sabe disso além de mim.

— Estou tentando achar alguém para me ajudar a fazer meu irmão ir embora.

A mulher jogou a cabeça para trás e riu. Uma risada insana, alta, longa. Fat Charlie se deu conta de quem era ela.

— Você não vai achar ninguém para ajudar você aqui. Todos sofreram quando contrariaram a vontade do teu pai. O Tigre odeia você e a sua raça mais do que qualquer coisa no mundo, mas mesmo ele não vai fazer nada enquanto seu pai estiver por aí fora, no mundo. Escute: siga por este caminho. Se quer saber, e eu tenho uma pedra profética atrás do meu olho, você não vai encontrar ninguém para ajudá-lo até achar uma caverna vazia. Aí você entra e fala com quem encontrar lá dentro. Entendeu?

— Acho que sim.

Ela riu. Não era uma boa risada. E disse:

— Não quer ficar aqui comigo um pouco primeiro? Posso educar você. Sabe o que dizem por aí. Ninguém é mais obsceno que a Hiena.

Fat Charlie balançou a cabeça e continuou andando, caminhando pelas cavernas à beira das montanhas do fim do mundo. Quando passava pela escuridão de cada caverna, dava uma olhada lá dentro. Havia gente das mais diversas formas e tamanhos, pessoas pequenas e altas, homens e mulheres. E, à medida que andava, quando se mexiam nas sombras, ele conseguia enxergar lombos ou escamas, chifres ou garras.

Às vezes ele as assustava quando passava por elas, e as criaturas iam para o fundo da caverna. Outras saíam, olhando para ele com curiosidade, de um jeito agressivo.

Algo saiu quicando das rochas acima de uma caverna e aterrissou no chão, ao lado de Fat Charlie.

— Olá — disse a criatura, sem fôlego.

— Olá — respondeu Fat Charlie.

Essa nova criatura era agitada, peluda. Seus braços e pernas pareciam muito esquisitos. Fat Charlie tentou adivinhar o que era aquilo. As outras pessoas-animais eram animais, claro, e pessoas também. Não havia nada estranho ou contraditório quanto a isso. Sua animalidade e humanidade combinavam-se como as listras de uma zebra e formavam outra coisa. Mas essa criatura parecia humana e também quase humana. Isso era um elemento de estranheza que fazia os dentes de Fat Charlie doerem. Então descobriu.

— Macaco. Você é o Macaco.

— Tem um pêssego aí? Uma manga? Um figo?

— Infelizmente não — respondeu Fat Charlie.

— Me dá alguma coisa pra comer, e eu sou seu amigo. — A Sra. Dunwiddy o alertara a respeito. Não dê nada a eles. Não faça nenhuma promessa. — Quem é você? O que você é? Parece só metade de alguma coisa. Você daqui ou de lá?

— Anansi era meu pai — explicou Fat Charlie. — Estou procurando alguém para me ajudar com o meu irmão, para fazê-lo ir embora.

— Isso pode deixar o Anansi com raiva. Péssima ideia. Se deixar o Anansi com raiva, nunca mais apareço em história nenhuma.

— Anansi está morto — respondeu Fat Charlie.

— Morto lá. Talvez. Mas morto aqui? Aí já são outros quinhentos.

— Então quer dizer que ele pode estar aqui?

Fat Charlie perscrutou com cuidado a montanha: a ideia de que seria possível encontrar o pai em alguma daquelas cavernas, sentado numa cadeira de balanço, o chapéu panamá verde enterrado na Cabeça, tomando goles de sua lata de cerveja e suprimindo um bocejo com suas luvas verde-limão parecia sem dúvida perturbadora.

— Quem? O quê?

— Você acha que ele está por aqui?

— Quem?

— O meu pai.

— O seu pai?

— Anansi.

O Macaco pulou para cima de uma pedra, aterrorizado, e ficou abraçando a pedra, com o olhar indo para lá e para cá, como se temesse a aproximação de um tornado.

— Anansi? Ele está por aqui? — perguntou o macaco.

— Foi isso o que eu perguntei.

O Macaco se balançou repentinamente e ficou de cabeça para baixo, pendurado pelos pés, olhando para Fat Charlie.

— Às vezes eu vou até o mundo. Eles dizem “Macaco, ó sábio Macaco, apareça, apareça. Venha comer os pêssegos que trazemos para você. E as nozes. E as migalhas. E os figos”.

— O meu pai está aqui? — insistiu Fat Charlie, paciente.

— Ele não tem uma caverna. Eu saberia se ele tivesse. Talvez tenha uma caverna, mas acabou esquecendo. Se você me desse um pêsego, eu conseguiria me lembrar.

— Mas eu não trouxe nada.

— Nenhum pêsego?

— Nada, infelizmente.

O Macaco se balançou e foi para o alto da pedra. E então sumiu.

Fat Charlie continuou a andar pelo caminho cheio de pedras. O sol tinha descido até ficar no mesmo nível do caminho, e queimava com uma cor alaranjada. Emitiu sua luz antiga até as cavernas e mostrou todas habitadas. Aquele deveria ser o Rinoceronte, com pele cinzenta, olhando para fora com seus olhos míopes. Mais à frente, da cor de um galho apodrecido em águas paradas, estava o Crocodilo, com os olhos negros e reluzentes.

Fat Charlie ouviu um farfalhar atrás dele, algum ser que se arrastava contra a pedra, e virou-se bem rápido. O Macaco olhava para ele, com os dedos das mãos arrastando-se no chão.

— Eu realmente não tenho nenhuma fruta comigo. Se tivesse, eu daria.

— Sinto pena de você. Você talvez devesse ir pra casa. Esta é uma péssima, péssima, péssima, péssima ideia. Não?

— Não.

— Ah — respondeu o Macaco. — Certo. Certo certo certo certo.

Parou de se mover. Então correu, com passinhos balouçantes, passou por Fat Charlie e parou em frente a uma caverna não muito distante.

— Não entre ali — gritou. — E um lugar ruim.

Apontou para a abertura da caverna.

— Por que não? — perguntou Fat Charlie. — Quem fica ali dentro?

— Ninguém — respondeu o macaco, exultante. — Então não é a caverna que você busca, certo?

— Sim, é sim.

O Macaco ficou chilreando e saltitando, mas Fat Charlie passou por ele e subiu pelas rochas até chegar à entrada da caverna vazia, enquanto o sol avermelhado caía por trás do penhasco, no fim do mundo.

Ao andar pelo caminho que circunda as montanhas do começo do mundo (as montanhas só são do fim do mundo se você vier pela outra direção), a realidade parecia muito estranha, forçada. Essas montanhas e suas cavernas são feitas do material que compõe as mais velhas histórias (bem antes de os seres humanos surgirem, é claro — quem fez você imaginar que as pessoas foram os primeiros seres a contar histórias?) e, ao sair do caminho para entrar na

caverna, Fat Charlie se sentiu como se tivesse entrando na realidade de outra pessoa. A caverna era muito funda. Seu chão estava repleto de fezes brancas de pássaros. Também havia penas no chão e, aqui e ali, como um espanador seco e abandonado, o cadáver de um pássaro, achatado e ressecado.

No fundo da caverna, nada além de escuridão.

Fat Charlie disse "Olá?", e o eco de sua voz voltou para ele do interior da caverna. Olá olá olá olá olá. Continuou a andar. Agora a escuridão da caverna parecia quase palpável, como se algo fino e escuro cobrisse seus olhos. Caminhou lentamente, um passo de cada vez, com os braços esticados.

Algo se mexeu.

— Olá?

Seus olhos já se acostumavam à pouca luz que havia ali, e ele começou a enxergar. "Não é nada. Trapos, penas, só isso." Deu outro passo, e o vento arrepiou as penas e fez esvoaçar os trapos no chão da caverna.

Algo passou voando ao seu redor, voou através dele, castigando o ar com o barulho das asas de um pombo.

Dando voltas. O pó entrou em seus olhos e cobriu seu rosto. Ele ficou piscando naquele vento frio e deu um passo para trás quando a criatura ergueu-se à sua frente, uma tempestade de pó, trapos e penas. O vento parou e, onde as penas voavam, havia uma pessoa, que fez um gesto com a mão para que Fat Charlie se aproximasse.

Ele teria dado um passo para trás, mas a coisa chegou mais perto e o puxou pela manga. O toque da criatura era leve, seco, e puxou Fat Charlie para si

Ele deu mais um passo para o fundo da caverna— e de repente estava em pé, ao ar fresco, num terreno plano, cor de cobre, sem árvores, sob um céu da cor de leite azedo.

As diferentes criaturas têm olhos diferentes. Os olhos humanos (ao contrário, digamos, dos olhos de um gato ou de um polvo) são feitos para ver apenas uma versão da realidade de cada vez. Fat Charlie via uma coisa com seus olhos, outra coisa com sua mente e, no espaço entre as duas coisas, a loucura o aguardava. Sentia o pânico começando a apoderar-se dele, então aspirou o ar profundamente e prendeu a respiração enquanto seu coração batia forte contra as costelas. Forçou-se a acreditar em seus olhos, e não em sua mente.

Portanto, embora soubesse que estava vendo um pássaro com olhos insanos, com trapos e penas, maior que qualquer águia, mais alto que um avestruz, o bico como a cruel arma de uma ave de rapina, as penas da cor de telha envernizada, fazendo um arco-íris escuro de tons roxos e verdes, ele se deu conta disso apenas por um breve instante, em algum lugar bem no fundo da mente. O que via com os olhos era uma mulher de cabelos muito negros, de pé onde a ideia do pássaro estivera. Não parecia jovem nem velha, e o olhava com um rosto que poderia ter sido esculpido em obsidiana, eras antes, quando o mundo ainda era jovem.

Observava Fat Charlie sem se mover. As nuvens passavam pelo céu cor de leite.

— O meu nome é Charlie. Charlie Nancy. Algumas pessoas, digo, a maioria das pessoas me chama de Fat Charlie. A senhora pode me chamar assim também se quiser.

Não houve resposta.

— Anansi era o meu pai.

Também sem resposta. Nenhum movimento, nenhum suspiro.

— Eu gostaria que a senhora me ajudasse a fazer o meu irmão sumir.

Com isso, ela inclinou a cabeça. O suficiente para mostrar que ouvia o que ele dizia, o suficiente para mostrar que estava viva.

— Não posso fazer isso sozinho. Ele tem poderes mágicos, essas coisas. Eu falei com uma aranha e aí o meu irmão apareceu. Agora não consigo mandá-lo embora.

A voz dela, quando falou, era tão áspera e profunda quanto a de um corvo.

— O que você deseja que eu faça? — perguntou.

— Talvez... me ajudar — sugeriu ele.

Ela pareceu pensar.

Mais tarde, Fat Charlie tentava em vão lembrar-se das roupas que ela usava. Às vezes achava que era uma capa de penas. Outras, que devia ser algum tipo de roupa em farrapos, talvez um sobretudo velho, do mesmo tipo que ela usava quando ele a viu em Piccadilly, tempos depois, quando as coisas começaram a ficar feias. Mas não estava nua: disso ele tinha certeza. Ele se lembraria se ela estivesse nua, certo?

— Ajudar você — repetiu ela.

— Me ajudar a me livrar dele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você quer que eu ajude a acabar com a linhagem Anansi.

— Eu só quero que ele vá embora, que me deixe em paz. Eu não quero fazer mal a ele nem nada do tipo.

— Então você deve prometer dar a mim a linhagem de Anansi.

Fat Charlie estava ali, em pé, naquela vasta planície cor de cobre, que de alguma maneira ficava dentro da caverna, nas montanhas do fim do mundo, e que por sua vez também estava, não sabia como, dentro da sala de estar com cheiro de violetas da Sra. Dunwiddy. Ele tentou entender o que ela pedia.

— Eu não posso dar nada. E não posso fazer promessas.

— Você quer que ele vá embora. Então diga. O meu tempo é precioso. — Ela cruzou os braços e ficou olhando para ele com um olhar insano. — Eu não tenho medo de Anansi — completou.

Ele lembrou-se da voz da Sra. Dunwiddy.

— Ahm... Eu não posso fazer nenhuma promessa. E preciso pedir algo de igual valor em troca. Quer dizer, precisa ser uma troca.

A Mulher Pássaro pareceu chateada, mas assentiu com a cabeça.

— Então darei a você algo de igual valor em troca. Dou a você a minha palavra.

Ela colocou a mão sobre a dele, como se lhe desse algo, e a apertou.

— Agora— diga.

— Dou a você a linhagem Anansi.

— Bom — disse uma voz, e com isso ela literalmente se desfez em pedaços.

Onde havia uma mulher, como se fossem dispersos por um disparo de uma arma, havia agora uma nuvem de pássaros voando em todas as direções. O céu ficou cheio de pássaros, mais pássaros do que Fat Charlie jamais imaginara ser possível. Pássaros negros e marrons planando e voando como uma nuvem de fumaça negra

maior que os olhos humanos pudessem conceber, como uma nuvem do tamanho do mundo, composta por pequenas moscas.

— Então a senhora vai fazer ele ir embora? — gritou Fat Charlie para o céu leitoso, que ficava cada vez mais escuro. Os pássaros escorregavam pelo céu. Cada um deles se mexia apenas um pouco. Continuavam voando, mas de repente Fat Charlie via um rosto no céu, um rosto feito de pássaros. Era um rosto bem grande.

A aparição disse seu nome através gritos e chilreios de milhares de pássaros, e os lábios do tamanho de torres pronunciaram as palavras no céu.

Então o rosto se dissolveu no mais completo caos quando os pássaros que o compunham saíram daquele céu pálido e voaram em direção a Fat Charlie. Ele cobriu o rosto com as mãos, tentando se proteger.

A dor em sua bochecha foi violenta e súbita. Por um instante, acreditou que um dos pássaros talvez o tivesse machucado, ferido

sua bochecha com o bico ou as garras. Então viu onde estava.

— Não me machuque de novo! Tudo bem, você não precisa me machucar!

Sobre a mesa, os pinguins estavam pequenos, derretidos. As cabeças e ombros haviam sumido. Agora as chamas queimavam dentro de bolhas negras disformes, em preto-e-branco, no que fora a barriga, e os pés permaneciam congelados em cera negra. Havia três velhas olhando para ele.

A sra. Noles jogou um copo d'água em seu rosto.

— Também não precisava fazer isso — disse Fat Charlie. — Eu voltei, não voltei?

A sra. Dunwiddy entrou na sala. Segurava, com ar triunfante, uma pequena garrafinha marrom.

— Sais para acordar. Tenho um pouco aqui. Comprei no ano de, sei lá, 67, 68. Nem sei se ainda prestam. Então olhou para Fat Charlie.

— Ele acordou! Quem acordou ele?

— Ele não estava respirando — explicou a sra. Bustamonte. — Então dei um tapa nele.

— E eu joguei água — emendou a sra. Noles. — Isso ajudou ele a voltar.

— Não preciso de sal para acordar. Já estou molhado e dolorido.

Mas, com suas mãos velhas, a sra. Dunwiddy já havia tirado a tampa do frasquinho e o enfiado sob o nariz de Fat Charlie. Ele respirou enquanto ia para trás, e inalou bastante amônia. Seus olhos lacrimejaram. Sentia-se como se tivesse levado um murro no nariz. Ficou com coriza.

— Pronto — disse a sra. Dunwiddy. — Tá se sentindo melhor?

— Que horas são?

— Quase cinco da manhã — respondeu a sra. Higler. Ela tomou um gole de café de sua caneca gigante. — Ficamos tão preocupadas com você. Melhor contar pra gente o que aconteceu.

Fat Charlie tentou se lembrar. Não que as imagens se tivessem evaporado, como acontece nos sonhos. Foi como se a experiência

das últimas horas tivesse acontecido com outra pessoa e ele devesse entrar em contato com essa pessoa com algum novo método de telepatia. Sua mente estava muito confusa. Toda a atmosfera colorida no estilo Mágico de Oz do outro lugar se dissolvia em tons sépia de realidade.

— Tinha umas cavernas. Eu pedi que me ajudassem. Tinha muitos animais lá. Ninguém quis ajudar. Todos tinham medo do meu pai. Aí uma disse que iria me ajudar.

— Uma?

— Alguns eram homens, outros eram mulheres. Foi uma mulher.

— Sabe dizer que bicho ela era? Crocodilo? Hiena? Rato?

Ele deu de ombros.

— Talvez conseguisse me lembrar se vocês não tivessem me batido e jogado água em mim. E enfiado sais no meu nariz. Isso me fez esquecer as coisas.

— Você se lembrou do que eu disse? De não dar nada, só fazer trocas? — perguntou a sra. Dunwiddy.

— Sim — respondeu ele, um pouco orgulhoso de si mesmo. — Sim. Havia um macaco que queria que eu lhe desse coisas, mas eu disse que não. Olha, acho que preciso beber alguma coisa.

A sra. Bustamonte pegou um copo de alguma coisa em cima da mesa.

— A gente achou que talvez você precisasse mesmo beber. Então coamos o xerez. Talvez tenha algumas ervinhas aí, mas nada de mais.

Fat Charlie estava com as mãos fechadas sobre o colo. Abriu a mão direita para pegar o copo. E então parou e ficou olhando para a própria mão.

— O quê? O que foi? — perguntou a sra. Dunwiddy.

Na palma de sua mão, negra e já sem forma, molhada de suor, havia uma pena. E então ele se lembrou. Lembrou-se de tudo.

A MANHÃ CINZENTA SURGIA. FAT CHARLIE ENTROU NA PERUA da sra. Higglar e ocupou o assento do passageiro.

— Cê tá com sono? — perguntou ela.

— Não exatamente. Só me sentindo estranho.

— Era a Mulher Pássaro.

— Pra onde cê quer que eu te leve? Pra minha casa? Pra casa do teu pai? Prum hotel?

— Não sei.

Ela engatou a marcha e saiu com o carro para a rua.

— Aonde a senhora está indo?

Ela não respondeu. Bebeu um pouco de café da sua megacaneca. E disse:

— Talvez o que a gente fez hoje de noite tenha sido pra melhor. Talvez não. Às vezes é melhor deixar esses assuntos de família para as próprias famílias resolverem. Você e o seu irmão... São tão parecidos. Acho que é por isso que vocês brigam.

— Deve haver um significado caribenho obscuro para a palavra "parecidos". Talvez "totalmente diferentes".

— Não vem fazer essa pose de britânico pra cima de mim. Eu sei do que to falando. Você e ele são farinha do mesmo saco. Eu lembro quando seu pai me falou “Callyanne, os meus meninos fazem mais besteira que...” Bom, não sei exatamente o que ele disse, mas o fato é que falou de vocês dois.

Um pensamento ocorreu-lhe.

— Ei, quando cê foi praquele lugar, onde ficam os deuses antigos, cê viu o seu pai?

— Acho que não. Eu teria me lembrado se tivesse visto.

Ela assentiu com a cabeça e ficou calada durante o resto do percurso.

Ela estacionou, e os dois saíram do carro.

Fazia um pouco de frio naquela manhã da Flórida. O Cemitério Jardim do Repouso parecia um cenário de filme: havia uma pequena névoa, no nível do chão, que fazia tudo ficar levemente desfocado. A sra. Higglar abriu um pequeno portão. Ela e Fat Charlie caminharam pelo cemitério.

Onde havia apenas terra sobre a cova de seu pai, agora havia grama. Na cabeceira da cova havia uma placa de metal com um vaso de metal acoplado e, no vaso, uma única rosa amarela.

— Que Deus tenha piedade do pecador nesta cova — disse a Sra. Higglar com uma voz grave. — Amém, amém, amém.

Eles tinham uma plateia: as duas garças com penas vermelhas no topo da cabeça que Fat Charlie vira em sua visita anterior ao cemitério andaram na direção dos dois, com a cabeça balançando, como dois aristocratas que vão visitar conhecidos na prisão.

— Xô! — espantou a Sra. Higglar.

Os pássaros olharam para ela, indiferentes, e não se mexeram.

Uma das garças mergulhou a cabeça na grama e surgiu com uma lagartixa debatendo-se em seu bico. Abocanhou o bicho e mexeu a cabeça. Logo o bicho fazia um volume na garganta da garça.

O coro do amanhecer se preparava: melros, papa-figos e tordos cantavam no mato por trás do Jardim do Repouso.

— Vai ser bom voltar pra casa — disse Fat Charlie. — Com sorte, ele já vai ter sido expulso de lá quando eu voltar. E aí tudo fica bem. Vou poder resolver as coisas com a Rosie.

Uma onda de otimismo tomou conta dele. Aquele seria um ótimo dia.

NAS VELHAS HISTÓRIAS, ANANSI VIVE COMO EU E VOCÊ, EM SUA casa. Ele é egoísta, é claro, e cheio de luxúria, enganador, mentiroso. Também tem bom coração, sorte, e às vezes é até honesto. De vez em quando é bom, outras vezes é mau. Mas nunca é malévolo. Na maioria das vezes, você fica do lado dele. Isso acontece porque Anansi é o dono de todas as histórias. Mawu deu as histórias para ele, no começo, há muito tempo. Tomou as histórias do Tigre e deu todas a Anansi. Ele tece a teia das histórias de um jeito tão bonito...

Nas histórias, Anansi é uma aranha, mas também é um homem. Não é difícil imaginar as duas coisas ao mesmo tempo. Até uma criança consegue.

As histórias de Anansi são contadas pelas avós e tias da costa Oeste da África e do Caribe, e também no mundo todo. Chegaram até os livros infantis: o velho Anansi, sorridente, pregando suas pelo mundo afora. O problema é que as avós, as tias e os escritores de livros infantis tendem a deixar de fora certas informações. Existem histórias que não são mais apropriadas para criancinhas.

Esta é uma história que você não achará nos livros infantis. Eu a chamo de.

ANANSI E O PÁSSARO

Anansi não gostava do Pássaro porque, quando o Pássaro sentia fome, ela — sim, ela, porque era um pássaro fêmea — comia muitas coisas. Uma das coisas que comia eram as aranhas, e o Pássaro estava sempre com fome.

Antigamente eles eram amigos. Mas agora não são mais.

Um dia, Anansi estava andando e viu um buraco no chão. Isso faz com que tenha uma ideia. Coloca madeira no fundo do buraco, faz uma fogueira, põe uma panela no buraco e, dentro dela, coloca

raízes e ervas. Então começa a correr em volta da panela. Corre, dança e grita:

— Eu me sinto bem! Eu me sinto tãããã bem! Todas as minhas dores sumiram. Eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida!

O Pássaro ouve aquela confusão. Desce dos céus para ver o que era aquilo. E pergunta:

— Por que você está cantando? Por que está agindo feito um louco, Anansi?

Anansi cantarola:

— Eu tinha uma dor no pescoço, mas ela sumiu. Minha barriga doía, agora não dói mais. Minhas juntas faziam barulho, mas agora

estou maleável como uma palmeira, macio como a Cobra quando troca de pele. Eu me sinto feliz, cheio de energia, e agora serei perfeito, porque sei o segredo que ninguém mais sabe.

— Que segredo?

— O meu segredo. Todos vão me dar suas coisas mais preciosas e mais queridas só para saber o meu segredo. Uhu! Oba! Eu estou tão feliz!

O Pássaro vem um pouco mais pra perto e inclina a cabeça para o lado. E pergunta:

— Eu posso saber o seu segredo?

Anansi olha desconfiado para o Pássaro. Então fica escondendo a panela borbulhante sobre o buraco.

— Acho que não — responde Anansi. — Talvez não tenha suficiente. Melhor esquecer.

E o Pássaro responde:

— Olha, Anansi, eu sei que nem sempre nós fomos amigos. Mas eu digo uma coisa. Se você me contar o seu segredo, prometo que nunca mais nenhum pássaro vai comer aranhas. Vamos ser amigos até o fim dos tempos.

Anansi coça o queixo e balança a cabeça.

— E um segredo bem grande e importante, esse de fazer as pessoas jovens, cheias de vigor, sem sentir dor nenhuma.

O Pássaro limpa algumas penas com o bico. E diz:

— Ah, Anansi, você sabe que eu sempre achei você um homem muito bonito. Por que nós não nos deitamos ali na relva um pouco? Sei que posso fazer você deixar de lado essa sua desconfiança para me dizer o seu segredo.

Então eles se deitam sobre a relva e começam a se acariciar, a rir, a ficar alegres. Assim que Anansi consegue o que queria, o Pássaro diz:

— E agora, Anansi? E o seu segredo?

— Bom... eu não ia contar pra ninguém. Mas pra você eu conto. É um banho de ervas nesse buraco aí no chão. Olha só, eu coloco umas ervas e umas raízes. E quem entrar nessa água vai viver para sempre, sem sentir nenhuma dor. Eu tomei banho aí e agora estou me sentindo jovem como um filhotinho de gato. Mas acho que não é bom deixar mais ninguém tomar banho nessa água.

O Pássaro olha para aquela água borbulhante e, rápido como um raio, mergulha na panela.

— Está tão quente, Anansi!

— Tem que ser quente para as ervas fazerem efeito.

E então Anansi pega a tampa da panela e a cobre. E uma tampa pesada, e Anansi coloca uma pedra sobre ela para fazer ainda mais peso.

Bam! Bam! Bom! é o barulho que o Pássaro faz na tampa da panela.

E Anansi grita:

— Se eu deixar você sair agora, todo o efeito do banho borbulhante vai passar. Relaxe aí dentro, aí você vai começar a se sentir melhor.

Mas talvez o Pássaro não tenha ouvido, ou não tenha acreditado nele, porque o barulho dentro da panela e as tentativas de empurrar a tampa continuaram por mais algum tempo. E depois pararam.

Naquela noite, Anansi e sua família comeram uma deliciosa sopa de Pássaro, com Pássaro cozido. Não sentiram fome por muitos dias.

Desde essa época, os pássaros comem aranhas sempre que podem, e as aranhas e pássaros jamais voltarão a ser amigos.

Há outra versão da história, em que também convencem Anansi a entrar na panela. As histórias todas pertencem a Anansi, mas nem sempre ele leva a melhor.

CAPÍTULO OITO

NO QUAL UM BULE DE CAFÉ SE REVELA BASTANTE
ÚTIL

SE HAVIA ALGUMA COISA AGINDO PARA FAZER SPIDER IR EMbora, ele não tinha consciência disso. Muito pelo contrário: estava se divertindo tanto se fazendo passar por Fat Charlie que ficou se perguntando por que não tivera essa ideia antes. Estava se divertindo mais que um bando de macacos fazendo macaquices. Muitos anos antes, Spider ficara extremamente desapontado com um bando de macacos. Os macacos não faziam nada particularmente engraçado além de emitir sons curiosos. Finalmente, depois que os barulhos pararam e os macacos já não faziam mais nada — exceto talvez desempenhar alguma função em nível orgânico —, ele precisou se livrar deles no meio da noite. A parte de ser Fat Charlie de que Spider mais gostava era Rosie.

Até o momento, Spider considerava as mulheres mais ou menos substituíveis. Não dava a elas um nome verdadeiro ou um endereço onde ficasse por mais de uma semana, é claro, ou qualquer coisa além de um número de celular temporário. As mulheres eram divertidas, decorativas, excelentes acessórios, mas sempre haveria mais mulheres por aí. Como tigelas de goulash sobre uma esteira rolante. Assim que você acabasse de desfrutar uma delas, simplesmente pegava a próxima e temperava com sour cream.

Mas Rosie...

Rosie era diferente.

Ele não saberia dizer por que ela era diferente. Tentou precisar a diferença, mas não conseguiu. Em parte, era o modo como ele se sentia quando estava com ela. Como se, ao olhar para si mesmo nos olhos dela, se transformasse numa pessoa melhor. Em parte era isso.

Spider gostava de saber que Rosie sabia onde poderia encontrá-lo. Sentia-se confortável com isso. Deliciava-se com suas curvas macias, com seu jeito de boa moça, com seu sorriso. Não havia nada de errado com Rosie — exceto, é claro, já que passara algum tempo com ela, descobrir que havia o problema da mãe dela. Nessa noite específica, enquanto Fat Charlie estava num aeroporto a 6.500 km de distância, no meio do processo de ser transferido para a primeira classe, Spider estava no apartamento da mãe de Rosie, na Wimpole Street, e começava a percorrer o caminho das pedras para conhecê-la.

Ele tinha o costume de distorcer um pouco a realidade, mas só um pouco, apenas o suficiente. Bastava mostrar a realidade quem é que mandava. Só isso. Isso posto, é bom dizer que nunca encontrara ninguém tão firmemente apoiado em sua própria realidade quanto a mãe de Rosie.

— Quem é esse? — perguntou ela, desconfiada, quando entraram no apartamento.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — respondeu Spider.

— Por que ele está dizendo isso? Quem é ele? — insistiu a mãe de Rosie.

— Eu sou Fat Charlie Nancy, o seu futuro genro, e você gosta muito de mim — continuou Spider, com bastante convicção na voz.

A mãe de Rosie perdeu o prumo, piscou os olhos e ficou olhando para ele. E disse, meio indecisa:

— Talvez você seja o Fat Charlie, mas eu não gosto de você.

— Bom — respondeu Spider —, então deveria. É muito fácil gostar de mim. Poucas pessoas são tão adoráveis quanto eu. As pessoas reúnem-se em público só para falar o quanto gostam de mim. Já ganhei vários prêmios e uma medalha de um pequeno país da América do Sul, que é um tributo por eu ser tão adorado por todos e por ser tão maravilhoso. Não estou com ela aqui, é claro. Guardo as medalhas na gaveta de meias.

A mãe de Rosie fungou. Não sabia o que estava acontecendo, mas, o que quer que fosse, não estava gostando nada daquilo. Até o momento, sentia que conseguira entender perfeitamente Fat Charlie. Admitiu que talvez tivesse dado alguns passos em falso no começo. Seria bem possível que Rosie não tivesse se apegado a Fat Charlie com tamanho entusiasmo se, depois do primeiro encontro entre seu namorado e sua mãe, sua mãe não tivesse expressado sua opinião de maneira tão veemente. Ele era um fracassado na vida, dizia a mãe de Rosie, porque conseguia sentir o cheiro do medo como um tubarão sentia cheiro de sangue. Mas não conseguiu fazer com que Rosie o largasse. Agora sua estratégia era controlar o planejamento

do casamento, deixando Fat Charlie o mais infeliz possível, para depois contemplar as estatísticas nacionais de divórcio com certa satisfação sombria.

Algo diferente estava acontecendo, e ela não gostava nada disso. Fat Charlie não parecia mais uma pessoa vulnerável. Essa nova criatura, tão esperta, a confundia.

Spider, por sua vez, estava tendo trabalho. A maioria das pessoas não presta atenção nas outras. Mas não a mãe de Rosie. Ela percebia tudo. Naquele momento, dava golinhos em sua água quente, em sua xícara fina de porcelana. Sabia que acabara de perder uma batalha, mesmo sem saber do que se tratava. Então concentrou seu ataque em outra frente.

— Charles, meu querido, fale a respeito de sua prima Daisy. Fico preocupada, achando que pouca gente da sua família com parecerá. Você gostaria de dar a ela um papel maior na festa de casamento?

— Quem?

— Daisy — respondeu ela docemente. — A mocinha que encontrei na sua casa naquele dia, andando quase nua pela cozinha. Se é que ela era mesmo a sua prima, é claro.

— Mãe! Se o Charlie diz que era prima dele.

— Deixe que ele mesmo fale, Rosie — pediu a mãe de Rosie, e tomou outro golinho de sua xícara.

— Certo... Daisy...

Forçou-se a lembrar daquela noite com vinho, mulheres e música. Ele havia levado a mulher mais bonita e divertida com eles para o apartamento, depois de dizer-lhe que era ideia dela. Precisou de ajuda para trazer o peso semiconsciente de Fat Charlie para o andar de cima. Como já tinha desfrutado da atenção de várias

mulheres durante aquela noite, trouxe aquela engraçadinha com ele do mesmo modo como alguém reserva um chocolatinho para comer depois do jantar, mas acabou descobrindo, após chegar em casa e colocar Fat Charlie, já limpo, para dormir, que não estava mais com fome. Era aquela.

— Ah, a minha doce priminha Daisy — continuou, sem pausa. — Estou certo de que ela adoraria se envolver com o casamento se estiver no país. Uma pena, ela é correspondente diplomática. Está sempre viajando. Um dia está aqui, e no outro já precisa entregar um documento confidencial em Murmansk.

— Você não tem o endereço dela? Ou telefone?

— Podemos procurá-la juntos, eu e a senhora — concordou Spider. — Procurar pelo mundo afora. Ela vive por aí.

— Então — começou a mãe de Rosie, como teria dito Alexandre o Grande ao ordenar o saque e a pilhagem de uma pequena vila na Pérsia —, da próxima vez que ela estiver na Inglaterra, convide-a

para vir aqui. Eu a achei uma gracinha. Tenho certeza de que Rosie adoraria conhecê-la.

— Sim — respondeu Spider. — E verdade. Vou trazê-la, sem dúvida.

CADA PESSOA QUE EXISTIU, EXISTE OU EXISTIRÁ POSSUI SUA Música. Não é uma música escrita por outra pessoa. Ela tem sua própria melodia, sua própria letra. Poucas pessoas chegam a cantar sua própria música. A maioria de nós teme que não façamos jus a ela com nossa voz, ou que a letra seja muito boba, ou muito franca, ou muito estranha. Então, em vez disso, as pessoas vivem suas músicas.

Vejamos Daisy, por exemplo. Sua música, que esteve no fundo de sua mente durante grande parte da sua vida, tinha um ritmo que exprimia confiança, um ritmo de marcha, e a letra falava sobre proteger os mais fracos. O refrão começava com "Malfeitores, cuidado!" e, portanto, era muito boba para ser cantada em voz alta. Ela às vezes acompanhava a melodia, fazendo "hum-hum" no chuveiro enquanto se ensaboava.

Isso é basicamente tudo o que precisamos saber a respeito de Daisy. O resto são detalhes.

O pai de Daisy nasceu em Hong Kong. Sua mãe era da Etiópia, de uma família rica de exportadores de tapete. Tinham uma casa em Addis Ababa, e outra casa mais uns terrenos em Nazret. Os pais de Daisy conheceram-se em Cambridge. Ele estudava computação, antes mesmo de isso ser visto como uma carreira promissora, e ela devorava livros de química molecular e direito internacional. Eram dois jovens igualmente estudiosos, naturalmente tímidos e em geral ansiosos. Ambos sentiam saudade de casa, mas por motivos bem diferentes. No entanto ambos jogavam xadrez e encontravam-se nas tardes de quarta-feira no clube de xadrez. Como eram novatos, foram encorajados a jogar juntos e, no primeiro jogo, a mãe de Daisy derrotou facilmente o pai.

O pai de Daisy ficou irritado com isso, tanto que timidamente pediu que jogassem de novo na quarta-feira seguinte, e todas as quartas-feiras que se seguiram (com exceção das férias e dos feriados) nos dois anos seguintes.

A interação social dos dois aumentava, assim como as habilidades sociais de ambos e o inglês dela. Juntos, deram-se as mãos e fizeram parte de um protesto contra a chegada de enormes caminhões carregados de mísseis. Juntos, embora participassem de um grupo ainda maior, viajaram para Barcelona para protestar contra o fluxo interminável do capitalismo internacional e para deixar registrados seus protestos contra as hegemonias corporativas. Essa também foi a época em que oficialmente experimentaram o gás lacrimogêneo e o pulso do sr. Day foi torcido enquanto era empurrado pela polícia espanhola.

Então, certa quarta-feira, no começo de seu terceiro ano em Cambridge, o pai de Daisy derrotou a mãe de Daisy no xadrez. Ele ficou tão feliz, sentiu-se tão triunfante que, cheio de alegria e ousadia pela vitória, pediu sua mão em casamento. A mãe de Daisy, que no fundo tinha medo de que tão logo ele ganhasse uma partida perdesse o interesse nela, disse sim, é claro.

Ficaram na Inglaterra e continuaram a vida acadêmica. Tiveram uma filha, a quem deram o nome de Daisy porque na época tinham (e com a qual de fato andavam por aí, para a diversão de Daisy, muito tempo depois) uma bicicleta do tipo "tandem". Uma bicicleta para duas pessoas. (Referência a uma canção popular chamada "A Bicycle Built for Two", cujo refrão é o seguinte: Daisy, Daisy, /Give me your answer do! / I m half crazy, /All for the love of you/It won t be a stylish marriage, /I can `t afford a carriage, / But you ll look sweet on the seat/Of a bicycle built for two! N.T.)

Mudaram-se de universidade para universidade, por toda a Inglaterra: ele dava aulas de ciência da computação, enquanto sua esposa escrevia livros que ninguém queria ler, sobre hegemonias corporativas internacionais, e livros que muita gente queria ler, sobre xadrez, sua história e estratégias. Assim, num ano bom, ela conseguia ganhar mais dinheiro que ele, mas nunca era o bastante. O envolvimento de ambos com a política foi arrefecendo à medida que envelheciam. Quando se aproximavam da meia-idade, tinham se transformado num casal feliz, sem grandes interesses além de si próprios, do xadrez, de Daisy e da reconstrução e dos métodos para eliminar bugs de sistemas operacionais havia muito esquecidos.

Nenhum dos dois entendia Daisy. Nem um pouquinho.

Culpavam-se por não terem colocado um freio na fascinação que a filha sentia pela polícia quando isso começou a se manifestar, mais ou menos à época em que começou a falar. Daisy apontava os carros da polícia na rua com a mesma excitação com que outras garotinhas apontam para pôneis. Seu sétimo aniversário foi comemorado de modo a permitir que ela usasse seu uniforme de policial júnior. Ainda há fotografias dela, tiradas no andar de cima da casa dos pais, com sua carinha de menina de 7 anos, demonstrando a mais perfeita alegria ao olhar para seu bolo de aniversário: sete velinhas circundando uma sirene azul.

Daisy tornou-se uma adolescente esforçada, alegre e inteligente, que deixou os pais felizes quando foi estudar direito e computação na Universidade de Londres. Seu pai sonhava que ela se tornasse professora de direito. A mãe sonhava que ela fosse advogada do Conselho da Coroa, talvez até mesmo juíza, para usar a lei para esmagar as hegemonias corporativas sempre que aparecessem. Mas aí Daisy estragou tudo fazendo os testes de admissão para a polícia, que a recebeu de braços abertos: por um lado, havia as diretrizes de que era preciso aumentar a diversidade no corpo policial; por outro, os crimes por meio de computador e as fraudes tecnológicas eram cada vez mais comuns. Eles precisavam de Daisy. Na verdade, precisavam de um exército de Daisies.

Naquele momento, quatro anos mais tarde, seria justo dizer que a carreira na polícia não correspondia às expectativas de Daisy. Não porque, como advertiram seus pais repetidas vezes, a polícia era um monólito institucionalmente racista e sexista que esmagaria sua

individualidade, faria dela algo uniforme e sem alma, algo que a transformaria em parte daquela cultura de massa, como café instantâneo. Não. A parte frustrante do trabalho era fazer os outros policiais entenderem que ela também era uma policial. Chegou à conclusão de que, para a maioria dos agentes, o trabalho da polícia era algo feito para proteger o inglês médio das pessoas assustadoras, de origem social suspeita, que provavelmente só pensavam em roubar seus celulares. Do ponto de vista de Daisy, era algo bem diferente. Daisy sabia que um moleque em casa, na Alemanha, poderia mandar um vírus capaz de fazer parar um hospital, causando mais estrago que uma bomba. Daisy achava que os verdadeiros vilões nos dias de hoje sabiam o que eram sites FTP, conheciam os métodos complicados de encriptação e o funcionamento dos celulares descartáveis pré-pagos. E não estava certa de que os mocinhos sabiam tudo isso.

Tomou um pequeno gole do café de um copo plástico e fez uma careta. Enquanto via páginas e páginas na tela, o café esfriou.

Ela analisou toda a informação que Grahame Coats lhe dera. Sem dúvida, havia motivo para achar que tinha algo errado ali. Entre outras coisas, havia um cheque de 2 mil libras que supostamente Charles Nancy escrevera para si mesmo na semana anterior.

Exceto que... exceto que ela não tinha um bom pressentimento.

Caminhou pelo corredor e bateu na porta do superintendente.

— Pode entrar.

Camberwell fumara seu cachimbo à mesa durante 30 anos, até que foi instituída no prédio a política de proibição de fumo. Agora ele se virava com massinha de modelar, que transformava em bola, amassava, cutucava. Quando era um homem com um cachimbo na boca, era calmo, bem-humorado e, na opinião de seus subordinados, uma excelente pessoa. Agora, um homem com massinha de modelar na mão, era sempre irascível, nervoso. Num bom dia, conseguia ficar somente um pouco irritado.

— Sim?

— O caso da Agência Grahame Coats.

— Mm?

— Não tenho muita certeza quanto a ele.

— Não tem muita certeza? Mas do que diabos você precisa ter certeza?

— Bom, acho que talvez seja melhor eu abdicar do caso.

Ele não pareceu impressionado. Ficou olhando para ela. Sobre a mesa, sem testemunha, seus dedos trabalhavam a massinha azul no formato de um cachimbo.

— E por quê? — perguntou.

— Eu tive contato social com o suspeito.

— É? Você saiu de férias com ele? É madrinha dos filhos dele? O quê?

— Não. Eu o encontrei só uma vez. Passei a noite na casa dele.

— Então o que você está dizendo é que vocês fizeram aquilo?

Ele soltou um longo suspiro no qual o cansaço, a irritação e a vontade imensa de fumar um pouco de Condor apareciam em partes iguais.

— Não, senhor. Nada disso. Eu só dormi lá.

— E esse é o seu envolvimento com ele?

— Sim, senhor.

Ele amassou o cachimbo de massinha, fazendo-o virar uma bola disforme.

— Você percebe que está me fazendo perder o meu tempo, não?

— Sim, senhor. Desculpe.

— Faça o que tem que fazer. Não me perturbe.

MAEVE LIVINGSTONE FOI ATÉ O QUINTO ANDAR DE ELEVADOR.

A subida lenta e sacolejante deu a ela bastante tempo para ensaiar mentalmente o que diria a Grahame Coats quando chegasse

ao escritório.

Carregava uma maleta marrom, que pertencera a Morris: era uma maleta bastante masculina. Usava uma blusa branca, uma saia jeans e, por cima, um casaco cinza. Suas pernas eram compridas, sua pele, muito branca, e seu cabelo permanecia, com apenas o mínimo de assistência química, tão loiro quanto na época em que Morris Livingstone casara-se com ela, 20 anos antes.

Maeve amara muito seu marido. Quando ele morreu, não apagou o número dele de seu celular, nem mesmo depois de ter cancelado a conta e devolvido o aparelho. Seu sobrinho tirara a foto de Morris que havia em seu celular, e ela não queria perdê-la. Gostaria de poder ligar para Morris agora, pedir um conselho seu. Lá embaixo, dissera seu nome no interfone, para abrirem a porta. Quando entrou na recepção, Grahame Coats já a esperava.

— Ora, como vai a minha bela dama?

— Precisamos conversar em particular, Grahame. Agora.

Grahame Coats sorriu de um jeito afetado. Estranhamente, suas fantasias mais íntimas sempre começavam com Maeve dizendo algo bem parecido antes de proferir coisas como “Eu preciso de você, Grahame. Tem que ser agora” e “Ah, Grahame, eu fui uma menina tão tão tão má, você precisa me corrigir” e, em algumas raras ocasiões, “Grahame, você é muito especial para ter uma mulher só, então vou apresentar você à minha irmã gêmea idêntica, que está sempre nua: Maeve II”.

Entraram no escritório dele.

Maeve, para o leve desapontamento de Grahame Coats, não disse nada parecido com precisar de sexo ali, naquele instante. Ela não tirou o casaco. Em vez disso, abriu a maleta, tirou de lá uma pilha de papéis e a colocou sobre a mesa.

— Grahame, seguindo a sugestão do gerente do meu banco, eu contratei os serviços de uma auditoria contábil para examinar os dados que você me passou nos últimos dez anos. Desde quando

Morris ainda estava vivo. Você pode examinar os papéis se quiser. Os números não batem. Nenhum bate. Achei melhor falar com você sobre isso antes de entrar em contato com a polícia. Achei que devia isso a você, pela memória de Morris.

— Certamente deve — concordou Grahame Coats, escorregadio feito uma cobra deslizando em manteiga. — Deve sim, de fato.

— Bom... e então?

Maeve Livingstone ergueu uma sobrancelha perfeita. A expressão em seu rosto não era muito animadora. Grahame Coats preferia a versão de sua imaginação.

— Infelizmente tive um empregado aqui da Agência que não era muito honesto, Maeve. Eu mesmo chamei a polícia, na semana passada, quando me dei conta de que havia algo errado. Eles já estão investigando. Devido à natureza ilustre de vários clientes da Agência Grahame Coats, inclusive você, a polícia está mantendo o máximo de discrição. O que é melhor, não? — Ela não parecia ter

ficado tão tranquila quanto ele esperava. Tentou outro caminho: — Eles têm grandes esperanças de recuperar boa parte do dinheiro, senão tudo.

Maeve assentiu com a cabeça. Grahame Coats relaxou, mas só um pouco.

— Posso saber que empregado é esse?

— Charles Nancy. Digo a você que eu confiava nele plenamente. Foi um grande choque.

— Ah. Ele é um doce de pessoa.

— As aparências enganam — salientou Grahame Coats.

Ela então sorriu. Era um sorriso muito doce.

— Olha, isso não vai colar, Grahame. Isso já vem de muito tempo. Desde antes de Charles Nancy começar a trabalhar aqui. Provavelmente bem antes da minha época. Morris confiava completamente em você, e ainda assim você roubou o dinheiro dele. Agora você está tentando me dizer que está armando para cima de um funcionário seu ou culpando algum colega. Bom, não vai colar.

— Não — respondeu Grahame Coats com a voz contrita. — Desculpe.

Ela pegou a pilha de papéis.

— Só para saber, quanto é que você conseguiu roubar de Morris e de mim durante todos esses anos? Eu chuto uns 3 milhões de

libras.

— Ah — disse ele, sem sorrir. Sem dúvida era uma quantia maior que aquilo, mas mesmo assim... — Deve ser mais ou menos isso.

Ficaram olhando um para o outro, e Grahame Coats ficou pensando a todo vapor. Ele precisava de tempo. Era disso que precisava.

— E se... E se eu pagasse a você essa quantia agora, em dinheiro? Com juros. Digamos, 50% sobre o valor em questão.

— Você está me oferecendo 4,5 milhões de libras? Em espécie?

Grahame Coats sorriu para ela da mesma maneira como cobras não costumam sorrir.

— Absolutamente. Se você avisar a polícia, eu negarei tudo e contratarei excelentes advogados. Na pior das hipóteses, após um julgamento bem longo, durante o qual serei forçado a jogar o bom nome de Morris na lama o máximo que eu puder, pegarei no máximo uns dez, 12 anos de prisão. Talvez fique por lá apenas uns cinco anos, se apresentar bom comportamento. E eu serei um prisioneiro modelo. Já que há gente demais nas prisões, eu serviria grande parte da sentença em regime semiaberto, ou até mesmo aberto. Não vejo isso como um problema. Por outro lado, posso garantir que, se você avisar a polícia, não conseguirá de volta um único centavo do dinheiro de Morris. A alternativa seria ficar calada e conseguir todo o dinheiro que puder enquanto eu consigo um pouco mais de tempo para... para fazer a coisa certa. Se é que me entende.

Maeve pensou.

— Eu adoraria ver você apodrecer na prisão. — Ela suspirou, e assentiu com a cabeça: — Certo. Fico com o dinheiro. Nunca terei que lidar com você, vê-lo de novo na minha frente. E todos os cheques dos direitos autorais no futuro virão diretamente para mim.

— Absolutamente. O cofre fica aqui.

Havia uma estante de livros na parede dos fundos, sobre a qual havia edições da mesma coleção, com capa de couro, de Dickens, Thackeray, Trollope e Austen. Nenhuma delas fora lida. Ele remexeu um livro, e a estante foi para um lado, revelando uma porta da mesma cor da parede.

Maeve pensou que talvez o cofre tivesse um segredo, mas não: era apenas uma porta com uma pequena fechadura, a qual foi destrancada por Grahame Coats com uma chave de cobre. A porta abriu-se.

Ele pôs a mão lá dentro e acendeu a luz. Era uma sala estreita, alinhada com prateleiras mal colocadas. Ao fim da salinha, havia um armário de arquivo pequeno, à prova de fogo.

— Você pode levar em dinheiro, em joias, ou uma mistura dos dois — disse ele, secamente. — Eu recomendo a segunda opção. Tem muita joia de ouro antiga aqui. E fácil de carregar. — Ele destrancou várias gavetas e mostrou o conteúdo. Anéis, gargantilhas e pingentes brilharam e refulgiram. Maeve ficou boquiaberta. — Dê uma olhada — sugeriu, e ela chegou mais perto. Era um verdadeiro tesouro.

Tirou uma gargantilha com um pingente dourado e ergueu-a pela mão. Ficou olhando para aquilo, maravilhada.

— E lindo. Deve valer...

E parou de falar. No ouro polido do pingente, viu algo se movendo por trás dela. Virou-se, o que fez com que o martelo não a atingisse exatamente na parte de trás da cabeça, como Grahame Coats tencionava, mas passasse raspando pelo seu rosto.

— Seu merda! — exclamou, e deu-lhe um chute. Maeve tinha pernas fortes e um chute poderoso, mas ela e o agressor estavam próximos demais.

O pé de Maeve acertou a canela dele. Ela tentou agarrar o martelo que ele segurava. Grahame Coats dava golpes com ele: dessa vez deu certo, e Maeve cambaleou para o lado. Não conseguia focalizar nada. Ele a acertou novamente, bem no topo da cabeça, e mais uma vez, e de novo, e de novo, e ela caiu no chão.

Grahame Coats queria ter uma arma naquele momento. Uma boa pistola. Com um silenciador, como nos filmes. Sinceramente, se lhe tivesse ocorrido que precisaria matar alguém em seu escritório, teria se preparado. Teria até mesmo arranjado vários tipos de veneno. Isso seria mais sensato. Não precisaria daquela bagunça toda.

Havia sangue e fios de cabelo loiros grudados no martelo. Largou a ferramenta com nojo e, andando cuidadosamente para não pisar na mulher no chão, pegou as caixas do cofre que continham as joias. Despejou tudo em sua mesa e recolocou as caixas no cofre, de onde tirou uma maletinha com vários maços de notas de 100 dólares e 500 notas de euro, além de um pequeno saquinho de veludo preto repleto de diamantes brutos. Por último, mas — como ele teria

gostado de salientar — não menos importante, tirou da salinha secreta uma pequena maleta de couro contendo duas carteiras e dois passaportes.

Depois fechou a porta pesada, trancou e colocou a estante de livros no lugar em que estava.

Ficou ali, de pé, com a respiração um pouco alterada, recuperando o fôlego.

No geral, decidiu, sentia certo orgulho de si mesmo. “Bom trabalho, Grahame. Foi um bom desempenho.” Teve que improvisar com o que tinha à mão e conseguiu sair-se bem: blefou, foi ousado, criativo. Disposto, como disse o poeta, a arriscar tudo no lançar de uma moeda. Arriscou e venceu. Era quem comandava a bola. Um dia, em seu paraíso tropical, escreveria suas memórias, e as pessoas saberiam como ele derrotou uma mulher perigosa. “Apesar de que teria sido melhor”, pensou, “se ela tivesse de fato apontado uma arma para mim.”

“Provavelmente”, repensou, “ela de fato apontou uma arma para mim.” Tinha quase certeza de que a vira tentar pegar a arma. Teve muita sorte por ter o martelo ali, sorte por ter um kit de ferramentas na sala para os momentos em que precisasse se virar sozinho. Caso contrário, não teria conseguido agir em legítima defesa de modo tão rápido e eficaz.

Somente naquele momento ocorreu-lhe que devia trancar a porta que dava para seu escritório.

Notou que havia sangue em sua camisa, em sua mão, e na sola de um de seus sapatos. Tirou a camisa e limpou o sapato com ela.

Jogou-a na lixeira embaixo de sua mesa. Surpreendeu-se lambendo o sangue em sua mão, como um gato, com a língua vermelha.

Então bocejou. Pegou os papéis de Maeve da mesa e os passou pelo picotador de papel. Havia mais alguns documentos em sua

maleta, e ele os picotou também. Passou os picotes mais uma vez pela máquina de picotar.

Ele tinha um armário no canto do escritório, com um terno, camisas, meias, cuecas e assim por diante. Nunca se sabe quando precisamos sair do escritório direto para um encontro, afinal de contas. E melhor estar preparado.

Vestiu-se com cuidado.

Também havia uma pequena mala com rodas no armário, pequena, do tipo que é considerada bagagem de mão. Colocou as coisas dentro dela, arrumando para caber mais.

Ligou para a recepção:

— Annie, será que você poderia comprar um sanduíche pra mim? Não da Prêt. Pensei naquele lugar novo, na Brewer Street. Estou terminando os negócios aqui com a Sra. Livingstone. Talvez eu a leve para almoçar de verdade, mas é melhor me prevenir.

Passou vários minutos usando o computador, rodando um programa do tipo que limpa o disco rígido e transforma os dados em zeros e uns aleatórios e depois amassa os dados bem amassadinhos antes de jogá-los no fundo do rio Tamisa com blocos de cimentos nos pés. Depois saiu pelo corredor puxando sua mala com rodinhas.

Pôs a cabeça dentro de um dos escritórios:

— Vou sair um pouco. Estarei de volta às três, caso alguém me procure.

Annie não estava na recepção, o que, pensou ele, era ótimo. As pessoas pensariam que Maeve Livingstone já teria ido embora, assim como esperariam que Grahame Coats voltasse a qualquer momento. Quando comesçassem a procurar por ele, já estaria bem longe.

Desceu pelo elevador. Tudo acontecia antes do planejado, pensou ele. Seu aniversário de 50 anos seria dali a mais de um ano.

Mas os mecanismos de fuga já estavam em movimento. Ele simplesmente precisava pensar naquilo como uma excelente oferta de aposentadoria. Ou uma excelente oferta de trabalho.

E então, puxando a mala com rodinhas atrás de si, saiu pela porta da frente do prédio para a manhã ensolarada em Aldwych. E deixou a Agência Grahame Coats para sempre.

SPIDER DORMIU TRANQUILAMENTE EM SUA CAMA ENORME, EM sua casa montada no quarto extra do apartamento de Fat Charlie. Começava a se perguntar vagamente se Fat Charlie desaparecera de vez. Resolveu que investigaria o assunto quando pudesse, a não ser que algo mais interessante o distraísse ou que esquecesse.

Ele foi dormir tarde. Estava a caminho de um encontro com Rosie, para almoçar. Ele a pegaria em seu apartamento, e iriam a algum lugar legal. Era um dia bonito, de início de outono, e a felicidade de Spider era contagiante. Isso porque Spider era meio que um deus. Quando você é um deus, as suas emoções são contagiantes — as outras pessoas podem pegá-las como um vírus. Quando havia pessoas perto de Spider num dia em que ele se sentia feliz, o mundo delas parecia um pouco melhor. Se ele cantarolasse uma canção, as pessoas ao redor começavam a cantarolar também, no mesmo ritmo, como se fosse uma cena de um musical. É claro que, se ele bocejasse, 100 pessoas perto dele bocejariam também e, quando se sentia mal, essa sensação alastrava-se como uma névoa, fazendo o mundo parecer ainda pior para todos em volta. Não era algo que ele fazia, mas o modo como ele era.

Naquele momento, a única coisa que não o deixava totalmente feliz era o fato de ter resolvido contar a verdade a Rosie.

Spider não se dava muito bem com essa coisa de contar a verdade. Ele considerava a verdade algo fundamentalmente maleável, mais ou menos uma questão de opinião. E conseguia fabricar algumas opiniões bastante impressionantes quando precisava.

Ser um impostor não era o problema. Ele gostava de ser um impostor. Havia algo de bom nisso. Algo que se encaixava em seus planos, algo bastante simples e que poderia ser resumido mais ou menos assim: a) ir a algum lugar; b) divertir-se e c) ir embora antes de se sentir entediado. Ele sabia, bem no fundo, que já era hora de ir embora. Para ele, o mundo era como uma lagosta num prato — o guardanapo estava no seu pescoço, havia um pote de manteiga derretida à sua disposição e um conjunto de talheres complicados mas adequados para comer lagosta repousava na sua frente.

Exceto que..

Exceto que não queria ir embora.

Começava a refletir sobre a questão, algo que considerava bastante desconcertante. Em geral, ele nem sequer pensava, quanto mais refletia sobre as coisas. A vida sem reflexão sempre fora perfeitamente agradável — o instinto, o impulso e uma sorte absurda sempre lhe caíram bem até aquele momento. No entanto até mesmo os milagres só levam as pessoas até determinado ponto. Spider andava pela rua, e as pessoas sorriam para ele.

Combinara com ela que a encontraria no seu apartamento. Portanto ficou agradavelmente surpreso por vê-la no fim da rua, esperando por ele. Sentia uma sensação desagradável, algo que talvez fosse o começo da culpa, e acenou para ela.

— Oi, Rosie! — Ela caminhou em sua direção, sobre a calçada, e começou a sorrir. Eles resolveriam tudo. Tudo ficaria bem. — Você está tão bonita. Lindíssima. O que quer comer?

Rosie sorriu e deu de ombros. Passaram por um restaurante grego.

— Tudo bem se for comida grega?

Ela assentiu com a cabeça. Desceram alguns degraus e entraram. O restaurante estava escuro e vazio, já que abrira recentemente. O proprietário os encaminhou para um cantinho no fundo.

Sentaram-se um na frente do outro, em uma mesa para apenas duas pessoas. Spider começou:

— Eu queria contar algo a você. — Ela ficou quieta. — Não é ruim. Mas também não é bom. Mas... Enfim... É algo que você precisa saber.

O proprietário perguntou-lhes se queriam pedir algo. Ele sugeriu café e Rosie assentiu com a cabeça, concordando.

— Dois cafés — pediu Spider. — E pode nos dar uns cinco minutinhos? Precisamos ficar a sós um tempinho.

O dono do restaurante retirou-se.

Rosie ficou olhando para Spider, esperando.

Ele deu um longo suspiro.

— Certo. Ok. Deixa eu contar uma coisa pra você. Não é fácil, e não sei se consigo.. Certo. Olha. Eu não sou Fat Charlie. Sei que você pensa que eu sou, mas não sou. Sou o irmão dele, Spider. Você acha que eu sou ele porque nós somos meio parecidos. — Ela não disse nada. — Bem, na verdade não pareço muito com ele. Mas,, sabe, isso não é fácil pra mim. Está bem! Não consigo parar de

pensar em você. Sei que você é noiva do meu irmão, mas estou lhe pedindo., bem— Você consideraria largá-lo e ficar comigo?

Um bule de café chegou à mesa numa pequena bandeja prateada, com duas xícaras.

— É café grego — observou o dono do restaurante.

— Sim. Obrigado. Mas eu realmente preciso de uns minutinhos a sós...

— Está bem quente — continuou o homem. — Café bem quente. Forte. Grego. Não turco.

— Que bom. Olha, se você não se importa, pode nos dar cinco minutinhos, por favor?

O dono do restaurante deu de ombros e foi embora.

— Você provavelmente me odeia. Se eu fosse você, provavelmente também me odiaria. Mas é sério o que estou dizendo. Estou falando mais sério do que jamais falei em toda a minha vida. — Ela apenas olhava para ele, sem esboçar nenhuma reação. — Por favor — continuou ele. — Diga alguma coisa. Qualquer coisa.

Seus lábios se moveram, como se ela tentasse achar as palavras certas.

Spider aguardou.

A boca de Rosie abriu-se.

A primeira coisa que ele pensou foi que ela estava comendo alguma coisa, porque o que viu entre os dentes dela era marrom, e sem dúvida não era sua língua. Então a coisa moveu a cabeça e os olhos, olhinhos pequenos, redondos, pretos e brilhantes, e olhou para ele. Rosie abriu a boca de um jeito impossível, e os pássaros saíram.

Spider só teve tempo de dizer "Rosie?", e o ar ficou repleto de bicos, penas, garras, um após o outro. Os pássaros saíram de sua garganta, cada um acompanhado de um pequeno ruído, como se ela estivesse tossindo ou sufocando, e voavam direto para Spider.

Ele ergueu um braço para proteger os olhos, e algo machucou seu pulso. Mexeu os braços histericamente, e algo voou para o seu rosto, direto para os olhos. Lançou a cabeça para trás, e o bico perfurou sua bochecha.

Então houve um momento de clareza horripilante: ainda havia uma mulher sentada do outro lado da mesa. Ele não conseguia

entender como pôde tê-la confundido com Rosie. Para começar, o cabelo dela era impossivelmente negro, com mechas brancas aqui e ali. A pele não tinha o tom marrom quente da pele de Rosie, era negra como ébano. Usava um sobretudo esfarrapado de cor ocre. Ela sorriu e mais uma vez abriu bem a boca de um jeito absurdamente impossível. Agora conseguia ver dentro da boca dela os bicos cruéis e os olhos insanos das gaivotas.

Spider não parou para pensar. Resolveu agir. Agarrou a alça do bule e o ergueu com uma das mãos, enquanto com a outra tirava a tampa. Fez um movimento e lançou-o contra a mulher sentada à sua frente. O conteúdo do bule, café quente, escaldante, caiu em cima dela.

Ela sibilava de dor.

Pássaros chocaram-se e bateram suas asas no restaurante, mas não havia mais ninguém sentado à frente dele. Os pássaros voavam em todas as direções, batendo loucamente nas paredes.

O dono do restaurante veio até ele.

— O senhor está ferido? Eu sinto muito. Acho que vieram da rua.

— Tudo bem — respondeu Spider.

— O senhor está sangrando.

Ele deu a Spider um guardanapo, o qual ele pressionou contra a bochecha. O corte ardia.

Spider ofereceu-se para expulsar os pássaros para a rua. Abriu a porta, mas agora o lugar não continha mais pássaro nenhum. Encontrava-se exatamente como estava quando entrara.

Spider tirou do bolso uma nota de cinco libras.

— Tome. Pelo café. Preciso ir.

O dono do restaurante assentiu, agradecido.

— Pode ficar com o guardanapo.

Spider parou e pensou. Perguntou ao homem:

— Quando eu entrei, havia uma mulher comigo?

O proprietário parecia confuso. Talvez até mesmo assustado. Spider não sabia ao certo.

— Eu não me lembro.— — respondeu, como se estivesse aturdido. — Se o senhor estivesse sozinho, eu não o teria levado para aquela mesa ali. Mas eu não sei.

Spider foi para a rua. O dia ainda estava claro, mas a luz do sol não dava mais uma sensação de segurança. Olhou em volta. Viu um pombo virando e bicando uma casquinha de sorvete abandonada, um pardal sobre o parapeito de uma janela e, lá no alto, como um brilho de luz branca ao sol, com as asas estendidas, uma gaivota voava em círculos.

CAPÍTULO NOVE

NO QUAL FAT CHARLIE ATENDE À PORTA E SPIDER ENCONTRA FLAMINGOS

FAT CHARLIE ESTAVA COM MAIS SORTE. PODIA SENTIR ISSO. VENDERAM passagens a mais para o avião no qual embarcaria, então ele foi transferido para a primeira classe. A comida era excelente. Quando sobrevoavam o Atlântico, uma aeromoça veio informar-lhe que ganhara uma caixa de chocolates como cortesia e entregou-lhe o presente. Ele colocou a caixa no compartimento de bagagem superior e pediu um Drambuie com gelo.

Estava a caminho de casa. Acertaria as coisas com Grahame Coats. Afinal, se havia uma coisa no mundo de que Fat Charlie tinha certeza, essa coisa era a honestidade de seu trabalho como contador. Acertaria os ponteiros com Rosie. Tudo ficaria ótimo.

Imaginou se Spider já teria ido embora quando ele chegasse em casa ou se teria a satisfação de expulsá-lo de lá. Torcia pela segunda hipótese. Fat Charlie queria ver seu irmão pedir desculpas. Se possível, até mesmo rastejar. Começou a imaginar as coisas que diria a ele.

— Saia daqui! E leve junto esse seu Sol, sua banheira de hidromassagem, seu quarto inteiro!

— Como? — perguntou a aeromoça.

— Só... ahm... falando sozinho — respondeu Fat Charlie.

Mas até mesmo a vergonha que sentiu com essa situação não foi assim tão ruim. Ele nem mesmo ficou torcendo para que o avião

caísse e sua desgraça acabasse. A vida sem dúvida parecia estar melhorando.

Abriu o pequeno kit de mimos que deram a ele, colocou a máscara para os olhos e inclinou o assento ao máximo, o que o permitia ficar completamente esticado. Pensou em Rosie, embora em sua mente sua aparência mudasse constantemente, transformando-se em alguém menor, uma mulher que não usava quase nenhuma roupa. Fat Charlie sentiu-se culpado e a imaginou vestida. Sentiu-se muito chateado ao perceber que, em sua imaginação, a mulher parecia usar um uniforme policial. Ficou dizendo para si mesmo que se sentia muito mal com aquilo, mas não adiantou muito. Ele deveria se sentir culpado. Ele deveria se sentir culpado..

Fat Charlie mudou de posição no assento e emitiu um pequeno ronco, satisfeito.

Ainda estava com um humor excelente quando aterrissaram no aeroporto de Heathrow. Pegou o Heathrow Express para Paddington e ficou satisfeito em notar que na sua breve ausência o sol resolveu aparecer. Disse a si mesmo: "Tudo, tudo mesmo, vai ficar bem".

A única coisa estranha, que dava um sabor errado àquela manhã, ocorreu na metade da viagem de trem. Ele estava olhando pela janela, desejando que tivesse comprado um jornal em Heathrow. O trem passava por uma área verde — o campo de futebol de alguma escola talvez — e o céu pareceu escurecer por alguns instantes e, com o chiado dos freios, o trem parou em um sinal.

Isso não perturbou Fat Charlie. Estava na Inglaterra, no outono: o sol era, por definição, algo que só acontecia quando não chovia ou quando o céu não estava nublado. Mas havia uma sombra de pé na beira daquele campo verde, perto de algumas árvores.

De relance, pensou que fosse um espantalho.

Mas isso não fazia sentido. Não poderia ser um espantalho. Espantalhos ficam nas plantações, não em campos de futebol.

Sem dúvida não aparecem em matas. De qualquer maneira, se aquilo fosse mesmo um espantalho, não se parecia nem um pouco com um.

Havia corvos em tudo quanto é lugar. Corvos bem grandes e negros.

Então a sombra se moveu.

Estava muito distante para ser algo além do contorno de alguém, alguém vestido com um sobretudo marrom esfarrapado. Mesmo assim, Fat Charlie sabia. Ele sabia que, se pudesse ver de perto, teria visto um rosto que parecia ser esculpido em obsidiana, cabelos negros e olhos insanos.

O trem chacoalhou e recomeçou a andar. Pouco tempo depois, a mulher vestindo sobretudo marrom não podia mais ser vista.

Fat Charlie sentiu-se mal. Praticamente se convencera de que o que aconteceu, ou o que ele achou que tivesse acontecido, na sala de estar da Sra. Dunwiddy era só algum tipo de alucinação, um sonho poderoso, verdadeiro em algum nível, mas não realmente verdadeiro. Não algo que aconteceu de fato. Na verdade, era um símbolo de alguma verdade maior. Ele não poderia ter ido a um lugar real ou realmente ter feito uma barganha, certo?

Era só uma metáfora, afinal.

Não se perguntou por que tinha tanta certeza de que logo tudo começaria a melhorar. Havia realidades e havia a realidade. E algumas coisas são mais reais que outras.

Cada vez mais rápido, o trem o levava para Londres.

SPIDER SAIU DO RESTAURANTE GREGO E ESTAVA QUASE CHEgando em casa, segurando um guardanapo contra a bochecha. Alguém o tocou no ombro.

— Charles? — Era a voz de Rosie. Spider pulou. No mínimo, levou um susto e fez um barulho de quem está surpreso. — Charles? Você está bem? O que aconteceu com o seu rosto?

Ele ficou olhando para ela e perguntou:

— Você é você?

— Quê?

— Você é a Rosie?

— Que raio de pergunta é essa? Claro que eu sou a Rosie. O que aconteceu com o seu rosto?

Ele pressionou o guardanapo contra a bochecha.

— Eu me cortei.

— Posso ver?

Ela tirou a mão dele do rosto. O centro do guardanapo tinha uma mancha vermelha, como se tivesse absorvido sangue, mas sua bochecha estava inteira, sem nenhum arranhão.

— Mas não tem nada aí.

— Ah.

— Charles... Você está bem?

— Sim. Estou. A não ser que não esteja. Acho que a gente deve ir lá pra casa. Acho que ficarei mais seguro lá.

— A gente ia almoçar — disse Rosie, no tom de voz de alguém pensando que só vai entender o que está acontecendo quando um apresentador de TV aparecer e revelar as câmeras ocultas.

— Sim, eu sei. Acho que alguém acabou de tentar me matar. E fingiu que era você.

— Ninguém está tentando te matar — respondeu ela, não conseguindo soar como se não o estivesse alentando.

— Mesmo assim, será que a gente podia esquecer o almoço e ir lá pra casa? Lá tem comida.

— Claro.

Rosie o seguiu pela rua, perguntando-se quando Fat Charlie tinha emagrecido daquele jeito. “Está ótimo”, pensou. “Com uma aparência realmente ótima.” Entraram em silêncio em Maxwell Gardens.

Então ele disse:

— Olha só isso.

— O quê?

Ele mostrou a ela. A mancha de sangue tinha desaparecido do guardanapo. Agora estava perfeitamente branco.

— Isso é um truque de mágica?

— Se for, não fui eu que fiz. Não dessa vez.

Jogou o guardanapo numa lata de lixo. Quando fez isso, um táxi apareceu na frente da casa de Fat Charlie, e Fat Charlie saiu do carro, amarrotado, piscando e segurando uma sacola plástica branca.

Rosie olhou para Fat Charlie. Olhou para Spider. Olhou de novo para Fat Charlie, que abriu a sacola e tirara de lá uma enorme caixa de bombons.

— Presente para você — disse ele.

Rosie pegou a caixa de bombons e agradeceu. Havia dois homens ali, e tinham voz e aparência completamente diferentes. Ainda assim, ela não conseguia descobrir qual deles era seu noivo.

— Eu estou ficando louca, é isso? — perguntou, tensa. Era mais fácil pensar assim, já que agora ela percebia o problema.

O mais magro dos Fat Charlies, o que usava um brinco, pôs a mão no ombro dela e disse:

— Você precisa ir para casa. Dormir um pouco. Quando acordar, terá esquecido tudo isso.

“Bom”, pensou ela, “isso deixa as coisas mais simples.” E melhor quando a gente tem um plano. Caminhou de volta até seu

apartamento com passinhos alegres, carregando sua caixa de bombons.

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie. — E como se ela tivesse desligado, sei lá.

Spider deu de ombros.

— Eu não queria chateá-la.

— Por que não contou a verdade pra ela?

— Não pareceu adequado.

— Como se você soubesse o que é adequado..

Spider tocou a porta da frente e a abriu.

— Eu tenho a chave — disse Fat Charlie. — É a porta da minha casa.

Entraram no hall e subiram a escada.

— Onde você estava? — perguntou Spider.

— Lugar nenhum. Por aí — respondeu Fat Charlie como se fosse um adolescente.

— Eu fui atacado por pássaros no restaurante hoje de manhã. Você sabe alguma coisa a respeito? Sabe, não é?

— Não exatamente. Talvez. É que chegou a hora de você ir embora, só isso.

— É bom você não começar nada.

— Eu? Eu começar alguma coisa? Acho que até o momento fui um modelo perfeito de autocontrole. Você é que entrou na minha vida. Você deixou o meu chefe chateado, e agora a polícia está atrás de mim. Você anda beijando a minha namorada. Você acabou com a minha vida.

— Olha, se quer saber, você fez um excelente trabalho acabando com a sua vida sozinho.

Fat Charlie fechou o punho e acertou Spider na mandíbula, como numa cena de cinema. Spider cambaleou para trás, mais surpreso do que ferido. Colocou a mão no lábio, e viu sangue nos dedos.

— Você me bateu!

— E posso bater de novo — ameaçou Fat Charlie, que não sabia ao certo se podia mesmo. Sua mão estava doendo.

— Ah, é? — disse Spider, e lançou-se contra Fat Charlie, batendo repetidamente nele com os punhos. Fat Charlie reagiu, lançando o braço em volta da cintura de Spider e jogando-se no chão com ele.

Rolaram para lá e para cá no chão do corredor, batendo um no outro. Fat Charlie meio que esperava que Spider lançasse algum tipo de contra-ataque mágico, ou que tivesse uma força sobrenatural,

mas os dois pareciam empatar. Ambos lutavam sem nenhuma técnica, como moleques — como irmãos — e, enquanto brigavam, Fat Charlie lembrou-se de que fizera a mesma coisa havia muito, muito tempo. Spider era mais esperto e mais rápido, mas se Fat Charlie conseguisse ficar por cima dele e segurar suas mãos...

Fat Charlie agarrou a mão direita de Spider, torceu-a por trás das costas dele e sentou-se sobre o peito do irmão, colocando todo seu peso.

— E então? Desiste? — perguntou.

— Não!

Spider contorcia-se, mas Fat Charlie não saía de sua posição, sentado sobre o peito dele.

— Eu quero que você prometa que vai sair da minha vida e deixar Rosie em paz. Para sempre.

Spider fez um movimento com raiva e deslocou Fat Charlie. Ele acabou caindo de bruços no chão da cozinha.

— Olha, eu avisei... começou Spider.

Então ouviram alguém batendo na porta lá embaixo. Batidas fortes, do tipo que indicavam que alguém precisava entrar urgentemente. Fat Charlie olhou para Spider, que fez uma careta para ele. Puseram-se de pé lentamente.

— Quer que eu atenda? — perguntou Spider.

— Não. É a minha casa. E eu vou atender a porta da minha casa, muito obrigado.

— Como quiser.

Fat Charlie foi até as escadas. E então virou-se:

— Depois que eu resolver isso, vou voltar pra resolver tudo com você. Faça suas malas. Você já está de saída.

Desceu as escadas, arrumando a camisa, tirando o pó do corpo, tentando parecer como se não tivesse acabado de participar de uma briga no chão.

Abriu a porta. Havia dois policiais grandes, de uniforme, e uma menor, bem mais exótica, em roupas simples.

— Charles Nancy? — perguntou Daisy. Olhou para ele como se fosse um estranho, sem nenhuma emoção nos olhos.

Fat Charlie engoliu em seco.

— Senhor Nancy, o senhor está preso. O senhor tem o direito de — Fat Charlie voltou-se para o interior da casa.

— Desgraçado! — gritou na direção das escadas. — Desgraçado, desgraçado filho-da-mãe, desgraçado, desgraçadooo!

Daisy deu um tapinha em seu ombro.

— Não gostaria de nos acompanhar sem oferecer resistência? — perguntou ela, com voz baixa. — Se não quiser, podemos fazê-lo cooperar. Mas não recomendo. Eles são bem eficientes em fazer os outros cooperarem.

— Não vou causar problemas — respondeu ele.

— Ótimo — disse Daisy.

Acompanhou Fat Charlie e o trancou na parte de trás de uma van preta da polícia.

Vasculharam o apartamento. Não havia absolutamente ninguém por lá. No fim do corredor, havia um pequeno quarto contendo diversas caixas com livros e carrinhos de brinquedos. Remexeram um pouco, mas não encontraram nada interessante.

SPIDER ESTAVA DEITADO NO SOFÁ DE SEU QUARTO, MAL-humorado. Tinha ido para o quarto quando Fat Charlie foi atender à porta. Precisava ficar sozinho. Não lidava muito bem com discussões. Quando chegava a esse ponto, era o momento em que ia embora. Agora Spider sabia que era hora de ir, mas mesmo assim não queria.

Não sabia ao certo se ter mandado Rosie para casa havia sido o melhor a fazer.

O que queria mesmo — e Spider era alguém governado mais pelo verbo “querer”, nunca pelo verbo “dever” — era dizer a Rosie que a queria muito. Ele, Spider. Contar a ela que não era Fat Charlie.

Que era algo bem diferente. E isso, por si só, não constituía exatamente um problema. Poderia simplesmente ter dito a ela, com bastante convicção, “Na verdade, eu sou Spider, o irmão de Fat Charlie, e você não tem nenhum problema quanto a isso. Para você, está tudo bem”, e o universo exigiria só um pouquinho dela, e ela aceitaria aquilo exatamente como tinha ido para casa. Ela aceitaria. Não se importaria nem um pouco.

Exceto que ele sabia, lá no fundo, que se importaria, sim. Os seres humanos não gostam de ser comandados pelos deuses. Talvez pareçam gostar, na superfície, mas bem lá no fundo, por baixo de tudo, se ressentem do fato. Eles sabem. Spider poderia dizer a ela que deveria ficar feliz com a situação, e ela ficaria. Mas isso seria tão real quanto pintar um sorriso no rosto dela — um sorriso que ela genuinamente acreditaria, de todas as maneiras possíveis, ser um sorriso autêntico. A curto prazo (e até aquele momento Spider só pensara em termos de curto prazo), nada disso teria importância. No entanto, a longo prazo, só traria problemas. Ele não queria uma criatura perturbada e furiosa, alguém que, embora o odiasse bem lá no fundo, ficasse perfeitamente calma, como uma boneca, na superfície. Ele queria Rosie. E, se fosse assim, ela não seria Rosie, certo? Spider ficou olhando pela janela para a magnífica cachoeira e o céu tropical por trás dela. Pôs-se a imaginar quando Fat Charlie viria bater à sua porta. Algo havia acontecido naquela manhã, naquele restaurante, e tinha certeza de que seu irmão sabia mais a respeito do que dizia.

Depois de certo tempo, ficou cansado de esperar e resolveu andar pelo apartamento. Não havia ninguém. O lugar estava uma bagunça — como se tivesse sido revirado de cabeça para baixo por profissionais treinados para aquilo. Spider decidiu que provavelmente Fat Charlie bagunçara o lugar para indicar o quanto estava chateado com Spider por ter apanhado na briga.

Olhou pela janela. Havia um carro da polícia estacionado atrás de uma van preta. Enquanto observava, o carro e a van foram embora.

Preparou algumas torradas. Passou manteiga nelas e comeu. Então caminhou pelo apartamento, fechando cuidadosamente todas as cortinas.

A campainha tocou. Spider fechou as últimas cortinas e desceu as escadas.

Abriu a porta. Rosie olhou para ele. Ainda parecia meio perturbada. Ficou olhando para ela.

— E então? Não vai me convidar para entrar?

— Claro. Entre.

Ela subiu as escadas.

— O que aconteceu aqui? Parece que houve um terremoto.

— É?

— Por que você está no escuro?

Ela foi abrir as cortinas.

— Não faça isso! Deixe as cortinas fechadas.

— Mas você está com medo de quê?

Spider olhou pela janela.

— Dos pássaros — por fim confessou.

— Mas os pássaros são nossos amigos — respondeu Rosie, como se falasse com uma criança.

— Os pássaros são os últimos dinossauros. São pequenos velociraptores com asas. Devoram bichinhos indefesos, nozes, peixes e até outros pássaros. São ótimos para pegar minhocas. Já viu uma galinha comer? Podem parecer inocentes, mas os pássaros são cruéis.

— Outro dia vi no jornal um caso de um pássaro que salvou a vida de um homem.

— Mas isso não muda o fato de que...

— Era um corvo, sei lá. Um desses pássaros pretos, grandes. O homem estava deitado na grama de seu quintal, em sua casa, na Califórnia, lendo uma revista. Aí ele ouviu um barulho de corvo querendo chamar sua atenção. Ele se levantou e foi até a árvore em que estava o pássaro. Aí o homem viu que embaixo da árvore havia um leão da montanha que já estava se preparando para pular sobre ele. Então entrou na casa. Se o corvo não tivesse avisado, ele seria o jantar do leão.

— Não é um comportamento comum dos corvos, esse aí. Mas, se um corvo um dia salvou a vida de alguém ou não, isso não muda nada. Os pássaros continuam querendo me pegar.

— Certo.... — concordou Rosie, fazendo o possível para não soar como se achasse graça dele. — Os pássaros estão querendo pegar você.

— Isso.

— E eles querem pegar você porque...?

— Ahm...

— Deve ter algum motivo. Você não pode dizer que um monte de pássaros decidiu de repente que você é uma apetitosa minhoca.

— Acho que você não acreditaria em mim — disse ele, realmente achando isso.

— Charlie. Você sempre foi muito franco. Quer dizer, eu sempre confiei em você. Se você me contar, vou fazer o possível para acreditar. Vou tentar de verdade. Eu te amo e acredito em você. Então por que não experimenta para ver se eu acredito ou não?

Spider pensou no que ela disse. Pegou sua mão e apertou.

— Acho que eu preciso mostrar uma coisa pra você. — Levou-a até o fim do corredor. Pararam do lado de fora do quarto extra de

Fat Charlie. — Tem uma coisa aqui dentro. Talvez explique tudo melhor do que eu.

— Você é um super-herói. E aqui é onde você guarda seus batapetrechos. É isso?

— Não.

— É alguma coisa meio pervertida então? Você gosta de usar roupas femininas, colar de pérolas e se chamar de Dora?

— Não.

— Seria então um trenzinho? Ou não?

Spider empurrou a porta do quarto extra de Fat Charlie e ao mesmo tempo abriu a porta para o seu quarto. As janelas ao fundo mostravam uma cachoeira que terminava numa piscina de água natural, lá embaixo. O céu tinha um tom mais azul que o de uma safira.

Rosie disse alguma coisa em voz baixa.

Virou-se, caminhou pelo corredor, entrou na cozinha e olhou pela janela, para o céu cinzento de Londres, feio, pesado. Voltou para o quarto.

— Eu não entendo. Charlie.. O que está acontecendo?

— Eu não sou o Charlie. Olhe para mim. Olhe bem para mim. Eu nem mesmo me pareço com ele.

Ela não estava mais fingindo que entrava na brincadeira. Seus olhos estavam arregalados, assustados.

— Eu sou o irmão dele. Eu estraguei tudo. Tudo. E acho que a melhor coisa que posso fazer é sair da vida de vocês, ir embora.

— Então onde está o Fat... Onde está Charlie?

— Eu não sei. Nós brigamos. Ele foi atender a porta, eu fui para o meu quarto, e ele não voltou mais.

— Não voltou mais? E você nem mesmo tentou saber o que aconteceu com ele?

— Ahm... Talvez tenha sido levado embora pela polícia. Mas é só uma hipótese. Não sei se isso é verdade.

— Me diga o seu nome — exigiu ela.

— Spider.

Rosie repetiu o nome. Lá fora, pela janela, acima do chuveiro causado pela cachoeira, viu um bando de flamingos voando. A luz do sol tingia suas asas de rosa e branco. Eram majestosos, incontáveis, e aquilo era a coisa mais linda que Rosie vira na vida. Olhou de volta para Spider e, ao olhar para ele, não conseguia compreender como acreditara que esse homem era Fat Charlie, uma pessoa cordata, aberta, atrapalhada. Esse homem era como um chicote prestes a estalar.

— Você não é mesmo Fat Charlie, certo?

— Eu já disse que não sou.

— Então... Com quem eu.... eu... Com quem... com quem eu dormi?

— Esse aí seria eu mesmo.

— Imaginei.

Deu-lhe um tapa no rosto com o máximo de força que conseguia. Ele sentiu seu lábio recomeçar a sangrar.

— Acho que eu mereço.

— Claro que merece.

Ela fez uma pausa. Então disse:

— Fat Charlie sabia disso tudo? Sabia sobre você? Que você estava saindo comigo?

— Bom, sim, mas ele...

— Vocês são doentes. Dois homens vis, doentes. Espero que apodreçam no inferno.

Lançou mais uma vez um olhar confuso para o quarto enorme, para a janela, observando as árvores tropicais, a enorme cachoeira e os flamingos, e saiu pelo corredor.

Spider sentou-se no chão com um fino fio de sangue escorrendo de seu lábio inferior, sentindo-se um idiota. Ouviu a porta da frente bater. Foi até a banheira de água quente, mergulhou a ponta de uma toalha na água, torceu-a e colocou na boca.

— Eu não preciso de nada disso.

Disse isso em voz alta. E mais fácil uma pessoa mentir para si mesma quando diz em voz alta.

— Não precisava de nenhum de vocês há uma semana e também não preciso mais. Não to nem aí. Pra mim chega.

Os flamingos atingiram as janelas como se fossem balas de canhão cor-de-rosa. O vidro quebrou. Fragmentos de janela voaram pelo quarto, espalhando-se e fincando nas paredes, no chão, na cama. O ar ficou repleto de corpos cor-de-rosa inquietos, uma confusão de asas enormes e bicos negros e curvados. O barulho da cachoeira invadiu o quarto.

Spider ficou encostado à parede. Havia flamingos entre ele e a porta, centenas deles: pássaros de 1,5 metro de altura que pareciam feitos somente de pernas e pescoço. Ficou de pé e deu vários passos através daquele campo minado de pássaros cor-de-rosa, raivosos, cada um deles o olhando com ódio através de seus olhos insanos. De longe, até pareciam bonitos. Um deles atacou a mão de Spider. Não chegou a perfurar a pele, mas doeu.

O quarto era grande, mas se enchia rapidamente de flamingos, que aterrissavam ali sem cuidado. E havia uma nuvem escura no céu azul, acima da cachoeira, que parecia ser outro grupo de flamingos a caminho.

As aves o bicavam, usavam as garras e batiam as asas perto dele. Spider sabia que isso não era exatamente o problema. O problema seria ser sufocado por um cobertor macio e cor-de-rosa de penas, com bicos como acessório. Seria uma maneira extremamente indigna de morrer, esmagado por pássaros — e nem mesmo eram pássaros inteligentes.

“Pense”, disse a si mesmo. “São flamingos. Pássaros estúpidos. Você é uma aranha.”

“E daí?”, pensou em resposta. “Como se você não soubesse disso.”

Os flamingos, no chão, o cercavam. Os que estavam no ar vinham em sua direção. Cobriu a cabeça com a jaqueta, e os flamingos que voavam começaram a atacá-lo. Era o mesmo que ter alguém lançando galinhas contra você. Ele titubeou e abaixou-se. “Ora, arrume um jeito de enganá-los, seu idiota.”

Spider ficou de pé e com dificuldade atravessou aquele oceano de asas e bicos até chegar à janela, que agora era uma abertura de vidro quebrado, pontiagudo.

— Pássaros imbecis — disse, vitorioso. Subiu no parapeito da janela.

Os flamingos não são conhecidos por sua inteligência nem por sua capacidade de solucionar problemas. Se confrontado com um arame e uma garrafa com algo comestível dentro, um corvo pode tentar transformar o arame numa ferramenta para puxar o que está dentro da garrafa. Um flamingo, por outro lado, tentará comer o arame se ele se parecer com um camarão, ou mesmo se não se parecer, porque nunca se sabe se é um tipo de bicho diferente. Portanto, se havia algo levemente suspeito ou absurdo quanto ao homem que estava de pé no parapeito da janela, insultando-os, os flamingos não perceberam. Ficaram olhando para ele com seus olhos vermelhos enlouquecidos, como coelhinhos assassinos, e voaram em sua direção.

O homem pulou da janela na direção da cachoeira e centenas de flamingos lançaram-se contra ele, no ar — muitos caindo no chão como pedras, já que os flamingos precisam correr um pouco antes de conseguir impulso para voar.

Logo o quarto estava repleto apenas de flamingos mortos ou feridos: os que quebraram as janelas, os que se chocaram contra as paredes, os que foram esmagados por outros flamingos. Os sobreviventes viram a porta do quarto abrir-se, aparentemente sozinha, e fechar-se de novo. Mas, como eram flamingos, não prestaram atenção nisso.

Spider estava no corredor de Fat Charlie, tentando recuperar o fôlego. Concentrou-se em permitir que o quarto deixasse de existir, algo que odiava fazer, em grande parte porque gostava muito de seu aparelho de som, mas também porque era ali que ele mantinha suas coisas.

Só que ele sempre conseguia mais coisas.

No caso de Spider, tudo o que precisava fazer era pedir.

A MÃE DE ROSIE NÃO ERA UMA MULHER DADA A DEMONSTRAÇÕES de escárnio perante a má sorte dos outros. Quando a filha começou a chorar, sentada no sofá Chippendale, ela esforçou-se para não celebrar, cantar e fazer uma dancinha da vitória, sacolejando pela sala. Um observador cuidadoso no entanto perceberia o brilho de triunfo em seus olhos.

Ofereceu a Rosie um copo grande de água vitaminada e um cubo de gelo, e ouviu a litania chorosa da filha, que falava de sua mágoa e decepção. Quando terminou, o brilho de triunfo dera lugar a um olhar confuso. Ela sentia que sua cabeça estava a mil.

— Então — Fat Charlie não é realmente Fat Charlie? — perguntou.

— Não. Quer dizer, sim. Fat Charlie /Fat Charlie, mas na última semana eu andei saindo com o irmão dele.

— Eles são gêmeos?

— Não. Eu nem acho que são parecidos. Não sei. Estou tão confusa.

— Com qual dos dois você terminou?

Rosie assoou o nariz.

— Eu terminei com o Spider. O irmão de Fat Charlie.

— Mas você não estava noiva dele.

— Não, mas achava que sim. Achava que ele era Fat Charlie.

— Então você também terminou com Fat Charlie?

— Mais ou menos. Ainda não falei com ele sobre isso.

— Ele— sabia disso, dessa coisa do irmão? Foi algum tipo de conspiração perversa o que fizeram com a minha pobre menininha?

— Acho que não. Mas não importa. Não posso me casar com ele.

— Não — concordou a mãe. — Sem dúvida não pode. De jeito nenhum.

Em sua mente, a mãe de Rosie fazia uma dancinha da vitória e lançava fogos de artifício.

— Arranjaremos um bom marido para você, não se preocupe. Aquele Fat Charlie— Eu sabia que havia algo ruim nele. Soube desde o momento em que o vi. Comeu a minha maçã de cera. Sabia que ele tinha problemas. Onde ele está agora?

— Não tenho certeza. Spider disse que talvez tenha sido levado pela polícia.

— Rá! — exultou a mãe, que elevou os fogos de artifício de sua mente ao nível da comemoração de Ano-Novo na Disneylândia e, de quebra, sacrificou uns 12 touros em celebração. Mas tudo o que disse em voz alta foi o seguinte:

— Talvez ele esteja agora na prisão. É o melhor lugar para ele. Eu sempre dizia que esse rapaz terminaria lá.

Rosie começou a chorar, até mais do que antes. Puxou outro lenço de papel da caixa e assoou o nariz com um barulho muito alto. Engoliu o choro, numa demonstração de bravura. Então chorou mais um pouco. A mãe lhe dava tapinhas consoladores na mão, do jeito mais consolador que conseguia. E disse:

— Mas é claro que você não pode se casar com ele. Você não pode se casar com um condenado à prisão. Por outro lado, se ele estiver preso, você pode facilmente terminar o noivado. — A sombra de um sorriso ameaçava aparecer no canto dos lábios enquanto ela continuava: — Eu posso ligar para ele se você quiser. Ou ir até lá em dia de visita e dizer que ele não presta e que você não quer vê-lo nunca mais. Podemos conseguir uma medida cautelar também.

— N-não— Não é por isso que eu não posso me casar com ele.

— Não? — perguntou a mãe, erguendo uma sobrancelha delineada perfeitamente com lápis.

— Não— Eu não posso me casar com Fat Charlie porque não estou apaixonada por ele.

— Claro que não. Eu sempre soube disso. Foi só uma paixãozinha boba, mas agora você está vendo a verdadeira...

— Estou apaixonada pelo Spider. O irmão dele — continuou Rosie, como se a mãe não estivesse falando. A expressão que tomou conta do rosto da mãe de Rosie parecia a de alguém num piquenique que vê um enxame de abelhas se aproximar. — Tudo bem. Eu também não vou me casar com ele. Já falei pra ele que não quero vê-lo mais.

A mãe de Rosie contraiu os lábios e disse:

— Bom— Não vou fingir que entendo o que está acontecendo, mas também não vou dizer que seja uma notícia ruim. — Aí a mãe de Rosie mudou de marcha em sua mente, e as roldanas de seus pensamentos se encaixaram de maneiras novas, diferentes: lingüetas se encaixavam e molas se retorciam. — Sabe qual seria a melhor coisa para você fazer num momento desses? — perguntou. — Já pensou em tirar umas férias? Ficarei feliz em pagar por tudo, já que estou economizando tanto dinheiro para o seu casamento— — Talvez não fosse a coisa correta a dizer. Rosie começou a soluçar novamente em seus lenços de papel. A mãe continuou: — De qualquer forma, será o meu presente. Sei que você não usou o período de férias do trabalho. E disse que agora as coisas estão tranquilas por lá. Em épocas como essa, tudo o que uma mulher precisa é esquecer de tudo e relaxar.

Rosie ficou pensando se havia feito uma imagem errada da mãe durante todos esses anos. Fungou, engoliu o choro e respondeu:

— Isso parece legal.

— Então estamos combinadas. Eu vou com você, para cuidar da minha filhinha.

Em sua cabeça, por baixo do grande final da apresentação de fogos de artifício, ela acrescentou: “E para garantir que minha filhinha só se envolva com o tipo certo de homem”.

— Para onde a gente vai? — perguntou Rosie.

— A gente vai fazer um cruzeiro.

FAT CHARLIE NÃO FOI ALGEMADO. O QUE ERA UMA COISA BOA. Todo o resto foi ruim, mas ao menos não foi algemado. A vida se tornara um borrão confuso, cheia de detalhes: o sargento que cocava o nariz e preenchia seu cadastro — “A cela seis está vazia” — atrás de uma porta verde e o cheiro das celas, um fedor horrível que nunca sentira antes, mas que imediata e horrivelmente parecia familiar; uma névoa persistente de vômito, desinfetante, fumaça, cobertores sujos, privadas sem dar descarga, desespero. Era o cheiro do fundo do poço, o qual Fat Charlie parecia ter atingido.

— Se quiser dar descarga no vaso — começou o policial que o acompanhava pelo corredor — pressione o botão na sua cela. Um de nós uma hora vai aparecer para puxar a cordinha pra você. Isso impede que você dê descarga nas provas.

— Provas do quê?

— Deixa disso, amigo.

Fat Charlie suspirou. Ele dava descarga em seus próprios excrementos desde que tinha idade suficiente para ter certo orgulho de poder fazer isso. A perda dessa habilidade, mais que a perda de sua liberdade, era sinal de que tudo mudara.

— É a sua primeira vez então — disse o policial.

— Desculpe.

— Drogas?

— Não, obrigado.

— Prenderam você por causa de drogas?

— Não sei por que me prenderam. Eu sou inocente.

— Crime de colarinho branco, hein? — perguntou o policial, balançando a cabeça. — Olha, vou te contar uma coisa que os caras de colarinho azul já nascem sabendo. Se você facilitar as coisas pra gente, a gente facilita as coisas pra você. Vocês de colarinho branco. Vocês sempre estão tentando defender os próprios direitos. Só dificultam as coisas pro seu lado.

O policial abriu a porta da cela seis.

— Lar, doce lar — disse.

O fedor era pior dentro da cela, cujas paredes tinham sido pintadas de um jeito rajado para resistir às pichações. Continha apenas uma cama tipo prateleira, perto do chão, e um vaso sanitário sem tampa, no canto.

Fat Charlie colocou o cobertor que lhe deram sobre a cama.

— Certo — começou o policial. — Bom... fique à vontade. Se ficar entediado, não pense em entupir a privada com o cobertor, por favor.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Eu também me pergunto isso. Por que será? Talvez pra quebrar a monotonia. Sei lá. Como eu sou o tipo de pessoa que obedece a lei e com uma aposentaria de policial à minha espera, na verdade nunca tive que passar muito tempo nessas celas.

— Sabe, o que quer que seja, eu não fiz o que eles dizem que eu fiz.

— Que bom.

— Desculpe, mas será que eu poderia ter alguma coisa pra ler?

— Isso aqui parece uma biblioteca?

— Não.

— Quando eu era um policial mais novo, um camarada me pediu um livro. Aí arranjei pra ele o livro que eu tinha acabado de ler. Um livro de J. T. Edson, acho, ou talvez de Louis L'Amour. Aí o que ele fez? Entupiu a privada com o livro. Te digo que não vou fazer isso de novo.

O policial saiu e trancou a porta. Fat Charlie do lado de dentro, o policial do lado de fora.

Seu paisagista esperava por ele do lado de fora do aeroporto. Grahame Coats sentou-se no banco de trás de uma Mercedes preta e disse:

— Vamos para casa, por favor.

Da estrada que saía de Williamstown, a estrada que ia para sua residência no topo de uma colina, observou a ilha com um sorriso satisfeito, como se fosse dono daquilo.

Ocorreu-lhe que, antes de sair da Inglaterra, deixara uma mulher que considerava morta. Imaginou se não estaria viva, mas duvidou muito da possibilidade. Não se importava de ter matado. Na verdade, sentiu-se extremamente satisfeito, como se aquilo fosse algo que ele tivesse que fazer para se sentir completo. Ficou pensando se teria a oportunidade de matar novamente.

Ficou pensando se demoraria muito.

A COISA MAIS ESQUISITA NA OPINIÃO DE GRAHAME COATS, QUE não era dado a exames de consciência, era o quanto se sentia normal, o quanto se sentia bem.

O comandante dissera a eles para apertar os cintos de segurança e que em breve estariam pousando em Saint Andrews. Saint Andrews era uma pequena ilha no Caribe que, ao declarar independência, em 1962, resolveu demonstrar que estava livre do regime colonial de várias maneiras, inclusive a criação de seu próprio sistema judiciário e uma peculiar ausência de tratados de extradição com o restante do mundo.

O avião aterrissou. Grahame Coats desembarcou e caminhou pela pista de pouso asfaltada, puxando sua malinha de rodas. Apresentou o devido passaporte — o de Basil Finnegan —, que foi carimbado. Pegou o resto da bagagem na esteira, saiu da alfândega vazia para o pequeno aeroporto e de lá para o sol glorioso que fazia. Usava short, camiseta e sandálias. Parecia um inglês em férias.

CAPÍTULO DEZ

NO QUAL FAT CHARLIE ENXERGA O MUNDO E MAEVE LIVINGSTONE NÃO ESTÁ SATISFEITA

FAT CHARLIE SENTOU-SE NO COBERTOR, SOBRE A CAMA DE METAL, e esperou que algo acontecesse. Mas nada aconteceu. Parecia que tinham se passado meses, bem lentamente. Tentou dormir, mas não lembrava como fazer isso.

Bateu na porta com força.

Alguém gritou:

— Fica quieto!

Ele não conseguiu distinguir se era um policial ou um companheiro de prisão.

Caminhou pela cela durante, numa estimativa que lhe parecia bem modesta, uns dois ou três anos. Então se sentou e deixou que a eternidade o engolisse. Dava para ver a luz do dia através de um bloco grosso de vidro na parte superior da parede que cumpria a função de janela. Teoricamente era a mesma luz que ele via quando a porta se fechou atrás dele naquela manhã.

Fat Charlie tentou lembrar o que as pessoas faziam na prisão para passar o tempo, mas só conseguia pensar em escrever diários secretos e esconder objetos na bunda. Ele não tinha papel para escrever e começava a sentir que uma maneira decisiva de constatar se alguém se dava bem na vida era saber se precisava esconder objetos na bunda.

Nada aconteceu. Nada continuava a acontecer. Mais Nada. O Retorno do Nada. O Filho do Nada. Nada Ataca Novamente. Nada, Abbott e Costello e o Lobisomem..

Quando a porta foi destrancada, Fat Charlie quase pulou de alegria.

— Hora do exercício. Você tem direito de fumar um cigarro se estiver precisando.

— Eu não fumo.

— É mesmo um mau hábito.

O campo de exercícios consistia num espaço aberto no meio da delegacia, cercado de muros por todos os lados e telas de arame na parte de cima. Fat Charlie andou por ali e decidiu que, se havia uma coisa de que não gostava no mundo, era estar nas mãos da polícia. Ele nunca gostara de policiais mas, até aquele momento, tinha conseguido de alguma forma se apegar à crença fundamental na ordem natural das coisas, uma convicção de que havia algum tipo de poder — um vitoriano talvez pensasse na Providência Divina — que assegurava que os culpados seriam punidos e os inocentes, libertados. Essa fé caiu por terra com os acontecimentos recentes, substituída pela suspeita de que passaria o resto da vida dizendo ser inocente para inúmeros juizes e torturadores implacáveis, muitos dos quais com a aparência de Daisy, e de que acordaria na cela seis na manhã seguinte e descobriria que havia se transformado numa barata. Sem dúvida fora transportado para o universo malévolos que transformava as pessoas em baratas...

Algo caiu do céu sobre a tela de arame acima dele. Fat Charlie olhou para cima. Um melro o observava com desprezo e indiferença. Ouviu-se mais bater de asas, e juntaram-se ao melro vários pardais e uma ave que Fat Charlie pensou se tratar de um tordo.

Os pássaros olhavam para ele. Ele olhava de volta.

Mais pássaros surgiram.

Teria sido difícil para Fat Charlie determinar exatamente quando a acumulação de pássaros sobre a tela de arame deixou de ser interessante e passou a ser assustadora. Deve ter sido mais ou menos quando apareceu a primeira centena deles. O problema é que não chilreavam, cantavam ou piavam. Apenas ficavam pousados ali, observando.

— Vão embora! — ordenou Fat Charlie.

Como se fossem um único pássaro, eles não foram embora. Em vez disso, falaram. Falaram o nome dele.

Fat Charlie foi até a porta no canto. Bateu nela com força. Disse “Ei!” algumas vezes e começou a gritar por socorro.

Um barulho metálico. A porta abriu-se, e um membro da polícia civil de Sua Majestade, de pálpebras pesadas, disse:

— É bom você ter algum motivo pra isso.

Fat Charlie apontou para cima. Não disse nada. Não era preciso. O policial ficou boquiaberto, com o queixo caído, mole. A mãe de Fat Charlie teria dito ao homem para fechar a boca senão uma mosca entraria.

A tela estava deformada sob o peso de milhares de pássaros. Pequenos olhinhos olhavam para baixo, sem piscar.

— Deus do céu — disse o policial, e pôs Fat Charlie para dentro às pressas, sem dizer mais nenhuma palavra.

MAEVE LIVINGSTONE SENTIA DOR. ESTAVA DEITADA NO CHÃO. Acordou e sentiu os cabelos e o rosto molhados, quentes. Então dormiu novamente e, quando acordou, seus cabelos e seu rosto estavam pegajosos e frios. Sonhou, acordou e sonhou de novo, e acordou por tempo suficiente para ter consciência do ferimento na parte de trás de sua cabeça. Como dormir era mais fácil, já que não sentia dor, ela permitiu que o sono a envolvesse como um cobertor quentinho.

Em seus sonhos, caminhava por um estúdio de televisão, procurando Morris. Às vezes o via rapidamente nos monitores. Ele sempre parecia preocupado. Tentou sair de lá, mas todos os caminhos levavam ao estúdio.

“Estou com tanto frio”, pensou, e percebeu que acordara mais uma vez. A dor porém tinha diminuído. “No geral”, pensou Maeve, “estou bem.”

Algo a preocupava, mas não sabia exatamente o quê. Talvez fosse outra parte de seu sonho.

Não sabia onde estava, mas aquele lugar era escuro. Parecia algum tipo de armário para vassouras. Estendeu os braços para não esbarrar em nada no escuro. Deu alguns passos nervosos com os braços estendidos e os olhos fechados, então abriu os olhos. Agora se encontrava numa sala que conhecia. Era um escritório.

O escritório de Grahame Coats.

Ela se lembrou. Ainda estava meio mole por ter acabado de acordar. Não conseguia pensar direito. Sabia que não acordava totalmente até tomar sua xícara de café pela manhã. Mesmo assim, o pensamento lhe sobreveio: a falsidade de Grahame Coats, sua desonestidade, sua criminalidade, sua...

“Ora”, pensou ela, “ele me atacou. Me agrediu.” E então pensou “A polícia. Tenho que chamar a polícia”.

Estendeu a mão para o telefone sobre a mesa e o pegou, ou tentou pegá-lo, mas ele parecia muito pesado, ou muito escorregadio, ou ambos, e ela não conseguia segurá-lo direito. Parecia um objeto esquisito em sua mão.

“Devo estar mais fraca do que imaginava”, decidiu. “Melhor pedir para mandarem um médico também.”

No bolso de seu paletó havia um pequeno celular prateado que tocava a música “Greensleaves” quando alguém ligava para ela. Ficou aliviada ao ver que o telefone ainda estava lá e que ela não

encontrava dificuldade para segurá-lo. Enquanto esperava que atendessem, ficou imaginando por que ainda diziam discar um número, já que não havia mais discos nos telefones, coisa que existia quando era mais jovem. Depois disso, aqueles telefones tornaram-se aparelhos pesados que faziam um “triiiiim” barulhento e tinham botões. Na adolescência, tivera um namorado que conseguia imitar, e o fazia repetidas vezes, o barulho desse tipo de telefone, uma habilidade — decidiu ela, pensando no passado — que constituía o único talento do rapaz. Ficou pensando no que teria acontecido com ele. Imaginou como um homem capaz de imitar o som de um telefone antigo conseguiria sobreviver num mundo em que os telefones tinham barulho de praticamente qualquer coisa...

— Pedimos desculpas pela demora para completar sua chamada
— começou uma voz mecânica. — Por favor, aguarde.

Maeve sentia-se estranhamente calma, como se nada de mal jamais pudesse acontecer a ela novamente. Uma voz de homem atendeu: — Alô? A voz soava bastante prestativa.

— Eu preciso falar com a polícia.

— Você não precisa falar com a polícia. Todos os crimes serão solucionados pelas autoridades adequadas e implacáveis.

— Olha, acho que liguei para o número errado.

— Mesmo assim, no fim das contas, todos os números estão corretos. São apenas números, e portanto não podem estar certos ou errados.

— Que bom você me informar disso — respondeu Maeve. — Mas eu realmente preciso falar com a polícia. Talvez eu também precise de uma ambulância. E sem dúvida disquei o número errado.

Concluiu a chamada. Talvez, pensou ela, o 999 não funcionasse de um celular. Consultou a agenda de telefones do celular e ligou para a irmã. O telefone tocou uma vez, e uma voz familiar disse:

— Vou deixar claro: não estou dizendo que você ligou para o número errado de propósito. O que estou dizendo é que todos os números são, por sua natureza, corretos. Bom, exceto o pi, é claro. Eu não entendo o pi. Tenho dor de cabeça só de pensar nele, um número que continua, continua, continua, continua...

— Vou dizer uma coisa, Morris: se você ficar com esse tipo de atitude, eu mesma vou resolver o assunto. Não tem jeito de eu esquecer isso. Pra você, está tudo bem, você está morto. Não precisa se preocupar com essas coisas.

— Você também está morta, querida.

— Isso não vem ao caso — retrucou ela. E completou, surpresa:
— Eu estou o quê? — E, antes que ele pudesse responder: — Morris, eu disse que ele tentou me matar. Não que conseguiu.

— Ahm.... — o finado Morris Livingstone parecia procurar as palavras certas. — Maeve, querida— Sei que isso pode ser meio chocante pra você, mas a verdade é que..

O telefone fez um barulho e surgiu na tela o sinal de bateria fraca.

— Não consigo te ouvir, Morris. Acho que a bateria está acabando.

— Você não tem bateria. Nem mesmo tem um telefone. É tudo uma ilusão. Estou tentando te dizer isso, que você transcendeu o vale do sei-lá-o-quê e agora está se tornando— ahm... é como o que acontece com os vermes e as borboletas, querida. Você sabe.

— Lagartas — corrigiu Maeve. — Lagartas e borboletas, você quer dizer.

— Ahm, isso mesmo. Lagartas. Foi o que eu quis dizer. Então no que os vermes se transformam?

— Eles não se transformam em nada, Morris — respondeu Maeve, meio irritada. — São vermes, só isso.

O telefone emitiu um som baixinho, como se fosse um arrote eletrônico, mostrou a figura de uma bateria fraca de novo e desligou.

Maeve fechou o celular e colocou-o de volta no bolso. Andou até a parede mais próxima e experimentou pressioná-la com o dedo. Parecia gelatinosa, fria, úmida. Exerceu um pouco mais de pressão, e a mão inteira atravessou a parede.

— Ai, meu Deus — disse, e começou a se apalpar. Pela enésima vez em sua existência, desejou que tivesse dado ouvidos a Morris, que, enfim admitiu, sabia mais a respeito da morte do que ela. “Ai, ai”, pensou, “estar morto deve ser mais ou menos como tudo na vida: você vai aprendendo com o tempo e se vira com o resto.”

Saiu pela porta da frente e percebeu que atravessava a parede no fundo da sala, entrando no prédio novamente. Tentou mais uma vez, e o resultado foi o mesmo. Então entrou na agência de viagens que ocupava o andar térreo do prédio e tentou atravessar a parede oeste.

Atravessou e viu que estava mais uma vez no hall de entrada, entrando pelo leste. Era como estar dentro de um aparelho de TV e tentar sair da tela. Em termos topográficos, o prédio parecia ter se tornado o seu universo.

Subiu as escadas para ver o que os detetives estavam fazendo. Observavam uma mesa para ver o que Grahame Coats tinha deixado para trás enquanto arrumava suas coisas.

— Sabe — começou Maeve, tentando ajudar —, estou numa salinha atrás da estante de livros. Estou lá dentro.

Eles a ignoraram.

A mulher agachou-se e começou a remexer no cesto de lixo.

— Arrá — exclamou, e de lá puxou uma camisa branca masculina com manchas de sangue. Colocou a camisa num saco plástico.

O homem gordo pegou o celular.

— Me tragam a perícia — pediu.

FAT CHARLIE AGORA VIA SUA CELA COMO UM REFÚGIO, NÃO uma prisão. As celas ficavam bem no fundo do prédio, afinal de contas, bem longe até dos pássaros mais ousados. E seu irmão não estava ali. Ele não se importava mais com o fato de que nada acontecia na cela seis. Nada era infinitamente melhor que as inúmeras coisas que encontrara. Mesmo um mundo feito exclusivamente de castelos, baratas e gente que se chamava "K" era preferível a um mundo cheio de pássaros malignos que sussurravam seu nome em coro.

A porta abriu.

— Vocês não têm o costume de bater? — perguntou Fat Charlie.

— Não — respondeu o policial. — Pra falar a verdade, não temos, não. O seu advogado finalmente chegou.

— O senhor Merryman? — perguntou Fat Charlie. E parou de falar. Leonard Merryman era um cavalheiro rotundo, com óculos pequenos, dourados, e o homem de pé atrás do policial definitivamente não tinha essa aparência.

— Está tudo bem — disse o homem que não era seu advogado.
— Pode nos deixar.

— Toque a campainha quando terminar — avisou o policial, e fechou a porta.

Spider pegou Fat Charlie pela mão e disse:

— Vou tirar você daqui.

— Mas eu não quero sair daqui. Não fiz nada.

— Uma ótima razão para sair daqui.

— Mas, se eu sair, aí é que terei feito. Serei um prisioneiro em fuga.

— Você não é um prisioneiro — disse Spider alegremente. —

Ainda não te acusaram de nenhum crime. Você só está ajudando com a investigação. Diga, está com fome?

— Um pouco.

— O que você quer? Chá? Café? Chocolate quente?

Chocolate quente pareceu-lhe extremamente apetitoso.

— Eu adoraria tomar um chocolate quente.

— Certo — concordou Spider. Pegou a mãe de Fat Charlie e continuou. — Feche os olhos.

— Por quê?

— É mais fácil.

Fat Charlie fechou os olhos, embora não tivesse certeza de que isso facilitaria as coisas. O mundo aumentou, diminuiu, e Fat Charlie sentiu-se enjoado. Então sua mente se acalmou, e ele sentiu uma brisa morna soprar no rosto.

Abriu os olhos.

Estavam a céu aberto, numa praça de um grande mercado, num lugar que não parecia nada britânico.

— Onde estamos?

— Acho que o nome é Skopsie. Uma cidadezinha na Itália ou coisa do tipo. Comecei a vir para cá há anos. O chocolate quente daqui é fantástico. O melhor que já tomei na vida.

Sentaram-se a uma mesa pequena, de madeira, pintada em vermelho vivo. Um garçom aproximou-se e disse alguma coisa numa língua que não pareceu italiano para Fat Charlie. Spider disse “Dos Chocolatos, amigo”. O homem assentiu com a cabeça e foi embora.

— Certo — começou Fat Charlie. — Agora você me deixou numa situação ainda mais difícil. Eles vão começar a me caçar por aí, só isso. Vai até aparecer no jornal.

— O que eles podem fazer? — perguntou Spider, sorrindo. —
Mandar você pra prisão?

— Ah, não começa.

O chocolate quente chegou. O garçom o serviu em xícaras pequenas. A bebida tinha mais ou menos a mesma temperatura de lava derretida, e a consistência variava entre sopa de chocolate e creme de chocolate. O cheiro era maravilhoso.

Spider.então falou:

— Olha, a gente transformou essa nossa reunião de família numa tremenda bagunça, né?

— A gente? — Fat Charlie controlou muito bem sua raiva. — Não fui eu quem roubou minha noiva. Não fui eu quem fez com que eu fosse despedido do trabalho. Não fui eu quem causou a minha prisão..

— Não, não foi. Mas foi você quem colocou essa coisa dos pássaros no meio, não foi?

Fat Charlie tomou um pequeno gole de seu chocolate quente.

— Ai! Acho que queimei minha boca.

Olhou para o irmão e viu sua própria expressão olhando de volta: preocupado, cansado, assustado.

— Sim, fui eu quem fez os pássaros aparecerem. E agora, o que a gente faz?

— Eles fazem uma sopa de macarrão ótima aqui, aliás.

— Tem certeza de que estamos na Itália?

— Não muita.

— Posso fazer uma pergunta?

Spider fez que sim.

Fat Charlie tentou encontrar as palavras mais adequadas.

— Essa coisa dos pássaros. Em que eles aparecem como se tivessem escapado de um filme do Hitchcock. Você acha que isso só acontece na Inglaterra?

— Por quê?

— Porque eu acho que aqueles pombos ali estão olhando pra gente.

Apontou para o ponto mais distante da praça.

Os pombos não estavam se comportando como pombos costumam se comportar. Não estavam beliscando migalhas de sanduíches ou meneando a cabeça à procura de comida deixada

pelos turistas. Estavam bem quietos, observando. Houve um rufar de asas, e a eles se juntou outra centena de pássaros, a maioria pousando sobre a estátua de um homem gordo com um chapéu enorme no centro da praça. Fat Charlie olhava para os pássaros, e os pássaros olhavam de volta.

— Então—, qual a pior coisa que pode acontecer? — perguntou a Spider, com voz baixa. — Eles fazerem cocô em cima da gente?

— Não sei. Mas acho que podem fazer coisa pior. Termine o seu chocolate quente.

— Mas está muito quente.

— Então a gente vai precisar de umas garrafinhas d'água, né? Garçon?

Um ruído baixo de asas batendo. Barulho de mais pássaros chegando. Por baixo de tudo, chilreios baixos, ocultos.

O garçom lhes trouxe as garrafas d'água. Spider, que mais uma vez usava sua jaqueta de couro preta e vermelha, colocou as garrafas nos bolsos.

— São apenas pombos — disse Fat Charlie, mas sabia que não era só isso. Não eram apenas pombos. Eram um exército. A estátua do homem gordo tinha quase desaparecido por baixo das penas cinzas e roxas. — Acho que eu preferia os pássaros antes de eles começarem a nos atacar — completou.

— E estão em todos os lugares. — Spider pegou a mão de Fat Charlie. — Feche os olhos.

Os pássaros ergueram-se como se fossem um único pássaro. Fat Charlie fechou os olhos.

Os pombos desceram sobre eles como uma matilha de lobos...

Fazia silêncio, como se estivessem num lugar distante. “Estou dentro de um forno”, pensou Fat Charlie. Abriu os olhos e se deu conta de que era isso mesmo — um forno com dunas vermelhas que iam até o horizonte, até sumirem de encontro ao céu cor de madrepérola.

— Um deserto — explicou Spider. — Pareceu uma boa ideia. Uma zona livre de pássaros. Um lugar para terminar a conversa.

Toma.

Deu a ele uma garrafa d’água.

— Obrigado.

— E então? Não quer me dizer de onde vieram os pássaros?

— De um lugar aí. Eu fui até lá. Tinha várias pessoas-animais lá. Eles... ahm... Todos conheciam o nosso pai. Uma delas era uma mulher, um tipo de mulher-pássaro.

Spider olhou para ele.

— “Um lugar aí”? Isso não ajuda muito.

— Lá tem uma montanha, e cavernas na montanha. E uns penhascos que dão para o nada. Como se fosse o fim do mundo.

— É o começo do mundo — corrigiu Spider. — Já ouvi falar nessas cavernas. Uma moça uma vez me contou tudo sobre elas. Mas nunca fui até lá. Então você encontrou a Mulher Pássaro e...?

— Ela se ofereceu para fazer você ir embora. E... ahm... Bem, eu aceitei a oferta dela.

— Isso foi uma coisa muito idiota de se fazer — comentou Spider, com seu sorriso de galã de cinema.

— Eu não disse a ela pra te machucar.

— E o que você achou que ela ia fazer pra se livrar de mim? Me mandar uma carta?

— Eu não sei. Não pensei nisso. Estava chateado.

— Ótimo. Bom, se ela fizer as coisas do jeito dela, você vai ficar chateado, e eu vou morrer. Você poderia simplesmente ter me pedido para ir embora, não?

— Mas eu pedi!

— Ahm-. E o que eu disse?

— Que você gostava da minha casa e não iria a lugar nenhum.

Spider bebeu um pouco da água.

— E o que você disse exatamente a ela?

Fat Charlie tentou se lembrar. Agora, pensando a respeito, parecia uma coisa estranha de se dizer.

— Só disse que daria a linhagem de Anansi para ela — respondeu, relutante.

— Você o quê?.

— Foi o que ela me pediu para dizer.

Spider parecia não acreditar no que ouvia.

— Mas isso não diz respeito só a mim. Diz respeito a mim e a você.

A boca de Fat Charlie ficou repentinamente seca. Ele tinha esperança de que fosse efeito do ar do deserto e tomou um gole d'água.

— Espere. Por que o deserto? — perguntou Fat Charlie.

— Eu já disse, não tem pássaros aqui.

— Então o que é aquilo?

Fat Charlie apontou. No começo, pareciam pequenos. Depois você se dava conta de que isso acontecia apenas porque estavam a uma grande altitude. Faziam círculos, batendo as asas.

— Abutres. Eles só atacam coisas mortas — argumentou Spider.

— Ah, claro. E pombos têm medo de gente.

Os pontos no céu começaram a fazer círculos mais baixos, e os pássaros pareciam crescer à medida que desciam.

— Entendi — disse Spider. — Merda.

Eles não estavam sozinhos. Alguém os observava de cima de uma duna ao longe. Um observador qualquer teria pensado se tratar de um espantalho.

— Vá embora! — gritou Fat Charlie. Sua voz foi amortecida pela areia. — Eu retiro o que eu disse! Nosso pacto não vale mais! Deixe a gente em paz!

Um sobretudo farfalhou no vento quente e, de repente, não havia ninguém sobre a duna.

— Ela foi embora! Quem diria que seria tão simples?

Spider tocou seu ombro e apontou adiante. Agora a mulher de casaco vermelho estava de pé sobre o montinho de areia mais próximo, tão perto deles que Fat Charlie podia ver seus olhos negros, que brilhavam como pedras polidas.

Os abutres fizeram sombras negras esfarrapadas sobre a areia e depois pousaram. Tinham o pescoço e o alto da cabeça vermelhos e sem penas, porque assim é muito mais fácil pôr a cabeça dentro de carcaças em putrefação. Estenderam o pescoço e ficaram olhando miopemente os irmãos, como se ponderassem se seria melhor esperar até morrerem ou se deveriam fazer algo para acelerar o processo.

— Havia algo mais no trato?

— Hã?

— Vocês combinaram mais alguma coisa? Ela deu alguma coisa a você para selar o acordo? Às vezes essas coisas são uma troca.

Os abutres avançavam, um passo de cada vez, cada vez mais perto, cercando-os. Havia mais sombras negras no céu, crescendo, voando na direção deles. A mão de Spider agarrou a de Fat Charlie.

— Feche os olhos.

O frio atingiu Fat Charlie como um soco no estômago. Respirou fundo e sentiu como se o gelo invadissem seus pulmões. Tossiu e tossiu, e o vento uivava como um lobo.

Abriu os olhos.

— Posso saber onde estamos desta vez?

— Antártida — respondeu Spider. Fechou o zíper da sua jaqueta de couro e não parecia se incomodar com o frio. — Acho que está meio friozinho aqui.

— Você não tem meio-termo? Direto do deserto para o gelo?

— Não tem pássaros aqui.

— Não seria mais fácil ficar dentro de um prédio seguro, sem pássaros? A gente poderia almoçar.

— Tá. Agora você vai começar a reclamar. Só porque está meio friozinho.

— Não está “friozinho”. Deve estar uns 40 abaixo de zero. De qualquer maneira, dá uma olhada ali. — Fat Charlie apontou para o alto. Uma onda pálida, como se fosse uma letra “m” em miniatura escrita a giz no céu, permanecia imóvel, pairando no ar frio.

— Um albatroz — disse.

— E uma fragata — respondeu Spider.

— Como?

— Não é um albatroz. É uma fragata. Talvez ela nem tenha nos notado.

— Talvez não, mas eles notaram.

Spider virou-se e disse algo que parecia um palavrão. Talvez não houvesse 1 milhão de pinguins rebolando, deslizando e escorregando de barriga na direção dos irmãos, mas sem dúvida essa parecia a quantidade. Como regra geral, as únicas coisas que ficam aterrorizadas com a aproximação de pinguins são pequenos peixes, mas quando há um número enorme de pinguins...

Fat Charlie segurou a mão de Spider sem que ele pedisse. Fechou os olhos.

Quando os abriu novamente, estava em algum lugar mais quente, embora abrir os olhos não fizesse nenhuma diferença. Tudo tinha a cor da noite.

— Eu fiquei cego? — perguntou.

— Estamos numa mina de carvão desativada. Vi uma foto desse lugar numa revista há alguns anos. A não ser que aqui existam bandos de pássaros cegos que se adaptaram à escuridão e que comem carvão, nós ficaremos bem.

— Você está brincando, certo? Sobre essa coisa aí de pássaros cegos?

— Mais ou menos.

Fat Charlie soltou um suspiro, que ecoou pela caverna subterrânea.

— Sabe, se você apenas tivesse ido embora, se tivesse ido embora da minha casa quando eu pedi, nós não estaríamos nessa confusão toda.

— Dizer isso não ajuda muito.

— As coisas não deveriam acontecer assim. Sabe-se lá como vou explicar tudo para a Rosie.

Spider pigarreou e disse:

— Acho que você não precisa mais se preocupar com isso.

— Por quê?

— Ela terminou com a gente.

Houve um longo silêncio. Depois Fat Charlie disse:

— Mas é claro que terminou.

— Eu acho que acabei me atrapalhando um pouco com essas coisas.

Ao dizer isso, Spider soava transtornado.

— Mas e se eu explicar pra ela? Quer dizer, se eu falar que eu não era você, que você estava fingindo ser eu...

— Eu já fiz isso. Foi aí que ela decidiu que não queria ver nenhum de nós dois nunca mais.

— Eu também?

— Receio que sim. Olha, eu nunca quis... Quer dizer, quando fui visitar você, só queria dizer "oi" e tal. Não queria— Ahm... Eu estraguei tudo, não foi?

— Você está tentando me pedir desculpas?

Silêncio.

— Acho que sim. Talvez.

Mais silêncio.

— Bom, então eu também peço desculpas por pedir pra Mulher Pássaro que se livrasse de você.

O fato de não poder enxergar Spider enquanto conversavam tornava as coisas mais fáceis, de certo modo.

— Tá. Tudo bem. Eu só queria saber como me livrar dela.

— A pena ! — lembrou-se Fat Charlie.

— Hã?

— Você perguntou se ela me deu alguma coisa para selar o pacto. Ela deu. Ela me deu uma pena.

— E onde ela está?

Fat Charlie tentou se lembrar.

— Não tenho certeza. Eu estava com ela quando acordei na sala da Sra. Dunwiddy. Mas não estava mais comigo quando entrei no avião. Suponho que a Sra. Dunwiddy ainda esteja com ela.

O silêncio que se seguiu foi longo, escuro, ininterrupto. Fat Charlie começou a se preocupar, a pensar se Spider havia ido embora e o abandonado naquela escuridão embaixo da terra. Finalmente disse:

— Você ainda está aí?

— Ainda aqui.

— Que alívio. Se você me abandonasse aqui embaixo, eu não saberia como sair.

— Não me dê ideias.

Mais silêncio.

— Em que país estamos?

— Polônia, acho. Como eu disse, vi a foto desse lugar. Só que na foto havia luz.

— Você precisa ver a foto de um lugar antes de ir pra lá?

— Preciso saber onde fica.

Fat Charlie ficou pensando no quanto era impressionante o silêncio dentro da mina. O lugar tinha um silêncio especial, todo seu. Começou a pensar sobre silêncios. Será que o silêncio dentro do túmulo era diferente do silêncio, digamos, do espaço sideral?

E Spider disse:

— Eu me lembro da Sra. Dunwiddy. Ela cheira a violeta. — Muita gente já disse a frase “Já era, nós vamos morrer” com mais entusiasmo.

— Isso mesmo. Pequeninha, bem velhinha. Óculos bem grossos. Acho que a gente precisa ir lá e pegar a pena com ela. Aí nós damos a pena de volta para a Mulher Pássaro. E então ela acaba com esse pesadelo.

Fat Charlie bebeu o resto da garrafinha d'água que havia trazido para lá de uma pequena praça, em algum lugar que não era a Itália. Colocou de novo a tampa na garrafa e pôs a garrafa vazia no chão, na escuridão, pensando se aquilo poderia ser considerado jogar lixo em lugar proibido, já que ninguém jamais veria a garrafinha.

— Então vamos nos dar as mãos e ver a Sra. Dunwiddy — sugeriu Fat Charlie.

Spider soltou um ruído. Não parecia o som de alguém corajoso, mas de alguém temeroso, desconfiado. Fat Charlie imaginou Spider murchando na escuridão, como um sapo ou um balão cheio havia uma semana. Fat Charlie queria que Spider descesse um pouquinho de seu pedestal. Mas não queria ouvi-lo fazer o som que uma criança de 6 anos morta de medo faria.

— Espere aí. Você está com medo da Sra. Dunwiddy?

— Eu eu não consigo chegar perto dela.

— Bom, se serve de consolo, eu também tinha medo dela quando era criança. Quando a encontrei de novo, no funeral, ela não parecia assim tão má. Não mesmo. É só uma velhinha.

Lembrou-se dela acendendo as velas pretas e colocando as ervas na vasilha.

— Talvez um pouco estranha. Mas, quando você encontrar com ela, vai dar tudo certo.

— Foi ela que me fez ir embora. Eu não queria. Mas quebrei aquela bola do jardim dela. Uma bola de vidro bem grande, como se fosse uma bola gigante de árvore de Natal.

— Eu também fiz isso. Ela ficou bem chateada.

— Eu sei. — A voz no escuro soava pequena, confusa, preocupada. — Aconteceu ao mesmo tempo. Foi quando tudo começou.

— Bom... Olha... Não é o fim do mundo. Você me leva até a Flórida, eu vou e pego a pena de volta com a Sra. Dunwiddy. Eu não tenho medo. Você pode ficar do lado de fora.

— Eu não posso. Não posso ir até onde ela está.

— O que está querendo dizer? Que ela criou algum tipo de medida cautelar mágica que impede você de chegar perto?

— Mais ou menos. Sim. — Então Spider disse: — Sinto falta da Rosie. Me desculpe por ter. Você sabe.

Fat Charlie pensou em Rosie. Teve grande dificuldade de lembrar do rosto dela. Pensou como seria não ter a mãe de Rosie como sua sogra. Pensou nas duas silhuetas que viu através da cortina na janela do seu quarto. E então disse:

— Não se sinta mal por isso. Quer dizer, pode se sentir culpado se quiser, porque você se comportou como um grandessíssimo filho-da-mãe. Mas talvez tudo tenha acontecido por uma razão.

Fat Charlie sentiu uma pontada onde ficava seu coração, mas sabia que estava falando a verdade. E mais fácil dizer verdades no escuro.

— Sabe o que não faz sentido?

— Tudo?

— Não. Só uma coisa. Eu não entendo por que a Mulher Pássaro se envolveu nisso. Não faz sentido.

— O nosso pai a deixou fula da vida...

— O papai deixava todo mundo fula da vida. Mas ela está errada. Se quer matar a gente, por que simplesmente não tenta?

— Eu dei a ela a nossa linhagem.

— Foi o que você disse. Mas não, tem alguma outra coisa por trás disso. E eu não entendo o que é. Silêncio. — E Spider continuou: — Segure a minha mão.

— Preciso fechar os olhos?

— Seria bom.

— Para onde vamos? Pra Lua?

— Vou levar você a um lugar seguro.

— Que bom. Eu gosto de lugares seguros. Para onde?

Então, sem precisar abrir os olhos, Fat Charlie soube. O cheiro entregava: pessoas sem tomar banho, privadas usadas sem dar descarga, desinfetante, cobertores velhos, apatia.

— Aposto que eu me sentiria igualmente seguro num quarto de algum hotel de luxo — disse em voz alta, mas não havia ninguém ali para ouvir. Sentou-se sobre a cama-prateleira da cela seis e cobriu os ombros com o cobertor fino. Sentia como se estivesse lá havia milênios.

Meia hora depois, alguém veio até sua cela e o levou para a sala de interrogatório.

— OI — DISSE DAISY, COM UM SORRISO. — ACEITA UM CHÁ?

— Não precisa se preocupar. Eu vi filmes. Sei como é. Aquela coisa do policial malvado e do policial bonzinho, não é? Você me oferece uma xícara de chá e uns bolinhos, aí um sujeito grandalhão, durão e nervosão entra e começa a gritar comigo, a derramar o chá, a comer os meus bolinhos. Aí você o impede de me bater e devolve o meu chá e os bolinhos. Como símbolo de gratidão, eu digo a você tudo o que quer saber.

— A gente pode pular essa parte e você pode simplesmente me dizer o que queremos saber. De qualquer forma, não temos bolinhos.

— Eu já disse tudo o que sei. Tudo. Grahame Coats me deu um cheque no valor de 2 mil libras e me mandou tirar duas semanas de folga. Disse que ficara feliz por eu ter chamado sua atenção para algumas irregularidades financeiras. Aí pediu a minha senha e se despediu de mim. Fim da história.

— E você afirma que não sabe de nada sobre o desaparecimento de Maeve Livingstone?

— Acho que nunca falei direito com ela. Talvez uma vez, quando ela foi até o escritório. Nós nos falamos pelo telefone algumas vezes. Ela sempre queria falar com Grahame Coats. E ele sempre me dizia para dizer a ela que o cheque tinha sido enviado.

— E tinha sido?

— Não sei. Eu achava que sim. Olha, não é possível que você ache que eu tenho algo a ver com o desaparecimento dela.

— Não — respondeu ela num tom alegre. — Não acho.

— Porque honestamente eu não sei o que pode ter— você não acha o quê?

— Não acho que você tenha algo a ver com o desaparecimento de Maeve Livingstone. Também acredito que você não tem nada a ver com as irregularidades financeiras da Agência Grahame Coats, embora alguém tenha se esforçado bastante para fazer parecer que você tem algo a ver com isso. Para mim, é bem óbvio que as práticas contábeis bizarras e o desvio constante de dinheiro já aconteciam antes de você chegar à agência. Você só trabalha lá há dois anos.

— Mais ou menos isso — concordou Fat Charlie, e deu-se conta de que sua boca estava aberta. Fechou a boca.

— Olha, eu sei que os tiras, nos livros e nos filmes, costumam ser idiotas, principalmente se for aquele tipo de livro com um policial aposentado que combate o crime ou um detetive certinho. Peço

desculpas por não podermos oferecer bolinhos. Mas nós, os policiais, não somos completamente imbecis.

— Mas eu não disse que eram.

— Não. Mas era o que estava pensando. Você está livre. Se for preciso, nos nós desculpamos.

— Onde foi que ela.. ahm... desapareceu?

— A Sra. Livingstone? Bom, na última vez que foi vista, estava acompanhando Grahame Coats até o escritório dele.

— Ah.

— Eu estava falando sério quando ofereci o chá. Aceita uma xícara?

— Sim. Obrigado. Ahm... Imagino que vocês já verificaram a salinha secreta no escritório dele. Aquela que fica atrás da estante.

— Acho que não...

Temos que dar crédito a Daisy por ter dito essa frase totalmente calma.

— Acho que ele não queria que ninguém soubesse dessa salinha, mas uma vez eu entrei lá no escritório e ele tinha empurrado a estante, e estava lá dentro. Aí eu saí. Eu não estava espionando nem nada do tipo.

— A gente pode comprar uns bolinhos a caminho do escritório
— respondeu Daisy.

FAT CHARLIE NÃO SABIA AO CERTO SE GOSTAVA DA LIBERDADE.

Afinal, significava estar ao ar livre.

— Tudo bem com você? — perguntou Daisy.

— Tudo bem.

— Você parece meio nervoso.

— Acho que sim. Talvez você ache isso bobo, mas eu tenho um pouco de... Bom, eu tenho essa coisa com pássaros.

— O quê, uma fobia?

— Tipo isso.

— Bom, qual é mesmo o termo usado para um medo irracional de aves...

— E qual seria o termo para um medo racional de aves?

Ele deu uma pequena mordida em seu bolinho.

Ficaram em silêncio, e Daisy finalmente disse:

— Bom... De qualquer forma, não tem nenhum pássaro aqui no carro.

Ela estacionou em um lugar proibido, perto da Agência Grahame Coats, e os dois entraram no prédio juntos.

ROSIE ESTAVA DEITADA AO SOL, PERTO DA PISCINA, NO DEQUE de popa de um navio de cruzeiro coreano, com uma revista sobre a cabeça e sua mãe ao lado, tentando lembrar por que diabos tinha pensado que tirar férias com a mãe fosse uma boa ideia. O navio se chamava Sunny Archipelago ("Arquipélago Ensolarado") até que um ataque de gripe estomacal tomasse conta do navio e chegasse ao noticiário internacional. Uma tentativa mal pensada de renomeá-lo sem mudar as iniciais, feita pelo capitão, que não falava inglês tão bem quanto imaginava, deixou o navio com o adorável nome de Squeak Attack ("O Ataque dos Ratos").

Não havia jornais ingleses no navio, e Rosie não sentia nenhuma falta deles. Mas sentia falta de todo o resto. Em sua mente, fazer um cruzeiro era como passar por um purgatório flutuante, tolerável apenas pelas ilhas que visitavam diariamente, ou quase. Os outros

passageiros desciam e faziam compras, ou então praticavam "parasail", ou então enchiam a cara de rum ao fazer visitas turísticas a navios piratas. Rosie, por sua vez, gostava de andar e conversar com as pessoas.

Ela via pessoas com problemas, pessoas que pareciam famintas, miseráveis, e queria ajudar. Tudo parecia solucionável para Rosie. Bastava alguém para resolver a situação.

MAEVE LIVINGSTONE ESPERAVA QUE A MORTE FOSSE UM MONTE de coisas diferentes, mas irritante nunca passara por sua cabeça. E ela estava irritada, cansada de andarem através dela, cansada de ser ignorada e, acima de tudo, cansada de não conseguir sair do prédio de escritórios em Aldwych.

— Quer dizer, se eu preciso assombrar um lugar — dizia à recepcionista —, por que não posso assombrar Somerset House, subindo a rua? Um prédio bonito, uma vista maravilhosa do Tâmis, traços arquitetônicos dignos de nota. Há uns restaurantezinhos ótimos também. Mesmo que a gente não precise mais comer, seria legal ficar observando as pessoas.

Annie, a recepcionista, cujo trabalho desde o desaparecimento de Grahame Coats se resumia a atender ao telefone com voz entediada e dizer “Infelizmente não sei informar” para praticamente todas as perguntas que lhe faziam e que, quando não desempenhava esse trabalho, ligava para as amigas para falar sobre o mistério, com sussurros animados, não respondeu ao que Maeve lhe dizia, assim como não respondera a nada que ela lhe dissera antes.

A monotonia foi quebrada pela chegada de Fat Charlie Nancy, acompanhado de uma policial.

Maeve sempre tivera certo apreço por Fat Charlie, mesmo quando sua função consistia em assegurar-lhe que o cheque logo seria enviado. Mas agora ela via coisas que nunca fora capaz: havia sombras que pairavam ao redor dele, sempre à distância. Um sinal de coisas ruins prestes a acontecer. Parecia um homem que fugia de alguma coisa, e isso a preocupou.

Ela os seguiu até o escritório de Grahame Coats e adorou quando viu que Fat Charlie foi direto na direção da estante de livros no fundo da sala.

— Então essa é a passagem secreta? — perguntou Daisy.

— Não é uma passagem secreta. É uma porta. Por trás da estante de livros, aqui. Eu não sei. Talvez exista uma alavanca secreta ou coisa do tipo.

Daisy olhou para a estante.

— O Grahame Coats já escreveu uma autobiografia? —
perguntou a Fat Charlie.

— Não que eu saiba.

Ela empurrou a edição encadernada em couro do livro *My Life by Grahame Coats*. Ouviu-se um clique, e a estante afastou-se da parede, revelando uma porta trancada.

— Precisaremos de um chaveiro. E acho que não precisamos mais do senhor, sr. Nancy.

— Certo. Bom— foi— ahm— um prazer. — Então ele disse: — Será que você não gostaria de— sair para comer alguma coisa— comigo— um dia desses?

— Dim sum — respondeu ela. — Domingo, hora do almoço. A gente divide a conta. Você precisa estar lá quando abrirem as portas, às 1 lh30, senão a gente vai ter que esperar na fila por horas. — Escreveu o endereço do restaurante e entregou a Fat Charlie. — Tome cuidado com os pássaros no caminho de casa — aconselhou.

— Pode deixar. Até domingo.

O CHAVEIRO DESDOBROU UMA BOLSA DE TECIDO PRETO E TIrou de lá vários instrumentos metálicos finos. Enquanto trabalhava, comentou:

— Sinceramente, eles nunca aprendem. Uma fechadura boa nem mesmo é cara. Quer dizer, olha só essa porta: uma maravilha. Muito sólida. Levaria metade de um dia para atravessá-la com um maçarico. Aí eles decepcionam colocando uma fechadura que uma criança de 5 anos conseguiria abrir com uma faca— Prontinho— Fácil como tirar doce de criança.

O chaveiro empurrou a porta. A porta abriu, e viram aquela coisa no chão.

— Deus do céu! — exclamou Maeve Livingstone. — Essa aí não sou eu.

Ela achou que teria mais afeição por seu corpo, mas não tinha. Parecia um animal morto em uma rodovia.

Logo a sala estava cheia de gente. Maeve, que nunca tivera muita paciência para draminhas de detetive, ficou logo entediada. Só se interessou pelo que acontecia quando sentiu que estava sendo empurrada, sem sombra de dúvida, para o térreo, e daí pela porta da frente, à medida que seu cadáver era levado, envolto em plástico azul discreto.

— Agora sim — disse.

Conseguiu sair.

Pelo menos tinha conseguido sair do prédio de escritórios em Aldwych.

Ela sabia que obviamente havia regras. Tinha que haver. O problema é que não tinha muita certeza de que regras eram essas.

Desejou ter sido mais religiosa em vida, mas nunca conseguiu: quando era menina, não conseguia imaginar um Deus que detestasse alguém a ponto de sentenciar a pessoa a passar a eternidade sendo torturada no Inferno, em grande parte por não conseguir acreditar em Sua existência. Depois de crescida, suas dúvidas de infância se solidificaram na firme certeza de que a Vida, desde o nascimento até a morte, era tudo o que havia, e que todo o resto não passava de fruto da nossa imaginação. Era uma boa crença, que a permitiu levar a vida, mas agora se punha à prova.

Ela realmente não tinha certeza de que passar a vida indo à igreja certa a teria preparado para isso. Maeve rapidamente chegava à conclusão de que, num mundo bem organizado, a Morte deveria ser como férias de luxo, com todas as despesas pagas, daquelas em que você ganha um folheto no começo, cheio de ingressos para shows, cupons de desconto, programação e diversos números de telefone para os quais poderia ligar caso tivesse problemas.

Ela não andava. Ela não voava. Ela se movia como o vento, como um vento frio de outono que fazia as pessoas se arrepiarem quando passava, que remexia de leve as folhas caídas nas calçadas.

Dirigiu-se ao primeiro lugar em que esteve ao chegar a Londres: Selfridges, a loja de departamentos na Oxford Street. Maeve

trabalhara na seção de cosméticos da Selfridges quando era bem mais jovem, na época em que tinha empregos temporários como dançarina. Ela fazia questão de voltar lá sempre que podia para comprar produtos de maquiagem caros, como havia prometido a si mesma que faria.

Assombrou a seção de cosméticos até ficar entediada. Então resolveu dar uma olhada na parte de decoração. Ela não compraria uma nova mesa de jantar, mas que mal havia em dar uma olhadinha?

Passou pela seção de eletrônicos, cercada de telas de TV de todos os tamanhos. Algumas mostravam o noticiário. Todos os aparelhos estavam sem som, mas quem aparecia na tela era Grahame Coats. A repugnância surgiu dentro dela, queimando como se fosse lava. A imagem mudou e, agora ela via a si mesma: um clipe de imagens dela ao lado de Morris. Reconheceu a cena como o esquete "Give me a fiver and I'll snog you rotten", de Morris Livingstone, I Presume.

Desejou arranjar um meio de recarregar o telefone. Mesmo se a única pessoa com que pudesse falar fosse aquela voz irritante, que parecia a de um pastor, ainda assim ela conversaria. Na verdade,

queria falar com Morris. Ele saberia o que fazer. Desta vez conversaria com ele. Desta vez ouviria.

— Maeve?

O rosto de Morris, dentro de centenas de telas de TV, a observava. Por um instante, pensou ser apenas sua imaginação, ou então parte do noticiário. No entanto ele a olhava preocupado, e disse o nome dela mais uma vez. Então ela soube que era ele mesmo.

— Morris..?

Ele sorriu seu famoso sorriso. Cada rosto nas telas focalizou-se nela.

— Oi, querida. Eu já estava imaginando por que você demorou tanto para vir pro lado de cá.

— Lado de cá?

— O outro lado. O vale do além. Ou talvez aquém. Sei lá, essa coisa aí.

Ele estendeu uma centena de mãos, de centenas de telas de TV. Ela sabia que tudo o que precisava fazer era estender sua mão e pegar a mão dele. E se surpreendeu dizendo:

— Não, Morris. Melhor não.

Os inúmeros rostos pareceram perplexos.

— Maeve, meu amor. Você precisa esquecer o mundo material.

— Sim, claro que sim, querido. E vou. Prometo. Assim que estiver pronta.

— Maeve, você está morta. Não dá para estar mais pronta do que isso.

Ela suspirou.

— Ainda preciso fazer umas coisinhas.

— Por exemplo?

Maeve ficou bem ereta.

— Bom— Andei pensando naquela criatura, o Grahame Coats, e... Bom, vou fazer o que os fantasmas fazem. Eu poderia assombrá-lo, ou coisa do tipo.

Morris pareceu um pouco incrédulo:

— Você quer assombrar Grahame Coats? Mas por quê?

— Por que ainda não estou pronta.

Disse isso e ficou com os lábios comprimidos, o queixo erguido.

Morris Livingstone olhou para ela de dentro de uma centena de televisores e balançou a cabeça, numa mistura de admiração e exasperação. Ele se casara com ela porque era uma mulher dona de si, e a amava por isso, mas desejava poder, ao menos uma vez, persuadi-la. Em vez disso, falou:

— Bom, estarei te esperando, meu bem. Avise quando estiver pronta.

E Morris começou a desaparecer.

— Morris, você tem alguma ideia de como eu faço para encontrá-lo?

Porém a imagem de seu marido havia desaparecido completamente. Agora os televisores mostravam o canal do tempo.

FAT CHARLIE ENCONTROU-SE COM DAISY NO DOMINGO PARA comer dim sum num restaurante mal iluminado, na pequena Chinatown de Londres.

— Você está bonita — disse ele.

— Obrigada. Estou me sentindo péssima. Me tiraram do caso Grahame Coats. Agora é uma investigação grandiosa de assassinato. Imagino que eu tenha que dar graças aos céus por ter ficado esse tempo todo com o caso.

— Bom — começou ele alegremente —, se você não tivesse participado do caso, não teria se divertido me prendendo.

— Tem isso também — disse ela, fazendo questão de parecer menos chateada.

— Já tem alguma pista?

— Mesmo se houvesse, eu não poderia dizer nada a respeito. — Um pequeno carrinho foi empurrado até a mesa deles, e Daisy selecionou vários pratos. Continuou: — Tem essa teoria de que Grahame Coats se jogou de uma barca, atravessando o canal. Seria a última compra com um de seus cartões de crédito, uma passagem para Dieppe.

— Acha que é provável?

Ela pegou um pedacinho de carne de seu prato com os palitos e pôs na boca.

— Não. Imagino que ele tenha ido para algum lugar de onde não possa ser extraditado. O Brasil, talvez. Matar Maeve Livingstone pode ter sido algo que fez sem planejar, mas todo o resto foi bastante meticuloso. Ele já tinha tudo planejado. O dinheiro entrava nas contas dos clientes. Grahame pegava os 15% do valor e tinha procurações que lhe permitiam pegar ainda mais.

Muitos cheques estrangeiros jamais chegaram às contas dos clientes. O impressionante é que ele manteve tudo em sigilo durante todo o tempo.

Fat Charlie mastigou um bolinho de arroz com algo doce por dentro e disse:

— Acho que você sabe onde ele está. — Daisy parou de mastigar. — Foi o jeito como você falou que ele foi para o Brasil. Como se soubesse que ele não está lá — completou.

— Isso é assunto da polícia. Infelizmente não posso falar a respeito. Como vai o seu irmão?

— Não sei. Acho que foi embora. O quarto dele não estava mais lá quando cheguei em casa.

— O quarto dele?

— As coisas dele. Ele levou as coisas embora. E não há sinal dele desde então. — Fat Charlie deu um gole em seu chá de jasmim e continuou: — Espero que ele esteja bem.

— Ele pode não estar bem?

— Bom, ele tem essa mesma fobia que eu tenho.

— Ah, a coisa dos pássaros. Certo — Daisy assentiu com a cabeça, demonstrando empatia. — E como vai a sua noiva? E a sogra?

— Ahm... Acho que atualmente elas não são nenhuma das duas coisas.

— Ah.

— Elas se foram.

— Por causa da sua prisão?

— Não que eu saiba.

Ela olhou para ele como uma pequena duendezinha piedosa.

— Sinto muito.

— Bom... No momento, estou desempregado. Não tenho namorada e, em grande parte graças aos seus esforços, os vizinhos

estão convencidos de que eu sou um matador profissional. Alguns até começaram a atravessar a rua quando cruzam comigo.

Por outro lado, o moço da banca de jornal perto de casa quer que eu dê uma lição no sujeito que engravidou filha dele.

— E o que você disse?

— A verdade. Acho que ele não acreditou. Me deu de graça um saquinho de batata frita com salsa e uma embalagem de drops de menta, e me disse que daria mais se eu fizesse o trabalho.

— Com o tempo, isso passa.

Fat Charlie suspirou.

— É humilhante.

— Mas não é o fim do mundo.

Dividiram a conta, e o garçom deu a eles dois biscoitos da sorte com o troco.

— O que o seu diz?

— “Persista, e conseguirá” — leu ela. — E o seu?

— A mesma coisa. A boa e velha persistência.

Fat Charlie amassou o papelzinho numa bola do tamanho de uma ervilha e o colocou no bolso. Depois acompanhou-a até a estação de metrô Leicester Square.

— Parece que hoje é o seu dia de sorte — disse Daisy.

— Como assim?

— Não tem nenhum pássaro.

Ao ouvi-la, Fat Charlie deu-se conta de que era verdade. Não havia nenhum pombo, nenhum estorninho. Nem mesmo pardais.

— Mas sempre há pássaros em Leicester Square.

— Não hoje. Talvez estejam ocupados.

Pararam no metrô e, por um tolo momento, Fat Charlie achou que ela lhe daria um beijo de despedida. Mas não deu. Apenas sorriu e disse “até mais”. Ele meio que acenou para ela, um movimento incerto com a mão que poderia ser tanto um aceno como um gesto involuntário. Então ela desceu as escadas e sumiu.

Fat Charlie caminhou de volta pela Leicester Square, na direção de Piccadilly Circus.

Tirou o papelzinho do biscoito da sorte de seu bolso e o desamassou. “Te encontro perto da estátua de Eros”, dizia o bilhete. Perto da frase havia um rabisco apressado de algo que parecia um grande asterisco, mas que supostamente poderia ser uma aranha.

Ficou observando os céus e os prédios enquanto andava, mas não havia nenhum pássaro, o que era bastante estranho, porque sempre havia pássaros em Londres. Sempre havia pássaros em tudo quanto é lugar.

Spider estava sentado embaixo da estátua, lendo o tabloide News of the World. Parou de ler quando Fat Charlie se aproximou e olhou para ele.

— Não é Eros, na verdade — começou Fat Charlie. — A estátua representa a Caridade Cristã.

— Então por que ele está nu, segurando o arco-e-flecha? Não me parece uma coisa particularmente caridosa ou cristã.

— Só estou reproduzindo o que eu li. Onde você estava? Fiquei preocupado.

— Eu estou bem. Só ando evitando os pássaros, tentando entender essa história.

— Você notou que não tem nenhum pássaro hoje?

— Notei. E não sei o que pensar a respeito. Mas andei pensando e... sabe... Tem alguma coisa errada nessa história.

— Tem mesmo. Tudo.

— Não. Quero dizer que não está certo a Mulher Pássaro querer nos machucar.

— Claro. É errado. É algo muito, muito ruim de se fazer. Você quer dizer isso a ela ou digo eu mesmo?

— Não é isso. Pense a respeito. Quer dizer, apesar do filme do Hitchcock, os pássaros não são a melhor coisa do mundo em termos de machucar gente. Talvez representem a morte alada para os insetos, mas não são muito bons para atacar gente. Há milhões de anos aprenderam que, no geral, as pessoas comem os pássaros antes. O instinto primário deles é nos deixar em paz.

— Nem todos — observou Fat Charlie. — Não os abutres. Ou os corvos. Eles aparecem no campo de batalha quando a guerra acaba. Ficam esperando você morrer.

— Hã?

— Eu disse que isso era verdade, exceto no caso de abutres e corvos. Não queria dizer nada importante...

— Não — respondeu Spider, tentando concentrar-se. — Agora já foi. Você me fez pensar numa coisa, e eu quase consegui dizer o que era. E aí, já entrou em contato com a Sra. Dunwiddy?

— Liguei para a Sra. Higgler, mas ninguém atendia.

— Bom, então vá até lá falar com elas.

— E muito cômodo para você dizer isso, mas estou completamente duro. Sem um centavo. No osso. Não dá para ficar indo e voltando, atravessando o Atlântico. Não tenho mais nem emprego. Eu...

Spider pôs a mão dentro de sua jaqueta preta e vermelha e tirou de lá uma carteira. Tirou um punhado de notas, em moedas de diferentes países, e colocou tudo na mão de Fat Charlie.

— Pronto. Isso aqui deve bastar para você ir e voltar. E só pegar a pena.

— Olha. Você já imaginou que talvez o nosso pai não tenha morrido, na verdade?

— Hein?

— Bom, eu fiquei pensando. Talvez seja uma das piadas dele. Parece o tipo de coisa que ele faria, não?

— Não sei. Pode ser.

— Tenho certeza — disse Fat Charlie. — E a primeira coisa que vou fazer. Vou até o túmulo dele e....

Não chegou a terminar a frase, porque os pássaros apareceram. Eram pássaros de cidade: pardais, estorninhos, pombos, corvos, milhares e milhares deles. Eles se moviam no ar como se fossem uma tapeçaria, formando uma parede de pássaros que vinha na direção de Fat Charlie e de Spider na Regent Street. Uma falange de penas grande como um prédio muito alto, perfeitamente lisa, perfeitamente impossível e em movimento, batendo as asas e costurando o céu. Fat Charlie viu aquilo, mas não conseguia acreditar. A imagem se recusava a entrar em sua mente. Olhou para cima e tentou entender o que via.

Spider pegou o cotovelo de Fat Charlie e gritou:

— Corre!

Fat Charlie virou-se para correr. Spider metodicamente dobrava o jornal e o colocava numa lata de lixo.

— Você também!

— Não, eles não querem você. Ainda não — disse Spider, e sorriu.

Era um sorriso que tinha, em outras oportunidades, persuadido mais pessoas do que é possível imaginar a fazer coisas que não queriam fazer, e Fat Charlie realmente quis correr. — Pegue a pena. Fale com o papai também se achar que ele ainda está por aí. Mas vá logo.

Fat Charlie saiu correndo.

A parede de pássaros ondulava, transformava-se e virou um redemoinho de pássaros que voava na direção da estátua de Eros e do homem embaixo dela. Fat Charlie entrou em algum lugar e observou enquanto a base daquele furacão escuro atingia Spider. Imaginou que podia ouvir os gritos de seu irmão por baixo do barulho ensurdecedor das asas. Talvez pudesse.

Então os pássaros se dispersaram, e a rua estava vazia. O vento brincou com algumas penas sobre a calçada cinzenta.

Fat Charlie ficou ali, de pé, e sentiu-se enjoado. Se algum dos transeuntes havia notado o que aconteceu, não esboçou nenhuma reação. De alguma maneira, tinha certeza de que ninguém além dele vira aquilo.

Havia uma mulher em pé, embaixo da estátua, perto de onde seu irmão estava. Seu casaco velho e marrom ondulava ao vento. Fat Charlie foi até ela.

— Olha, quando eu disse para fazê-lo ir embora, só queria que você o tirasse da minha vida. E não que fizesse seja lá o que você fez com ele.

Ela olhou para ele e não disse nada. Há uma certa loucura nos olhos de algumas aves de rapina, uma ferocidade extremamente assustadora. Fat Charlie tentou não ficar intimidado.

— Eu cometi um erro — continuou Fat Charlie. — E estou disposto a pagar por ele. Me leve no lugar dele. Traga-o de volta.

Ela continuava a olhar para ele. Então disse:

— Não duvide, chegará a sua vez, filho de Compé Anansi. Na hora certa.

— Por que você o quer?

— Eu não o quero. Por que iria querê-lo? Era uma obrigação que eu tinha para com outra pessoa. Agora vou entregá-lo, e minha obrigação não existirá mais.

O jornal balançou ao vento. Fat Charlie estava sozinho.

CAPÍTULO ONZE

**NO QUAL ROSIE APRENDE A DIZER NÃO A
ESTRANHOS E FAT CHARLIE ADQUIRE UM LIMÃO**

FAT CHARLIE OLHOU PARA O TÚMULO DE SEU PAI.

— Você está aí? Se estiver, saia. Preciso falar com você. Caminhou até a marcação do túmulo e olhou para baixo. Fat Charlie não sabia ao certo o que esperar — que uma mão brotasse do solo, talvez, erguendo-se e agarrando sua perna —, mas nada parecia prestes a acontecer.

Ele tivera tanta certeza.

Fat Charlie voltou pelo Jardim do Repouso sentindo-se estúpido como um participante de show programa de TV que tivesse apostado seu milhão de dólares na afirmação de que o Mississipi era mais extenso que o Amazonas. Ele já devia ter desconfiado. O pai estava morto, tão morto quanto um bicho atropelado na estrada. Ele gastou o dinheiro de Spider numa busca inútil. Perto dos cata-ventos da Babyland, Fat Charlie sentou-se e chorou. Os brinquedos embolorados lhe pareceram ainda mais tristes e solitários do que se lembrava.

Ela o esperava no estacionamento, encostada no carro, fumando um cigarro. Parecia perturbada.

— Olá, Sra. Bustamonte — cumprimentou Fat Charlie.

Ela tragou uma última vez, jogou o cigarro no asfalto e o esmagou sob a sola do sapato baixo. Estava vestida de preto. Parecia cansada.

— Olá, Charles.

— Eu achava que, se fosse encontrar alguém aqui, seria a Sra. Higglar. Ou a Sra. Dunwiddy.

— Callyanne foi embora. A Sra. Dunwiddy me mandou. Ela quer ver você.

“Que nem a máfia”, pensou Fat Charlie. “Máfia no pós-menopausa.”

— Ela vai me fazer uma oferta irrecusável?

— Duvido muito. Ela não anda muito bem.

— Ah.

Fat Charlie entrou em seu carro alugado e seguiu o Camry da Sra. Bustamonte pelas ruas da Flórida. Tivera tanta certeza quanto a seu pai. Certeza de que o encontraria vivo. Claro que ele o ajudaria...

Estacionaram em frente à casa da Sra. Dunwiddy. Fat Charlie olhou para o quintal, para os desbotados flamingos de plástico, os gnomos e a bola decorativa espelhada e vermelha em cima de um pequeno pedestal de concreto, como se fosse uma enorme decoração de árvore de Natal. Ele caminhou em direção à bola, que era igual à que ele havia quebrado quando ainda era criança, e viu a si mesmo, distorcido, encarando-se de volta.

— Pra que serve? — perguntou.

— Pra nada. Ela só gostou.

Dentro da casa, o cheiro de violetas pairava espesso e sufocante. A tia-avó de Fat Charlie, Alanna, sempre mantinha um tubo de balinhas de violeta em sua bolsa. Mesmo tendo sido um guri gorducho e louco por açúcar, Fat Charlie só recorria àquele doce quando não havia nenhum outro. O cheiro da casa lembrava o gosto daqueles doces. Fat Charlie não pensava em violetas havia 20 anos. Ele se perguntou se ainda fabricavam aquilo, e o que teria levado alguém a criar o doce para começo de conversa.

— Ela está no quarto ao final do corredor — disse a Sra. Bustamonte, parando e apontando. Fat Charlie entrou no quarto da Sra. Dunwiddy.

Não era uma cama grande, mas a Sra. Dunwiddy deitada ali parecia uma boneca gigante. Ela estava de óculos e, por cima deles, usava o que Fat Charlie reconhecia como a primeira touca de dormir que via na vida, uma Coisinha do tipo vovó-toma-chá-com-biscoitos, já amarelada, com rendinha na borda. Ela estava recostada numa montanha de travesseiros, boca aberta, e roncava suavemente quando ele entrou.

Ele tossiu.

A Sra. Dunwiddy ergueu a cabeça de súbito, abriu os olhos e o encarou. Apontou para o criado-mudo ao lado da cama. Fat Charlie apanhou o copo d'água que ali estava e o passou para ela. Ela segurou o copo com as duas mãos, como um esquilo segura uma noz, e sorveu um bom gole antes de devolvê-lo.

— Minha boca fica seca. Você sabe quantos anos eu tenho?

— Ahm.

Fat Charlie preferiu não arriscar uma resposta errada.

— Não.

— Tenho 104 anos.

— Fantástico. A senhora parece tão bem. Sério, acho maravilhoso...

— Cale-se, Fat Charlie.

— Desculpe.

— Também não diga “desculpe” desse jeito, como se fosse um cachorro que recebeu bronca por sujar o tapete da cozinha. Erga a cabeça. Olhe o mundo nos olhos. Tá entendendo?

— Sim. Desculpe. Digo., sim, senhora.

Ela suspirou.

— Querem me levar pro hospital. Eu digo que quando você chega aos 104 tem o direito de morrer na própria cama. Fiquei grávida nesta cama, muito tempo atrás, e tive filhos aqui. De jeito nenhum vou morrer em outro lugar. E outra..

Ela parou de falar, fechou os olhos e deu um suspiro longo e profundo. Quando Fat Charlie já começava a achar que ela estava dormindo, os olhos da Sra. Dunwiddy se abriram e ela disse:

— Fat Charlie, se alguém um dia perguntar se você quer viver até 104 anos, diga que não. Dói tudo. Tudo. Dói em lugares que ainda nem descobriram.

— Vou tentar me lembrar.

— E não me responda.

Fat Charlie ficou olhando pra pequena mulher em sua cama branca de madeira.

— Devo pedir desculpas? — perguntou.

A Sra. Dunwiddy desviou o olhar, sentindo-se meio culpada.

— Eu fiz mal a você. Muito tempo atrás, eu fiz mal a você.

— Eu sei.

A Sra. Dunwiddy podia estar à beira da morte, mas ainda fitou Fat Charlie de um jeito que teria feito crianças de 5 anos correrem gritando pelas mães.

— Como assim, você sabe?

— Eu deduzi. Não tudo, provavelmente, mas alguma coisa. Não sou burro.

Ela o examinou friamente através do grosso vidro dos óculos e então disse:

— Não. Não é. Isso é verdade.

Ela estendeu a mão nodosa.

— Me dê mais água. Assim é melhor.

Ela bebeu, mergulhando a língua pequena e roxa na água. Continuou a falar.

— É bom que você esteja aqui hoje. Amanhã a casa inteira vai estar cheia de netos e bisnetos chorando, todos querendo que eu vá morrer no hospital, me agradando para ganhar alguma coisa. Eles não me conhecem. Eu vivi mais que os meus filhos. Cada um deles.

— A senhora vai me contar sobre o mal que me fez?

— Você não devia ter quebrado meu globo de vidro.

— Claro que não.

Ele se lembrava do ocorrido, da maneira como recordamos episódios da infância — em parte memórias, em parte memórias das memórias. Seguindo a bola de tênis até o jardim da Sra. Dunwiddy e, uma vez lá, experimentando erguer a bola de vidro ornamental para ver seu rosto nela, enorme e distorcido, sentindo-a cair no caminho de pedra, observando quando ela se despedaçou em milhares de pequenos estilhaços de vidro. Ele se lembrava dos dedos velhos fortes que o agarraram pela orelha e o arrastaram para fora do quintal e para dentro da casa...

— A senhora afugentou o Spider. Não foi?

O maxilar da Sra. Dunwiddy parecia o de um buldogue mecânico. Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu bani o seu irmão. Mas não queria que acontecesse como aconteceu. Todo mundo sabia um pouco de magia naquele tempo. Não tínhamos esses DVDs, celulares, microondas, mesmo assim sabia bastante. Eu só queria ensinar uma lição a você. Você se achava tão importante, era encrenqueiro, insolente, azedo. Um moleque bagunceiro, respondão, malcriado. Eu o arranquei de você pra te ensinar uma lição.

Fat Charlie ouviu as palavras, mas não entendeu.

— Você o arrancou?

— Eu separei o Spider de você. Toda a esperteza. Toda a perversidade. Toda aquela diabrura. Tudo aquilo.

Ela suspirou.

— Erro meu. Ninguém me disse que fazer magia em um... Em pessoas da linhagem do seu pai deixa tudo maior. Tudo ficar maior.

Outro gole d'água.

— Sua mãe nunca acreditou. Não de verdade. Mas aquele Spider, ele era pior que você. Seu pai nunca dizia nada a respeito até eu o afugentar. Mesmo então, tudo o que ele me disse foi que, se você não consertasse tudo isso, não era mais filho dele.

Ele queria argumentar, dizer que aquilo era tudo bobagem, que Spider não era parte dele, não mais do que Fat Charlie era parte do mar ou das trevas. Em vez disso, perguntou:

— Onde está a pena?

— Que pena?

— Quando eu voltei daquele lugar. O lugar com os rochedos e as cavernas. Eu estava segurando uma pena. O que você fez com ela?

— Eu não lembro. Eu sou velha. Tenho 104 anos.

— Onde ela está?

— Eu esqueci.

— Por favor, me diga.

— Não estou com ela.

— Quem está?

— Callyanne.

— A Sra. Higglar?

Ela se inclinou para a frente e, em tom de confiança, disse: — As outras duas, elas são apenas meninas. São irresponsáveis.

— Eu liguei para a Sra. Higglar antes de sair. Parei na casa dela no caminho para o cemitério. A Sra. Bustamonte diz que ela foi embora.

A Sra. Dunwiddy balançou suavemente de um lado pro outro, como se estivesse se embalando para dormir.

— Não tenho muito tempo aqui. Parei de comer comida sólida depois que você partiu da última vez. Não dá mais. Só água. Algumas mulheres dizem que amam o seu pai, mas eu o conheci bem antes delas. Quando eu ainda era bonita, ele me levava pra dançar. Me buscava e me levava por aí. Ele já era um homem velho na época, mas sempre fazia a garota se sentir especial. Eu não me sentia— — Ela parou, tomou outro gole d'água. Suas mãos tremiam. Fat Charlie pegou o copo vazio. — Cento e quatro anos. E nunca

fiquei de cama durante o dia, a não ser de resguardo. E agora já era.

— Tenho certeza de que a senhora vai chegar aos 105 —
consolou Fat Charlie, sem jeito.

— Não diga isso! — Ela parecia alarmada. — Não! Sua família já criou problemas demais. Não faça isso acontecer.

— Eu não sou como o meu pai — observou Fat Charlie. — Não sou mágico. Spider herdou todo esse lado da família, lembra?

Ela não parecia escutar. Disse:

— Quando a gente ia dançar, bem antes da Segunda Guerra, seu pai falava com o líder da banda, e muitas vezes o chamavam pra

cantar. Todo mundo ria e saudava. Assim ele fazia as coisas acontecerem. Cantando.

— Cadê a Sra. Higglar?

— Foi pra casa.

— A casa dela está vazia. O carro não está lá.

— Ela foi pra casa.

— Ahm... Você quer dizer que ela morreu?

A velha senhora nos lençóis brancos soprou e engasgou procurando fôlego. Ela já não parecia ser capaz de falar, e fez um gesto na direção de Fat Charlie.

— A senhora quer que eu chame alguém?

Ela fez que sim com a cabeça, e continuou a engasgar e tossir enquanto Fat Charlie saía para procurar a Sra. Bustamonte. Ela estava sentada na cozinha, assistindo ao programa da Oprah numa antiga televisão bem pequena que ficava sobre o balcão da cozinha.

— Ela precisa da senhora.

A Sra. Bustamonte saiu. Voltou trazendo a jarra de água vazia.

— O que você disse pra ela ficar daquele jeito?

— Ela estava tendo um ataque ou algo assim?

A Sra. Bustamonte o encarou.

— Não, Charles. Estava rindo de você. Diz que você faz ela se sentir bem.

— Ah. Ela disse que a Sra. Higglar tinha ido pra casa. Eu perguntei se queria dizer que ela tinha morrido.

A Sra. Bustamonte então sorriu.

— Saint Andrews. Callyanne foi pra Saint Andrews.

Ela encheu a jarra na pia.

— Quando tudo isso começou, eu achava que era eu contra Spider, e que vocês quatro estavam do meu lado. Agora levaram Spider embora, e sou eu contra vocês quatro. — Ela fechou a torneira e o olhou de um jeito sombrio. — Eu não acredito em mais ninguém. A Sra. Dunwiddy deve estar só fingindo que está doente. Provavelmente assim que eu for embora ela vai pular da cama e dançar o charleston pelo quarto.

— Ela não come. Diz que faz ela se sentir mal por dentro. Não quer nada pra encher a barriga. Só água.

— Para onde em Saint Andrews ela foi?

— Vá embora logo. Sua família, vocês todos já fizeram mal o suficiente por aqui.

Fat Charlie parecia prestes a dizer alguma coisa, mas não disse nada e saiu sem mais palavra.

A Sra. Bustamonte levou a jarra de água para a Sra. Dunwiddy, que permanecia quieta na cama.

— O filho do Nancy odeia a gente — disse a Sra. Bustamonte. — Que que cê disse pra ele, afinal?

A Sra. Dunwiddy não falou nada. A Sra. Bustamonte ficou ouvindo e, quando teve certeza de que a velha senhora ainda respirava, tirou-lhe do rosto os grossos óculos, colocou-os ao lado da cama e puxou os lençóis para cobrir seus ombros.

Depois disso, simplesmente esperou pelo fim.

FAT CHARLIE SAIU DIRIGINDO SEM TER MUITA CERTEZA DE AONde iria. Ele atravessara o Atlântico pela terceira vez em duas semanas, e o dinheiro que Spider lhe dera estava quase no fim. Estava sozinho no carro e, por estar sozinho, começou a cantarolar.

Fat Charlie passou por uma aglomeração de restaurantes jamaicanos quando notou um aviso na vitrine de uma loja: Desconto Para as Ilhas. Parou o carro e entrou na loja.

— Nós da A-One estamos aqui para suprir todas as suas necessidades de viagem — disse o agente no tom de voz cuidadoso e algo tímido que os médicos geralmente usam para dizer a alguém que o membro em questão terá que ser amputado.

— Ah. Sim. Obrigado. Ahm... Qual a maneira mais barata de chegar a Saint Andrews?

— Você está indo de férias?

— Na verdade, não. Só quero ficar lá um dia. Talvez dois.

— Quando pretende partir?

— Nesta tarde.

— Você deve estar brincando.

— De jeito nenhum.

O homem lançou um olhar lúgubre para a tela do computador e teclou alguma coisa.

— Parece que aqui não há nada por menos de 1.200 dólares.

— Ah.

Fat Charlie murchou.

Mais batidas no teclado. O homem fungou.

— Isso não pode estar certo— Espere um pouco.

Um telefonema.

— Essa tarifa ainda é válida? — perguntou o homem. Rabiscou alguns números num bloco e olhou para Fat Charlie. — Se você puder ficar uma semana lá, no Hotel Dolphin, eu conseguiria uma semana de férias por 500 dólares, com refeições incluídas. O voo custará apenas a taxa de embarque.

Fat Charlie piscou, incrédulo.

— Isso é uma pegadinha?

— E uma promoção de turismo da ilha. Alguma coisa relacionada com o festival de música. Eu achava que já tinha terminado. Mas você sabe como é: você só tem direito ao que pagou. Se quiser comer em outro canto, vai sair do seu bolso.

Fat Charlie deu ao homem cinco notas amassadas de 100 dólares.

DAISY JÁ COMEÇAVA A SE SENTIR COMO AQUELE TIPO DE POLICIAL que você só vê nos filmes: durona, experiente e sempre disposta a desafiar o sistema. O tipo de tira que pergunta se você é um cara de sorte ou se você está interessado em deixar o dia dele mais alegre. Principalmente o tipo de tira que diz “estou velho demais pra essa merda”. Ela tinha 26 anos e queria dizer às pessoas que estava velha demais para aquela merda. Bem sabia que aquilo soava meio ridículo.

Naquele momento, Daisy estava no escritório do superintendente Camberwell, dizendo:

— Sim, senhor. Saint Andrews.

— Fui lá em férias, faz alguns anos, com a ex-Sra. Camberwell. Lugar bem agradável. Bolo de rum.

— Parece que é esse lugar mesmo, senhor. O vídeo do circuito fechado de Gatwick que nós temos sem dúvida mostra o suspeito. Viajando com o nome de Bronstein. Roger Bronstein viaja pra Miami, muda de avião e pega uma conexão para Saint Andrews.

— Você tem certeza de que é ele?

— Certeza.

— Bem. Isso acaba com a gente, né? Eles não têm tratado de extradição.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

— Humm. Nós podemos congelar as contas dele e confiscar os bens. É o que vamos fazer, e isso vai adiantar tanto quanto estar na chuva com um guarda-chuva de açúcar, porque ele tem muita grana em lugares onde não podemos mexer.

— Mas isso é trapaça.

O superintendente Camberwell olhou para ela como se não tivesse certeza do que via diante de seus olhos.

— A gente não está brincando de pega-pega. Se jogassem de acordo com as regras, estariam do nosso lado. Se ele voltar, então o prendemos. — Ele rolou um homenzinho de massinha, transformando-o em uma bola, e depois o esmagou entre o indicador e o polegar. — Antigamente as igrejas eram santuários onde uma pessoa ficava protegida da lei, mesmo se tivesse matado alguém. Claro que isso limitava sua vida social.

Camberwell olhou para Daisy como quem esperava que ela saísse. Ela disse:

— Ele matou Maeve Livingstone. E há anos enrola os próprios clientes.

— E?

— Deveríamos levá-lo a julgamento.

— Não se deixe afetar por isso. — Daisy pensou “Estou ficando velha demais pra essa merda”. Manteve a boca fechada, e as palavras simplesmente ficaram rodando em sua cabeça. — Não se deixe afetar por isso — repetiu ele. — Faça de conta que é um guarda de trânsito. Grahame Coats é um carro que estacionou em fila dupla, mas arrancou antes que você pudesse lhe dar uma multa. Certo?

— Claro. Claro. Sinto muito.

— Ok.

Daisy voltou para sua mesa, acessou o site interno da polícia e ficou examinando suas opções por várias horas. Finalmente foi para casa. Carol estava sentada vendo novela, comendo um korma de galinha esquentado no microondas.

— Vou tirar uma folga — disse Daisy. — Sair de férias.

— Mas você não tem mais dias de férias — observou Carol, corrigindo-a.

— Que seja. Estou velha demais pra essa merda.

— Ah. Pra onde você vai?

— Vou pegar um bandido — respondeu Daisy.

FAT CHARLIE GOSTOU DA CARIBBEAIR. EMBORA SE TRATASSE DE uma companhia aérea internacional, dava a sensação de uma pequena empresa de ônibus. A aeromoça chamou Charlie de “querido” e disse que ele podia sentar onde desse na telha.

Fat Charlie estirou-se sobre três assentos e dormiu. Em seu sonho, caminhava sob céus de cobre, e o mundo permanecia imóvel, em silêncio. Charlie andava na direção de um pássaro, maior que muitas cidades, de olhos em chamas e bico aberto, pelo qual entrou e seguiu descendo garganta da criatura abaixo.

Então, como acontece nos sonhos, estava em uma sala de paredes cobertas com penas macias e olhos redondos, como olhos de coruja, que nunca piscavam.

Spider estava no centro da sala, com as pernas e os braços estendidos, preso em correntes feitas do que pareciam ser ossos de pescoço de galinha. As correntes vinham dos cantos da sala e o mantinham bem preso, como se fosse uma mosca numa teia.

— Ah — disse Spider. — É você.

— Sim — respondeu Fat Charlie no sonho.

As correntes de osso se retesaram e puxaram a carne de Spider, e Fat Charlie pôde ver a dor em seu rosto.

— Bom — começou Fat Charlie. — Podia ser pior.

— Acho que isso aqui não é tudo — observou seu irmão. — Acho que ela tem planos para mim. Para nós. Só não sei o quê.

— São só pássaros — disse Fat Charlie. — Não pode ser tão ruim.

— Já ouviu falar de Prometeu?

— Ahm...

— Roubou o fogo para os homens. Foi punido pelos deuses, acorrentado numa rocha. Todo dia, uma águia vinha e arrancava o fígado dele.

— Não acabava nunca, o fígado?

— Crescia um novo a cada dia. Coisa de deus.

Houve uma pausa. Os dois irmãos se encararam.

— Eu vou ajeitar as coisas — prometeu Fat Charlie. — Vou consertar tudo.

— Que nem você consertou o resto da sua vida, aposto. —
Spider sorriu sem alegria.

— Sinto muito.

— Não. Eu é que sinto. — Spider suspirou. — Escuta, você tem um plano?

— Um plano?

— Vou interpretar isso como um não. Faça o que você tiver que fazer. Mas me tire daqui.

-Você está no Inferno?

— Eu não sei onde estou. Se for o inferno, deve ser o Inferno dos Pássaros. Você tem que me tirar daqui.

— Como?

-Você é filho do papai, não é? E também é meu irmão. Dê um jeito. Só me tire daqui.

Fat Charlie acordou com um arrepio. A aeromoça lhe trouxe café, e ele bebeu agradecido, sentindo-se alerta e sem vontade de dormir. Ficou apenas lendo a Caribe Air Magazines acabou aprendendo muitas coisas úteis sobre Saint Andrews.

Aprendeu, por exemplo, que Saint Andrews não era uma das menores ilhas caribenhas, mas devia ser uma daquelas ilhas em que a maioria das pessoas não prestava atenção. Havia sido descoberta pelos espanhóis por volta de 1500. Consistia basicamente numa elevação vulcânica com exuberante vida animal e vegetal. Dizia-se que em Saint Andrews, em se plantando, tudo dava.

Saint Andrews pertencera aos espanhóis, depois aos ingleses, aos holandeses, aos ingleses novamente e, por um curto período após sua independência em 1962, ao major F. E. Garrett, que assumiu o governo, rompeu relações diplomáticas com todos os países, exceto a Albânia e o Congo, e governou-a com mão de ferro até sua infeliz morte ao cair da cama, vários anos depois. Ele caíra da cama com força o bastante pra quebrar um bom número de ossos, apesar da presença em seu quarto de um batalhão de soldados que, um a um, testemunharam ter tentado sem sucesso aparar sua queda. Apesar de todos os esforços, ele já estava morto quando chegou ao único hospital da ilha. Desde então, Saint Andrews era governada por um governo local eleito e se dava bem com todos os seus vizinhos.

A ilha possuía quilômetros de praia e uma floresta tropical bem pequena no centro do território. Tinha bananas e cana-de-açúcar, um sistema bancário que encorajava investimentos estrangeiros, transações bancárias corporativas do exterior e nenhum tratado de extradição conhecido, exceto talvez com a Albânia e o Congo. Se algo a fazia famosa, era sua culinária: os habitantes da ilha gabavam-se de ter carne-seca de galinha antes dos jamaicanos, de

usar curry no carneiro antes do pessoal de Trinidad e de fritar peixe-voador antes dos habitantes de Baja.

Havia duas cidades em Saint Andrews: Williamstown, no lado sudeste da ilha, e Newcastle , no norte. Havia feiras onde tudo o que crescia por lá podia ser comprado. E vários supermercados onde os mesmos produtos podiam ser comprados pelo dobro do preço. Um dia, Saint Andrews ganharia um aeroporto internacional de verdade.

Discutia-se muito se o porto de Williamstown era uma coisa boa ou ruim. Mas graças a ele era que chegavam lá os navios de cruzeiro, ilhas flutuantes repletas de gente que vinha e mudava a economia de Saint Andrews, assim como a de muitas outras ilhas caribenhas. Na alta temporada, contava-se por volta de meia dúzia de navios de cruzeiro na baía de Williamstown, e milhares de pessoas esperavam o desembarque para esticar as pernas e fazer compras. O povo de Saint Andrews resmungava, mas dava as boas-vindas aos visitantes, vendia coisas para eles, os alimentava até que não conseguissem mais comer e então os enviava de volta aos navios.

O avião da Caribe Air aterrissou com um baque que fez Fat Charlie derrubar a revista. Ele a pôs de volta no bolso de trás do

assento à sua frente, desceu os degraus e atravessou a pista. Era fim de tarde.

Fat Charlie tomou um táxi do aeroporto até o hotel. Durante a corrida, aprendeu algumas coisas que não eram informadas na revista da Caribbe Air. Por exemplo, que música, música de verdade, música mesmo, era country e western. Em Saint Andrews, até os rastafáris gostavam. Johnny Cash? Era deus. Willie Nelson? Um semideus.

Aprendeu que não havia razão para deixar Saint Andrews. O próprio taxista jamais havia conseguido encontrar um bom motivo para sair de lá, e já havia pensado bastante no assunto. A ilha tinha uma caverna, uma montanha e uma floresta. Hotéis? Vinte. Restaurantes? Dúzias. Tinha uma capital, três cidades e várias vilas. Comida? Tudo crescia em Saint Andrews. Laranjas. Bananas. Nozes. Até, disse o taxista, limões.

Fat Charlie disse um “Não!”, incrédulo, mais para sentir que participava da conversa, mas o motorista pareceu levar aquilo como um desafio à veracidade da sua história. Pisou no freio, fazendo o carro deslizar até o lado da estrada, saiu do táxi e, aproximando-se de uma cerca, arrancou algo de uma árvore e voltou.

— Olhe aqui! Ninguém nunca me chama de mentiroso. Isto aqui é o quê?

— Um limão?

— Exato.

O taxista fez o carro voltar aos trancos para a estrada, enquanto dizia a Fat Charlie que o Dolphin era um excelente hotel. Fat Charlie tinha família na ilha? Ele conhecia o lugar?

— Na verdade, vim pra procurar alguém. Uma mulher.

O taxista achou essa uma esplêndida ideia, porque Saint Andrews era o lugar perfeito para visitar se você estava procurando mulheres. Ele entrou em detalhes, dizendo que as mulheres de Saint Andrews tinham mais curvas que as da Jamaica e davam menos dor de cabeça que as de Dominica, além de serem as melhores cozinheiras que se podia encontrar na face da Terra. Se Fat Charlie procurava por uma mulher, não poderia ter escolhido um lugar melhor.

— Mas não é qualquer mulher. É uma mulher específica — explicou Fat Charlie.

O taxista respondeu que aquele era o dia de sorte de Fat Charlie, porque ele mesmo conhecia todo mundo na ilha, e se orgulhava disso. Quando você passa a vida num lugar isso acontece, ele disse, e apostou que Fat Charlie não conhecia todo mundo da Inglaterra. Fat Charlie admitiu que de fato não conhecia.

— Ela é uma amiga da família. Seu nome é Sra. Higglar. Callyanne Higglar. Já ouviu falar?

O taxista ficou quieto algum tempo, parecendo pensar no assunto. E disse que não, nunca ouvira falar dela. O táxi parou em frente ao Hotel Dolphin. Fat Charlie pagou a corrida e entrou.

Havia uma jovem na recepção. Ele mostrou a ela seu passaporte e o número da reserva, e depositou o limão no balcão.

— Você tem alguma bagagem?

— Não — respondeu Fat Charlie, em tom de desculpa.

— Nada?

— Nada. Só o limão.

Ele preencheu vários formulários. A mulher deu-lhe as chaves e indicou-lhe como chegar ao quarto.

Fat Charlie estava no banho quando bateram à porta. Ele enrolou uma toalha na altura da barriga. Era o mensageiro do hotel.

— Você deixou seu limão na recepção — disse, e entregou o limão a Fat Charlie.

— Obrigado — agradeceu Fat Charlie, e voltou para o banho.

Depois foi para a cama e teve sonhos ruins.

EM SUA CASA, NO TOPO DA COLINA, GRAHAME COATS TAMBÉM tinha sonhos estranhos e sombrios, que beiravam o desagradável. Não conseguia se lembrar dos sonhos direito mas, ao abrir os olhos na manhã seguinte, ficava com a vaga impressão de haver passado a noite perseguindo criaturas menores em meio à grama alta, despachando-as com um golpe possante de sua pata, rasgando seus corpos com os dentes.

Nos sonhos, seus dentes eram verdadeiras armas de destruição.

Grahame acordou sentindo-se perturbado, como se o dia estivesse levemente carregado.

A cada manhã, começava um novo dia. Depois de apenas uma semana distante de sua antiga vida, Grahame Coats já experimentava a frustração do fugitivo. Tudo bem, possuía uma piscina, cacauzeiros e pés de pomelo e de noz-moscada. Tinha uma adega cheia, um freezer para carnes vazias e um home theater. TV via satélite, uma extensa coleção de DVDs, sem falar na arte que cobria as paredes. Um cozinheiro vinha todos os dias preparar suas refeições. Contava com arrumadeira e jardineiro (um casal que ficava por algumas horas todos os dias). A comida era excelente, o clima — se você gostasse de dias ensolarados e tépidos — parecia perfeito, e nenhuma dessas coisas tornava Grahame Coats feliz como achava que deveria se sentir.

Não se barbeava desde que deixara a Inglaterra, mas até o momento não havia sinal de barba, apenas uma fina camada do tipo de pelo facial que faz os homens parecerem não-confiáveis. Havia manchas como as de um panda ao redor de seus olhos e, sob eles, bolsas que de tão escuras pareciam hematomas.

Grahame nadava na piscina uma vez por dia, pela manhã, mas evitava o sol pelo resto do tempo. Vivia se dizendo que não juntara uma fortuna suspeita só para perdê-la para um câncer de pele. Ou para qualquer outra coisa.

Pensava muito sobre Londres. Em Londres, todos os seus restaurantes favoritos tinham um maitre que o conhecia pelo nome e fazia questão de que saísse satisfeito. Em Londres, havia pessoas que lhe deviam favores, e nunca era difícil conseguir ingressos para as estreias. Grahame sempre achava que daria um belo exilado, mas começava a suspeitar que estava errado.

Precisando responsabilizar alguém, chegou à conclusão de que tudo tinha acontecido por culpa de Maeve Livingstone. Ela o enganara. Ela tentara roubá-lo. Ela era uma pessoa astuta e trapaceira e mereceu o que ele fez. Ela se safou facilmente. Se ele fosse entrevistado na televisão, até já podia ouvir o tom de inocência ferida em sua voz enquanto explicava que estava apenas defendendo seus bens de uma mulher louca e perigosa. Para ser sincero, era provavelmente um milagre que ele tivesse saído vivo daquele escritório..

E ele gostava de ser Grahame Coats. Como sempre acontecia quando estava na ilha, agora era Basil Finnegan, e aquilo o incomodava. Grahame não se sentia um Basil. Havia dado duro por sua Basilidade — o Basil original morrera ainda criança e tinha uma data de nascimento próxima à de Grahame. Uma cópia da certidão de nascimento aliada a uma carta de um padre imaginário um pouco

mais tarde, e Basil pôde ter um passaporte e uma identidade. Mantivera a identidade viva: Basil tinha uma sólida fortuna, viajava para lugares exóticos e comprara uma casa luxuosa em Saint Andrews sem jamais tê-la visto. Mas, na mente de Grahame, Basil não passava de alguém que trabalhava para ele. Agora o criado havia se tornado o mestre. Basil Finnegan o havia devorado vivo.

— Se eu continuar por aqui, vou ficar louco.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou a arrumadeira, de aspirador na mão, limpando perto da porta do quarto.

— Nada.

— Parece que o senhor tava dizendo que se ficasse iria enlouquecer. Vai caminhar um pouco. Faz bem.

Grahame Coats não fazia caminhadas. Ele pagava a alguém para fazer isso por ele. Mas, pensou, talvez Basil Finnegan saísse para caminhar. Sendo assim, pôs um chapéu de aba larga e trocou suas sandálias por sapatos leves. Grahame levou o celular e deu instruções ao jardineiro para ir buscá-lo quando ligasse. Saiu da casa em direção à cidade mais próxima.

É um mundo pequeno. Você nem tem que viver muito para aprender uma coisa dessas sem que ninguém lhe ensine. Existe uma teoria sobre como no mundo inteiro só existem 500 pessoas reais (o elenco, por assim dizer; todas as outras pessoas no mundo, diz a teoria, são figurantes) e todas se conhecem. E isso é verdade, na medida do possível. Na realidade, o mundo contém milhares e milhares de grupos de mais ou menos 500 pessoas que passarão a vida se encontrando, se evitando, se esbarrando numa improvável casa de chá em Vancouver. O processo é inevitável. Não é sequer coincidência. E apenas a maneira como o mundo funciona, sem consideração pelos indivíduos ou pela adequação.

Grahame Coats entrou num pequeno café, na estrada para Williamstown, para comprar um refresco e ter algum lugar para sentar quando resolvesse ligar para seu jardineiro pedindo para buscá-lo.

Pedi uma Fanta e sentou-se a uma mesa. O lugar estava quase vazio: duas mulheres, uma jovem e uma mais velha, sentavam-se em um canto mais distante, bebendo café e escrevendo cartões postais.

Grahame Coats olhou para a praia lá fora, além da estrada. Era o paraíso, pensou. Talvez fosse bom se envolver um pouco com a política local, quem sabe como um patrocinador das artes. Já fizera várias doações substanciais para a força policial da ilha, e talvez fosse até necessário se assegurar de que...

Uma voz atrás dele, emocionada e hesitante, disse:

— Senhor Coats? — O coração de Grahame pulou. A mulher mais jovem se sentara atrás dele e lhe sorria amigavelmente. — Que engraçado encontrar o senhor aqui. Está de férias também?

— É, mais ou menos.

Ele não fazia ideia de quem era a mulher.

— O senhor se lembra de mim, não é? Rosie Noah. Eu costumava sair com o Fat... Com o Charlie Nancy. Lembrou?

— Ah, oi, Rosie. Claro, claro que sim.

— Estou num cruzeiro com a minha mãe. Ela está escrevendo uns postais pra casa.

Grahame Coats deu uma olhada por cima do ombro, para os fundos do café, e algo que lembrava uma múmia sul-americana num vestido com estampa floral o encarou de volta.

— Pra ser sincera, não sou muito fã de cruzeiros. Dez dias pulando de ilha em ilha. E bom ver um rosto conhecido, não acha?

— Absolutotalmente — concordou Grahame Coats. — Suponho que você e o Charles já não estão mais juntos?

— Sim. Acho que sim. Quer dizer, não estamos.

Grahame Coats sorriu para ela demonstrando empatia, mas só do lado de fora. Pegou sua Fanta e caminhou com Rosie até a mesa no canto, onde a mãe de Rosie irradiava má-vontade como um aquecedor velho irradiava frio para dentro de uma sala. Mas Grahame Coats foi absolutamente encantador e compreensivo, e concordou com ela em cada ponto. Era mesmo uma vergonha que as companhias de cruzeiro achassem que poderiam se dar bem com tudo o que aprontavam. Era repulsivo o quão desleixada a administração do navio havia ficado. Era chocante não haver nada para fazer nas ilhas. Era ultrajante que os passageiros tivessem que

suportar inconveniências como passar dez dias sem uma banheira, usando apenas minúsculos banheiros com ducha. Era chocante.

A mãe de Rosie contou a Grahame as várias e até impressionantes inimizades que conseguira cultivar com certos passageiros americanos cujo maior crime, da forma como Grahame entendeu a coisa, havia sido sobrecarregar seus pratos na fila do bufê do Squeak Attack e tomar banho de sol no local perto do deque que a mãe de Rosie decidira ser indisputavelmente dela já no primeiro dia de viagem.

Grahame Coats acenava com a cabeça e fazia pequenos ruídos de simpatia enquanto a bile respingava por toda a parte. Ele fazia "tsc-tsc", concordava e estalava a língua, até que a mãe de Rosie se sentiu à vontade o bastante para fazer vista grossa à sua antipatia por estranhos e pessoas ligadas de alguma forma a Fat Charlie.

Ela falou, falou e falou. Grahame Coats mal ouvia. Ele apenas ponderava.

“Seria bem desagradável”, ele pensou, “se alguém voltasse a Londres e informasse às autoridades que Grahame Coats havia sido visto em Saint Andrews justo agora.” Inevitavelmente ele seria notado algum dia, mas o inevitável talvez pudesse ser adiado.

— Me permita — Grahame Coats interrompeu — sugerir uma solução para ao menos um dos seus problemas. Um pouco adiante na estrada está a minha casa de férias. Uma boa casa, eu acho. E uma coisa que não falta por lá são banheiros. Talvez vocês queiram voltar comigo e se permitir esse prazer?

— Não, obrigado — agradeceu Rosie. Se ela tivesse aceitado, era de se esperar que sua mãe dissesse que deveriam encaminhar-se ao porto de Williamstown para voltar ao navio no final da tarde. Então lhe daria um sermão sobre aceitar esse tipo de convite de estranhos. Mas Rosie disse não.

— Isso é muito gentil de sua parte — disse a mãe de Rosie. — Ficaremos muito gratas.

Logo depois, o jardineiro parou em frente ao café numa Mercedes preta. Grahame Coats abriu a porta de trás para Rosie e sua mãe. Ele assegurou a ambas que as levaria de volta ao porto bem antes do último barco partir para o navio.

— Pra onde, sr. Finnegan? — perguntou o jardineiro.

— Pra casa.

— Sr. Finnegan? — perguntou Rosie.

— E um velho nome de família — respondeu Grahame Coats, e sabia que era verdade. Da família de uma outra pessoa. Grahame Coats fechou a porta traseira e caminhou para a frente do carro.

MAEVE LIVINGSTONE ESTAVA PERDIDA. TUDO COMEÇARA TÃO bem. Ela desejara estar em casa, em Pontefract, então houve um brilho suave e um vento muito forte. Num sopro ectoplásmico, chegara em casa. Maeve vagou por lá uma última vez e saiu para o dia de outono. Quis ver a irmã e, antes mesmo que pudesse pensar, lá estava ela, no jardim em Rye, vendo a irmã passear com seu springer spaniel.

Parecera tão fácil.

Foi naquele ponto que ela quis ver Grahame Coats, e ali tudo se perdera. Viu-se de volta, por alguns instantes, ao escritório em Aldwych, depois numa casa vazia em Purley, e Maeve ainda se recordava do lugar por causa de um pequeno jantar que Grahame Coats dera havia dez anos, e então...

Então se perdeu. Todos os lugares para onde tentou ir só pioraram as coisas. Maeve não fazia ideia de onde estava. Parecia um tipo de jardim.

Um breve dilúvio encharcara o lugar, deixando-a intocada. Agora o solo fumegava, e Maeve sabia que não estava na Inglaterra. Começava a escurecer.

Ela se sentou no chão e começou a fungar.

“Francamente”, ela observou. “Maeve Livingstone. Componha-se.” Mas só chorou mais.

— Você quer um lenço? — perguntou alguém.

Maeve olhou para o alto. Um cavalheiro idoso, de chapéu verde e com um bigode tão fino que parecia traçado a lápis, lhe oferecia um lenço.

Ela fez que sim com a cabeça e disse:

— Mas acho que nem adianta, eu não vou conseguir pegar.

O homem deu um sorriso de cumplicidade e lhe passou o lenço, que não caiu através dos dedos de Maeve. Ela assoou o nariz e secou os olhos.

— Obrigada. Desculpe. Foi demais pra mim.

— Acontece — disse o homem, avaliando Maeve de cima a baixo. — O que você é? Uma duppy?

— Não — ela respondeu. — Acho que não.. O que é duppy?

— Um fantasma — respondeu o homem. Com um bigode tão fino, ele parecia Cab Calloway aos olhos de Maeve, ou Don Ameche.

Um desses astros que envelhecem mas nunca deixam de brilhar. Quem quer que o velho fosse, sem dúvida ainda era um astro.

— Oh, sim, claro, eu sou um fantasma. Ahm... E você?

— Mais ou menos. De qualquer maneira, estou morto.

— Ah. Pode me informar onde estou?

— Estamos na Flórida — ele explicou a Maeve. — No cemitério. Que bom que você me pegou aqui. Eu ia dar um passeio. Quer vir comigo?

— Você não deveria estar num túmulo? — perguntou Maeve, hesitante.

— Fiquei entediado — o velho respondeu. — Achei que uma caminhada cairia bem. Quem sabe uma pescaria.

Maeve hesitou, mas concordou com a cabeça. Era bom ter alguém com quem conversar.

— Você quer ouvir uma história? — perguntou o velho.

— Acho que não — respondeu ela, sincera.

Ele a ajudou a se levantar, e ambos saíram do Jardim do Repouso.

— Tudo bem. Então vou ser bem rápido. Não vou me estender.

Sabe, posso contar uma história assim de maneira que dure semanas. Tudo está nos detalhes. O que você conta, o que deixa de fora. Por exemplo, você não menciona o clima nem as roupas das

peessoas, ou pode pular metade da história. Uma vez eu contei uma...

— Olha — interrompeu Maeve. — Se você quer contar uma história, então conte, tá bom?

Já era ruim o suficiente caminhar à beira da estrada no crepúsculo crescente. Maeve dizia a si mesma que era impossível ser atropelada por um carro, mas aquilo não a fazia se sentir melhor.

O velho começou a falar num tom suave de cantiga e dizia:

— Quando eu digo “Tigre”, você tem que entender que não se trata apenas do felino listrado, o indiano. Mas sim do que as pessoas chamam de grandes felinos. Leopardos, lincês, onças, todos eles. Entendeu?

— Sim.

— Bom. Então... muito tempo atrás — começou —, o Tigre era dono das histórias. Todas as histórias que existiam eram histórias do Tigre, todas as canções eram canções do Tigre, todas as piadas eram piadas do Tigre, exceto que não havia piadas sendo contadas na época do Tigre. Nas histórias do Tigre, tudo o que importa é quão forte seus dentes são, como você caça e como você mata. Não há suavidade nas histórias do Tigre, ninguém faz coisas espertas e não há paz.

Maeve tentou imaginar que tipo de histórias um grande felino contaria.

— Então eram histórias violentas?

— Aqui e ali, mas no geral eram ruins. Quando todas as histórias e canções eram do Tigre, era um tempo ruim pra todo mundo. As pessoas adquirem a forma das histórias e canções que as cercam, especialmente quando não têm uma canção só delas. Na época do

Tigre, todas as canções eram sombrias. Começavam em lágrimas e terminavam em sangue, e eram o único tipo de história que as pessoas do mundo conheciam. Então Anansi entra na história. Você deve saber tudo sobre Anansi...

— Acho que não.

— Bem, se eu fosse te dizer o quão esperto e bonito, charmoso e sabidão Anansi era, eu começaria hoje e só terminaria na quinta que vem.

— Então não me conte — pediu Maeve. — Vamos deixar por isso mesmo. E o que esse tal de Anansi fez?

— Bom, Anansi ganhou as histórias.. Ganhou? Não. Ele as recebeu porque as merecia. Ele as tomou do Tigre, e fez com que o Tigre não pudesse mais entrar no mundo real. Não em carne. As histórias que as pessoas passaram a ouvir eram de Anansi. Isso foi há uns 10, 15 mil anos. As histórias de Anansi, elas têm esperteza, sagacidade, sabedoria. E por todo o mundo as pessoas não se

concentram mais apenas em caçar e ser caçados. Agora elas começam a pensar para sair das enrascadas. Algumas vezes, entrando em enrascadas ainda maiores. Elas ainda precisam comer, e é nesse ponto que as pessoas começam a usar a cabeça. Há quem diga que as primeiras ferramentas foram as armas, mas isso não é verdade. Antes de mais nada, as pessoas pensam sobre as ferramentas. E sempre a muleta antes do tacape. Porque agora as pessoas estão contando as histórias de Anansi e começando a pensar como fazer para ganhar um beijo, para ganhar alguma coisa sem precisar fazer esforço. Sendo engraçados ou espertos. E aí se começa a construir o mundo.

— Isso é só uma história folclórica. São histórias que as pessoas criaram.

— E isso muda alguma coisa? — perguntou o velho. — Talvez Anansi seja só um velho numa história inventada na África, na infância da humanidade, por algum garoto com varejeiras na perna, metendo a muleta na terra e criando alguma história tola sobre um homem feito de piche. Isso muda alguma coisa? As pessoas respondem às histórias e as passam adiante, são mudadas por elas. Porque agora o pessoal que antes só pensava em correr dos leões e ficar longe dos crocodilos nos rios pode sonhar com um novo lugar para morar. O mundo pode ainda ser o mesmo, mas o papel de parede mudou. Certo? As pessoas ainda carregam a mesma história, uma em que nascem, crescem, fazem coisas e morrem, mas agora a história significa uma coisa nova a cada vez.

— Você está me dizendo que, antes das histórias de Anansi, o mundo era selvagem e mau?

— Sim. Bem isso.

Maeve digeriu aquilo.

— Bem — disse ela, animada —, que bom então que as histórias agora são de Anansi. — O velho meneou a cabeça, fazendo que sim.
— E o Tigre não quer as histórias de volta?

— Ele quer as histórias de volta faz 10 mil anos.

— Mas ele não vai consegui-las, né?

O velho não disse nada. Assumiu um olhar distante e deu de ombros.

— Seria ruim se conseguisse.

— E Anansi?

— Anansi morreu. E não há nada que um duppy possa fazer.

— Bom, eu sou uma duppy. Veja lá como fala.

— Bem. Os duppies não podem tocar os vivos, lembra?

Maeve pensou nisso por um instante.

— Então o que eu posso tocar?

A expressão que tomou aquele rosto antigo era matreira e astuta.

— Bem... Você pode me tocar.

— É bom que você saiba que eu sou uma mulher casada.

O sorriso do velho apenas cresceu. Era um sorriso gentil e caloroso, tão reconfortante quanto perigoso.

— Em geral, esse tipo de contrato termina com “até que a morte os separe”. — Ela não pareceu impressionada. — É o seguinte. Você não é mais matéria, portanto pode tocar coisas imateriais. Como eu. O que quero dizer é que poderíamos sair e dançar se você quisesse. Há um lugar ali no fim da rua. Ninguém lá vai notar um par de duppies na pista.

Maeve pensou a respeito. Fazia muito tempo desde a última vez que dançara.

— Você dança bem? — perguntou.

— Ninguém nunca reclamou.

— Eu preciso encontrar um homem. Um homem vivo chamado Grahame Coats. Você pode me ajudar a encontrá-lo?

— Sem dúvida posso indicar-lhe a direção correta. E então, você vai dançar?

Um sorriso se insinuou nos lábios de Maeve.

— Você está me convidando?

AS CORRENTES QUE MANTINHAM SPIDER CATIVO CAÍRAM. A dor que tomara seu corpo, cortante e contínua como uma dor de dente, começava a passar.

Spider deu um passo à frente.

Ele se dirigia para o que parecia ser um rasgo no céu a sua frente, onde podia ver uma ilha com uma pequena montanha no centro. E céu azul, com palmeiras e uma gaivota voando alto. Mas aquele mundo parecia afastar-se, como se Spider olhasse pelo lado errado do telescópio. A visão diminuiu e escapou dele e, quanto mais Spider corria, mais longe parecia ficar.

A ilha era como um reflexo numa poça d'água. Depois já não era mais nada.

Ele estava numa caverna. Todas as coisas tinham bordas nítidas, mais reais que em qualquer lugar que Spider já visitara. Esse era um tipo de lugar diferente.

Ela se encontrava à entrada da caverna, entre Spider e o ar fresco. Ele a conhecia. Ela o havia encarado em um restaurante grego em South London, e pássaros haviam saído de sua boca.

— Sabe — disse Spider —, eu preciso dizer: você tem umas ideias estranhas sobre o que é ser hospitaleiro. Se aparecesse no meu mundo, eu prepararia um jantar, abriria um vinho, colocaria uma música suave... Eu lhe proporcionaria uma noite inesquecível.

O rosto dela era impassível, esculpido em rocha negra. O vento repuxava as pontas de seu velho casaco marrom. Então ela falou, com sua voz ressoando alta e solitária como o chamado de uma gaivota distante.

— Eu peguei você. Agora vou chamá-lo.

— Chamar quem?

— Você vai chorar. Você vai choramingar, e o seu medo irá deixá-lo nervoso.

— Spider nunca grita — discordou, sem muita certeza de que aquilo era verdade. Olhos negros e reluzentes como lascas de obsidiana o encararam. Eram como buracos negros que não deixavam nada sair, nem mesmo qualquer tipo de informação. — Se você me matar, minha maldição cairá sobre você.

Ele não tinha certeza de que possuía o poder de amaldiçoar. Provavelmente sim. Se não tivesse, tinha certeza de que poderia fingir.

— Não serei eu quem o matará — disse ela, e levantou uma mão que era uma garra de ave de rapina. A garra desceu sobre o rosto de Spider, por seu peito, com as garras cruéis afundando em sua carne, rasgando sua pele.

Não doeu, mas Spider sabia que não demoraria muito para começar a doer.

Gotas de sangue banharam seu peito de vermelho e escorregaram de sua testa até seu queixo. Seus olhos arderam, e ele sentiu nos lábios o gosto do ferro no sangue.

— Agora — continuou ela, com sua voz envolta pelos gritos de diferentes pássaros —, aqui começa sua morte.

— Somos ambos entidades sensatas. Deixe-me falar sobre uma alternativa mais viável, que oferece benefícios para nós dois.

Ele disse isso com um sorriso tranquilo, de um jeito bem convincente.

— Você fala demais — ameaçou ela, e balançou a cabeça. — Chega de falar.

Suas garras afiadas entraram na boca de Spider e, com um movimento de torção, ela arrancou fora a língua dele.

— Pronto.

Então, parecendo apiedar-se de Spider, tocou seu rosto de maneira quase gentil e disse:

— Durma.

E ele adormeceu.

A MÃE DE ROSIE, AGORA REFRESCADA POR UM BANHO, REApareceu revigorada e sem dúvida radiante.

— Antes de lhes dar uma carona até Williamstown, será que eu poderia lhes oferecer um tour rápido pela casa? — perguntou Grahame Coats.

— Nós temos mesmo que voltar ao navio, mas obrigada — respondeu Rosie. Ela não conseguira se convencer da necessidade de tomar um banho na casa de Grahame Coats.

Sua mãe checkou o relógio.

— Temos 90 minutos. Não vai levar mais de 15 minutos até o porto. Não seja grossa, Rosie. Adoraríamos ver sua casa.

Assim Grahame Coats lhes mostrou a sala de estar, o estúdio, a biblioteca, a sala de TV, a sala de jantar, a cozinha e a piscina. Ele abriu uma porta debaixo da escada da cozinha, que parecia dar num armário de vassouras, e levou suas convidadas pelos degraus de madeira até a adega com paredes de pedra. Grahame Coats mostrou-lhes o vinho, a maior parte do qual já estava na casa quando a comprou. Levou-as até o final da adega, a uma pequena sala vazia que, antes do advento da refrigeração, servira como depósito de carne. Ali era sempre frio, e correntes pendiam do teto com ganchos mostrando as marcas onde carcaças sangrentas

havam sido penduradas havia muito tempo. Grahame Coats educadamente segurou a pesada porta de ferro enquanto as duas mulheres entravam.

— Sabe — disse ele, solícito. — Acabei de me dar conta. O interruptor fica ali atrás, de onde viemos. Um momentinho.

Então ele bateu a porta e fechou as trancas.

Ao sair, apanhou uma garrafa empoeirada de Chablis Premier Cru, safra de 1995, de uma prateleira.

Grahame Coats subiu as escadas confiante para informar a seus três empregados que lhes daria uma folga de uma semana. Enquanto subia, ouviu passos abafados às suas costas, mas, ao se virar, não viu nada. Estranhamente aquilo o deixou tranquilo. Apanhou o saca-rolhas, abriu a garrafa e se serviu uma taça de vinho. Grahame Coats bebeu e pensou que, muito embora jamais tivesse dado muita atenção ao vinho tinto, agora se via querendo beber algo ainda mais rico e escuro. “Da cor do sangue”, pensou.

Enquanto terminava sua segunda taça de Chablis, percebeu que responsabilizara a pessoa errada por seus infortúnios. Maeve Livingstone, agora percebia, não passava de uma idiota. Não, a pessoa a quem responsabilizar, óbvia e inegavelmente, era Fat Charlie. Sem sua indiscrição, sem sua invasão criminosa do sistema de computadores do escritório, Grahame Coats não estaria ali, exilado como um Napoleão loiro numa Elba ensolarada e perfeita. Nem se encontraria na infeliz situação de ter duas mulheres trancadas em seu depósito de carne. “Se Fat Charlie estivesse aqui”, pensou, “eu rasgaria sua garganta com os dentes.” A ideia o deixou tão chocado quanto animado. Ninguém deveria mexer com Grahame Coats.

Veio a noite, e Grahame Coats via de sua janela o Squeak Attack passar por sua casa no rochedo e partir em direção ao pôr do sol. Ele imaginou quanto tempo levaria para sentirem falta de duas passageiras. Grahame Coats até acenou.

CAPÍTULO DOZE

NO QUAL FAT CHARLIE FAZ VÁRIAS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ

O HOTEL DOLPHIN TINHA UM CONCIERGE. ERA UM JOVEM DE óculos que estava lendo um romance em brochura, cuja capa mostrava uma rosa e uma arma.

— Eu preciso encontrar uma pessoa — explicou Fat Charlie. —
Aqui na ilha.

— Quem?

— Uma senhora chamada Callyanne Higglar. Ela veio da Flórida. É uma velha amiga da família.

O jovem fechou o livro com uma expressão pensativa e olhou para Fat Charlie, apertando os olhos. Em romances, é o tipo de olhar que dá uma impressão imediata de alerta inquietante, mas nesse caso fazia parecer que o rapaz estava se esforçando para não cair no sono.

— Você é o homem do limão?

— Como?

— O homem do limão?

— É, acho que sou, sim.

— Posso ver?

— Meu limão?

O jovenzinho fez que sim, com expressão séria.

— Não dá. Ficou no meu quarto.

— Mas você é o homem do limão.

— Você pode me ajudar a encontrar a Sra. Higgler? Tem algum Higgler na ilha? Você teria uma lista onde eu pudesse procurar? Achei que haveria uma lista telefônica no quarto.

— E um nome meio comum, sabe? Uma lista não ajuda.

— Muito comum?

— Bem... Por exemplo, eu sou Benjamin Higgler. Ela, ali na recepção, é a Amerila Higgler.

— Ah. Certo. Um monte de Higglers na ilha. Entendi.

— Ela está aqui por causa do festival de música?

— Quê?

— Vai durar a semana toda.

Ele entregou um panfleto a Fat Charlie anunciando que Willie Nelson (cancelado) encabeçaria o Festival de Música de St. Andrews.

— Por que ele cancelou?

— Pelo mesmo motivo que Garth Brooks cancela. Eles nem ficam sabendo do evento.

— Não acho que ela esteja aqui pro festival de música. Preciso encontrá-la. Ela tem algo que estou procurando. Olha, se você fosse eu, como faria pra encontrá-la?

Benjamin Higglar tirou um mapa de uma gaveta.

— Nós estamos aqui, ao sul de Williamstown... — começou, marcando o papel com uma caneta hidrográfica. Dali ele começou a fazer um plano de campanha para Fat Charlie: dividiu a ilha em segmentos que podiam ser facilmente cobertos em um dia por um homem de bicicleta e marcou cada café e bar com pequenas cruces. E fez círculos ao redor das atrações turísticas.

No final, alugou uma bicicleta para Fat Charlie, que logo saiu pedalando na direção sul.

Havia canais de informação em Saint Andrews bastante inesperados para Fat Charlie, que considerava a ideia de palmeiras ao vento e celulares mutuamente excludentes. Não fazia a menor diferença com quem ele falava: velhos jogando damas à sombra, mulheres com seios como melões e traseiros tão grandes quanto poltronas, e que riam como um sabiá, uma jovem distinta no escritório de turismo, um rastafári barbudo, com um chapéu de tricô amarelo, verde e vermelho, vestindo o que parecia ser uma minissaia de algodão. Todos tinham a mesma resposta.

— Você é o cara do limão?

— Acho que sim.

— Me mostra o seu limão.

— Ficou no hotel. Escute. Estou tentando encontrar Callyanne Higler. Ela tem mais ou menos 60 anos. Americana. Vive com uma caneca grande de café na mão.

— Nunca ouvi falar.

Fat Charlie logo descobriu os perigos de andar por Saint Andrews de bicicleta. O principal meio de transporte da ilha eram os microônibus: clandestinos, perigosos, sempre lotados, eles se jogavam pelas ruas da ilha apitando e castigando os freios, dobrando esquinas em duas rodas, confiando no peso dos passageiros para não capotar. Fat Charlie teria sido atropelado uma dúzia de vezes em sua primeira manhã nas ruas se não fosse pela batida grave de baixo e bateria que saía dos alto-falantes dos veículos. Ele podia senti-las na boca do estômago bem antes de ouvir o motor, o que lhe dava bastante tempo para conduzir a bicicleta ao outro lado da rua.

Muito embora as pessoas com quem Fat Charlie conversara não fossem de grande ajuda, elas foram bastante simpáticas. Ele parou várias vezes, em sua expedição rumo ao sul, para encher a garrafa d'água. Parou em cafés e em casas particulares. Todos pareciam muito felizes em vê-lo mesmo que não tivessem informações quanto à Sra. Higler. Fat Charlie voltou ao hotel na hora do jantar.

No dia seguinte, partiu para o norte. Em seu caminho de volta para Williamstown, no final da tarde, parou em um topo de rochedo, desceu da bicicleta e seguiu empurrando-a até o portão de uma casa luxuosa e isolada que mirava a baía do alto. Pressionou o botão do interfone e disse alô, mas ninguém respondeu. Um grande carro negro estava parado na entrada, e Fat Charlie ficou pensando se a casa estaria deserta quando viu um leve tremor numa cortina de uma das salas do segundo andar. Pressionou o botão novamente.

— Alô? Só gostaria de saber se posso encher minha garrafa d'água aqui.

Não houve resposta. Talvez tivesse apenas imaginado ver alguém na janela. Fat Charlie parecia extremamente propenso a imaginar coisas naquele lugar: começou a sentir-se observado, não por alguém na casa, mas por alguém ou alguma coisa nos arbustos que ladeavam a estrada.

— Sinto muito pelo incômodo — desculpou-se. Subiu novamente na bicicleta. Todo o caminho até Williamstown era uma descida. Fat Charlie sabia que passaria por um ou dois cafés no

caminho de volta, ou talvez por uma casa. Quem sabe, com um dono amigável.

Fat Charlie estava descendo a estrada — os rochedos haviam se tornado uma colina íngreme em direção ao mar — quando um carro negro apareceu atrás dele e acelerou com um rugido. Tarde demais, ele percebeu que o motorista não o tinha visto. Houve uma batida e um longo arranhar do carro contra os guidões da bicicleta. Fat Charlie foi arremessado para fora da estrada, colina abaixo. O carro negro seguiu em frente.

Fat Charlie recuperou-se no meio da descida.

— Podia ter sido um acidente feio — disse em voz alta. Os guidões estavam retorcidos. Ele carregou a bicicleta de volta para a estrada. Um grave ribombar de baixo e bateria o alertou para a aproximação de um microônibus, e ele fez sinal.

— Dá pra colocar minha bicicleta aí atrás?

— Não cabe — respondeu o motorista, para em seguida tirar várias cordas elásticas debaixo do banco. Ele as usou para prender a bicicleta no teto do veículo. E sorriu.

— Você deve ser o inglês do limão.

— Não trouxe o limão comigo. Deixei no hotel.

Fat Charlie espremeu-se para entrar no ônibus, onde o baixo tonitruante revelou ser a extremamente improvável “Smoke On The Water”, do Deep Purple. Fat Charlie apertou-se contra uma grande mulher com uma galinha no colo. Atrás deles, duas garotas brancas conversavam sobre as festas das quais haviam participado na noite anterior e os defeitos dos namorados temporários que haviam conseguido durante as férias.

Fat Charlie notou o carro negro — uma Mercedes — subindo de volta a estrada. Havia uma longa marca de arranhão de um lado. Ele se sentiu culpado e esperou que sua bicicleta não tivesse provocado um arranhão muito profundo na pintura. As janelas eram tão escuras que o carro poderia não ter ninguém dirigindo...

Uma das garotas cutucou o ombro de Fat Charlie e lhe perguntou se ele sabia de alguma festa legal para aquela noite. Quando respondeu que não sabia, ela começou a lhe contar sobre uma festa que acontecera duas noites antes, numa caverna com uma piscina, luzes, sistema de som e tudo o mais. Dessa forma, Fat Charlie não pôde reparar que a Mercedes negra agora seguia o microônibus em Williamstown, e que ela apenas seguiu em frente quando ele retirou a bicicleta do teto do ônibus (“da próxima vez, você devia trazer o limão”) e a carregou para o lobby do hotel.

Só então o carro voltou para a casa na colina.

Benjamin, o concierge, examinou a bicicleta e disse a Fat Charlie para não se preocupar, porque dava para consertar até a manhã seguinte.

Fat Charlie voltou ao seu quarto, que tinha a cor da água do mar, e lá estava o limão, como um pequeno Buda verde, em cima do balcão.

— Você não serve pra nada — disse à fruta.

Mas não era justo. Era apenas um limão. Não havia absolutamente nada de especial nele. Ele fazia o melhor que podia.

HISTORIAS SAO TEIAS CONECTADAS FIO A FIO, E VOCÊ DEVE seguir cada história até o centro, porque o centro é o final. Cada pessoa é um fio da história.

Daisy, por exemplo.

Daisy não teria durado tanto tempo como policial se não possuísse também um lado sensato em sua natureza, que as pessoas viam a maior parte do tempo. Ela respeitava leis e regras mesmo sabendo que muitas delas eram completamente arbitrárias — decisões sobre onde era permitido estacionar, por exemplo, ou em que horários as lojas poderiam funcionar —, porque regras desse tipo faziam parte de algo maior. Elas mantinham a sociedade e as coisas seguras.

A moça que morava com Daisy achava que ela ficara louca.

— Você não pode sair de repente e dizer que está de férias. Não funciona assim. Isso não é um filme policial. Não dá pra aparecer do nada em qualquer parte do mundo buscando uma pista.

— Bom... Sendo assim, não vou fazer isso — Daisy respondeu, mentindo. — Só vou sair de férias então.

Daisy soou tão convincente que a pequena policial sensata que vivia em sua mente ficou chocada, em silêncio, por alguns segundos, e depois começou a explicar a ela exatamente o que fazia de errado. Começou dizendo que Daisy estava largando o trabalho sem autorização — passível, murmurou a policial sensata, de ser indiciada por negligência ao dever —, e continuou daí em diante.

A policialzinha ainda explicou, no caminho até o aeroporto e por todo o Atlântico, que, mesmo se Daisy conseguisse evitar um dano irreparável ao seu currículo — isso sem mencionar ser expulsa da polícia —, mesmo se conseguisse encontrar Grahame Coats, não havia nada que pudesse fazer. A polícia de sua Majestade não via com bons olhos o rapto de criminosos, e muito menos prisões efetuadas no exterior. Daisy duvidava de que Grahame Coats estaria disposto a colaborar e retornar de boa vontade ao Reino Unido.

Apenas quando ela desceu do avião jamaicano e respirou o ar de Saint Andrews — úmido, com cheiro de terra e temperos, quase doce — a pequena policial certinha que vivia em sua mente parou de apontar a loucura absurda que cometia. Aí outra voz surgiu, sufocando-a. A outra voz cantava “Malfeitores, cuidado!”. “Fiquem espertos! Malfeitores, lá vou eu!”, e Daisy marchava no ritmo da música. Grahame Coats matara uma mulher em seu escritório, em Aldwych, e escapara ileso praticamente debaixo de seu nariz.

Daisy balançou a cabeça, recolheu sua bagagem, informou ao oficial de imigração que estava na ilha de férias e saiu para o ponto de táxi.

— Eu queria um hotel que não fosse caro, mas que também não fosse nojento — disse ao motorista.

— Então eu conheço o lugar certo pra você, querida. Pode entrar.

SPIDER ABRIU OS OLHOS E PERCEBEU QUE SE ENCONTRAVA DEitado de bruços, amarrado pelos braços a uma grande estaca enfiada no chão à sua frente. Não podia mexer as pernas. Não dava para virar o pescoço o suficiente para ver o que tinha às suas costas, mas poderia apostar que as pernas estavam igualmente presas. O movimento de tentar se erguer da poeira para olhar atrás de si fez arder seus arranhões.

Ele abriu a boca, e o sangue escuro pingou no chão empoeirado, umedecendo-o.

Spider ouviu algo e virou a cabeça o quanto pôde. Uma mulher branca olhava para ele, curiosa.

— Você está bem? Ah, que pergunta idiota. E só olhar pro seu estado. Você deve ser outro duppy. Estou certa?

Spider pensou a respeito. Ele não achava que era um duppy. Balançou a cabeça.

— Se você for, não precisa ter vergonha. Também sou uma, pelo jeito. Eu não conhecia o termo, mas no meu caminho pra cá conheci um cavalheiro encantador que me disse tudo a respeito. Deixa eu ver se posso ajudar. — Ela se agachou perto dele e tentou afrouxar as cordas. Suas mãos atravessaram Spider. No entanto ele pôde sentir o leve roçar dos dedos da mulher, como fios de névoa, em sua pele. — Infelizmente não consigo tocá-lo. Pelo menos isso indica que você ainda está vivo. Então se anime.

Spider quis que essa mulher-fantasma esquisita fosse logo embora. Ele não conseguia pensar direito.

— De qualquer forma, quando compreendi a coisa toda, resolvi permanecer na Terra até me vingar do meu assassino. Expliquei isso

ao Morris, que apareceu numa tela de TV em Selfridges. Ele disse que eu não estava percebendo o que há de mais importante nessa história toda de abandonar o corpo. Mas eu acho que, se eles esperavam que eu desse a outra face, sem dúvida há mais coisa por vir. Sei disso porque aconteceu com mais gente. E tenho certeza de que posso dar uma de fantasma que aparece onde não é chamado se tiver a chance. Você fala?

Spider sacudiu a cabeça, e o sangue pingou de sua testa em seus olhos. Ardeu. Ele pensou em quanto tempo levaria para nascer uma nova língua. Prometeu conseguia um fígado novo de um dia pro outro, e Spider tinha certeza de que um fígado era mais trabalhoso que uma língua. Fígados tinham todo um processo de reações químicas: bilirrubina, ureia, enzimas, tudo isso. E decompunham álcool também, o que por si só já era bem trabalhoso. Tudo o que línguas faziam era falar. Bom, e lambar, claro...

— Não consigo parar de falar — disse a mulher-fantasma de cabelo loiro. — Ainda tenho muito caminho pela frente, acho.

Ela começou a caminhar e a tornar-se mais indistinta enquanto se afastava. Spider levantou a cabeça e a viu deslizar de uma realidade para outra, como uma foto desbotando ao sol. Tentou chamá-la de volta, mas todos os sons que produzia eram abafados e

incoerentes. Sem língua. De algum lugar, à distância, pôde ouvir o grito de um pássaro. Testou suas amarras, e elas não cederam.

Spider se viu pensando novamente na história que Rosie lhe contara, sobre o corvo que salva um homem de um leão da montanha. A história fazia sua mente cocar mais que as marcas de garras em seu rosto e peito. "Concentre-se." O homem no chão, lendo ou se bronzeando. O corvo crocitando na árvore. E um grande felino nos arbustos— Então a história se remodelou, e Spider conseguiu capturá-la. Nada mudara — era só uma questão de como olhar os ingredientes.

"E se", pensou Spider, "o pássaro não tivesse crocitado para alertar ao homem a aproximação do grande felino? E se ele estivesse chamando o leão da montanha, alertando-o para o fato de que havia um homem no chão, morto, dormindo ou morrendo? Que tudo o que o grande felino tinha a fazer era dar cabo do homem, e aí o corvo poderia banquetear-se com os restos.-"

Spider abriu a boca para gemer, e o sangue correu de sua boca para o chão de barro poeirento.

A realidade esgarçou-se. O tempo passou naquele lugar.

Spider, sem língua, furioso, ergueu a cabeça para ver os pássaros fantasmas que voavam ao seu redor, gritando.

Perguntou-se onde estaria. Ali não era o universo cor de cobre da Mulher Pássaro nem sua caverna, mas também não era o lugar que Spider havia se acostumado a chamar de mundo real. No entanto ficava bem perto do mundo real, tão perto que quase podia sentir-lhe o gosto, se pudesse sentir qualquer outra coisa que não o gosto de ferro do sangue em sua boca. Perto o suficiente para tentar tocá-lo, se não estivesse amarrado ao chão por uma estaca.

Se Spider não estivesse perfeitamente seguro de sua sanidade, seguro naquele nível que só é encontrado nas pessoas que pensam ser Júlio César e ter sido enviadas ao mundo para salvá-lo, poderia achar que estava enlouquecendo. Primeiro uma loira que dizia ser uma duppy. Agora ele ouvia vozes. Bem, uma voz, pelo menos. A de Rosie. E ela dizia:

— Eu não sei. Achava que seriam só férias, mas ver essas crianças sem nada é de cortar o coração. Precisam de tanta coisa.

Enquanto Spider tentava decifrar o significado disso, ela disse:

— Quanto tempo mais ela vai levar no banho? Que bom que você tem água quente o bastante aqui.

Spider imaginava se as palavras de Rosie tinham algum significado importante, se seriam a chave para sair dessa encrenca. Ele duvidava. Ainda assim, escutou com atenção, ponderando se o vento carregaria mais palavras de um mundo ao outro. Além do quebrar de ondas nos recifes, bem abaixo e atrás dele, não havia nada além de silêncio. Mas um tipo específico de silêncio. Há, de acordo com o que Fat Charlie acreditava, muitos tipos de silêncio. Túmulos são silenciosos à sua maneira, o espaço é silencioso de outra forma, e os topos das montanhas têm outro tipo de silêncio. Ali o silêncio era assombrado. Um silêncio que vigiava. Nesse silêncio, algo se movia com patas suaves e aveludadas, com músculos que pareciam molas de aço estendidas sob uma pelagem macia. Algo que tinha a cor de sombras na grama. Algo que tomava cuidado para que você não ouvisse nada além do estritamente

necessário. Era um silêncio se movendo de um lado ao outro diante de Spider, lento e inexorável, e cada vez mais e mais perto.

Spider ouvia aquilo no silêncio, e os pelos na sua nuca se arrepiaram. Ele cuspiu sangue no pó e esperou.

EM SUA CASA NA COLINA, GRAHAME COATS ANDAVA DE UM LADO ao outro. Do quarto para o estúdio, depois descendo as escadas para a cozinha e de volta para a biblioteca, e de lá para o quarto de novo. Estava zangado consigo mesmo: como poderia ter sido tão estúpido a ponto de achar que a visita de Rosie era uma coincidência?

Compreendera isso quando o interfone tocou e ele pôde ver no circuito fechado de TV o rosto insípido de Fat Charlie. Não havia dúvida. Era uma conspiração.

Ele agira como um tigre entrando no carro, certo de que conseguiria forjar facilmente um caso de atropelamento e fuga: se encontrassem um ciclista em pedaços na estrada, todos pensariam que havia sido um microônibus. Infelizmente não imaginara que Fat Charlie estaria pedalando tão perto da lateral da estrada. Grahame Coats não quis levar o carro mais para a beirada do declive, às margens do caminho, e agora se arrependia disso. Não, Fat Charlie enviara as duas mulheres que agora estavam no depósito de carne. Elas eram espiãs e haviam se infiltrado em sua casa. Por sorte, conseguira pôr um fim àquele plano. Sem dúvida, teve a intuição de que havia algo errado com elas.

Enquanto pensava nas mulheres, Grahame Coats lembrou-se de que ainda não as havia alimentado. Ele devia lhes dar algo para comer. E um balde. Elas precisariam de um balde, provavelmente, após 24 horas. Ninguém poderia dizer que ele era um animal sem coração.

Grahame Coats havia comprado uma arma em Williamstown na semana anterior. Era fácil comprar armas em Saint Andrews — era

bem esse tipo de lugar. A maior parte das pessoas não se dava ao trabalho de comprar armas, e era bem esse tipo de lugar também. Grahame Coats retirou a arma da gaveta ao lado da cama e desceu para a cozinha. Pegou um balde de plástico do armário debaixo da pia e jogou dentro tomates, um inhame cru, um pedaço meio comido de queijo cheddar e uma caixa de suco de laranja. Satisfeito por haver pensado nisso, pôs ali também um rolo de papel higiênico.

Desceu para a adega. Nenhum barulho vinha do depósito de carne.

— Eu estou armado. E não tenho medo de usar a arma. Vou abrir a porta agora. Por favor, vão para o fundo da sala, virem-se e fiquem com as mãos na parede. Eu trouxe comida. Cooperem e vocês serão libertadas sem nenhum ferimento. Cooperem e ninguém se machucará. Ou seja, nada de gracinhas — disse ele, felicíssimo por ter usado uma enorme cadeia de clichês.

Acendeu as luzes e puxou os ferrolhos. As paredes da sala eram feitas de rocha e tijolo. Correntes enferrujadas pendiam dos ganchos no teto.

Elas estavam no fundo da sala. Rosie encarava a rocha, e sua mãe olhava por cima do ombro para Grahame Coats como um rato encurralado, furiosa e cheia de ódio.

Grahame Coats pôs o balde no chão. Ele não abaixou a arma.

— Comida legal, aqui. E, antes tarde do que nunca, um balde. Vejo que vocês têm usado ali o canto. Aqui tem papel higiênico também. Não digam que não faço nada por vocês.

— Você vai matar a gente, não vai? — perguntou Rosie.

— Não o enfrente, sua idiota — disse a mãe. — Então, dando uma espécie de sorriso, completou: — Obrigada pela comida.

— Claro que não vou matar vocês — respondeu Grahame Coats. Somente ao ouvir as palavras saindo de sua boca ele admitiu a si próprio que sim, claro, teria que matá-las. Que outra opção ele tinha? — Vocês não me disseram que o Fat Charlie tinha mandado vocês pra cá.

E Rosie disse:

— Nós viemos num cruzeiro. Nesta noite, deveríamos estar em Barbados, para comer peixe frito. O Fat Charlie está na Inglaterra. Não acho que ele saiba onde estamos. Eu não disse a ele.

— O que você diz não importa — respondeu Grahame Coats. — Eu tenho uma arma.

Ele fechou a porta e a trancou. Antes de se afastar, pôde ouvir a mãe de Rosie dizendo:

— O bicho! Por que você não perguntou sobre o bicho?

— Porque você só está imaginando, mãe, eu já disse. Não tem bicho nenhum aqui. Ele é louco, provavelmente concordaria com você. Deve ver tigres invisíveis o tempo todo.

Sentindo-se ofendido pelas palavras de Rosie, Grahame Coats apagou as luzes. Apanhou uma garrafa de vinho e subiu as escadas, batendo a porta atrás de si.

Na escuridão sob a casa, Rosie partiu o pedaço de queijo em quatro pedaços e comeu um tão devagar quanto pôde.

— O que ele disse sobre o Fat Charlie? — perguntou ela à mãe depois que o queijo se dissolvera em sua boca.

— Esse seu maldito Fat Charlie. Não quero saber nada a respeito dele. É por causa dele que estamos aqui.

— Não, nós estamos aqui porque esse Coats é totalmente pirado. Um maluco com uma arma. Não é culpa do Fat Charlie.

Rosie tentava não pensar em Fat Charlie, porque isso a fazia inevitavelmente pensar também em Spider...

— Voltou — começou a mãe. — O animal voltou. Eu ouvi. Consigo sentir o cheiro daqui.

-Tá, mãe.

Rosie ficou sentada no chão de concreto e pensou em Spider. Sentia falta dele. Quando Grahame Coats voltasse a si e as deixasse ir embora, tentaria achar Spider. Saber se poderiam tentar de novo. Tinha consciência de que era apenas um devaneio tolo, mas era um bom sonho, e a confortava.

Rosie se perguntou se Grahame Coats iria matá-las no dia seguinte.

SEPARADO DAQUELE MUNDO POR MILÍMETROS, SPIDER SE ENcontrava amarrado a uma estaca, esperando pela fera. Era fim de tarde, e o sol descia atrás dele.

Spider empurrava algo com seu nariz e lábios: terra seca que sua saliva e sangue haviam umedecido e que agora tinha a forma de uma bola de lama, uma esfera avermelhada de argila embaixo da qual ele tentava enfiar o nariz. Lançou o rosto para o alto tentando levantar a bola, mas nada aconteceu, da mesma forma como não havia acontecido em suas outras incontáveis tentativas. Vinte? Cem? Spider não contava, apenas continuava tentando, empurrando o rosto na poeira, enfiando o nariz debaixo da bola de barro, lançando o rosto para a frente e para cima...

Nada aconteceu. Nada aconteceria. Era preciso usar outra tática.

Fechou os lábios ao redor da bola e aspirou ar pelo nariz tão forte quanto pôde. Soprou ar pela boca, e a bola voou de seus lábios como uma rolha de champanhe. Aterrissou a uns 40 centímetros de distância.

Agora Spider girava sua mão direita, amarrada pelo pulso com a corda atando-a à estaca. Ele puxou a mão e a girou. Seus dedos se esticaram na direção da bola de lama, sem sucesso.

Estava tão perto...

Spider tomou outro longo fôlego, mas se engasgou com a terra seca e começou a tossir. Tentou novamente, girando a cabeça para um lado, e encheu os pulmões. Rolou de lado e começou a soprar na direção da bola, expulsando o ar dos pulmões com o máximo de força que conseguia.

A bola de lama rolou — menos de três centímetros, mas era o bastante. Ele se esticou, e logo a tinha entre os dedos. Começou a amassar a superfície da bola, fazendo pequenas pontas. Oito delas. Repetiu o processo, dessa vez apertando a massinha um pouco mais forte. Uma das pontas caiu na poeira, mas as outras ficaram seguras. No final, Spider tinha nas mãos uma pequena bola de barro com sete pontas saindo da superfície, como uma representação do Sol feita por uma criança.

Ele olhou para a bola com orgulho: dadas as circunstâncias, sentiu tanto orgulho dela como uma criança se orgulharia de um trabalho escolar.

A palavra seria a parte mais difícil. Fazer uma aranha ou algo parecido a partir de sangue, cuspe e barro, aquilo era fácil. Até deuses menores da traquinagem, como Spider, sabiam fazer. Mas a parte final da Criação seria a mais difícil. Você precisa de uma palavra para dar vida a alguma coisa. Você precisa dar nome a ela. Spider abriu a boca.

— Hrrurrurrr — disse com sua boca sem língua. Nada aconteceu.

Tentou novamente.

— Hrrurrurr!

E a massinha lá parada, como um torrão inerte, em sua mão. O rosto de Spider caiu na poeira novamente. Ele estava exausto. Cada

movimento que fazia rachava as cascas de suas feridas, que supuravam, queimavam e — o pior — coçavam. “Pense!”, disse a si próprio. Tinha que haver um modo de fazer isso... De falar sem língua.

Ainda havia uma camada de barro sobre os lábios de Spider. Ele os sugou e umedeceu tão bem quanto pôde. Depois suspirou profundamente e deixou o ar passar por seus lábios, concentrando-se bastante e dizendo a palavra com tanta segurança que nem mesmo o universo poderia discordar dele. Spider descreveu a coisa que estava em sua mão e lhe deu seu próprio nome, que era a melhor magia que conhecia:

— Hhssspphhrrriivver.

Em sua mão, onde havia um torrão de barro, agora estava uma gorda aranha cor de argila vermelha, com sete patas delgadas.

“Me ajude”, pensou Spider. “Consiga ajuda.”

A aranha o encarou com olhos que brilhavam à luz do sol, pulou para o chão e caminhou meio torta até a grama, com um traquejo trêmulo e irregular.

Spider a observou até que sumisse de vista. Então apoiou a cabeça na poeira e fechou os olhos.

O vento mudou, e Spider sentiu no ar o leve cheiro de amônia de um felino macho. Acabara de marcar seu território...

Lá no alto, Spider podia ouvir pássaros crocitando, triunfantes.

O ESTÔMAGO DE FAT CHARLIE RONCOU. SE TIVESSE DINHEIRO sobrando, procuraria algum lugar para jantar, só pra ficar longe do hotel. Mas estava quase sem dinheiro, e as refeições noturnas faziam parte do pacote. Sendo assim, tão logo deram as sete horas, Fat Charlie desceu para o restaurante.

A maitre tinha um sorriso radiante e lhe disse que abririam o restaurante dentro de alguns minutos. Tinham que dar tempo à banda para a passagem de som. Ela olhou para ele. Fat Charlie já sabia dizer o que significava aquele olhar.

— Você.... — começou ela.

— Sim — Fat Charlie disse, resignado. — Eu até trouxe comigo.
— Tirou o limão do bolso e o mostrou a ela.

— Muito legal. É mesmo um limão, isso que você tem aí. Mas eu ia perguntar se você vai querer o menu à la carte ou o bufê.

— O bufê — respondeu Fat Charlie. Era grátis. Ele ficou no salão em frente ao restaurante, segurando seu limão.

— Espere só um momento — pediu a maitre.

Uma mulher pequena veio descendo o corredor, às costas de Fat Charlie. Ela sorriu para a maitre e perguntou:

— O restaurante já está aberto? Estou faminta.

Ouviram-se o tum-bum-dum do baixo e o toque do piano elétrico. A banda largou os instrumentos e acenou para a maitre, que disse:

— Está aberto, venham.

A mulher pequena encarou Fat Charlie com uma expressão de grande surpresa.

— Oi, Fat Charlie! Para que serve o seu limão?

— É uma longa história.

— Bem — respondeu Daisy. — Nós temos todo o jantar pela frente. Por que você não me conta tudo a respeito?

ROSIE SE PERGUNTAVA SE A LOUCURA SERIA CONTAGIOSA. NAS trevas cegas sob a casa da colina, ela sentira algo passar roçando por ela. Algo macio e esbelto. Algo grande. E que rosnava suavemente ao rodeá-la em círculos.

— Você ouviu também? — perguntou ela.

— Claro que ouvi, sua sonsa — respondeu sua mãe. E completou: — Ainda tem suco de laranja?

Rosie tateou no escuro pela caixa de suco e a passou para sua mãe. Ela ouviu o som de alguém bebendo, e sua mãe disse:

— Não será esse animal que matará a gente. Ele é quem vai.

— Grahame Coats. É.

— Ele é um homem mau. Algo o está domando como se fosse um cavalo. Mas um cavalo ruim. Um homem ruim.

Rosie estendeu o braço e segurou a mão ossuda de sua mãe, sem dizer nada, porque não havia muito a dizer.

— Sabe — começou a mãe depois de um tempo —, estou muito orgulhosa de você. Você foi uma boa filha.

— Oh.. — disse Rosie.

A ideia de não ser uma decepção para sua mãe era algo novo para ela. Rosie não tinha certeza de como se sentia a respeito.

— Talvez você devesse ter se casado com o Fat Charlie. Aí não estaríamos aqui.

— Não. Eu não deveria me casar com o Fat Charlie, eu não o amo. Portanto você não estava totalmente enganada.

Elas ouviram uma porta bater no alto.

— Ele saiu — observou Rosie. — Rápido. Enquanto ele está fora.
Vamos cavar um túnel.

Primeiro ela deu risadinhas. Depois começou a chorar.

FAT CHARLIE TENTAVA ENTENDER O QUE DAISY ESTAVA FAZENDO na ilha. Daisy também se esforçava para entender o que Fat Charlie estava fazendo por lá, mas nenhum dos dois parecia ter muito sucesso. Uma cantora, num longo vestido vermelho, boa demais para cantar música ao vivo às sextas-feiras no pequeno restaurante de um hotel, apresentava-se no pequeno palco no canto da sala, cantando "I ve Got You Under My Skin".

Daisy disse:

— Você está procurando pela mulher que vivia do lado da sua casa quando era pequeno porque ela pode ajudar você a encontrar o seu irmão.

— Eu recebi uma pena. Se ainda estiver com ela, posso trocá-la pelo meu irmão. Vale a pena tentar.

Daisy piscou lenta e pensativamente, nem um pouco impressionada, e beliscou a salada.

— Bom, você está aqui porque acha que Grahame Coats veio pra cá depois de matar Maeve Livingstone. Mas não veio como policial. Veio por conta própria, caso ele esteja aqui mesmo. Mas, se ele estiver aqui, não há nada que você possa fazer a respeito.

Daisy lambeu uma sementinha de tomate de seus lábios e pareceu meio desconfortável.

— Eu não vim como policial. Estou aqui como turista.

— Mas você só abandonou o emprego e veio pra cá atrás dele. Eles podem prender você por isso, ou coisa do tipo, acho.

— Então é bom que Saint Andrews não tenha tratados de extradição, não é?

Fat Charlie murmurou:

-Ai, meu Deus.

O motivo de ter dito "Ai, meu Deus" era a cantora, que saíra do palco e agora caminhava pelas mesas com um microfone portátil. Naquele momento, perguntava a dois turistas alemães de onde eram.

— Por que ele viria pra este lugar? — perguntou Fat Charlie.

— Sigilo bancário. Terrenos baratos. Nada de tratados de extradição. Talvez adore frutas cítricas.

— Passei dois anos morrendo de medo desse homem. Vou pegar mais daquele negócio de peixe com banana verde. Você quer?

— Não, obrigada. Quero deixar espaço pra sobremesa.

Fat Charlie dirigiu-se ao bufê fazendo o caminho mais longo para evitar o olhar da cantora, que era mesmo muito bonita em seu vestido vermelho coberto de lantejoulas que refletiam a luz e brilhavam quando se movia. Era melhor que a banda. Fat Charlie queria que ela voltasse logo ao palco e continuasse a cantar seus clássicos. Ele tinha gostado da versão dela para "Night and Day" e de uma versão especialmente tocante de "Spoonful of Sugar". Também queria que ela parasse de interagir com os clientes. Ou, pelo menos, que parasse de falar com as pessoas do mesmo lado da sala em que ele estava.

Fat Charlie abarrotou seu prato com mais da comida que ele havia gostado da primeira vez. Ficou pensando que pedalar pela ilha realmente abria o apetite.

Quando voltou para sua mesa, Grahame Coats, com algo que vagamente lembrava uma barba crescendo na parte de baixo de seu rosto, estava sentado perto de Daisy, sorrindo feito uma doninha que cheirou muita cocaína.

— Fat Charlie — começou Grahame Coats, e deu uma risadinha desconfortável. — Não é fantástico? Eu ando à sua procura, para um pequeno tête-à-tête, e quem eu acho de bônus? Esta glamourosa policialzinha aqui. Por favor, sente-se e tente não fazer uma cena.

Fat Charlie ficou paralisado como se fosse uma estátua de cera.

— Sente-se — repetiu Grahame Coats. — Eu tenho uma arma apontada aqui para a barriga da senhorita Daisy.

Daisy olhou para Fat Charlie com olhos suplicantes e fez que sim. Suas mãos se encontravam sobre a mesa, espalmadas. Fat Charlie sentou-se.

— Ponha as mãos onde eu possa vê-las. Espalmadas sobre a mesa, como as dela.

Fat Charlie obedeceu. Grahame Coats fungou.

— Eu sempre soube que você era um policial infiltrado, Nancy. Um agent provocateur, certo? Entra nos meus escritórios, arma pra cima de mim, me rouba de cara limpa.

— Eu nunca— — começou Fat Charlie, mas calou-se ao ver a expressão no rosto de Grahame Coats.

— Você se achou tão esperto — continuou Grahame Coats. — Vocês todos acharam que eu cairia nessa. Foi por isso que você enviou as outras duas antes, não foi? As duas lá em casa? Achou mesmo que eu acreditaria que elas estavam num cruzeiro? Você teria que se esforçar muito mais que isso pra passar a perna em mim. Pra quem mais você contou? Quem mais sabe?

Daisy disse:

— Não sei muito bem do que você está falando, Grahame.

A cantora terminava "Some of These Days": era uma voz de cantora de blues, uma voz rica, e agitava no ar como se fosse um cachecol de veludo.

Some of these days

You're going to miss me honey

Some of these days

You're gonna be so lone/y

You'll miss me huggin'

You'll miss my kissin!..

— Você paga a conta — ordenou Grahame. — Aí eu vou acompanhar você e a mocinha até o carro. De lá, vamos pra minha casa, pra conversarmos direito. Se fizerem uma gracinha, eu atiro nos dois. Capiche?

Fat Charlie “capichou” direitinho. Ele também “capichou” quem dirigia a Mercedes na outra tarde, e como escapara por pouco de morrer. Fat Charlie começava a “capichar” o quanto Grahame Coats era maluco e a chance mínima que Daisy e ele tinham de sair dessa vivos.

A cantora havia terminado a canção, e as pessoas espalhadas pelo restaurante aplaudiram. Fat Charlie mantinha suas mãos sobre a mesa e, olhando além de Grahame Coats, na direção da cantora, mandou-lhe uma piscada com o olho que Coats não podia ver. Ela estava cansada das pessoas que evitavam olhar em seus olhos, e a piscadela de Fat Charlie foi mais que bem-vinda.

Daisy disse:

— Grahame, obviamente eu vim aqui por sua causa, mas o Charlie só....

Ela parou e fez o tipo de expressão que as pessoas fazem quando têm uma arma sendo empurrada contra o estômago. Grahame Coats disse:

— Prestem atenção. Por causa das testemunhas inocentes aqui reunidas, somos todos bons amigos. Vou pôr a arma no bolso, mas ainda estarei apontando pra você. Nós vamos nos levantar. E vamos pro meu carro. E eu vou..

Ele parou. Uma mulher com um vestido vermelho brilhante e um microfone vinha para a mesa deles com um sorriso enorme no rosto, na direção de Fat Charlie. Ela perguntou, no microfone:

— Qual o seu nome, querido? — e pôs o microfone no rosto de Fat Charlie.

— Charlie Nancy — respondeu Charlie. Sua voz travou, hesitante.

— E você veio de onde, Charlie?

— Da Inglaterra. Eu e meus amigos somos todos da Inglaterra.

— E você trabalha com o quê, Charlie?

Tudo pareceu ficar mais lento. Era como pular de um rochedo para o mar. A única saída. Fat Charlie suspirou fundo e respondeu:

— No momento, estou desempregado. Mas sou cantor. Eu canto, que nem você.

— Que nem eu? O que você canta?

Fat Charlie engoliu em seco.

— O que vocês têm aí?

A cantora virou-se para os outros ocupantes da mesa de Charlie e perguntou, fazendo gestos com o microfone:

— Vocês acham que a gente consegue fazer ele cantar alguma coisa pra gente?

— Ahm... Melhor não. Não. Absolutamente fora de questão — respondeu Grahame Coats. Daisy deu de ombros, com as mãos ainda coladas à mesa.

A mulher de vestido vermelho se virou para o resto do salão.

— O que vocês acham? — perguntou.

Os outros fregueses aplaudiram, e os funcionários aplaudiram mais ainda. O barman gritou:

— Canta alguma coisa pra gente!

A cantora se inclinou para Fat Charlie, tapou o microfone e disse:

— E melhor uma música que o pessoal já conheça.

Fat Charlie perguntou:

— Eles conhecem “Under the Boardwalk”?

Ela fez que sim e anunciou Fat Charlie, passando-lhe o microfone.

A banda começou a tocar. A cantora levou Fat Charlie até o pequeno palco, e ele sentiu seu coração batendo rápido no peito.

Fat Charlie começou a cantar, e a plateia passou a escutar.

Tudo o que ele queria era conseguir mais algum tempo, mas Fat Charlie se sentia bem. Ninguém estava atirando coisas nele, e ele parecia ter bastante espaço mental para pensar. Notava cada um naquela sala: os turistas, os funcionários, as pessoas no bar. Fat Charlie podia ver tudo: o barman medindo um drinque, a senhora idosa no fundo da sala enchendo uma grande caneca de café. Ainda estava aterrorizado, aborrecido, mas pegou todo o terror e a raiva e os colocou na canção. Deixou que tudo se tornasse basicamente uma canção sobre ficar à toa, fazendo amor. Enquanto cantava, pensava.

“O que o Spider faria? O que o meu pai faria?”

Ele cantou. Na canção, informava a todos os seus planos sobre o que fazer embaixo da passarela, e os planos basicamente consistiam em fazer amor.

A cantora no vestido vermelho sorria e estalava os dedos, balançando o corpo com a música. Ela se aproximou do microfone do tecladista e começou a fazer harmonias.

“Eu estou mesmo cantando pra uma plateia”, pensou Fat Charlie.
“Ah, dane-se.”

Ele mantinha os olhos em Grahame Coats.

Quando chegou ao segundo refrão, Fat Charlie começou a bater palmas acima da cabeça, e logo toda a sala o acompanhava, clientes e garçons e chefs, todos exceto Grahame Coats, cujas mãos permaneciam debaixo da toalha de mesa, e Daisy, cujas mãos continuavam espalmadas contra a mesa. Daisy olhava para Fat Charlie como se ele não apenas houvesse ficado louco de pedra, mas tivesse escolhido também um momento extremamente inadequado para descobrir o The Drifters que tinha dentro de si.

A plateia aplaudiu, e Fat Charlie sorriu e cantou. Ao cantar, ele sabia, sem sombra de dúvida, que tudo ficaria bem. Eles ficariam

bem. Ele, Spider, Daisy e Rosie também, onde quer que estivesse, todos ficariam bem. Fat Charlie sabia o que deveria fazer. Era algo tolo e improvável, o ato de um idiota, mas funcionaria. E, quando as últimas notas da canção se dissiparam, ele disse:

— Há uma jovem dama na mesa onde eu estava sentado. O nome dela é Daisy Day. Ela também é da Inglaterra. Daisy, acena pro pessoal?

Daisy olhou para ele desesperada, mas levantou a mão da mesa e acenou.

— Tem uma coisa que eu quero dizer para a Daisy. Ela não sabia que eu ia dizer isso. — “Se isso não funcionar, ela já era. Você sabe disso, não sabe?”, sussurrou uma voz em sua cabeça. Fat Charlie continuou: — Mas tomara que ela diga sim. Daisy.. Você quer se casar comigo?

O salão ficou em silêncio. Fat Charlie ficou olhando para Daisy, querendo que ela entendesse, que entrasse no jogo.

Daisy fez que sim com a cabeça.

Os comensais aplaudiram. Isso sim é que era um show. O cantor, a maitre e várias garçonetes foram até a mesa, puseram Daisy de pé e a empurraram até o meio da pista de dança. Eles a empurraram para Fat Charlie e, enquanto a banda tocava "I Just Called to Say I Love You", ele pôs o braço em volta dela.

— Você trouxe uma aliança pra ela? — perguntou a cantora.

Ele pôs a mão no bolso.

— Aqui — disse para Daisy. — Isso é pra você.

Colocou os braços à sua volta e a beijou. "Se alguém vai levar um tiro", pensou, "esta é a hora." Então pararam de se beijar, e as pessoas o cumprimentavam e o abraçavam. Um homem que dizia estar na cidade por causa do festival de música insistiu em dar seu cartão a Fat Charlie. Agora Daisy segurava o limão que Fat Charlie lhe dera com uma expressão muito estranha no rosto. Quando ele olhou de volta para a mesa a que estavam sentados, Grahame Coats não estava mais lá.

CAPÍTULO TREZE

O QUAL TRAZ MÁ SORTE PARA ALGUMAS PESSOAS

OS PÁSSAROS ESTAVAM AGITADOS. GRASNAVAM, GRITAVAM E conversavam na copa das árvores. “Está mais perto”, pensou Spider, e disse um palavrão. Sentia-se esgotado, acabado. Não tinha mais forças. Nada além de cansaço, nada além de exaustão.

Pensou na possibilidade de deitar-se no chão e ser devorado. De modo geral, decidiu ele, aquele era um modo horrível de morrer. Nem tinha certeza se seria capaz de produzir outro fígado, mas tinha a certeza de que, o que quer que o estivesse perseguindo, afinal, não tinha a menor intenção de se contentar apenas com o fígado.

Começou a puxar a estaca. Contou até três e depois puxou os dois braços na própria direção, com a maior força possível, para que esticassem a corda e arrancassem a estaca. Depois contou até três e puxou de novo.

Isso teve o mesmo efeito que teria se ele tentasse empurrar uma montanha para o outro lado da estrada. Um, dois, três... força. E de novo. E de novo.

Ele se perguntava se o animal viria logo.

Um, dois, três... força. Um, dois, três... força.

Podia ouvir alguém, em algum lugar, cantando. A música fez Spider sorrir. Percebeu que queria ter uma língua: ele a mostraria para o tigre quando finalmente aparecesse. Essa ideia lhe deu ânimo.

Um, dois, três... força. E a estaca cedeu, balançou em suas mãos. Puxou mais uma vez e a estaca saiu do chão facilmente, como uma espada sendo retirada de uma rocha.

Puxou as cordas para si e segurou a estaca nas mãos. Media mais ou menos uns 90 centímetros. Uma das pontas fora afiada para ser fincada na terra. Puxou a estaca das cordas com suas mãos

dormentes. As cordas pendiam, inúteis, de seus pulsos. Testou o peso da estaca com a mão direita. Resolveu que servia. E então percebeu que estava sendo observado. A coisa o estava observando já havia algum tempo, como um gato à espreita na toca de um rato.

E veio até ele em silêncio, ou quase, indo em sua direção como uma sombra movendo-se ao longo do dia. O único movimento perceptível para os olhos era a cauda, que balançava para lá e para cá, impaciente. Do contrário, poderia muito bem ser uma estátua ou um monte de areia que parecia, por causa da luz, um animal feroz. Seu pelo tinha cor de areia, e seus olhos que nunca piscavam eram de um verde semelhante ao mar na época do inverno. A face parecia a face cruel e larga de uma pantera. Nas ilhas, chamavam qualquer grande felino de Tigre. Esse era todos os grandes felinos que já existiram. Era maior, mais feroz e mais perigoso que todos.

Os tornozelos de Spider ainda estavam presos às cordas, e ele mal podia andar. Suas mãos e seus pés formigavam. Ficou trocando de um pé para o outro, tentando parecer que fazia aquilo de propósito, como se fosse algum tipo de dança de ameaça, e não porque ficar de pé doía.

Queria agachar-se e desamarrar os tornozelos, mas não ousava tirar os olhos da fera.

A estaca era pesada e grossa, mas pequena demais para servir como uma lança, e grosseira e grande demais para ser outra coisa. Spider a segurava pela ponta mais fina, onde fora afiada, e olhou para longe, para o mar, intencionalmente evitando olhar para o lugar onde se encontrava o animal, confiando em sua visão periférica.

O que foi mesmo que ela disse? “Você vai chorar. Vai choramingar. O seu medo o deixará nervoso.”

Spider começou a choramingar. Então chorou, como se fosse um cabritinho ferido, perdido, indefeso, sozinho.

Um movimento rápido, cor de areia, sem dar tempo suficiente para registrar os dentes e as garras que iam em sua direção. Spider rodou a estaca como um bastão de beisebol, o mais forte que conseguia, e sentiu com satisfação ela se chocar contra o nariz da fera.

O Tigre parou, ficou olhando para ele como se não pudesse acreditar no que via e então fez um som gutural, um rugido queixoso. Depois andou, com as pernas rígidas, de volta para onde viera, para a vegetação, como se tivesse algo importante a fazer de que se desejava livrar logo. Olhou para Spider ressentido, por cima do ombro. Uma fera ferida, que lhe deu o olhar de um animal decidido a voltar.

Spider observou enquanto ia embora.

Então se sentou e pôs-se a tirar as amarras de seus tornozelos.

Caminhou, um pouco cambaleante, ao longo da beira do penhasco, seguindo para baixo. Logo havia um riacho cruzando seu caminho, correndo para a beirada do penhasco, numa cachoeira brilhante. Spider ajoelhou-se, pôs as mãos em concha e começou a beber a água fresca.

Depois começou a apanhar pedras. Pedras pesadas, do tamanho de seu punho. Colocou todas empilhadas, como bolas de neve.

— VOCÊ NÃO COMEU NADA — DISSE ROSIE.

— Coma você. Precisa ficar forte — retrucou a mãe. — Eu comi um pouco do queijo. Já é o bastante.

Fazia frio naquele lugar, e estava escuro. Não é o tipo de escuro ao qual você consegue acostumar os olhos. Não havia nenhuma luz. Rosie andou por toda a área do depósito de carne, seus dedos contra o cimento, as pedras e os tijolos, procurando algo que pudesse ajudar, mas não encontrou nada.

— Você costumava comer. Quando o papai estava vivo — observou Rosie.

— O seu pai também costumava comer. E veja que fim levou. Um ataque cardíaco aos 41 anos de idade. Em que mundo vivemos?

— Mas ele adorava a comida que fazia.

— Ele adorava tudo — concordou a mãe com voz amarga. — Adorava comida, adorava as pessoas, adorava a filha. Adorava cozinhar. E me adorava. O que ele ganhou com isso? Só uma morte prematura. Você não devia sair amando coisas por aí desse jeito. Eu te avisei.

— É. Acho que avisou.

Caminhou em direção da voz da mãe, com a mão na frente do rosto para não bater numa das correntes penduradas no meio do depósito. Encontrou o ombro ossudo da mãe, e a envolveu com o braço.

— Eu não estou com medo — disse Rosie no escuro.

— Então você está maluca — respondeu a mãe.

Rosie largou a mãe e voltou para o meio do depósito. Ouviu-se um barulho súbito, de algo rachando. Poeira e pó de gesso caíram do teto.

— Rosie? O que você está fazendo?

— Balançando na corrente.

— Cuidado. Se essa corrente se soltar, você vai cair no chão e arrebentar a cabeça quando menos esperar. — Não houve resposta da filha. A Sra. Noah continuou: — Eu te disse. Você está maluca.

— Não. Não estou. Só não estou mais com medo. Acima delas, na casa, a porta da frente bateu.

— O Barbazul chegou — disse a mãe de Rosie.

— Eu sei, eu ouvi. Mas mesmo assim não estou com medo.

AS PESSOAS CONTINUAVAM A DAR TAPAS NAS COSTAS DE FAT Charlie e a pagar bebidas com guarda-chuvas dentro para ele. Além disso, recebeu cinco cartões de visita de pessoas que trabalhavam com música e estavam na ilha para ver o festival.

Em todo o salão, as pessoas sorriam para Charlie. Ele tinha um braço em torno de Daisy e podia senti-la tremendo. Ela aproximou os lábios do seu ouvido:

— Você é completamente doido, sabia?

— Funcionou, não funcionou?

Ela olhou para ele.

— Você é cheio de surpresinhas.

— Vamos. Ainda não acabou.

Ele andou na direção da maitre.

— Com licença. Havia uma mulher aqui enquanto eu cantava. Ela entrou e encheu de novo a caneca dela naquela cafeteira ali no balcão. Para onde ela foi?

A gerente piscou e encolheu os ombros. Disse:

— Não sei.

— Ah, sabe sim.

Ele se sentia seguro de si, esperto. Sabia que logo se sentiria ele mesmo de novo, mas tinha cantado uma música para uma plateia e gostado da ideia. Fizera isso para salvar a vida de Daisy e a sua própria, e conseguiu ambas as coisas.

— Vamos conversar lá fora.

Era a música. Enquanto cantava, tudo ficara perfeitamente claro. E continuava claro. Ele andou na direção do saguão, e Daisy e a maitre o seguiram.

— Qual o seu nome? — perguntou para a maitre.

— Clarissa.

— Oi, Clarissa. Qual o seu sobrenome?

Daisy disse:

— Charlie, a gente não devia chamar a polícia?

— Um minuto. Clarissa de quê?

— Higglers.

— E qual a sua relação com Benjamim? O concierge.

— É o meu irmão.

— E qual exatamente é a relação de vocês dois com a Sra. Higglers? Callianne Higglers?

— São meus sobrinhos, Charlie — interrompeu a Sra. Higler, que estava na entrada. — Mas agora acho melhor você escutar a sua noiva e chamar a polícia. Não acha?

SPIDER ESTAVA SENTADO PERTO DO RIACHO, NO ALTO DO PENHASCO, de costas para ele, com uma pilha de pedras à sua frente, quando um homem apareceu no gramado alto. Estava nu, exceto por uma tira de pele cor de areia em volta da cintura. Na parte de trás dela descia um rabo. Usava um colar de dentes afiados, brancos e pontudos. Seu cabelo era preto e comprido. Caminhava tranquilamente na direção de Spider, como se só fizesse seu passeio matinal e a presença de Spider ali fosse uma surpresa agradável.

Spider pegou uma pedra do tamanho de um pomelo e sentiu o peso na mão.

— Olá, filho de Anansi — cumprimentou o desconhecido. — Eu estava passando e vi você. Pensei que talvez houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar.

Seu nariz parecia torto e machucado. Spider fez que não com a cabeça. Sentia falta da língua.

-Vendo você aí, acabo pensando: "pobre filho de Anansi, deve estar com tanta fome". — O homem sorriu exageradamente. — Tenho comida o suficiente aqui para nós dois.

Ele trazia um saco em cima do ombro. Abriu-o e enfiou a mão direita nele, tirando um cordeirinho de rabo preto, recentemente abatido. Ele o segurou pelo pescoço. A cabeça do animal balançava.

— Seu pai e eu comemos juntos em muitas ocasiões. Há algum motivo para você e eu não fazermos a mesma coisa? Você pode acender o fogo. Eu vou limpar o cordeiro e arranjar uma vareta para girá-lo sobre a fogueira. Não dá até pra sentir o gosto?

Spider sentia tanta fome que estava tonto. Se ainda estivesse de posse da própria língua, talvez dissesse “sim”, seguro de sua habilidade de sair de qualquer situação complicada na base da conversa. Mas ele não tinha língua. Pegou uma segunda pedra com a mão esquerda.

— Então sejamos amigos e vamos celebrar, e que não haja mais desentendimentos... — disse o homem.

“Sei... e o abutre e o corvo limparão os meus ossos”, pensou Spider.

O homem deu mais um passo na direção de Spider, que por sua vez decidiu que era o momento de atirar a primeira pedra. Ele tinha uma boa mira e um braço excelente, e a pedra bateu onde queria

que batesse, no braço direito do desconhecido, que deixou o cordeiro cair. A outra pedra atingiu o homem na lateral da cabeça. Spider apontara para um lugar entre os olhos demasiadamente separados, mas o desconhecido se moveu.

Então o homem correu, uma corrida saltitante, com o rabo esticado atrás dele. Às vezes parecia um homem, e às vezes, um animal.

Quando sumiu, Spider andou até o lugar onde ele estava para pegar o cordeiro de rabo preto. Ele estava se movendo quando Spider chegou lá. Durante um segundo, Spider achou que ainda estivesse vivo, mas então viu que a carne estava cheia de vermes. Ela fedia, e o fedor ajudou Spider a esquecer o quanto estava faminto, pelo menos por algum tempo.

Carregou o cordeiro com o braço esticado até a beira do penhasco e o jogou no mar. Depois lavou as mãos no riacho.

Não sabia quanto tempo ficara naquele lugar. O tempo esticava-se e encolhia ali. O sol baixava no horizonte.

“Depois que o sol se puser, e antes que a lua nasça”, pensou Spider. “A fera vai voltar.”

O SUJEITO QUE REPRESENTAVA A FORÇA POLICIAL DE SAINT Andrews, uma pessoa absurdamente alegre, sentou-se no escritório, na parte da frente do hotel, com Daisy e Fat Charlie. Ouviu o que cada um deles tinha a dizer com um sorriso plácido mas pouco impressionado em seu rosto largo. Às vezes estendia um dedo e cocava o bigode.

Eles contaram ao policial que um fugitivo da justiça chamado Grahame Coats se aproximara enquanto comiam e ameaçara Daisy com uma arma que, também foram forçados a admitir, ninguém a não ser Daisy vira de verdade. Depois Fat Charlie contou do incidente com a Mercedes preta e a bicicleta naquela tarde, e não, ele não enxergara realmente quem dirigia o carro. Mas sabia de onde o carro vinha. Contou ao policial sobre a casa no alto do penhasco.

O homem tocou seu bigode grisalho de modo pensativo.

— E verdade, tem uma casa no lugar que você descreve. Mas não pertence a esse homem, Coats. Longe disso. Você está descrevendo a casa de Basil Finnegan, um homem bastante respeitável. Há muitos anos o sr. Finnegan demonstra um saudável interesse pela lei e pela ordem. Ele deu dinheiro para escolas e, o que é ainda mais importante, contribuiu com uma quantia considerável para a construção da nova delegacia de polícia.

— Ele encostou uma arma no meu estômago — observou Daisy.
— E me disse que ia atirar se a gente não fosse com ele.

— Se esse era o sr. Finnegan, mocinha, tenho certeza de que existe uma explicação perfeitamente simples.

Ele abriu a maleta e tirou um maço gordo de papéis.

— Vamos fazer o seguinte. Pensem bem no assunto. Durmam e vejam o que acham amanhã. Se pela manhã vocês ainda estiverem convencidos de que foi algo mais que um mero engano, vocês preenchem este formulário e deixam três cópias na delegacia de polícia. Perguntem onde fica a nova delegacia, nos fundos da praça central. Todo mundo sabe onde fica.

Apertou a mão dos dois e foi embora.

— Você devia ter dito a ele que também é da polícia — sugeriu Fat Charlie. — Talvez ele levasse você mais a sério.

— Não acho que faria diferença. Qualquer um que chama alguém de “mocinha” já a excluiu de sua lista mental de pessoas que valem a pena ouvir.

Saíram para o lobby do hotel.

— Para onde ela foi? — perguntou Fat Charlie.

— A tia Callyanne? Está esperando por vocês na sala de conferências — respondeu Benjamin Higglar.

— AGORA SIM — DISSE ROSIE. — Eu SABIA QUE IA CONSEGUIR SE continuasse balançando.

— Ele vai matar você.

— Ele vai matar a gente de qualquer maneira.

— Não vai funcionar.

— Mãe-. Você tem uma ideia melhor?

— Ele vai ver você.

— Mãe.. A senhora pode por favor deixar de ser tão negativa? Se a senhora tiver alguma sugestão construtiva, por favor faça. Se não tiver nada pra dizer, não diz. Ok? Silêncio. Depois:

— Eu podia mostrar a minha bunda pra ele.

— Quê?

— Você ouviu.

— Ahm... No lugar de?

— Além de.

Silêncio. Então Rosie disse:

— Bom, mal não vai fazer.

— OLÁ. SRA. HIGGLER — CUMPRIMENTOU FAT CHARLIE. — Eu quero a pena de volta.

— E por que cê acha que eu estou com a sua pena? — ela perguntou, com os braços cruzados sobre os seios volumosos.

— A Sra. Dunwiddy me contou.

A Sra. Higglar, pela primeira vez, pareceu surpresa.

— Louella disse a você que eu estou com a pena?

— Disse que a senhora está com ela.

— Estou guardando por segurança. — A Sra. Higglar fez um gesto em direção a Daisy com a caneca cheia de café. — Você não acha que eu vou começar a falar na frente dela, né? Eu não conheço ela.

— Esta é Daisy. A senhora pode dizer a ela qualquer coisa que diria para mim.

— Ela é a sua noiva. Eu ouvi.

Fat Charlie podia sentir suas bochechas começarem a arder.

— Ela não é a minha.. Na verdade não somos noivos. Eu tinha que dizer alguma coisa para afastá-la do homem com a arma.

Parecia a solução mais simples.

A Sra. Higglar olhou para ele. Atrás dos óculos grossos, seus olhos começaram a brilhar.

— Eu sei disso. Foi durante a sua música. Na frente da plateia.
— Ela sacudiu a cabeça do jeito como os velhos gostam de fazer quando estão pensando na tolice dos jovens. Abriu sua bolsa preta, tirou um envelope e deu a Fat Charlie. — Eu prometi pra Louella que ia guardar bem.

Fat Charlie tirou a pena semiesmagada do envelope, a mesma que segurara forte na noite da sessão mediúnica.

— Ok. A pena. Ótimo. Agora — dirigiu-se à Sra. Higglar—, o que exatamente eu faço com ela?

— Você não sabe?

A mãe de Fat Charlie dissera a ele, quando era pequeno, para contar até dez antes de perder o controle. Ele contou, em silêncio e sem pressa, até dez, e então perdeu o controle.

— É claro que eu não sei o que fazer com isso, sua velha idiota! Nessas duas últimas semanas fui preso, perdi a minha noiva e o meu emprego, vi o meu irmão semi-imaginário ser comido por um muro de pássaros em Piccadilly Circus, voei pra lá e pra cá sobre o Atlântico, como se fosse uma bola de pingue-pongue transatlântica maluca, e hoje subi num palco na frente de uma plateia e eu, eu cantei porque o psicopata do meu ex-chefe tinha uma arma apontada para barriga da garota com que eu estava jantando. Tudo o que eu quero é entender a bagunça que a minha vida virou desde que você me deu a ideia de falar com o meu irmão. Então, não. Eu não sei o que fazer com essa bosta de pena. Queimar? Cortar em pedaços e comer? Fazer um ninho? Segurar ela bem firme e pular da janela?

A Sra. Higglar parecia séria.

— Você precisa perguntar a Louella Dunwiddy.

— Não sei nem se posso. Ela não parecia muito bem da última vez que a vi. E nós não temos muito tempo.

Daisy disse:

— Ótimo. Você já conseguiu a pena de volta. Agora, por favor, será que podemos falar sobre Grahame Coats?

— Não é só uma pena. É a pena que eu ganhei em troca do meu irmão.

— Então troca de volta e vamos em frente com as coisas. Temos que fazer alguma coisa.

— Não é tão simples assim — respondeu Fat Charlie. Depois ele parou e pensou no que ela dissera. Olhou para Daisy com admiração:

— Meu Deus, como você é esperta.

— Eu tento ser. Mas o que foi que eu disse?

Eles não tinham quatro velhinhas, mas tinham a Sra. Higglar, Benjamin e Daisy. O jantar estava quase no fim, então Clarissa, a gerente, pareceu ficar feliz em ir até lá e se juntar a eles. Não tinham punhados de terra de quatro cores diferentes, mas havia areia branca da praia atrás do hotel, terra preta dos vasos de flores na frente, lama vermelha do lado do hotel, areia multicolorida vendida em vidros na loja de suvenires. As velas que pediram emprestado no bar ao lado da piscina eram pequenas e brancas, não altas e pretas. A Sra. Higglar garantiu a eles que podia encontrar

todas as ervas de que precisavam na ilha, mas Fat Charlie fez Clarissa pegar um saquinho de ervas mistas na cozinha.

— Acho que tudo é uma questão de autoconfiança — Fat Charlie explicou. — O mais importante não são os detalhes. É a atmosfera mágica.

No caso, a atmosfera mágica tinha dificuldade de acontecer por causa da tendência de Benjamin Higglar a olhar ao redor e explodir em gargalhadas histéricas, e também pelo fato de Daisy não parar de dizer que tudo aquilo era muito ridículo.

A Sra. Higglar derramou as ervas escolhidas numa taça de vinho branco que sobrara.

E então começou a fazer seu “hum-hum”. Levantou as mãos em sinal de encorajamento, e os outros começaram a cantarolar “hum-hum” com ela, como abelhas bêbadas. Fat Charlie ficou esperando que algo acontecesse.

Nada aconteceu.

— Fat Charlie — disse a Sra. Higglar. — Cante você também.

Fat Charlie engoliu em seco. “Não há motivo para ter medo”, disse a si mesmo. Cantara na frente de um monte de gente. Fizera uma proposta de casamento na frente de uma plateia para uma mulher que mal conhecia. Cantarolar fazendo “hum-hum” seria moleza.

Reconheceu a nota musical da Sra. Higglar e deixou-a vibrar em sua garganta.

Ele conteve o medo. E começou a cantarolar.

Benjamin parou de rir. Seus olhos se arregalaram. Havia uma expressão de espanto em seu rosto, e Fat Charlie ia parar de cantarolar para descobrir qual era o problema, mas a cantoria estava dentro dele agora, e as chamas das velas tremiam..

— Olhem pra ele! — Benjamin exclamou. — Ele está..

E Fat Charlie teria se perguntado o que exatamente ele estava, mas era tarde demais para isso.

A neblina se dissipou.

Fat Charlie andava sobre uma ponte, uma ponte longa e branca, por cima de uma água cinzenta. Um pouco à sua frente, no meio da ponte, um homem estava sentado numa cadeirinha de madeira. Estava pescando. Um chapéu panamá verde cobria os seus olhos.

Parecia tirar um cochilo. Não se moveu quando Fat Charlie chegou perto.

Fat Charlie reconheceu o homem. Pousou a mão no ombro dele.

— Sabe, eu sabia que você estava fingindo. Não achei que estivesse realmente morto.

O homem na cadeira não se moveu, mas sorriu.

— Isso mostra que você sabe muito pouco — disse Anansi. — Estou mortinho da silva. — Se espreguiçou extravagantemente, tirou um charuto pequeno e preto detrás da orelha e o acendeu com um fósforo. — E, estou morto. Acho que vou continuar morto por um tempinho. Se você não morre de vez em quando, as pessoas não te valorizam.

— Mas..

Anansi tocou os próprios lábios com um dedo para pedir silêncio. Pegou a vara de pescar e começou a recolher a linha. Apontou para uma rede pequena. Fat Charlie pegou a rede e a manteve parada enquanto seu pai baixava um peixe prateado, comprido e sacolejante que estava dentro dela. Anansi tirou o anzol da boca do peixe e depois o deixou cair num balde branco.

— Pronto. O jantar de hoje já está arranjado.

Pela primeira vez, Fat Charlie deu-se conta de que já era noite quando se sentara com Daisy e os Higglers mas, onde quer que estivesse agora, o sol ainda não tinha se posto, apesar de estar baixo.

Seu pai dobrou a cadeira e a deu para Fat Charlie carregar junto com o balde. Começaram a andar pela ponte.

— Sabe... Sempre pensei que, se você viesse um dia falar comigo, eu diria um monte de coisas pra você. Mas parece que está se saindo bem sem ajuda. Então por que é que você veio aqui? — perguntou o sr. Nancy.

— Não tenho certeza. Estava tentando encontrar a Mulher Pássaro. Quero devolver a pena pra ela.

— Você não devia ter se metido com gente desse tipo — aconselhou seu pai num tom alegre. — Não sei nada de bom daí. É toda cheia de ressentimento, aquela mulher. Mas ela é covarde.

— Foi o Spider — acusou Fat Charlie.

— Culpa sua. Deixar aquela velha intrometida mandar metade de você embora.

— Eu era uma criança. Por que você não fez nada?

Anansi empurrou o chapéu para trás na cabeça.

— A velha Dunwiddy não poderia fazer nada que você não permitisse. Você é o meu filho, afinal de contas.

Fat Charlie pensou nisso. Depois disse:

— Mas por que você não me contou?

— Você está se saindo bem. Está descobrindo tudo por si só. Você descobriu as músicas, não descobriu?

Fat Charlie se sentia mais desajeitado, mais gordo e uma fonte de desapontamento ainda maior para seu pai, mas não disse simplesmente “Não”. Em vez disso, perguntou:

— O que você acha?

— Eu acho que você está chegando lá. O negócio das músicas é que são exatamente como histórias. Não significam nada se não houver ninguém para ouvir.

Aproximavam-se do final da ponte. Fat Charlie sabia, sem que fosse preciso que alguém dissesse, que essa era a última chance que teriam para conversar. Havia tantas coisas que precisava descobrir, tantas coisas que queria saber. Resolveu falar.

— Pai... Quando eu era criança. Por que você me humilhava?

O velho franziu o rosto.

— Humilhava você? Eu te amava.

— Você me fez ir pra escola fantasiado de presidente Taft. Você acha que isso é amor?

Houve um som agudo saindo da garganta do velho que poderia ter sido uma risada. Depois ele chupou o charuto. A fumaça saía dos seus lábios como um balão de história em quadrinhos meio fantasmagórico.

— Sua mãe teve um dedo nisso. Não temos muito tempo. Você vai querer desperdiçar o tempo que temos para conversar brigando?

Charlie sacudiu a cabeça.

— Acho que não.

Tinham chegado ao final da ponte.

— Bom, quando você vir o seu irmão, quero que entregue uma coisa a ele.

— O quê?

Seu pai estendeu a mão e puxou a cabeça de Charlie para baixo. Depois o beijou suavemente na testa.

— Isso.

Fat Charlie ficou ereto. Seu pai o olhava com uma expressão que, se Charlie a tivesse visto em qualquer outra pessoa, teria achado que era orgulho.

— Me deixa ver a pena.

Fat Charlie meteu a mão no bolso. A pena estava lá, parecendo ainda mais amassada e destruída que antes.

Seu pai fez um som de “tchh” com a boca e ergueu a pena contra a luz.

— E uma bela pena. Não é bom que fique toda amassada. Ela não vai querer de volta se estiver toda estragada.

O sr. Nancy passou a mão na pena, e então ela ficou perfeita. Fez uma cara séria para a pena.

— Você vai amassar tudo de novo.

Assoprou as unhas e as esfregou no paletó. Então pareceu tomar uma decisão. Tirou o chapéu e colocou a pena na faixa do chapéu.

— Toma, você precisa mesmo de um chapéu bacana. — Pôs o chapéu na cabeça de Fat Charlie. — Fica bem em você.

Fat Charlie suspirou.

— Pai Eu não uso chapéu. Fica ridículo. Vou ficar parecendo um perfeito idiota. Por que você sempre tenta me fazer passar vergonha?

Na luz que diminuía, o velho olhou para o filho.

— Você acha que eu mentiria pra você? Filho, tudo o que você precisa para usar um chapéu é atitude. E você tem isso. Acha que eu diria que você está bem se não estivesse? Você está elegante de verdade. Não acredita em mim?

Fat Charlie disse:

— Não muito.

— Então veja — disse o pai. Apontou por sobre a murada da ponte. A água embaixo deles estava parada e tranquila como um espelho, e o homem olhando lá de baixo parecia realmente elegante com seu novo chapéu verde.

Fat Charlie ergueu os olhos para dizer ao seu pai que talvez ele, Fat Charlie, estivesse errado, mas o velho sumira.

Fat Charlie saiu da ponte e caminhou rumo ao crepúsculo.

— MUITO BEM... EU QUERO SABER EXATAMENTE ONDE ELE ESTÁ.
Para onde ele foi? O que a senhora fez com ele?

— Eu não fiz nada. Deus do céu, minha filha, isso não aconteceu da última vez — respondeu a Sra. Higler.

— Foi como se ele tivesse sido teleportado pela nave-mãe — observou Benjamin. — Que máximo! Efeitos especiais na vida real.

— Eu quero que a senhora o traga de volta — exigiu Daisy, nervosa. — Quero ele aqui agora.

— Eu nem sei onde ele está! E não mandei ele pra lá. Ele mesmo fez isso — respondeu a Sra. Higglar.

— De qualquer modo... E se ele estiver lá, fazendo o que tem que fazer, e nós o chamarmos de volta? Pode ser que estrague tudo — sugeriu Clarissa.

— Exatamente — concordou Benjamin. — Como teleportar de volta o grupo de aterrissagem bem no meio da missão.

Daisy pensou a respeito e ficou irritada ao perceber que isso fazia sentido. Pelo menos tanto sentido quanto as coisas que aconteciam nos últimos dias.

— Se nada mais vai acontecer, preciso voltar pro restaurante. Pra ver se está tudo bem — disse Clarissa.

A Sra. Higglar tomou um gole de seu café.

— Nada vai acontecer por aqui — comentou.

Daisy bateu a mão na mesa.

— Olha, com licença. Mas tem um assassino à solta. Agora o Fat Charlie foi chamado para a nave-mestra.

— Nave-mãe — corrigiu Benjamin.

A Sra. Higglar piscou.

— Tá. A gente tem que fazer alguma coisa. O que você sugere?

— Eu não sei — admitiu Daisy, e se odiou por dizer isso. — Sei lá. Passar o tempo.

Pegou uma edição do Williamstown Courier que a Sra. Higglar estava lendo e começou a folhear.

A história sobre as turistas desaparecidas, as mulheres que não voltaram para o navio onde faziam um cruzeiro, aparecia numa coluna da página 3. “As duas que estão lá em casa”, disse Grahame Coats, em sua cabeça. “Você acha que eu ia acreditar que elas estavam no navio?”

Finalmente Daisy transformou-se na policial que era.

— Preciso de um telefone.

— Vai ligar pra quem?

— Acho que podemos começar com o ministro do turismo e o chefe de polícia. E daí em diante.

O SOL, VERMELHO DIMINUÍA NO HORIZONTE. SPIDER, SE NÃO fosse Spider, teria ficado desesperado. Na ilha, naquele lugar, havia uma linha distinta entre o dia e a noite, e Spider observou enquanto o último vestígio do sol era devorado pelo mar. Tinha suas pedras e duas estacas.

Desejou ter uma fogueira.

Imaginou quando a lua se ergueria. Quando a lua surgisse, talvez tivesse alguma chance.

O sol se pôs. Um último borrão vermelho submergiu no mar escuro, e finalmente era noite.

— Filho de Anansi — disse uma voz na escuridão. — Logo eu poderei me alimentar. Você não saberá que estou aí até sentir minha respiração na sua nuca. Eu estava sobre você enquanto estive preso em estacas, e poderia ter esmagado seu pescoço ali mesmo, mas pensei melhor. Matá-lo enquanto dorme não me traria nenhum prazer. Quero senti-lo morrer. Quero que saiba que tirei sua vida.

Spider jogou uma pedra na direção de onde achava que vinha a voz e ouviu a pedra bater na grama sem ferir ninguém.

— Você tem dedos — continuava a voz —, mas eu tenho garras que são mais afiadas que facas. Você tem duas pernas, mas eu tenho quatro que nunca se cansam, que correm dez vezes mais rápido do que jamais correrá. Seus dentes podem mastigar carne se ela ficar macia e insípida pela ação do fogo, porque você tem dentinhos de macaco, bons para mastigar frutas macias e insetos que rastejam. Mas eu tenho dentes que arrancam e rasgam a carne viva dos seus ossos, e posso engolir enquanto o sangue vital ainda está jorrando.

Então Spider fez um barulho. Era um som que podia ser feito sem língua, sem nem mesmo abrir os lábios. Era um som de “pfff” de desdém, de chacota. E parecia dizer o seguinte: “Você pode ser todas essas coisas, Tigre, e daí? Todas as histórias que existem são de Anansi. Ninguém conta histórias do Tigre”.

Ouviu-se um rugido na escuridão, um rugido cheio de fúria e frustração.

Spider começou a fazer "hum-hum" com a melodia de "Tiger Rag". É uma velha canção, ótima para atazanar tigres: "Pega aquele tigrinho, cadê o tigrinho?", diz a letra.

Quando a voz ressoou na escuridão, estava mais próxima.

— Estou com a sua mulher, filho de Anansi. Quando acabar com você, rasgarei a carne dela. A carne dela sem dúvida terá um gosto mais doce que a sua. — Spider fez "humpf", o som que as pessoas fazem quando sabem que ouvem uma mentira.

— O nome dela é Rosie.

Spider então soltou um som involuntário. Na escuridão, ouviu-se uma gargalhada.

— E quanto aos olhos... Você tem olhos que veem o óbvio, à luz do dia, com sorte, enquanto os meus podem ver os pelinhos se arrepiarem no seu braço enquanto falo com você, ver o terror em seu rosto. E consigo ver tudo isso à noite. Tenha medo, filho de Anansi. Se tem alguma prece a fazer, faça agora.

Spider não tinha nenhuma prece, mas tinha pedras, e podia jogá-las. Talvez desse sorte e conseguisse acertar uma pedra no escuro. Spider sabia que seria um milagre se conseguisse, mas passara a vida inteira se valendo de milagres.

Pegou outra pedra.

Sentiu alguma coisa sobre sua mão.

“Oi”, disse a pequena aranha de argila, em sua mente.

“Oi”, pensou Spider. “Olha, eu estou meio ocupado aqui, tentando não ser devorado, então, se você puder ficar um pouquinho quieta.-”

“Mas eu as trouxe”, pensou a aranha. “Como você me pediu.”

“Como eu pedi?”

“Você me disse para buscar ajuda. Eu as trouxe comigo. Seguiram o meu fio de teia. Não há aranhas aqui, nesta criação, então eu saí e fiz teias daqui até lá. Depois voltei, com teias de novo, de lá para cá. Trouxe as guerreiras. Trouxe as mais valentes.”

— O que será que você está pensando agora? — perguntou a voz do grande felino, na escuridão. E completou, com certo refinamento no humor: — Qual o problema? O gato comeu sua língua?

Uma única aranha fica em silêncio. Aranhas cultivam o silêncio. Mesmo aquelas que fazem barulho normalmente permanecem o mais quietas que puderem, esperando. Esperar é basicamente o que as aranhas fazem.

A noite enchia-se lentamente de ruídos suaves sobre a relva.

Spider transmitiu mentalmente sua gratidão e orgulho à pequena aranha de sete patas que fizera com seu sangue, sua saliva e com a terra. A aranha saiu da sua mão com passinhos rápidos e foi até seu ombro.

Spider não podia vê-las, mas sabia que estavam todas ali: as grandes e pequenas aranhas, aranhas venenosas e aranhas que apenas picavam, aranhas grandes, peludas, e aranhas elegantes,

quitinosas. Seus olhos absorviam o mínimo de luz que conseguiam encontrar, mas viam por meio de suas pernas, de suas patas, pegando as vibrações e juntando-as para formar uma imagem virtual do mundo ao redor.

Eram um exército.

O Tigre falou mais uma vez, na escuridão.

— Quando você estiver morto, filho de Anansi, quando a sua linhagem não existir mais, as histórias serão minhas. As pessoas ouvirão histórias do Tigre mais uma vez. Ficarão unidas e louvarão minha astúcia, minha força, minha crueldade, minha alegria. Todas as histórias serão minhas. Todas as canções. O mundo será como foi uma vez: um lugar difícil, um lugar obscuro.

Spider ouviu o rastejar de seu exército.

Havia um motivo para estar sentado perto do penhasco. Embora fosse um lugar que não lhe permitia uma saída, também significava que o Tigre não podia pular sobre ele, apenas chegar perto pelo chão.

Spider começou a rir.

— Do que está rindo, filho de Anansi? Ficou louco?

Com isso, Spider riu mais e mais alto.

Uma espécie de uivo soou na escuridão. O Tigre finalmente se deparara com o exército de Spider.

Há diferentes venenos de aranha. Muitas vezes, pode levar muito tempo até se descobrir os efeitos de uma picada. Os biólogos há anos pensam nisso. Há aranhas cuja picada pode fazer o lugar infectado apodrecer e morrer, muitas vezes, mais de um ano depois da picada. E por que as aranhas fazem isso? A resposta é simples. Acham isso divertido e não querem que você as esqueça jamais.

Picadas de viúvas-negras sobre o nariz ferido do Tigre, picadas de tarântulas em suas orelhas. Em poucos segundos, todos os locais sensíveis queimavam e pulsavam, inchados, coçando. O Tigre não sabia o que estava acontecendo: tudo o que ele percebia eram a queimação, a dor, o medo repentino.

Spider riu, mais e mais alto. Prestava atenção no som de uma grande fera caindo na relva, rugindo de agonia e pavor.

Então se sentou e esperou. O Tigre voltaria, sem dúvida. Ainda não tinha acabado.

Spider pegou a aranha de sete pernas em seu ombro e a acariciou, percorrendo com os dedos seu corpo largo.

Pouco abaixo do declive, algo brilhava com uma luminosidade verde e fria, e piscava como se fossem luzes de uma pequena cidade à noite. A coisa se aproximava.

O tremular da luz tomou a forma de milhares de vaga-lumes. Uma silhueta iluminada estava no centro daquela luz, no formato de um homem. Caminhava firmemente morro acima.

Spider pegou uma pedra e mentalmente deu a entender a seu exército que devia se preparar. Então ele parou. Havia algo familiar naquela silhueta à luz dos vaga-lumes. Era alguém com um chapéu panamá verde.

GRAHAME COATS TINHA TOMADO METADE DE UMA GARRAFA DE rum que encontrara na cozinha. Abrira a garrafa porque não queria descer até a adega e também porque imaginava que aquilo lhe deixaria bêbado mais rápido que o vinho. Infelizmente não foi o caso. A bebida não parecia fazer efeito, e muito menos o desligava emocionalmente dos fatos, o que ele precisava. Caminhou pela casa com a garrafa numa mão e um copo meio cheio na outra. Às vezes tomava um gole da garrafa, outras, do copo. Viu seu reflexo num espelho, intimidado, suado.

— Ânimo! — disse em voz alta. — Talvez nunca aconteça. Nunca perder a esperança. Panela em que muitos mexem shai insossa. Vida é doce maish né mole não.

O rum chegava ao fim.

Voltou para a cozinha. Abriu vários armários até notar que havia uma garrafa de xerez no fundo. Grahame pegou a garrafa e a abraçou com carinho, como se fosse uma pequena velha amiga que ficara anos no mar.

Destampou a garrafa. Era um xerez doce, usado para culinária, mas ele entornou a bebida como se fosse limonada.

Grahame Coats percebera outras coisas enquanto procurava bebidas na cozinha. Havia, por exemplo, facas. Algumas bem afiadas. Numa gaveta, havia um pequeno serrote de aço inoxidável. Grahame Coats aprovou: seria uma solução simples para o problema que se encontrava no porão.

— Hábeas corpus. Ou hábeas delicti. Um desses dois. Se não há corpo, não há crime. Ergo. Quod erat demonstrandum.

Pegou a arma do bolso do paletó e colocou-a sobre a mesa da cozinha. Dispôs as facas num padrão, como se fossem os raios de uma roda. E então disse, no mesmo tom que usou certa vez para

persuadir as inocentes boy bands que era hora de assinar um contrato com ele e abrir as portas para a fama, e talvez para a fortuna:

— Bom... o presente é o aqui. É o agora.

Colocou três facas de cozinha no cinto, pôs o serrotinho no bolso e, com a arma na mão, desceu as escadas para o porão. Acendeu as luzes e ficou piscando, olhando para as garrafas de vinho, deitadas, cada uma em seu suporte, cada uma coberta com uma fina camada de poeira. Chegou perto da porta de metal do depósito de carnes.

— Muito bem — gritou. — Vocês ficarão felizes em saber que não vou machucá-las. Vou deixar as duas irem embora. Foi tudo um erro. Mesmo assim, nada de guardar ressentimentos. Sem chorar sobre o leite derramado. Fiquem de pé perto da parededos fundos. Fiquem em posição. Nada de gracinha.

“É reconfortante”, pensou enquanto puxava os ferrolhos da porta, “a quantidade de clichês já existentes para pessoas armadas.”

Grahame Coats sentiu-se como um membro de uma irmandade: ao seu lado Bogart, Cagney e todas as pessoas que gritavam umas com as outras em COPS (8 Programa de TV norte-americano que acompanha o cotidiano de policiais reais em seu combate contra o crime. (N. E.)

Acendeu a luz e empurrou a porta. A mãe de Rosie permanecia de pé, perto da parede dos fundos, de costas para ele. Quando ele entrou, subiu a saia e rebolou para ele uma bunda marrom, absurdamente ossuda.

Ele ficou boquiaberto. Foi aí que Rosie bateu uma corrente enferrujada contra o punho de Grahame Coats, o que fez a arma voar pelos ares.

Com o entusiasmo e a destreza de uma mulher muito mais jovem, a mãe de Rosie chutou Grahame Coats no saco e, enquanto ele punha as mãos lá e se dobrava de dor, emitindo sons numa frequência que apenas cães e morcegos são capazes de ouvir, Rosie e a mãe saíram atabalhoadamente.

Empurraram a porta, fecharam-na, e Rosie empurrou um dos ferrolhos. As duas se abraçaram.

Ainda estavam ali, na adega, quando todas as luzes se apagaram.

— Deve ser algum fusível — disse Rosie, para tranquilizar a mãe. Mas não tinha certeza de que acreditava no que dizia, embora não houvesse outra explicação.

— Você devia ter trancado a porta com os dois ferrolhos — observou a mãe. Depois fez “ai!” ao bater com o dedão do pé em alguma coisa, e disse um palavrão.

— Se pensarmos pelo lado positivo, ele também não consegue enxergar no escuro. Segura a minha mão. Acho que as escadas ficam para cá.

Grahame Coats estava de quatro sobre o chão de concreto do depósito de carnes, na escuridão, quando as luzes se apagaram. Algo quente escorria por sua perna. Pensou por um desagradável momento que tinha urinado nas calças, mas aí entendeu que a lâmina de uma das facas que colocara no cinto fizera um corte profundo na parte superior de sua perna.

Parou de se mover e deitou-se no chão. Decidiu que beber tanto foi a coisa certa a fazer: era praticamente uma anestesia. Decidiu dormir.

Não estava sozinho no depósito de carnes. Havia alguém com ele. Alguém que caminhava com quatro patas.

Então ouviu um grunhido:

— Levante-se.

— Não consigo. Estou ferido. Quero dormir.

— Você é uma criatura patética, que destrói tudo o que toca. Agora levante-se.

— Bem que eu queria — respondeu Grahame Coats, na melhor voz que conseguia fazer bêbado. — Não dá. Vou ficar deitado aqui um pouco. De qualquer forma, ela trancou a porta. Eu ouvi.

Ele ouviu um som metálico do outro lado da porta, como se o ferrolho fosse retirado lentamente.

— A porta está aberta. Agora me ouça. Se ficar aqui, você vai morrer.

Ouvia-se um barulho suave e impaciente. Uma cauda a mover-se. Um rugido meio abafado no fundo da garganta.

— Me dê a sua mão. Quero a sua lealdade. Convide-me para entrar em você — disse a voz.

— Eu não enten...

— Me dê a sua mão ou vai sangrar até morrer.

Ali, na escuridão do depósito de carne, Grahame Coats ergueu a mão. Alguém, ou alguma coisa, a pegou e ficou segurando, transmitindo confiança.

— E então? Quer me convidar para entrar em você?

Então um momento de fria sobriedade tomou Grahame Coats. Ele já havia ido muito longe. Nada que fizesse poderia piorar as coisas.

— Absolutamente — sussurrou Grahame Coats e, assim que disse isso, começou a mudar. Conseguia enxergar na escuridão como se fosse dia. Pensou, mas só por alguns segundos, ver algo ao seu lado, maior que um homem, com dentes muito afiados. Então a coisa sumiu, e Grahame Coats sentia-se ótimo. O sangue não saía mais de sua perna.

Conseguia enxergar perfeitamente na escuridão. Puxou as facas presas em seu cinto e as deixou cair no chão. Tirou os sapatos. Havia uma arma no chão, mas a deixou lá mesmo. Armas eram para os símios, as aves de rapina, os fracos. Ele não era nenhum símio.

Era um caçador.

Colocou-se de quatro e saiu, com quatro patas, para a adega.

Podia ver as mulheres. Elas haviam encontrado a escada que dava para a casa e se aproximavam dela cegamente, de mãos dadas, na escuridão.

Uma era velha, tinha carne dura. A outra era jovem, com carne macia. Sua boca salivou, a boca de alguém que só em parte era Grahame Coats.

FAT CHARLIE SAIU DA PONTE, COM O CHAPÉU PANAMA DO PAI enfiado na cabeça, e entrou na luz poente. Caminhou pela praia cheia de pedras, escorregando nelas, caindo em piscinas de água naturais. Então pisou em algo que se mexeu. Tropeçou e saiu de cima.

A coisa ergueu-se no ar, cada vez mais. O que quer que fosse, era enorme. À primeira vista, Fat Charlie pensou que tivesse o tamanho de um elefante, mas era ainda maior.

“Luz”, pensou Fat Charlie. Cantou alto, e todos os vaga-lumes daquele lugar ficaram à sua volta, acendendo-se e apagando-se com uma luz verde e fria. Com aquela luz, conseguia enxergar dois olhos maiores que pratos, que olhavam para ele de um rosto arrogante de réptil.

Ficou olhando para o ser.

— Boa noite — cumprimentou Fat Charlie com uma voz alegre.

— Olá. Ora, ora. Você tem cara de quem vai ser o meu jantar — disse a criatura com sua voz macia como seda.

— Meu nome é Charlie Nancy. Quem é você?

— Eu sou o Dragão. E vou te devorar numa abocanhada só, lentamente, ó homenzinho-de-chapéu.

Charlie piscou.

“O que o meu pai faria?”, pensou. “O que Spider faria?” Não tinha a menor ideia. “Ora, vamos. Afinal de contas, Spider meio que faz parte de mim. Posso fazer tudo o que ele pode.”

— Ahm... Você já está cansado de falar comigo. E vai me deixar seguir em frente, sem nenhum dano à minha pessoa — disse ao dragão do jeito mais convincente que conseguia.

— Uau. Bela tentativa. Mas acho que não vou, não — respondeu o dragão, com entusiasmo. — Na verdade, vou devorar você.

-Você não tem medo de limões, tem? — perguntou Fat Charlie, antes de lembrar que dera seu limão para Daisy. A criatura riu com desdém.

— Nada me dá medo.

— Nada?

— Nada.

— Nada te mata às, medo?

— É. Nada me mata de medo — admitiu o Dragão.

— Sabe, eu nada tenho aqui nos meus bolsos. Quer ver?

— Não — respondeu o Dragão, incomodado. — Não quero ver de jeito nenhum.

As asas bateram, fazendo um barulho semelhante ao de velas de um barco ao vento, e Charlie ficou sozinho na praia.

— Essa foi bem fácil.

Continuou a andar. Criou uma música para sua caminhada. Charlie sempre quisera criar músicas, mas nunca o fizera, em parte porque tinha certeza de que, se escrevesse uma música, alguém pediria a ele para cantá-la, e isso seria tão bom quanto morrer enforcado. Agora ligava cada vez menos para isso, e cantou sua música para os vagalumes, que o seguiam em sua caminhada. A canção falava sobre a Mulher Pássaro, sobre encontrar o seu irmão. Esperava que os vagalumes gostassem. A luz deles parecia pulsar e brilhar no ritmo da música.

A Mulher Pássaro esperava por ele no topo do morro.

Charlie tirou o chapéu. Puxou a pena presa à faixa.

— Toma. Acho que isso é seu. — Ela não fez nenhum movimento para pegar a pena. — Nosso trato acabou. Trouxe a sua pena. Eu quero o meu irmão. Você o levou. Quero ele de volta. Não tenho permissão para dar a outra pessoa a linhagem de Anansi.

— E se o seu irmão não estiver mais comigo?

Era difícil discernir, naquela luz dos vagalumes, mas Charlie achou que os lábios dela não tinham se movido. As palavras o cercaram por meio dos gritos dos noitibós, nos “u-úúú” das corujas.

— Quero o meu irmão de volta. E inteirinho, são e salvo. E quero que me traga ele agora. Senão tudo o que aconteceu entre

você e o meu pai durante todos aqueles anos será apenas o prelúdio. Você sabe. Só o começo.

Charlie nunca ameaçara ninguém antes. Não tinha a mínima ideia de como levaria a cabo suas ameaças, mas não tinha nenhuma dúvida de que o faria.

— Eu estava com ele — respondeu ela, com o som distante de uma garça. — Mas o deixei, sem a língua, no mundo do Tigre. Eu não poderia causar dano à linhagem de seu pai. O Tigre, sim, assim que tivesse coragem.

Ela fez “shhhhh”. As rãs e os pássaros noturnos ficaram totalmente em silêncio. Olhou para ele, impassiva, o rosto quase como se fizesse parte das sombras. Pôs a mão no bolso do casaco.

— Dê-me a pena.

Charlie colocou a pena em sua mão.

Ele se sentiu mais leve, como se ela tivesse tirado dele mais do que uma simples pena.

Então ela colocou algo em sua mão. Algo frio, úmido. Parecia um pedaço de carne. Charlie teve que reprimir a vontade de fazer um movimento com a mão para jogar aquilo fora.

— Dê isso a ele — disse ela com a voz da noite. — Agora estamos quites.

— Como eu chego ao mundo do Tigre?

— Como você chegou até aqui? — perguntou ela num tom de quem parecia achar graça. A escuridão da noite agora era completa, e Charlie estava sozinho sobre o morro.

Abriu a mão e olhou para o pedaço de carne, mole e estriado. Parecia uma língua, e ele sabia de quem deveria ser.

Colocou o chapéu de volta na cabeça e pensou: “Pondo o meu capacete de raciocínio”. Enquanto pensava, não pareceu tão engraçado. O panamá verde não era um capacete que ajudava a pensar. Era o tipo de chapéu que deveria ser usado por alguém que não apenas pensava, mas também chegava a conclusões importantes e vitais.

Imaginou os mundos como se fossem uma teia. Ela brilhava em sua mente, conectando-o a todas as pessoas que conhecia. O fio que o conectava a Spider era forte e brilhante, e emitia uma luz fria, como se fosse um vagalume ou uma estrela.

Spider já fizera parte dele. Concentrou-se nesse pensamento e deixou que a teia preenchesse sua mente. Sobre sua mão estava a língua do irmão. Aquilo fizera parte de Spider até pouco tempo antes e desejava intensamente voltar a ser parte dele. Coisas vivas têm memória.

A luz insana da teia brilhava ao seu redor. Tudo o que Charlie precisava fazer era segui-la.

Ele a seguiu, e os vagalumes ficavam juntinhos ao seu redor, viajando com ele.

— Ei, sou eu — disse Charlie.

Spider emitiu um som pequeno, horrível.

Sob a luz dos vagalumes, Spider tinha uma péssima aparência. A aparência de alguém que fora caçado, que estava ferido. Havia sangue coagulado em seu rosto e em seu peito.

— Acho que isto aqui talvez seja seu.

Spider pegou a língua com um gesto exagerado de gratidão, colocou-a na boca, empurrou-a e segurou firme. Charlie observava, esperando. Logo Spider parecia satisfeito. Experimentou mexer a boca, empurrando a língua de um lado para o outro, como se estivesse se preparando para raspar o bigode, abrindo bem a boca e movimentando a língua. Fechou a boca e se levantou. Finalmente, numa voz ainda meio mole, disse:

— Bonito chapéu.

ROSIE ALCANÇOU PRIMEIRO O TOPO DA ESCADA E EMPURROU A porta da adega. Saiu tropeçando para dentro da casa. Esperou pela mãe, bateu e fechou os ferrolhos da porta da adega. As luzes não funcionavam, mas a lua estava alta, quase cheia. Depois de toda aquela escuridão, a luz pálida da lua que atravessava as janelas da cozinha era praticamente uma inundação de luz.

“Meninos e meninas, venham brincar a noite está clara com a luz do luar.” Rosie lembrou-se de uma rima de sua infância.

— Liga pra polícia — sugeriu sua mãe.

— Onde fica o telefone?

— Como é que eu vou saber onde fica o telefone? Ele ainda está lá embaixo.

-Tá bem — disse Rosie, pensando se deveria achar um telefone para ligar para a polícia ou simplesmente sair da casa. Antes que chegasse a uma decisão, era tarde demais.

Ouviu-se um barulho tão alto que fazia doer os ouvidos. Então a porta que dava para o porão foi arrombada.

Uma sombra saiu de lá.

Era real. Ela sabia que era real. Podia vê-lo. Mas parecia impossível: era a sombra de um felino selvagem, peludo, enorme. Estranhamente, quando a luz da lua a tocava, a sombra parecia mais escura. Rosie não conseguia ver os olhos, mas sabia que aquilo estava olhando para ela. E que estava com fome.

O felino iria matá-la. Tudo acabaria.

A mãe disse:

— Ele quer você, Rosie.

— Eu sei.

Rosie apanhou o objeto grande mais próximo, um bloco de madeira, um suporte para facas agora vazio. Jogou na direção da sombra com o máximo de força que podia. Sem esperar para ver se atingira o animal, ela saiu o mais rápido que podia da cozinha, em direção ao corredor. Sabia onde ficava a porta da frente...

Algo sombrio, algo de quatro patas, movia-se mais rápido: pulou por sobre sua cabeça e aterrissou quase silenciosamente à sua frente.

Rosie encostou na parede, com a boca seca.

A fera encontrava-se entre ela e a porta da casa. Caminhava lenta e suavemente na direção de Rosie, como se tivesse todo o tempo do mundo.

A mãe saiu correndo da cozinha, passou por Rosie e foi pelo corredor até aquela sombra enorme, com os braços agitando-se no ar. Com seus punhos magros, deu um soco nas costelas do animal. Houve uma pausa, como se o mundo segurasse a respiração, e a fera virou-se para ela. Viu-se um vulto, um movimento rápido, e a mãe de Rosie agora estava no chão enquanto a sombra a sacudia, como se ela fosse uma boneca de pano na boca de um cachorro.

E então a campainha tocou.

Rosie quis gritar por socorro, mas em vez disso apenas gritava alto, sem parar. Quando se deparou com uma inesperada aranha numa banheira, ela fora capaz de gritar como uma atriz de filme B ao encontrar na banheira um homem com roupa de mergulho. Agora estava numa casa escura, com um tigre feito de sombra e um potencial assassino em série, e um deles, talvez os dois juntos, acabara de atacar a sua mãe. Pensou em duas possíveis saídas {o revólver: estava lá embaixo, no porão, tinha que descer e pegar a arma; ou a porta; podia tentar passar pela mãe e pela sombra e destrancar a porta da frente), mas seus pulmões e sua boca apenas gritavam.

Alguém bateu bem forte na porta da frente. “Estão tentando arrombar a porta”, pensou Rosie. “Mas não vão conseguir. É muito grossa.”

Sua mãe estava deitada no chão, sob a luz do luar, e a sombra permanecia sobre ela. O tigre jogou a cabeça para trás e rugiu, um rugido profundo, áspero, um misto de medo, desafio, sensação de posse.

“Estou ficando louca”, pensou Rosie, com uma certeza alucinada. “Fiquei trancada num porão por dois dias e estou tendo alucinações. Não há tigre nenhum.”

Da mesma forma, ela tinha certeza de que não havia uma mulher branca à luz da lua, embora pudesse vê-la caminhando pelo corredor. Uma mulher com cabelos loiros, pernas muito compridas e os quadris estreitos de dançarina. A mulher parou perto da sombra do tigre. E disse:

— Olá, Grahame. — A sombra-fera ergueu sua enorme cabeça e grunhiu. — Não vá pensando que pode se esconder de mim nessa fantasia idiota de tigre — continuou a mulher. Ela não parecia muito satisfeita.

Rosie percebeu que podia ver a janela através da parte superior do corpo da mulher e, assustada, caminhou para trás até ficar completamente colada à parede.

A fera grunhiu novamente, mas menos segura de si.

A mulher prosseguiu:

— Eu não acredito em fantasmas, Grahame. Passei a vida toda não acreditando em fantasmas. Aí eu conheci você. Você deixou a carreira do Morris ir ralo abaixo. Roubou da gente. Você me assassinou. Finalmente, como se já não bastasse tudo isso, me obrigou a acreditar em fantasmas.

Agora a grande sombra do felino dava ganidos baixinhos, andando de costas para a parede.

— Não pense que pode me evitar desse jeito, seu vermezinho inútil. Você pode fingir ser um tigre o quanto quiser. Mas não é um tigre. É um rato. Aliás, isso é um insulto a uma nobre e numerosa espécie de roedores. É pior que um rato. É um gerbilzinho. Uma... uma doninha.

Rosie correu pelo corredor. Passou pela fera, pela sua mãe caída. Atravessou a mulher branca, e a sensação era a de atravessar uma névoa. Chegou até a porta da frente e começou a mexer nos ferrolhos.

Em sua mente, ou talvez no mundo real, Rosie conseguia ouvir pessoas discutindo. Alguém dizia:

“Não preste atenção nela, seu idiota. Ela não pode tocá-lo. Ela é só uma duppy. Não é nem real. Pegue a moça! Vá atrás dela!”

E outra pessoa respondia:

“Sem dúvida, o seu argumento tem certo fundamento. Mas não estou convencido de que você levou em conta todos os fatores em relação a... bom discrição, custo-benefício etc... Entende?”

“Eu mando em você. Você é que tem que entender o que eu digo.”

“Mas...”

— O que eu quero saber mesmo é se você, no momento, está pouco ou muito fantasmagórico. Eu não consigo tocar as pessoas. Nem mesmo consigo tocar as coisas. Mas consigo tocar fantasmas.

A mulher branca ensaiou um chute poderoso no focinho da fera. O felino feito de sombras sibilou, como fazem os gatos, e deu um

passo para trás. O pé da mulher não acertou o focinho por questão de alguns centímetros.

Conseguiu acertar o chute seguinte, e a fera deu um rugido de dor. Outro chute, bem forte, contra o lugar que seria o focinho do tigre, e o animal fez o som que faz um gato ao tomar banho: um único “nhááu” de medo, vergonha e derrota.

O corredor encheu-se da gargalhada de uma mulher morta, uma gargalhada de quem se sentia feliz, exultante.

— Doninha! Grahame Doninha! — gritava a mulher.

Um vento frio soprou dentro da casa.

Rosie puxou o último ferrolho e destrancou a porta. A porta escancarou-se. Lá fora, luzes de lanterna tão fortes que cegavam. Gente. Carros. Uma voz feminina disse:

— É uma das turistas desaparecidas! Meu Deus..

Rosie virou-se.

Com a luz da lanterna, conseguia enxergar a mãe encolhida no chão de cerâmica e, ao lado dela, sem sapatos, inconsciente e sem nenhuma dúvida humano, e não felino, estava Grahame Coats. Um líquido vermelho os circundava, como tinta, e Rosie, por um brevíssimo instante, não conseguia discernir o que era aquilo.

Uma mulher falava com ela. Dizia:

— Você é Rosie Noah. O meu nome é Daisy. Vou achar um lugar para você se sentar um pouco. Não quer se sentar?

Alguém deve ter encontrado a caixa de luz, porque naquele momento todas as luzes da casa se acenderam.

Um homem grande, com uniforme de policial, estava agachado perto dos corpos. Ele olhou para cima e disse:

— E mesmo o sr. Finnegan. E não está respirando.

Rosie respondeu:

— Sim, por favor. Quero me sentar, sim.

CHARLIE SENTOU-SE NA BEIRADA DO PENHASCO, SOB A LUZ DA lua, com as pernas penduradas. Então falou:

— Sabe... Você era parte de mim. Quando éramos crianças.

Spider inclinou a cabeça para um lado.

— Ah, é?

— Acho que sim.

— Bom, isso explica algumas coisas.

Spider estendeu a mão. Uma aranha de argila, com sete patas, ficou parada sobre seus dedos, como se farejasse o ar.

— E agora? Você vai me tomar de volta ou coisa do tipo?

Charlie franziu a testa.

— Acho que você teve um destino melhor do que se ainda fosse parte de mim. E se divertiu muito mais.

— Rosie... O Tigre sabe tudo sobre a Rosie. A gente precisa fazer alguma coisa.

— Claro que sim — concordou Charlie.

Era como contabilidade, pensou: você coloca um valor numa coluna, deduz de outra coluna e, se fizer tudo direitinho, sai perfeito ao pé da página. Pegou na mão do irmão.

Ficaram de pé e deram um passo para a frente, para o abismo...
... e tudo ficou claro...

Um vento frio soprava entre os dois mundos.

Charlie disse:

— Você não é a parte mágica de mim, sabia?

— Não?

Spider deu mais um passo à frente. Estrelas caíam do céu, dezenas delas, fazendo riscos pelo céu escuro. Ouvia-se alguém, em algum lugar, tocando uma música alta e doce numa flauta.

Deram outro passo... e agora podiam ouvir sirenes ao longe.

— Não, não é. Acho que a Sra. Dunwiddy pensou que você fosse. Ela nos separou, mas nunca entendeu direito o que estava fazendo. Nós somos como duas metades de uma estrela do mar. Você cresceu e virou outra pessoa. E — continuou, dando-se conta, ao falar, de que aquilo era verdade — eu também.

Ficaram de pé, na beira do penhasco, à luz do dia que começava a amanhecer. Uma ambulância subia a colina, com as luzes piscando, e outra a seguia. Estacionaram do lado da estrada, perto de vários carros da polícia.

Daisy parecia dar ordens a todos eles.

— Não há muito o que possamos fazer aqui. Não agora — observou Fat Charlie. — Vamos.

O último vagalume ao redor de Charlie foi embora. Apagou-se e foi dormir.

Os dois pegaram o primeiro microônibus da manhã de volta a Williamstown.

MAEVE LIVINGSTONE ESTAVA SENTADA NO ANDAR DE CIMA, NA biblioteca da casa de Grahame Coats, cercada de seus quadros, livros e DVDs, olhando pela janela. Lá embaixo, enfermeiros colocavam Rosie e sua mãe numa ambulância e Grahame Coats na outra.

Ela ponderou que gostou muito de chutar aquela fera em que Grahame Coats se transformara. Foi a coisa que mais lhe trouxe satisfação desde que fora assassinada. Mas, se fosse sincera consigo

mesma, teria que admitir que dançar com o sr. Nancy, em termos de satisfação, só perdia para isso. Ele dançava de modo admiravelmente ágil, os pés leves. Sentiu-se cansada.

— Maeve?

— Morris?

Ela olhou em volta, mas o aposento estava vazio.

— Eu não quero atrapalhar você caso esteja muito ocupada, querida.

— Ah, que gentil. Mas acho que já terminei tudo.

As paredes da biblioteca começaram a desaparecer. Perdiam a cor, o formato. O mundo por trás das paredes começava a surgir e, naquela luz, enxergou uma pequena silhueta de uma pessoa usando um terno elegante, esperando por ela.

Pôs sua mão na dele e disse:

— Para onde nós vamos, Morris?

Ele lhe disse.

— Ah. Bom, então será uma boa mudança. Eu sempre quis ir pra lá.

E, de mãos dadas, eles se foram.

CAPÍTULO CATORZE

O QUAL CHEGA A VÁRIAS CONCLUSÕES

CHARLIE ACORDOU COM ALGUÉM BATENDO À PORTA. DESORIENTado, olhou em volta: estava num quarto de hotel. Diversos acontecimentos improváveis juntavam-se em sua mente

como mariposas ao redor de uma lâmpada. Enquanto tentava pôr alguma ordem neles, seus pés o levantaram e o levaram até a porta do quarto de hotel. Ficou olhando e piscando para o diagrama grudado na porta, que informava aonde o hóspede deveria ir em caso de incêndio. Tentou lembrar-se dos acontecimentos da noite anterior. Então destrancou a porta e a abriu. Daisy olhou para ele e disse:

— Você dormiu com esse chapéu?

Charlie pôs a mão para cima e apalpou a cabeça. Sem dúvida, havia um chapéu nela.

— Sim. Acho que sim.

— Nossa. Bom, pelo menos você tirou os sapatos. Sabia que foi muito divertido ontem à noite, e você perdeu?

— É?

— Escove os dentes — sugeriu ela, prestativa. — E troque de camisa. É, você perdeu. Enquanto estava.. — Ela hesitou. Parecia muito improvável, se você pensasse a respeito, que uma pessoa desaparecesse durante uma sessão mediúnica. Essas coisas não acontecem. Não no mundo real. — Enquanto você não estava lá — continuou —, consegui fazer o chefe da polícia ir até a casa de Grahame Coats. As turistas estavam lá.

— Turistas?

— Foi o que ele falou para a gente no jantar. Algo a respeito de a gente ter enviado duas pessoas, as duas que estavam na casa. Eram a sua noiva e a mãe dela. Ele trancou as duas no porão.

— E elas estão bem?

— Estão no hospital.

— Ah.

— A mãe está bem mal. Mas acho que a sua noiva vai ficar bem.

— Será que pode parar de chamá-la de minha noiva? Ela não é mais minha noiva. Ela terminou o noivado.

— Sim. Mas você não, certo?

— Ela não me ama. Bom, agora vou escovar os dentes e trocar de camisa. Preciso de um pouco de privacidade.

— Aproveite e tome um banho. Esse chapéu tem cheiro de charuto.

— E herança de família — respondeu ele.

Entrou no banheiro e trancou a porta.

O HOSPITAL FICAVA A DEZ MINUTOS DE CAMINHADA DO HOTEL. Spider estava sentado na sala de espera, segurando uma edição da revista Entertainment Weekly cheia de orelhas como se a lesse de fato.

Charlie tocou-lhe no ombro, e Spider teve um sobressalto. Olhou para cima, ansioso, mas, ao ver o irmão, relaxou. Mas não muito.

— Me disseram para esperar aqui. Porque eu não sou membro da família e tal.

Charlie ficou espantado.

— Ué, por que você simplesmente não disse a eles que era um parente? Ou um médico?

Spider pareceu incomodado.

— Bom, é fácil fazer essas coisas quando você não se importa. Se eu não me importo em poder entrar lá ou não, é fácil entrar. Mas agora eu me importo, e odiaria atrapalhar ou fazer algo errado... Quer dizer... E se eu tentasse e eles dissessem “não”, e aí... Por que você está sorrindo?

— Nada de mais. É que isso me soa meio familiar. Vamos. Vamos entrar e falar com a Rosie. Sabe — continuou ele, dirigindo-se a Daisy —, existem dois meios de uma pessoa entrar num hospital sem ser identificada. Ou você tenta parecer que é do lugar... Olha só, Spider. Olha ali um jaleco, pendurado na porta. Do seu tamanho. Como eu ia dizendo— Ou você tenta parecer tão deslocado que ninguém vai reclamar da sua presença. Sempre vão deixar o trabalho de averiguar isso para outra pessoa.

E aí Charlie começou a fazer um “hum-hum” ritmado.

— Que música é essa? — perguntou Daisy.

— O nome é “Yellow Bird” — respondeu Spider.

Charlie empurrou o chapéu para trás. Eles entraram no quarto de Rosie.

Ela estava sentada na cama, lendo uma revista, e parecia preocupada. Quando viu os três entrarem, pareceu ainda mais preocupada. Seus olhos pulavam de Spider para Charlie, e de volta para Spider.

— Vocês estão bem longe de casa, não?

Foi tudo o que ela disse.

— Todos nós — respondeu Charlie. — Bom, você já conhece o Spider. Essa é a Daisy. Ela é da polícia.

— Não sei se ainda sou — corrigiu Daisy. — Provavelmente me meti numa grande enrascada.

— Era você quem estava lá ontem à noite? A policial que fez a polícia da ilha ir até a casa? — perguntou Rosie. Depois de uma pausa, continuou: — Já teve notícias de Grahame Coats?

— Ele está na UTI, assim como a sua mãe.

— Bom, se ela acordar antes dele, espero que o mate — replicou Rosie. — Eles não falam nada sobre a condição da minha mãe. Só dizem que é muito grave e que vão falar comigo somente quando houver algo a dizer.

Olhou para Charlie com olhos tranquilos e disse:

— Ela não é tão má quanto você acha que é, sabe. Não quando você passa um tempo com ela para conhecê-la melhor. A gente teve bastante tempo para conversar, trancadas no escuro. Ela é legal.

Assoou o nariz. Continuou:

— Eles acham que ela não vai sobreviver. Não me disseram isso diretamente, mas meio que disseram isso sem dizer, sei lá. Engraçado. Sempre achei que ela sobreviveria a qualquer coisa.

— Eu também. Sempre achei que, se houvesse uma guerra nuclear, ainda restariam as baratas e a sua mãe — concordou Charlie.

Daisy pisou no pé de Charlie, repreendendo-o, e perguntou:

— Já sabem o que houve com a sua mãe?

— Eu falei pra eles. Havia um animal naquela casa. Talvez fosse o Grahame Coats. Quer dizer, era ele, mas também era outra coisa. Ela conseguiu distrair a fera, e aí foi atacada...

Ela tinha explicado os acontecimentos para a polícia naquela manhã da melhor maneira que podia. Decidiu que nãoalaria sobre a mulher fantasma. Às vezes nossa mente cede à pressão da situação. Concluiu que era melhor que as pessoas não soubessem que isso acontecera com ela.

Então Rosie caiu no choro. Olhava para Spider como se acabasse de se lembrar de quem ele era.

— Eu ainda te odeio, sabia?

Spider não disse nada, mas uma expressão de dor surgiu em seu rosto. Aí ele não parecia mais um médico. Agora parecia alguém que pegou um jaleco branco detrás de uma porta e estava preocupado se alguém descobriria.

Ela falou num tom sonhador:

— Só que.. Só que, quando eu estava lá, no escuro, achei que você estivesse me ajudando. Que você ajudava a manter o animal longe de mim. O que aconteceu com o seu rosto? Está todo arranhado.

— Ah, um bicho me arranhou.

— Sabe, agora que eu estou vendo vocês dois juntos, acho que não se parecem nem um pouco.

— É que eu sou mais bonito — interrompeu Charlie, e o pé de Daisy pressionou os dedos do pé dele mais uma vez. Daisy disse, baixinho:

— Deus do céu! — Depois, um pouco mais alto: — Charlie? Tem uma coisa que eu quero falar com você lá fora. Agora.

Saíram para o corredor do hospital, deixando Spider no quarto.

— Que foi? — perguntou Charlie.

— Que foi o quê?

— O que você quer falar comigo?

— Nada.

— Então por que saímos do quarto? Você ouviu o que ela disse. Ela o odeia. A gente não devia ter deixado os dois juntos. Ela deve estar matando o Spider neste momento.

Daisy olhou para ele com a mesma expressão com a qual Jesus Cristo talvez teria olhado para alguém que tivesse acabado de explicar que não sabia se era alérgico a pão e peixe, então será que Ele não poderia fazer uma saladinha básica de frango? Era uma expressão de pena, e também de uma compaixão quase infinita.

Pôs o dedo em riste perto dos lábios e o puxou de volta para a porta. Ele olhou para dentro do quarto do hospital: não parecia que Rosie estivesse matando Spider. Muito pelo contrário, aliás.

— Ah... — disse Charlie.

Eles estavam se beijando. Dito dessa maneira, ninguém poderia culpar uma pessoa que observasse a cena se pensasse que era um beijo normal, com contato dos lábios, da pele, talvez um pouco de língua. Talvez nem todos perceberiam como Spider sorria, como seus olhos brilhavam. Quando o beijo acabou, nem todos notariam o modo como estava ali, de pé, como se fosse um homem que acabara de descobrir a arte de ficar em pé e que também descobrira como fazer isso melhor do que todas as outras pessoas.

Charlie voltou-se para o corredor e viu Daisy conversando com diversos médicos e o policial que tinham conhecido na noite anterior.

— Bom, a gente sempre desconfiou que ele fosse um mau elemento — dizia o policial a Daisy. — Porque, francamente, esse tipo de comportamento só pode vir de estrangeiros. As pessoas daqui nunca fariam essas coisas.

— Sim... claro.. — respondeu Daisy.

— Sou muito, muito grato a vocês — agradeceu o chefe da polícia, dando tapinhas amigáveis no ombro de Daisy de um jeito que a fez querer morrer. — Esta mocinha aqui salvou a vida daquela mulher — continuou o policial para Charlie, aproveitando para dar também um tapinha condescendente no ombro dele antes de sair com os médicos pelo corredor.

— E então? O que está acontecendo?

— Bom, Grahame Coats morreu — respondeu ela. — Quer dizer, mais ou menos. Também não há muita esperança para a mãe de Rosie.

— Entendo.

Pensou sobre o assunto. Quando terminou de pensar, chegou a uma decisão.

— Você me dá um segundinho para falar com o meu irmão? Acho que eu e ele precisamos conversar.

— Eu preciso voltar ao hotel, de qualquer maneira. Ver se chegou algum e-mail pra mim. Talvez precise fazer ligações e me desculpar eternamente ao telefone. Descobrir se ainda tenho uma carreira pela frente.

— Mas você é uma heroína, não?

— Não acho que sou paga para cometer atos de heroísmo — observou ela, um tanto desanimada. — Me encontre no hotel quando terminar.

Spider e Charlie caminharam pela rua principal de Williamstown, à luz do sol da manhã.

— Sabe, esse chapéu é bem legal — disse Spider.

— Você acha?

— Sim. Posso experimentar?

Charlie deu a Spider o panamá verde. Spider colocou o chapéu e olhou seu reflexo na vitrine de uma loja. Fez uma careta e deu o chapéu de volta a Charlie. E disse, desapontado:

— Bom., pelo menos fica legal em você.

Charlie colocou o chapéu de volta. Alguns chapéus só podem ser usados se você quer passar um ar de desenvoltura. Colocar o chapéu num determinado ângulo e andar com passos leves, como se estivesse prestes a sair dançando. São chapéus que exigem muito de quem os usa. E esse chapéu era um deles, e Charlie aceitava o desafio.

— A mãe de Rosie está morrendo — contou.

— É.

— Eu nunca, nunca gostei dela.

— Eu não a conhecia tão bem quanto você. Mas, com o tempo, tenho certeza de que eu também não gostaria dela nem um pouco.

— Precisamos salvar a vida dela, não?

Charlie disse isso sem entusiasmo, como se dissesse que precisa marcar consulta com o dentista.

— Não sei se podemos fazer esse tipo de coisa.

— O papai fez isso pela nossa mãe. Fez ela melhorar por um tempo.

— Mas isso foi ele. Não sei como a gente faria isso.

— O lugar no fim do mundo. O das cavernas.

— Começo do mundo, não fim. O que é que tem?

— Não podemos simplesmente ir pra lá? Sem aquela abobrinha toda de velas e ervas?

Spider ficou em silêncio. E então assentiu com a cabeça.

— Acho que sim.

Viraram-se juntos, para uma direção que nem sempre estivera ali, e caminharam para longe da rua principal de Williamstown.

Agora o sol se erguia, e Charlie e Spider caminhavam por uma praia cheia de crânios. Não eram exatamente crânios humanos. Cobriam a areia como se fossem pedrinhas amarelas. Charlie evitava pisar neles o máximo que podia, enquanto Spider andava por cima deles, esmagando-os. Chegando ao fim da praia, pegaram uma saída à esquerda que dava para tudo, e as montanhas do começo do mundo erguiam-se à frente deles, e o penhasco lá embaixo.

Charlie lembrou-se da última vez que estivera ali. Parecia que tinha sido mil anos antes.

— Onde estão todos? — perguntou bem alto, e sua voz ecoou contra as rochas. — Alguém aí?

E lá estavam eles, observando-o. Todos eles. Pareciam mais altivos agora. Menos humanos, mais animais, mais selvagens. Deu-se conta de que os vira como pessoas da última vez porque esperava encontrar pessoas. Mas não eram pessoas. Dispostos sobre as pedras, acima deles, estavam o Leão e o Elefante, o Crocodilo e a Serpente, o Coelho e o Escorpião, e todos os outros, centenas deles. Eles os observavam com olhos sérios: animais, sem dúvida. Animais que nenhuma pessoa viva seria capaz de identificar. Todos os animais que já apareceram nas histórias. Todos os animais com que as pessoas já sonharam, adoraram religiosamente ou foram capazes de estabelecer relações.

Charlie viu todos eles.

“Uma coisa é cantar para salvar a própria pele, num salão cheio de gente jantando, de impulso, com alguém apertando uma arma contra a barriga da moça que você—, da moça que você— Ah. Bom”, pensou Charlie, “vou pensar nisso depois.”

Naquele momento, a única coisa que queria era pôr a cabeça num saco de papel ou então desaparecer.

— Deve haver centenas deles — comentou Spider, admirado.

Houve um movimento rápido no ar, sobre uma rocha perto deles, o qual se transformou na Mulher Pássaro. Ela cruzou os braços e ficou olhando para eles.

— O que quer que você pense em fazer, é melhor fazer logo. Eles não vão esperar pra sempre — observou Spider.

A boca de Charlie estava seca.

— Certo.

— Então— Ahm.... O que devemos fazer agora?

— Vamos cantar para eles.

— Quê?

— E assim que resolvemos as coisas. Eu descobri. Nós cantamos, eu e você.

— Não entendo. Cantar o quê?

— A canção. Você canta essa canção e resolve tudo — a voz de Charlie soava desesperada. — A canção.

Os olhos de Spider estavam vazios como poças com água da chuva. Charlie viu neles coisas que não vira antes: afeição, talvez. Confusão também. E, em grande parte, arrependimento.

— Eu não sei do que você está falando.

O Leão os observava do lado de uma pedra que saía do chão. O Macaco os observava de uma árvore. E o Tigre..

Charlie viu o Tigre. Ele caminhava alegremente. Sua face estava inchada, ferida, mas havia um brilho em seus olhos. Parecia que ficaria mais do que feliz em empatar o placar com Charlie e Spider.

Charlie abriu a boca. Saiu um som baixinho, um coaxado, como se ele tivesse engolido uma rã nervosa.

— Não adianta. Foi uma ideia idiota, não foi? — sussurrou para Spider.

— É.

— Você acha que dá para a gente simplesmente ir embora?

O olhar nervoso de Charlie varreu a encosta da montanha e as cavernas, vendo cada uma das centenas de criaturas, totens que existiam antes do começo de tudo. Havia uma figura que não vira da última vez, e que olhou para eles: um homem pequeno, com luvas verde-limão e um bigodinho fino, mas sem chapéu panamá para cobrir seu cabelo já ralo.

Quando Fat Charlie olhou para ele, o velho piscou.

Não era muito, mas foi o suficiente.

Charlie encheu os pulmões e começou a cantar. "Meu nome é Charlie", cantou. "Sou filho de Anansi. Ouçam a minha canção. Ouçam a minha vida."

Cantou para eles a música sobre o menino que era metade deus e metade gente e foi dividido em dois por uma velha ressentida. Cantou sobre o pai, cantou sobre a mãe.

Cantou sobre nomes, palavras, as estruturas sob a realidade, os mundos que faziam os mundos, as verdades por trás de como as coisas são. Cantou a respeito do destino adequado e de fins justos para aqueles que o machucassem ou machucassem sua família.

Cantou o mundo.

Era uma boa música, e era a sua música. Algumas vezes havia palavras, outras não se ouvia palavra alguma.

Enquanto cantava, todas as criaturas que o ouviam começaram a bater palmas, a bater os pés e a cantarolar junto. Charlie sentia-se como um fio condutor para uma fantástica canção que englobava a todos. Cantou sobre os pássaros, sobre a magia que era olhar para cima e vê-los voando, e o brilho do sol sobre a pena de uma asa à luz da manhã.

Os totens agora dançavam, cada um fazendo a dança de sua espécie. A Mulher Pássaro fazia os passos da dança arrastada dos pássaros, exibindo as penas da cauda, jogando a cabeça para trás.

Havia uma única criatura perto da montanha que não dançava.

O Tigre agitava a cauda. Não batia palmas, não cantava nem dançava. Seu rosto estava roxo, ferido, e seu corpo, coberto de picadas e pontos inchados. Ele desceu com passos de veludo pelas pedras, um passo de cada vez, até ficar perto de Charlie.

— As músicas não são suas — grunhiu.

Charlie olhou para ele e começou a cantar sobre o Tigre, sobre Grahame Coats, sobre aqueles que faziam dos inocentes suas vítimas. Virou-se e viu Spider olhando para ele com admiração. O Tigre rugiu de raiva. Charlie pegou o rugido e o cobriu com sua canção. Então ele mesmo rugiu, exatamente como o Tigre. Bom, o rugido começou exatamente como o rugido do Tigre, mas então Charlie o modificou, de modo a fazer dele um rugido abobalhado. Todas as criaturas que observavam sobre as pedras começaram a rir. Era impossível não rir. Charlie fez o rugido abobalhado de novo. Como toda imitação, como toda caricatura perfeita, isso teve o efeito de tornar aquilo que imitava intrinsecamente ridículo. Ninguém jamais ouviria o Tigre rugir de novo sem ouvir o rugido do Charlie junto. “Que rugido mais abobalhado!”, diriam.

O Tigre deu as costas para Charlie. Andou com passos rápidos pela multidão, rugindo enquanto corria, o que apenas provocou risos ainda mais altos. O Tigre voltou para sua caverna, aborrecido. Spider fez um gesto com as mãos, um movimento rápido. Ouviu-se um som de pedras rolando, e a entrada da caverna do Tigre ficou coberta com as pedras que caíram. Spider pareceu satisfeito. Charlie continuou a cantar.

Cantou sobre Rosie Noah e a também a canção da mãe de Rosie: cantou desejando uma longa vida para a Sra. Noah e também toda a felicidade que ela merecia.

Cantou sobre sua vida, sobre a vida de todos eles. Em sua canção, viu o modo de vida que levavam como se fosse uma teia em que caíra uma mosca. Com sua canção, envolveu a mosca, impedindo-a de fugir, enquanto consertava a teia com novos fios. Agora a canção chegava, em seu ritmo natural, ao fim. Charlie deu-se conta, muito surpreso, de que gostou de cantar para outras pessoas. Naquele momento soube que aquilo era o que ele faria pelo resto da vida. Ele cantaria. Não canções grandes e mágicas, que criavam mundos ou recriavam a existência, mas canções pequenas, que deixariam as pessoas felizes por algum tempo, que as fariam dançar e se esquecer, mesmo que por pouco tempo, de seus problemas. Ele sabia que sempre teria medo antes de cantar. O medo de subir num palco, que nunca iria embora. Mas também compreendeu que seria como pular dentro de uma piscina: a água seria fria e desagradável apenas por alguns segundos, mas o desconforto passaria e ele se sentiria bem...

Nunca tão bem assim. Nunca mais. Mas se sentiria bem, sem dúvida.

Então ele terminou. Charlie abaixou a cabeça. As criaturas sobre o penhasco deixaram as últimas notas morrerem no ar. Pararam de bater os pés, pararam de bater palmas, pararam de dançar. Charlie tirou o chapéu verde de seu pai e com ele abanou o rosto.

Spider sussurrou:

— Isso foi fantástico.

— Você poderia ter feito a mesma coisa — observou Charlie. — Acho que não. O que estava acontecendo, afinal? Senti como se você estivesse fazendo alguma coisa, mas não consegui descobrir o quê.

— Eu resolvi as coisas. Para a gente. Eu acho. Não tenho certeza
— E não tinha mesmo. Agora que a música acabara, o conteúdo da letra se dissipava, como um sonho pela manhã.

Apontou para a boca da caverna que estava bloqueada pelas pedras.

— Foi você que fez aquilo?

— Sim — respondeu Spider. — Achei que era o mínimo que eu poderia fazer. Mas o Tigre alguma hora vai conseguir sair. Eu queria ter feito algo pior do que deixá-lo preso, pra falar a verdade.

— Não se preocupe. Eu fiz algo bem pior.

Observou enquanto os animais se dispersavam. O pai não estava lá, e isso não o surpreendeu.

— Vamos. Precisamos voltar.

SPIDER VOLTOU AO HOSPITAL PARA VER ROSIE NO HORÁRIO DE visitas. Levava consigo uma caixa grande de bombons, a maior que conseguira comprar na lojinha de presentes do hospital.

— Pra você.

— Obrigada.

— Disseram que talvez a minha mãe sobreviva. Parece que ela abriu os olhos e pediu mingau. O médico disse que é um milagre.

— Sim. A sua mãe pedindo comida. Parece um milagre, sem dúvida.

Rosie deu um tapa no braço dele, aproveitando para deixar a mão ali mesmo.

— Sabe — começou após alguns instantes —, talvez você ache isso bobo. Mas quando eu estava lá, no escuro, com a minha mãe, achei que você estava me ajudando. Eu senti como se você estivesse afastando a fera. Que, se você não tivesse feito o que quer que fez, ela teria nos matado.

— E... talvez eu tenha ajudado.

— Sério?

— Eu não sei. Acho que sim. Eu também estava em apuros, e aí pensei em você.

— Situação muito complicada?

— Sim. Muito.

— Será que você pode me servir um copo d'água, por favor?

Ele serviu.

— Spider...O que você faz?

— O que eu faço?

— Pra ganhar a vida.

— Ah, o que eu estiver a fim de fazer.

— Acho que vou ficar aqui mais um tempo. As enfermeiras dizem que precisam muito de professores na ilha. Eu gostaria de fazer alguma diferença.

— Pode ser divertido.

— E o que você faria se eu ficasse?

— Ah... Bom, se você ficasse por aqui, eu certamente acharia alguma coisa para me manter ocupado.

Os dois entrelaçaram os dedos, deixando as mãos tão apertadas quanto um nó de marinheiro.

— Você acha que a gente vai dar certo?

— Acho que sim — respondeu Spider, sério. — E, se eu me encher de você, posso ir embora e arranjar outra coisa pra fazer. Então não se preocupe.

— Ah. Não estou preocupada.

E não estava. Por baixo da doçura em sua voz, havia uma dureza de aço. Dava pra ver de onde vinha a dureza de sua mãe.

CHARLIE ENCONTROU DAISY NA PRAIA, NUMA CADEIRA DE praia. Pensou que ela tivesse adormecido ao sol. Quando sua sombra a cobriu, ela disse:

— Oi, Charlie.

Não abriu os olhos.

— Como você sabia que era eu?

— O seu chapéu tem cheiro de charuto. Você vai se livrar dele rapidinho, né?

— Não. Eu já falei. É herança de família. Quero usá-lo até morrer, e depois deixar para os meus filhos. E então... Você ainda tem o seu emprego como policial?

— Mais ou menos. O meu chefe me falou que decidiram que eu estava sofrendo de esgotamento nervoso por causa do trabalho. Portanto estou de licença médica até me sentir bem para voltar.

— Ah;; E quando será isso?

— Não tenho certeza. Pode me passar o bronzeador?

Ele tinha uma caixinha no bolso. Tirou a caixinha e colocou sobre o braço da cadeira de praia.

— Num instante. Ahm... — Ele fez uma pausa. — Sabe, a gente já fez a parte super embaraçosa disso à queima-roupa. — Abriu a caixinha. — Mas esse é um presente meu para você. Bom, a Rosie me devolveu. A gente pode trocar por uma que você goste. Escolha uma diferente. Talvez nem sirva no seu dedo. Mas é seu. Se você o quiser. E... ahm.. se me quiser.

Ela pegou a caixinha e tirou de lá a aliança de noivado.

— Humpf. Tudo bem. Desde que você não esteja fazendo isso só pra ter o limão de volta.

O TIGRE CAMINHAVA COM SEU ANDAR PREDATÓRIO. A CAUDA agitava-se, irritada, de um lado para o outro enquanto andava para lá e para cá, perto da entrada da caverna. Seus olhos brilhavam como tochas de esmeralda na escuridão.

— O mundo todo, todas as coisas, tudo era meu. A lua, as estrelas, o sol, as histórias. Eu era dono de tudo isso.

— Creio ser de grande importância chamar à sua atenção que você já disse isso — observou uma vozinha no fundo da caverna.

O Tigre parou de andar. Virou-se e foi até o fundo da caverna, fluindo como se fosse um tapete de pelos sobre molas hidráulicas. Caminhou até chegar perto da carcaça de um boi e, com voz calma, disse:

— Como é que é?

Ouviu-se um som de algo cavando dentro da carcaça. A ponta de um focinho surgiu das costelas.

— Na verdade — começou o ser —, eu estava concordando com você, por assim dizer. Era o que eu estava fazendo. — Pequenas mãos branquinhas puxaram uma faixa fina de carne seca dentre duas costelas, revelando um animal que tinha a cor de neve suja. Talvez fosse um suricato albino, ou algum tipo bastante peculiar de doninha, em sua pelagem de inverno. Tinha olhos de bichinho que comia carniça. — O mundo todo, todas as coisas, tudo era meu. A lua, as estrelas, o sol, as histórias. Eu era dono de tudo isso — continuou o bichinho. — E poderia ser meu de novo.

O Tigre ficou olhando para o pequeno animal. Então, sem aviso, uma de suas enormes patas desceu sobre ele, esmagando as costelas da carcaça, quebrando-a em pequenos fragmentos fétidos, prendendo o animalzinho ao chão. Ele se contorcia, mas não conseguia escapar.

— Você só está aqui — ameaçou o Tigre, seu enorme focinho bem perto da pequenina cabeça do animal branco — porque eu permito. Você entendeu? Porque, da próxima vez que você disser algo que me irrite, eu arranco a sua cabeça.

— Mmmmmf— disse o bicho que se parecia com uma doninha.

— Você não quer que eu morda a sua cabeça e a arranque, certo?

— Nggk— negou o bichinho. Seus olhos eram de um azul pálido, duas lascas de gelo, e brilhavam enquanto se contorcia, incomodado com o peso da pata gigante.

— Então prometa que vai se comportar e ficar quieto — grunhiu o Tigre. Ergueu um pouco a pata para permitir que o animal falasse.

— Sem dúvida — concordou a Coisinha branquela, de um jeito muitíssimo educado. Com um movimento ágil, contorceu-se e enfiou os dentinhos afiados na pata do Tigre. O Tigre urrou de dor e fez um movimento rápido com a pata, o que fez o animalzinho voar pelos ares. Ele bateu no teto de pedra, quicou sobre uma pedra que saía da parede e, de lá, saiu como uma flecha, um vulto branco, encardido, para a parte mais funda da caverna, onde o teto era muito baixo e próximo ao chão, e onde havia muitos lugares para um pequeno animal esconder-se, lugares que um animal maior não conseguiria alcançar.

O Tigre caminhou para o fundo da caverna o mais fundo que pôde.

— Você acha que eu não posso esperar? Você terá que sair daí mais cedo ou mais tarde. E eu não vou a lugar nenhum.

O Tigre deitou-se. Fechou os olhos e logo começou a fazer ruídos de quem dormia, bastante convincentes.

Depois de mais ou menos meia hora de ronco do Tigre, a pálida criatura saiu com cuidado das pedras e foi sorrateiramente de sombra a sombra, tentando alcançar um grande osso que ainda tinha bastante carne, se você não se importasse com a carne rançosa — e o bichinho não se importava. Mesmo assim, para chegar ao osso, teria que passar pela enorme fera. O bicho se escondeu nas sombras. Então se aventurou a chegar perto, com suas patinhas silenciosas.

Quando passou pelo Tigre que dormia, uma pata dianteira ergueu-se e as garras fincaram-se sobre a cauda da criatura, prendendo-a ao chão. A outra segurava o bichinho pelo pescoço. O enorme felino abriu os olhos.

— Pelo jeito, parece que temos que suportar um ao outro. Então tudo o que eu peço é que você se esforce um pouquinho. Nós dois podemos nos esforçar. Duvido que possamos ser amigos, mas talvez sejamos capazes de tolerar um ao outro.

— Compreendo o seu ponto de vista — disse o furãozinho. — Como dizem, a necessidade é a mãe da invenção.

— Isso aí é um exemplo do que eu estou falando — respondeu o Tigre. — Você precisa aprender a ficar com a boca fechada.

— Toda rosa tem seu espinho — continuou o bichinho.

— Agora você está me irritando de novo. Estou tentando explicar. Não me irrite. Assim eu não arranco a sua cabeça.

— Você vive usando essa expressão, “arrancar a cabeça”. Mas, quando diz que vai arrancar a minha cabeça, suponho que na verdade é algum tipo de metáfora. Que você está dizendo que irá, digamos, ralhar comigo?

— Significa arrancar a sua cabeça. Esmagá-la. E comê-la. E depois engolir — respondeu o Tigre. — Nenhum de nós pode sair até que o filho de Anansi esqueça que estamos aqui. E, do jeito que aquele desgraçado planejou tudo, mesmo se eu matar você pela manhã, lá pela tarde você estará reencarnado de novo nessa caverna maldita. Então não me irrite.

— Bom, como dizem, nada como um dia..

— Se você disser “após o outro”, eu ficarei irritado e haverá sérias consequências. Não. Diga. Nada. Irritante. Entendeu bem?

Houve um breve silêncio naquela caverna, no fim do mundo. O silêncio foi quebrado por uma vozinha de doninha:

— Absolutotalmente.

Então a voz começou a dizer “aaaau”, mas de repente foi silenciada de vez.

E já não havia mais nada naquele lugar além do som da mastigação.

ALGO QUE NUNCA NOS DIZEM SOBRE CAIXÕES NOS LIVROS, PORque sem dúvida não é uma vantagem para as pessoas que os compram, é que são muito confortáveis.

O sr. Nancy estava muito satisfeito com o seu. Agora que toda a agitação acabara, voltou ao seu caixão e tirou um cochilo bem

gostoso. De vez em quando, acordava e se lembrava de onde estava. Então virava para o lado e voltava a dormir.

A cova, como já foi dito, é um ótimo lugar. Além disso, proporciona privacidade. E portanto um lugar excelente para relaxar. Sete palmos abaixo da terra, sem dúvida o melhor lugar que há. "Depois de uns 20 anos, mais ou menos", pensou, "pensaria em sair de lá."

Abriu um olho quando o funeral começou.

Conseguia ouvi-los lá em cima: Callyanne Higglers e a Sra. Bustamonte, e a outra, a magrinha, sem mencionar a pequena horda de netos, bisnetos e tataranetos, todos cantando, gemendo e chorando baldes por causa da falecida Sra. Dunwiddy.

O sr. Nancy pensou em erguer uma mão através da grama e agarrar o tornozelo de Callyanne Higglers. Era algo que ele sempre quis fazer desde que viu o filme Carrie num drive-in, 30 anos antes. Mas, agora que a oportunidade estava à sua frente, resistiu à

tentação. Ela sem dúvida iria gritar, teria um ataque do coração e morreria. Aí aquele Jardim do Repouso ficaria ainda mais cheio do que já estava.

E dava muito trabalho, de qualquer maneira. Havia ótimos sonhos que poderia ter naquele mundo sob o chão. “Vinte anos”, pensou. “Talvez uns 25. Quando chegar essa época”, pensou, “talvez até tenha netos. É sempre interessante ver como os netos saíram.”

Podia ouvir Callyanne Higglar gemendo e chorando acima dele. Então ela parou de soluçar, o suficiente para anunciar:

— Mesmo assim, não dá pra dizer que ela não teve uma vida longa e próspera. Essa mulher morreu aos 103 anos de idade.

— Cento e quatro! — corrigiu uma voz irritada, vinda do solo, perto dele.

O sr. Nancy esticou um braço imaterial e bateu na lateral do caixão novo.

— Fica quieta, mulher! Tem gente aqui querendo dormir.

ROSIE DEIXOU BEM CLARO PARA SPIDER QUE ESPERAVA QUE ELE tivesse um emprego fixo, do tipo que obriga a pessoa a acordar cedo e ir trabalhar.

Então, certa manhã, um dia antes de Rosie receber alta do hospital, Spider levantou-se bem cedo e foi até a biblioteca municipal. Acessou o computador, passeou pela Internet e, muito cuidadosamente, apagou as contas bancárias restantes de Grahame Coats. Aquelas que a polícia de diferentes continentes até o momento não conseguira encontrar. Pôs a fazenda de criação na Argentina à venda. Comprou uma pequena empresa já pronta, investiu algum dinheiro e preencheu o formulário para pedir empréstimo do governo. Enviou um e-mail no nome de Roger Bronstein contratando um advogado para administrar seus negócios, e sugeriu que entrasse em contato com a Sra. Rosie Noah, de Londres, mas atualmente residindo em Saint Andrews, e a contratasse para a parte filantrópica.

Rosie foi contratada. Sua primeira tarefa foi encontrar um lugar para o escritório.

Depois disso, Spider passou quatro dias inteiros caminhando pela praia (dormindo à noite) que circundava grande parte da ilha, experimentando a comida de cada um dos lugarzinhos que encontrava no caminho até chegar ao Dawsons Fish Shack. Experimentou o peixe-voador frito, os figos verdes aferventados, o frango grelhado e a torta de coco. Foi até a cozinha falar com o chef, que era o dono do lugar, e ofereceu-lhe dinheiro suficiente para ser seu sócio e para ter com ele aulas de culinária.

Agora o Dawsons Fish Shack é um restaurante, e o sr. Dawson aposentou-se. Algumas vezes Spider fica lá na frente; outras, na cozinha. Se você entrar lá e procurar por ele, irá encontrá-lo. A comida é a melhor da ilha. Ele está mais gordo do que antes, mas não tão gordo quanto ficará se continuar a provar tudo o que cozinha.

Não que Rosie se importe.

Ela dá aulas, ajuda um pouco, faz muita caridade e, se sente falta de Londres, não dá mostras disso. A mãe de Rosie, por outro lado, sente falta de Londres o tempo todo, e faz questão de dizer, mas encara qualquer sugestão de que talvez deva voltar para lá como uma tentativa de separá-la de seus netos ainda não nascidos (e, aliás, nem mesmo concebidos).

Nada daria a este autor um prazer maior do que assegurar ao leitor que, depois de voltar do vale da sombra da morte, a mãe de Rosie era outra pessoa: uma mulher alegre, sempre gentil com todos, e que sua vontade de comer só competia com sua vontade de viver a vida com tudo a que tinha direito. Mas o respeito pela verdade nos impede de ser desonestos, e a verdade é que, quando

saiu do hospital, a mãe de Rosie ainda era ela mesma, tão desconfiada e egoísta como sempre fora, embora bem mais frágil, e agora com a mania de dormir de luz acesa.

Anunciou que venderia seu apartamento em Londres e se mudaria para onde quer que Spider e Rosie fossem para ficar perto dos netos. À medida que o tempo passava, começava a tecer comentários afiados sobre a inexistência de netos, sobre a quantidade e qualidade dos espermatozoides de Spider, sobre a frequência e as posições das relações sexuais entre os dois e sobre como a fertilização in vitro era fácil, e nem era tão cara, até o ponto em que Spider começou a pensar seriamente em nunca mais fazer sexo com Rosie só para irritar sua mãe. Pensou nisso por uns dez segundos, certa tarde, enquanto a mãe de Rosie dava a eles fotocópias de uma artigo de revista o qual sugeria que Rosie deveria ficar de cabeça para baixo por meia hora depois de fazer sexo. Ele mencionou a Rosie, naquela noite, o que pensara, e ela riu e lhe disse que, de qualquer maneira, a sua mãe não poderia entrar no quarto deles, e que de jeito nenhum ela ficaria de cabeça para baixo depois de fazer amor.

A Sra. Noah agora tem um apartamento em Williamstown, perto da casa de Spider e de Rosie. Duas vezes por semana, uma das muitas sobrinhas de Callyanne Higglar dá uma olhadinha nela, passa o aspirador na casa, espana as frutas de vidro (as de cera derreteram no calor da ilha), faz um pouco de comida e deixa na geladeira. Às vezes a mãe de Rosie come, outras vezes não.

CHARLIE HOJE EM DIA É CANTOR. PERDEU MUITO DAS GORDURinhas que tinha. Agora é um homem magro, elegante, e sua marca registrada é um chapéu panamá. Ele tem diversos chapéus panamás, de cores diferentes. Seu favorito é um verde.

Charlie tem um filho. Seu nome é Marcus. Tem 4 anos e meio e aquele ar sério e pensativo que só as criancinhas e gorilas da montanha são capazes de fazer.

Ninguém mais chama Charlie de "Fat Charlie" e, para falar verdade, às vezes ele sente falta disso.

Era uma manhã de verão, bem cedo, e já estava claro. Já era possível ouvir ruídos vindo do quarto ao lado. Charlie deixou Daisy dormindo. Saiu com cuidado da cama, pegou uma camiseta e um short e foi até a outra porta para ver o filho nu, no chão, brincando com um trenzinho de madeira. Puseram juntos suas camisetas, shorts e chinelos. Charlie pôs um chapéu. Eles foram até a praia.

— Papai — começou o menino. Sua mandíbula estava meio mole, e ele parecia pensar em alguma coisa.

— Sim, Marcus?

— Quem foi o presidente mais “curtinho”?

— Curtinho em altura, você quer dizer?

— Não. Em— dias. Quem foi menos tempo presidente.

— Harrison. Ele pegou pneumonia na posse e morreu. Foi presidente por quarenta e poucos dias, e passou grande parte do mandato morrendo.

— Ah. E quem foi mais tempo presidente?

— Franklin Delano Roosevelt. Ele teve três mandatos completos. Morreu no quarto. Vamos tirar os sapatos.

Colocaram os sapatos numa pedra e continuaram a caminhar em direção às ondas, os dedos sendo engolidos pela areia úmida.

— Como é que você sabe tanto sobre os presidentes?

— O meu pai achou que seria bom eu saber tudo sobre eles quando eu era criança.

— Ah.

Andaram dentro da água, na direção de uma pedra que podia ser vista na maré baixa. Depois de um tempo andando, Charlie pegou o menino e o pôs nos ombros.

— Papai?

— Sim, Marcus.

— A Piscila falou que você é famoso.

— E quem é Priscila?

— Da escola. Ela diz que a mãe dela tem todos os seus CDs. Ela diz que adora as suas músicas.

— Ah..

— E você é famoso?

— Não muito. Um pouquinho.

Colocou Marcus sobre a pedra e depois subiu nela.

— Pronto. Preparado pra cantar?

— To.

— E o que você quer cantar?

— A minha canção favorita.

— Não sei se ela vai gostar.

— Ela vai, sim.

Marcus tinha a autoconfiança dos muros, das montanhas.

— Ok. Um, dois, três...

Cantaram juntos "Yellow Bird", que era a música favorita de Marcus naquela semana. Depois cantaram "Zombie Jamboree", que era a segunda preferida. Depois "She'll Be Corning Round the Mountain", que era a terceira preferida. Marcus, que enxergava melhor que Charlie, pôde vê-la quando terminavam "She'll Be Corning Round the Mountain" e começou a acenar.

— Olha lá ela, papai.

— Tem certeza? — A névoa da manhã tornava o céu e o mar um único borrão pálido. Charlie ficou olhando, com olhos apertados, para o horizonte. — Não to vendo nada.

— Ela mergulhou na água. Tá vindo pra cá.

Ouviu-se um “splash” na água, e ela surgiu bem abaixo deles. Deu um salto, requebrou e já estava sentada sobre a pedra, ao lado deles, com sua cauda prateada pendurada no Atlântico. Tinha gotículas brilhantes de água sobre as escamas. Seus cabelos eram vermelho-alaranjados, compridos.

Todos cantavam juntos, agora: o homem, o menino e a sereia. Cantaram “The Lady is a Tramp” e “Yellow Submarine”. Depois

Marcus ensinou à sereia a letra da música-tema dos Flintstones.

— Ele me lembra você. Quando era pequeno — disse a sereia para Charlie.

— Você me conhecia?

Ela sorriu.

— Você e o seu pai costumavam andar pela praia. O seu pai era um autêntico cavalheiro.

E ela suspirou. Sereias suspiram melhor que ninguém.
Continuou:

— E melhor vocês voltarem. A maré já vai subir.

Puxou seus longos cabelos para trás da cabeça e, com um movimento rápido, mergulhou no oceano. Ergueu a cabeça sobre as ondas, tocou os lábios com as pontas dos dedos e mandou um beijo para Marcus antes de desaparecer debaixo d'água.

Charlie colocou o filho sobre os ombros e caminhou pela água, de volta para a praia. Seu filho escorregou de seus ombros e foi para a areia. Charlie tirou o velho chapéu panamá e o colocou sobre a cabeça do filho. Era grande demais para o menino, mas ainda assim o fez sorrir.

— Ei, você quer ver uma coisa? — perguntou Charlie.

— Quero. Mas quero tomar café-da-manhã. Quero comer panqueca. Não, quero mingau de aveia. Não... quero panqueca.

— Olha só.

Charlie começou a fazer uma dancinha, descalço, passos arrastados pela areia.

— Eu sei fazer isso — disse Marcus.

— Sério?

— Fica olhando, pai.

Ele também conseguia.

Juntos, o homem e o menino dançaram pela areia, de volta para casa, cantando uma canção sem palavras que inventavam enquanto dançavam, a qual ficou no ar bem depois de entrarem para tomar o café-da-manhã.

AGRADECIMENTOS

Para começar, um enorme buquê de flores para Nalo Hopkinson, que revisou os diálogos dos caribenhos e não apenas me informou o que eu precisava corrigir como também sugeriu métodos de correção. E outro para Lenworth Henry, que estava lá no dia em que inventei tudo, e cuja voz eu escutava no fundo da minha mente enquanto escrevia o livro (foi por isso que fiquei encantado ao saber que seria ele o narrador do áudio book).

Como aconteceu com o meu último romance adulto, *Deuses Americanos*, tive dois esconderijos para escrever este livro. Comecei a escrevê-lo na casa de temporada de Tori na Irlanda, e lá o terminei. Ela é uma anfitriã muito gentil. No meio do livro, com a permissão dos furacões, trabalhei na casa de temporada de Jonathan e Jane na Flórida. É ótimo ter amigos que têm mais casas do que corpos, principalmente se ficam felizes em partilhá-las com você. No restante do tempo, eu escrevia no café da esquina, onde bebi xícara atrás de xícara de um chá horrível, numa demonstração um tanto patética de "a esperança venceu o medo".

Roger Forsdick e Graeme Baker cederam parte de seu tempo para responder às minhas perguntas sobre polícia, fraude e tratados de extradição. Roger também me levou para visitar prisões, para jantar e deu uma olhada no manuscrito final. Fico muito grato a eles.

Sharon Stiteler ficou de olho no livro para se certificar de que os pássaros estavam representados de modo convincente, e também solucionou minhas dúvidas quanto a eles.

Pam Noles foi a primeira pessoa a ler um pouquinho do livro, e suas respostas me deram ímpeto para continuar. Houve também um pequeno grupo de pessoas que cedeu ao livro seus olhos, suas mentes e suas opiniões. Dentre elas, Olga Nunes, Colin Greenland, Giorgia Grilli, Anne Bobby, Peter Straub, John M. Ford, Anne Murphy e Paul Kinkaid, Bill Stiteler e Dan e Michael Johnson. Os prováveis erros de fato ou opinião são meus, não deles.

Agradeço também a Ellie Wylie, Thea Gilmore, As Damas do Lakeside, à srta. Holly Gaiman, que aparecia para ajudar sempre que decidia que eu precisava de uma filha sensata por perto, aos Petes da Hill House, editores, a Michael Morrison, Lisa Gallagher, Jack Womack, Julia Bannon e Dave McKean.

Jennifer Brehl, minha editora da Morrow, foi a pessoa que me convenceu de que a história que lhe contara durante um almoço daria um bom romance numa época em que eu não tinha muita certeza de como meu próximo livro seria. Ela ouviu pacientemente

quando liguei para ela certa noite e li a primeira terça parte do livro pelo telefone. Só por essas coisas já deveria ser canonizada. E Jane Morpeth, da Headline, é o tipo de editora que os escritores esperam um dia ter se forem bons meninos e comerem as verduras. Merrilee Heifetz, da Writers House, com a assistência de Ginger Clark e, no Reino Unido, Dorie Simmonds, são meus agentes literários. Tenho muita sorte por tê-los ao meu lado. Sei bem a sorte que tenho.

Jon Levin me deu uma força quando o assunto era o mundo do cinema. Minha assistente, Lorraine, ajudou com o texto e me fez xícaras de um excelente chá.

Acho que não teria conseguido inventar Fat Charlie se não tivesse um pai maravilhoso e constrangedor, e também filhos maravilhosos que deixo constrangidos. Um viva às famílias.

E um agradecimento final a algo que nem mesmo existia quando escrevi *Deuses Americanos*, aos leitores do diário no site

www.neilgaiman.com, que estiveram ao meu lado sempre que eu precisei de alguma informação e que sabem tudo o que alguém precisa saber.

Neil Gaiman Junho de 2005

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.